



B. F. SKINNER

WALDEN



UMA SOCIEDADE DO FUTURO

Com uma nova introdução do autor:
"Revisitando Walden II"

e.p.u.

editora pedagógica e universitária Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação — na — fonte,
Câmara Brasileira do Livro, SP)

Skinner, Burrhus Frederic, 1904 — 1990

S639w Walden II: uma sociedade do futuro | tradução brasileira
de Rachel Moreno e Nelson Raul Saraiva | São Paulo, Herder,
1972.

P.

1. Ficção científica 2. Utopias I. Título.

72-0465

CDD-813.5083
321.07

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção científica sociológica : Século 20 :
Literatura estadunidense 813.5083
2. Século 20 : Ficção científica sociológica :
Literatura estadunidense 813.5083
3. Utopias : Ciência política 321.07

PREFACIO DA EDIÇÃO AMERICANA DE 1969

Muito do interesse atual em *Walden II* pôde, acho eu, ser atribuído a duas razões. Em primeiro lugar, estaria a relação óbvia com o que está acontecendo entre os jovens de hoje. *Walden II* não é um manual para "hippies", não deflagrou nenhuma revolução, mas defendeu princípios que estão agora muito em voga. Cinco deles encontram-se também em *Walden (I)* de Henry David Thoreau:

1. Nenhum modo de vida é inevitável. Examine o seu próprio de perto.
2. Se você não gosta dele, mude-o.
3. Mas não tente mudá-lo através da ação política. Mesmo que você consiga ganhar o poder, não poderá usá-lo mais sabiamente que seus predecessores.
4. Peça somente que o deixem em paz, para resolver os seus problemas a seu modo.
5. Simplifique suas necessidades. Aprenda como ser feliz com menos posses.

O *Walden* de Thoreau era, entretanto, um *Walden para um*, e os problemas da sociedade pedem algo mais do que individualismo. Outros princípios devem ser acrescentados:

6. Construa um modo de vida no qual as pessoas vivam juntas sem brigar, num clima social de confiança ao invés de suspeita, de amor ao invés de ciúme, de cooperação ao invés de competição.
7. Mantenha esse mundo com sanções éticas brandas, mas efetivas, ao invés de polícia ou força militar.

8. Transmita a cultura eficazmente aos novos membros através de cuidados especializados às crianças e de uma tecnologia educacional poderosa.
9. Reduza o trabalho compulsivo ao mínimo, dispondo os tipos de incentivo sob os quais as pessoas apreciam trabalhar.
10. Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente.

Estes princípios levantam muitos problemas especiais, e é por isso que um outro movimento atual — o crescimento de uma tecnologia do comportamento — pode ajudar a explicar o interesse renovado em *Walden II*. Na época em que escrevi o livro, alguns avanços dramáticos no método experimental possibilitavam prever e controlar comportamentos bastante complexos com uma precisão considerável. Mas tratava-se apenas de comportamentos de ratos e pombos. Embora suspeitasse de que os mesmos métodos eram aplicáveis aos homens, não estava certo disso. E nem tinha, naturalmente, visto qualquer aplicação prática às questões humanas. A "engenharia comportamental" do *Walden II* era ainda um sonho.

Mas o sonho deveria realizar-se. Está agora bem desenvolvida a tecnologia do controle comportamental, particularmente na educação e na psicoterapia. E tem relação direta com *Walden II*. Uma divisão para psicóticos ou retardados é um tipo de comunidade e pode ser destinada a funcionar efetivamente como tal. Do mesmo modo, uma escola de treinamento para delinquentes juvenis. E assim também é uma sala de aula normal. Os membros podem não ser representativos do resto da população, mas o objetivo de um ambiente social levanta os mesmos tipos de problemas e as soluções são atualmente encontradas na aplicação de uma análise experimental. Naturalmente, o livro seria diferente se eu o escrevesse hoje. As práticas educacionais seriam muito alteradas, os materiais de instrução programada seriam disponíveis e contingências de reforço bem designadas forneceriam aos estudantes bons motivos para estudá-los. Os incentivos para o trabalho produtivo seriam mais explícitos. Eu aceitara sem crítica o princípio marxista de que o cidadão trabalhará naturalmente para o bem comum; são, porém, necessárias contingências mais explícitas de reforço para se conseguir "de cada um segun-

do suas capacidades". Eu daria mais atenção aos desvios de comportamento, aceitando a possibilidade de que alguns membros da comunidade constituíssem "problemas" e necessitassem de um trato especial.

Terminando o livro, eu estava convencido da exequibilidade de uma comunidade como *Walden II*. Esta convicção foi imensamente fortalecida pelo que aconteceu desde então. Mas, por que não há *Walden II* reais? Vários pequenos grupos de pessoas estão vivendo segundo o que eles chamam de padrão *Walden II*, mas que eu saiba não há nada de magnitude comparável. Entretanto, a possibilidade está sendo seriamente considerada em muitos lugares. E há alguns sinais promissores. Este "grande salto para a humanidade" requer uma vigorosa rejeição de nossa cultura presente, e este requisito está claramente satisfeito. Mas o otimismo deve sobreviver à rejeição e necessita de confiança em certas capacidades técnicas que não estão ainda amplamente divulgadas. Essa confiança virá em tempo. Comunidades experimentais semelhantes a *Walden II* poderiam ser a aventura mais excitante no último terço do século XX.

Até lá, o sonho ainda merece ser sonhado.

Novembro de 1969.

B. F. Skinner

Ele apareceu um dia na porta do meu escritório. Já estava sem farda mas ainda não havia perdido o bronzado que o serviço militar lhe dera. Era alto e louro; tinha o sorriso agradável e fácil do universitário formado. Podia ser qualquer um desses ex-alunos dos quais me lembrava vagamente.

Hesitou um momento, numa atitude respeitosa; depois, estendeu a mão e avançou uns passos.

— Como vai o senhor? — disse com animação. Gaguejei tentando lembrar seu nome, mas ele adiantou: — Rogers, senhor. Da turma de 41.

— Oh, Rogers, Rogers, claro! disse eu — Fico contente em vê-lo. Entre e sente-se.

Virou-se para a porta e vi que havia trazido consigo outro rapaz com os mesmos sinais de vento e sol.

— Professor Burris, apresento-lhe o tenente Jamnik. Estivemos juntos nas Filipinas.

Jamnik deu-me a mão timidamente. Era cerca de oito a dez centímetros mais baixo que Rogers e de compleição forte. Seus lábios finos tentavam sorrir e ele parecia não se dar conta da força que tinha nas mãos.

Não era universitário, pensei, e parecia um pouco assustado por estar em presença de um professor de universidade. Talvez Rogers tivesse piorado as coisas ao tratar-me de "senhor".

Isso nada tinha a ver com qualquer patente militar que eu pudesse ter. Devia ser um tratamento vindo dos tempos de bacharelado.

Ofereci-lhes cigarros e fiz as perguntas habituais — se eles já haviam visto os novos sistemas de casas de emergência, as casas-reboque e as barracas reconstruídas; o que eles achavam das salas pré-fabricadas de estrutura metálica e assim por diante. Rogers respondeu à altura, mas parecia impaciente, por suas respostas curtas. Na primeira oportunidade, com um olhar rápido para Jamnik, ele torceu as mãos e lançou-se impetuosamente ao que parecia ser um discurso preparado.

— Jamnik e eu conversamos longamente durante os últimos anos — disse ele — sobre coisas em geral. Montávamos guarda e isso era bastante aborrecido. Por isso conversávamos muito e, um dia, eu lhe falei de sua idéia sobre uma espécie de comunidade utópica.

Eu não sei se poderia explicar por que essa simples observação me afetou tanto. Durante vários anos tive de me convencer que não podia ver, sem emoção, meus antigos alunos. O fato é que eles me assustavam. Evitava-os sempre que possível e tentava esquecê-los. Tanto quanto podia observar, o lastimável nível de erudição era tudo o que eu tinha para mostrar como o fruto de minha vida de professor. E encarava esse resultado não apenas sem satisfação, mas com desânimo.

O que mais me angustiava era a ampla evidência de que meu ensino havia saído totalmente pela culatra. Eu podia compreender porque os espíritos jovens irresponsáveis esqueciam a maior parte do que eu lhes havia ensinado, mas nunca pude entender a estranha precisão com que eles recordavam detalhes sem importância. Meus visitantes, voltando ao assunto, diriam bobagens se eu aludisse a um campo que tivéssemos explorado juntos — assim pensava eu — mas lembrariam palavra por palavra uma resposta irônica à pergunta de um aluno ou a digressão imprevista sobre um tema totalmente marginal. Eu gostaria de poder concordar com eles e deixá-los prosseguir, daí para diante, na completa ignorância da ciência da Psicologia se, em troca, eles esquecessem a minha opinião sobre "milk-shake" ou a piada do bonde espanhol.

Cheguei a esperar essas irrelevâncias como um criminoso antecipa referências a seu crime. E agora aí estava mais uma! Minha idéia sobre uma espécie de comunidade utópica! Fiz um esforço descomunal para me lembrar. Era verdade, eu havia lido alguma vez algo sobre comunidades americanas do século XIX. Tive um companheiro de faculdade chamado Frazier, a quem elas interessavam. Eu não o conhecia bem, mas costumava ouvi-lo falar. Talvez fosse por causa dele que, numa ocasião, cogitei em tentar, uma vez mais, fazer uma comunidade assim, com os benefícios das técnicas modernas. Mas isso foi há anos atrás. Teria eu falado a respeito disso em aula? E, Deus meu, o que foi que eu lhes disse?

— Sabe, professor, — continuou Rogers — Jamnik e eu estamos como muitos outros jovens agora. Não conseguimos decidir-nos. Não sabemos o que queremos fazer. Eu estudava Direito, lembra? Concordei desonestamente. — Mas isso acabou agora. Conversei com meu pai e não quero seguir a carreira. E suponho que Jamnik nunca chegou a fazer planos de vida, não é, Steve?

Jamnik mexeu-se nervosamente.

— Eu tinha um trabalho numa seção de embarque antes da guerra — disse encolhendo os ombros — mas não se pode chamar isso de "planos".

— O que não sabemos, professor, é por que temos de continuar do ponto em que interrompemos. Não será esta uma boa oportunidade para um novo começo? Um verdadeiro começo. Por que não reunir algumas pessoas e implantar, em algum lugar, um sistema social que realmente funcione? Há uma série de coisas, no modo de vida que temos agora, completamente insanas, como o senhor costumava dizer. — Eu encolhi os ombros, mas Rogers estava demasiado ocupado para percebê-lo.

— Por que não fazer alguma coisa? Por que é que nós não *começamos* já a fazer alguma coisa?

Houve um silêncio embaraçoso.

— Vocês, rapazes, têm sido formidáveis, disse eu apressadamente. Arrependi-me imediatamente dessas palavras, pois estava certo de que Rogers estava farto da humildade dos civis. Porém, o que eu lhe disse deu-lhe uma idéia.

— É gozado, mas, de certo modo, é fácil lutar na guerra. Pelo menos, sabe-se o que se quer e como conseguiu-lo. Mas nós nem ao

menos sabemos como começar a lutar na confusão em que estamos agora. *Contra quem* estamos lutando? Que tipo de guerra é esta? O senhor entende o que eu quero dizer?

— Sei o que você quer dizer — disse eu com sinceridade. Quando a guerra terminou, desejava voltar rapidamente à minha vida anterior, mas um ano de paz duvidosa não proporcionou grandes mudanças. Durante a guerra eu havia assumido um senso apropriado de responsabilidade social apesar de ter uma inclinação contrária de longa data; agora era incapaz de me descartar dela. Meus novos interesses em problemas sociais e minha boa vontade pareciam não ter o menor efeito sobre a sociedade. Não podia ver neles nada que servisse para alguém. Mesmo assim, eu continuava, dia após dia, a suportá-los com o sentimento contínuo de frustração e depressão.

— Muitos dos que pensam assim entram na política, — disse eu.

— Sim, eu sei. Mas também me lembro do que o senhor disse a respeito. Respirei de novo profundamente. Este deve ter sido um dos dias mais agitados de minha vida. — Eu não o entendi na época — continuou Rogers. — De fato, se não se incomodar em que o diga, costumava pensar que o senhor era um tipo imoral, no sentido cívico, quero dizer. Mas, agora, entendendo o seu ponto de vista, e Steve também. A política, realmente, não nos daria a oportunidade que nós queremos. Sabe, nós queremos *fazer* alguma coisa. Queremos descobrir o que se passa com as pessoas, por que elas não podem viver juntas sem brigar o tempo todo. Nós queremos descobrir o que as pessoas realmente querem, o que elas precisam para ser felizes, e como podem consegui-lo sem roubar de outra pessoa. Não podemos fazer isso em política. Não se pode tentar alguma coisa de uma maneira e depois de outra como num experimento. Os políticos afirmam possuir todas as respostas e empregam todo o seu tempo em convencer o povo de que eles têm razão. Mas eles devem saber que estão só adivinhando, que realmente não *provarão* nada.

Esse era o pensamento de Frazier, sem dúvida alguma. Pouco se parecia o entusiasmo juvenil de Rogers com o do próprio Frazier, mas a argumentação era obviamente a mesma. Em algum momento obscuro eu devo ter feito o transplante.

— Por que não começamos tudo de novo e de maneira certa? Continuou Rogers com grande dificuldade, quase com angústia, como se se visse forçado a me acusar de alguma omissão importante.

— Alguns de nós acreditamos que podemos encontrar a resposta no ensino e na pesquisa — disse eu, na defensiva.

— Na pesquisa, talvez — disse Rogers, rapidamente. — No ensino, não. É bom incentivar as pessoas, interessá-las. Isso é melhor do que nada. Mas, a longo prazo, estamos simplesmente passando a responsabilidade adiante, se o senhor entende o que quero dizer. Ele parou embaraçado.

— Pelo amor de Deus, não se desculpe. Você não pode me magoar com isso. Não é o meu calcanhar de Aquiles.

— O que eu quero dizer é que a gente mesmo tem que fazer o trabalho se quisermos que algum dia seja feito. Não basta fustigar as outras pessoas para que o realizem. Talvez em sua pesquisa o senhor esteja aproximando-se da resposta. Eu não saberia dizer.

— Não — eu vacilei. — Temo que a resposta ainda esteja muito longe.

— Bem, é exatamente o que eu quero dizer. Esse é um trabalho de pesquisa mas não do tipo que possa ser feito numa universidade ou num laboratório qualquer. Eu quero dizer que tem que se experimentar e *experimentar com a própria vida!* Não simplesmente sentar-se, encerrar-se numa torre de marfim em qualquer lugar, como se nossas próprias vidas não estivessem implicadas nisso — ele parou novamente. — Talvez esse *fosse* o meu calcanhar de Aquiles.

Perdi a oportunidade de lhes dizer umas palavras de apoio. Eu estava pensando em Frazier e em como suas idéias haviam sobrevivido tão bem ao transplante. Ocorreu-me um pensamento profissional: talvez essa fosse a prova do valor de uma idéia, de sua consistência interna. Mas a voz de Rogers rompeu o silêncio.

— O senhor já ouviu falar de um homem chamado Frazier, professor?

A cadeira giratória na qual eu estava recostado escorregou e só consegui restabelecer o equilíbrio com um movimento rápido e desajeitado. Deve ter sido uma cena divertida, pois eu ouvi risadas contidas mescladas com expressões de alarme. Endireitei a cadeira e sentei-me novamente. Tratei de encontrar uma frase que me devolvesse a compostura mas não fui capaz de achá-la. Arrumei meu paletó.

— Você disse Frazier? — perguntei.

— Sim, senhor, Frazier. T. E. Frazier. Ele escreveu um artigo para uma velha revista que Steve — o Jamnik aqui — descobriu. Ele estava começando uma comunidade algo semelhante àquela sobre a qual o senhor falou.

— Quer dizer que ele conseguiu! — disse eu distante, ainda um pouco abalado.

— O senhor o conhece, professor?

— Eu o conheci há muito tempo. Pelo menos, creio que deve ser a mesma pessoa a que você se refere. Estudamos juntos na faculdade. Não o tenho visto nem ouvido falar dele há uns dez anos... ou talvez mais. Ele era a pessoa que, bem, algumas idéias que eu lhes apresentei sobre utopias... ele e eu costumávamos falar muito a respeito, sabe? Em verdade, eram principalmente idéias dele.

— Não teve mais notícias dele, desde essa época? — disse Rogers, e senti uma nota de desilusão no tom de sua voz.

— Não, mas eu gostaria.

— Mas eu também não sei, professor. Sabe, esse artigo parecia mais um programa. Foi escrito há muito tempo. Dava a impressão de que Frazier estava a ponto de pô-lo em prática, mas nós não sabemos se ele conseguiu ou não. Achamos que seria interessante descobrir o que aconteceu. Isso poderia nos dar algumas idéias.

Peguei o anuário da associação profissional a que pertence. Frazier não constava dele. Em um ou dois minutos localizei uma edição de oito anos atrás. Lá estava ele — T. E. Frazier, com seus títulos e as universidades onde os obteve. Atualmente, não pertencia a nenhuma universidade; evidentemente, tinha desistido de lecionar, ou talvez nunca tivesse começado. Pelo que eu me lembrava, isso não era surpresa. Quando estudante, ele, certa vez, corrigiu a lápis vermelho um artigo escrito numa revista, pelo reitor da universidade, como se fosse um trabalho de redação. Corrigiu a pontuação, melhorou a ordem das palavras e, reduzindo vários parágrafos e símbolos lógicos, pôs a descoberto uma série de raciocínios falhos. Então assinou e mandou para o reitor com o conceito "mediocre".

O endereço para correspondência que constava do catálogo foi uma surpresa. Naquele tempo Frazier morava num estado vizinho, a uns 300 quilômetros de distância. O endereço era: *Walden II, R. D. I, Canton.*

— Walden II — repeti lentamente, depois de relatar os fatos a meus visitantes. Calamo-nos por um momento.

— O senhor acha que...?

— Claro! — disse Jamnik, repentinamente desembaraçado, ainda que se dirigindo somente a Rogers. — Sua comunidade! Em seu artigo falava muito de Walden-qualquer-coisa. Você não se lembra, Rogers?

Eu comecei a ver claro.

— Walden II. Walden, o segundo. Claro! Muito típico de Frazier... Convertido em uma espécie de segundo Thoreau¹.

Ficamos outra vez em silêncio. Dei uma olhada no relógio sobre a mesa. Tinha uma aula dentro de dez minutos e não havia relido minhas notas.

— Eu lhes digo o que vou fazer — disse, levantando-me. Vou comunicar-me com Frazier. Nunca o conheci bem mas ele se lembrará de mim. Eu lhe perguntarei o que está acontecendo, se é que está acontecendo alguma coisa.

— Vai mesmo, professor? Isso seria ótimo!

— Pelo menos, vamos descobrir se Walden II ainda existe. Temos, entretanto, que haja sido um sonho que se esfumou há muito tempo. Mas vou pôr o endereço do remetente no envelope e logo o saberemos.

— Eu acho que o senhor vai encontrá-lo lá, professor — disse Rogers. — Esse artigo não parecia exatamente um sonho. Você não acha, Steve?

Jamnik pensou um momento como um navegador fazendo um cálculo rápido.

— Ele estará lá — disse calmamente.

1) Henry David Thoreau (1817-1862), filósofo transcendentalista de Harvard, viveu solitário durante dois anos às margens da lagoa Walden, em Concord, perto de Boston, Massachusetts. Defendia os direitos da pessoa humana e foi preso por se recusar a pagar impostos, um gesto de "desobediência política", em protesto contra a guerra com o México. Escreveu o livro "Walden" ou "A vida nos Bosques". (N. T.)

2

Jamnik estava certo. Frazier estava lá.

E Walden II também — "tudo bem de acordo com o planejado", escreveu Frazier, com uma segurança muito típica.

— "E quanto às suas perguntas" — continuava a carta — "espere 6 meses e eu lhe prometo um relatório completo. Estamos preparando uma série de artigos que devem ser exatamente o que você deseja. Mas se não puder esperar — e espero que não possa — venha e veja Walden II agora. Traga com você os jovens amigos — estamos sempre buscando novos adeptos — e pode trazer também qualquer outra pessoa que você queira. Nós podemos abrigar até um grupo de dez".

Vieram com a carta os horários de ônibus, o roteiro mais curto e outras informações.

Joguei a carta sobre a mesa com impaciência. A sua realidade era extremamente perturbadora. Tinha sido divertido reviver Frazier como uma figura interessante dos dias da universidade; era outra coisa estabelecer contato de novo com ele agora. Achei que ele era mais agradável como lembrança. Mas ali estava sua carta, e o que se podia fazer? Eu estava aborrecido por me ter metido nisso e deplorava a minha oferta de ajudar Rogers e Jamnik.

Para piorar as coisas, a aventura começou a se desenvolver numa velocidade alarmante. Mal tinha acabado de ler a carta de Frazier quando tocou o telefone. Era Rogers.

Havia feito o possível para não me importunar, dizia ele, esperando em silêncio. Olhei para o meu calendário e notei que ele havia esperado exatamente os três dias necessários para se receber a resposta mais rápida possível. Contei-lhe da carta de Frazier e concordei que viesse com Jamnik ao meu gabinete no começo da tarde.

Na hora do almoço encontrei-me com um colega do Departamento de Filosofia, chamado Augustine Castle. Como solteiros que éramos, vivíamos no clube, víamo-nos muito, mas eu dificilmente poderia chamá-lo de amigo. Era mais um conhecido.

Eu conversava com ele como se estivesse escrevendo uma série de artigos intitulados "Respostas ao Professor Castle" para uma revista especializada. Geralmente falávamos do único assunto comum aos nossos campos — a natureza e as limitações do conhecimento humano — e era uma fonte de satisfação para ambos o fato de discordarmos violenta e exaustivamente. Sua posição avançava ligeiramente com os anos e poderia chamar-se de intuicionismo, racionalismo ou, talvez, como eu suspeitava, tomismo. Costumava classificá-lo de mim para comigo, e talvez com condescendência, como "um filósofo".

Em sua preocupação com a mente, Castle foi ficando muito gordo. Seu rosto corado passaria desapercibido a não ser por um par de olhos penetrantes e um bigode negro mal aparado. Conversava extremamente bem, apesar de um pouco juridicamente. Eu tinha caído tantas vezes em suas bem montadas armadilhas que tinha imaginado um método sistemático de me salvar delas. O método não era profundo; eu simplesmente lhe pedia que definisse os termos que usava. Isso o aborrecia e me deixava em paz.

Tão logo terminamos de pedir o que queríamos, Castle começou a relatar os progressos que havia feito em algo chamado "justificação". Isso era, insistia ele, a verdadeira resposta aos positivistas lógicos. Mas Walden II estava em minha cabeça e mostrei muito pouco entusiasmo pela justificação. Apesar de não esperar pelo interesse de Castle, eu o interrompi e lhe contei algo sobre Frazier e minha curiosa descoberta de seu atual paradeiro. Para

minha surpresa, ele ficou fascinado. Acontece que ele tinha dado, certa vez, um curso sobre utopias, desde Platão e São Tomás Morus até a *Nova Atlântida* de Bacon, chegando a *Olhando o Passado*, incluindo mesmo Shangri-La! No caso de Rogers e Jamnik estarem interessados e se fizermos a viagem, poderia Castle, por acaso, ir junto? Lembrei-me do "grupo de até dez", na expressão de Frazier, e convidei-o a se juntar a nós.

Encontrei Rogers e Jamnik à porta do meu escritório quando voltei do almoço e notei que não estavam sós. Rogers havia trazido sua noiva, Bárbara Macklin. Era uma moça alta e bonita com um cabelo louro que lhe chegava aos ombros. Tinha uma desenhadura no trato que poderia ser chamada atrevimento. Fui me lembrando de que eles haviam ficado noivos antes de Rogers entrar na Marinha — quer dizer, há pelo menos três anos, coitado dele. Outra moça aproximadamente da mesma idade, menor do que Bárbara e não tão bem feita de corpo, me foi apresentada muito informalmente por Jamnik como "minha garota" e por Rogers como Mary Grove.

Sentamos no escritório, as moças nas cadeiras e nós, homens, tão confortavelmente quanto possível, sobre a minha escrivaninha e uma mesa. Li alto a carta de Frazier e passei-a adiante para ser vista. *Walden II* e o endereço estavam impressos em apagadas letras de forma na parte superior do papel. A assinatura de Frazier era grande e quase infantil e ele tinha usado uma caneta de pena grossa com tinta preta.

Rogers tinha encontrado em uma biblioteca uma cópia do velho artigo de Frazier e o leu para nós. Nele estava exposta a tese que Rogers havia esquematizado três dias antes. A ação política era inútil na construção de um mundo melhor e os homens interessados nisso fariam melhor voltando-se para outros meios tão logo quanto possível. Qualquer grupo poderá ter auto-suficiência econômica se contar com os recursos da tecnologia moderna e os problemas psicológicos da vida grupal poderão ser resolvidos pela aplicação dos princípios da "engenharia comportamental".

Não me lembro se alguém levantou a questão de irmos ou não visitar *Walden II*.

Discutimos, desde logo, a data da visita. Telefonei a Castle. Tanto para ele como para mim, o único tempo livre que tínhamos

em futuro próximo estava quase chegando. Estávamos numa segunda-feira e podíamos partir na quarta-feira e lá passar o resto da semana, no período livre que antecedia aos exames. Isso foi recebido pelos outros como um grande golpe de sorte e assim ficou combinado. As garotas, percebi com algum choque, tinham sido aceitas como membros do grupo desde o princípio.

Telegrafei a Frazier comunicando a data da chegada e dizendo que não se preocupasse em responder, mas, mesmo assim, respondeu:

ÓTIMO PT ESPERAREI ÔNIBUS

Na terça-feira preparei os exames, para os quais pretendia dedicar a semana inteira e, na quarta de manhã, um tanto cansado pelo meu novo ritmo, já me encontrava num trem com Rogers a meu lado, discutindo os problemas da volta dos pracinhas.

No banco da frente, Castle conversava animadamente com Bárbara, que escutava com uma atenção estudada. Do outro lado, estava Steve Jamnik, com a cabeça da garota em seu ombro.

Walden II distava 45 quilômetros da maior cidade do Estado, à qual chegamos a tempo de comer algo. Confirmamos os horários dos ônibus e tomamos café com sanduíches na estação. Antes da uma, já estávamos nos subúrbios em direção ao leste. A estrada acompanhava um rio, seguindo precariamente por um vale, entre uma encosta à esquerda e o rio à direita, partilhando uma estreita faixa de terreno com os trilhos do trem.

Uma hora depois, nosso ônibus passou por uma pequena ponte e chegou a uma parada. Fomos deixados ao lado da estrada, enquanto o ônibus arrancava com um barulho ensurdecedor.

Do outro lado via-se uma "perua" fora da pista. Estava vazia. Olhei dos dois lados da estrada mas não vi ninguém. Caminhei em direção à ponte e olhei para o leito do rio. Quando eu voltei, alguns seixos rolaram ladeira abaixo, perto da "perua" e olhei para cima em tempo de ver Frazier arrastando o pé. Estivera deitado sobre uma larga pedra.

— Olá! — gritou. — Já vou indo.

Atravessamos a estrada, enquanto ele vinha rapidamente em nossa direção. Conservara o mesmíssimo aspecto de que eu me lem-

brava. Não era alto, mas sua roupa de um tecido branco lhe dava um aspecto imponente. Tinha deixado crescer uma pequena barba quase imperceptível. Seu chapéu de palha barato jogado para trás devia ter sido comprado numa lojinha qualquer. Ele apertou minha mão calorosamente e eu apresentei meus companheiros; ele os cumprimentou com um sorriso e conseguiu ser amistoso apesar de um olhar intensamente inquisitivo.

Conduziu-nos até à "perua".

— Tirei uma soneca, — disse, mostrando a pedra grande. — Eu pensei que vocês fossem tomar o ônibus anterior. Vocês fizeram uma viagem empoeirada. Lamento não ter podido ir encontrá-los na cidade, mas não podemos dispor de nossos carros e caminhões por muito tempo nesta época do ano.

Eu protestei dizendo que o ônibus tinha sido bastante confortável. Os assentos da "perua" eram tão duros que não era difícil ser convincente ao falar do conforto do ônibus.

Saímos da estrada principal imediatamente e seguimos rumo ao norte acompanhando um vale estreito no sopé de uma pequena ravina. Subimos lentamente a encosta leste e chegamos a uma fértil terra de cultura, que não podia ser vista do nível do rio. Havia algumas casas de fazenda e estábulos; mais adiante, o terreno se inclinava levemente à direita onde havia uma série de construções de outro tipo. Eram cor de terra e pareciam ser de pedra ou concreto com um desenho simples e funcional. Havia várias alas e extensões que davam a impressão de não terem sido construídas ao mesmo tempo ou de acordo com um único plano. Estavam dispostas em vários níveis e alinhamentos seguindo a inclinação do terreno. Frazier nos deixou contemplá-las em silêncio.

Depois de talvez um quilômetro, deixamos a ravina e atravessamos um estreito vale por uma pequena ponte de madeira. Desviamos-nos da estrada principal e seguimos o riacho através de um caminho particular. À nossa esquerda havia outras construções no mesmo estilo funcional. Frazier ainda não nos antecipou nenhuma informação.

— Que são essas construções? perguntei.

— Parte de Walden II, — disse Frazier. Mas isso foi tudo que disse.

Passamos através de um bosque de pinheiros e saímos numa pequena represa à nossa direita. Adiante, na parte superior de uma suave encosta muito cultivada e ao pé de uma colina coberta de árvores, encontravam-se as construções principais. Agora pareciam surpreendentemente grandes. Seguimos por um caminho que nos levou ao nível mais baixo. Pegamos nossa bagagem e Frazier entregou a "perua" a um jovem que, aparentemente, a esperava. Carregamos nossa bagagem por um corredor e Frazier nos mostrou nossos quartos. Eram todos iguais, um tanto pequenos, mas com grandes janelas que davam para a agradável campina que havíamos acabado de atravessar. Fomos distribuídos aos pares pelos quartos, as duas garotas em um, Rogers e Jamnik em outro e Castle e eu num terceiro.

— Vocês vão querer lavar-se e descansar um pouco — disse Frazier. — Eu os deixo, então, até às três horas. — E foi-se bruscamente.

Castle e eu inspecionamos o nosso quarto. Havia um beliche na parede esquerda. Metade da parede direita era ocupada por várias estantes e um armário que servia de biblioteca e guarda-roupa. Uma tábua com dobradiças presa à parede restante podia ser armada para servir de mesa. Um pequeno armário estava posto no canto, junto à cama. Havia duas cadeiras confortáveis feitas de forte compensado que pareciam ser um produto local. O aspecto total era agradável. As camas estavam cobertas com colchas de bonitas cores, contrastando com a cor natural da madeira e as paredes cor de terra. Cortinas do mesmo tecido pendiam das janelas.

Tiramos rapidamente nossas coisas das malas, lavamo-nos no banheiro do outro lado do corredor, e não tínhamos mais nada para fazer. Eu não queria explorar o edifício ou jardins antes de sermos convidados a isso. Mas Frazier nem ao menos nos disse "estejam à vontade". Ao contrário, disse "descansem um pouco". Mas não estávamos com vontade de descansar e eu me resenti da maneira pela qual ele dispôs de nosso tempo, sem nos consultar. Não éramos crianças que deviam dormir a sesta. Eu também estava aborrecido pelo seu silêncio prolongado. Parecia ser um truque para estimular a nossa curiosidade. Mas isso era desnecessário e sugeria que Frazier tinha sido insensível a

nosso interesse evidente. Eu me senti como se estivesse no dever de me desculpar junto a meus companheiros.

Por falta de coisa melhor, Castle e eu nos deitamos. Escolhi a cama superior e experimentei uma agradável sensação ao comprobar que o colchão era muito confortável. Eu temia que exigissem um certo ascetismo espartano. Começamos uma conversa inconseqüente, mas eu logo me surpreendi pensando em Frazier adormecido ao sol na pedra da estrada. Era um pensamento relaxante e minha irritabilidade desapareceu. A cama parecia mais e mais confortável e meus comentários a Castle tornavam-se mais breves e mais vagos. Meia hora depois, Castle acordou-me e disse que os outros esperavam lá fora. Eu dormira profundamente e achava difícil despertar inteiramente. Tinha confirmado nitidamente a predição de Frazier de que eu queria descansar, mas, quando pensei nisso, minha irritação voltou.

Bateram à porta e eu desci da cama, enquanto Castle a abria. Era Frazier. Estava sorridente e muito cordial, mas eu sabia que eu estava com uma aparência sonolenta e tive a impressão de que seu sorriso não deixava de ter um quê de auto-satisfação.

3

— Temos muito o que ver e muito o que falar — disse Frazier, quando nos juntamos do lado de fora do quarto. — Sugiro que comecemos devagar. Passaremos juntos cinqüenta ou sessenta horas. Que lhes parece se começarmos sem pressa? Que tal irmos até a represa e voltarmos para o chá?

Achamos uma excelente idéia, especialmente o chá, que compensaria o nosso almoço rápido na estação. Saímos pelo campo em direção ao sul, passando perto de um rebanho de carneiros relativamente grande. Os carneiros estavam cercados por uma simples corda que tinha, a espaços, pedaços de pano como cauda de papagaio de empinar. O fio, sustentado por postes, formava um quadrado. Rogers comentou esse arranjo estranho.

— Queríamos uma grande extensão de grama aparada, na frente do prédio principal, explicou Frazier, mas fica muito perto das construções para servir de pasto normal às ovelhas. É um gramado muito usado pelas crianças. De fato, nós o usamos como gramado de jardim. A propósito, — disse ele, particularmente para Castle e para mim, vocês se lembram da análise de Veblen sobre os gramados em seu livro "Teoria da Classe Ociosa"?

— Lembro, disse Castle. — Era por representar um pedaço de pasto de primeira qualidade, porém conspicuamente não consumido. — A dicção de Castle era sempre precisa, mas ocasionalmente, como neste instante, ele a tornava delicadamente burlesca.

— Exato, — disse Frazier com um leve sorriso. — Bem, este é o nosso gramado. Mas nós o consumimos. Indiretamente, é claro — através dos nossos carneiros. E a vantagem é que ele não nos consome. Vocês usaram alguma vez um cortador de grama? A máquina mais estúpida que se inventou — para o mais estúpido dos propósitos. Mas, eu estou digredindo. Resolvemos o problema com uma cerca elétrica portátil que pode ser usada para mover o rebanho pela grama como um gigantesco cortador, porém deixando sempre livre a maior parte do gramado. À noite, as ovelhas são levadas para o outro lado do riacho junto ao rebanho principal. Mas, logo descobrimos que as ovelhas se mantinham dentro do quadrado, sem tocar a cerca, e que não havia necessidade de eletrificá-la. Então substituímos por uma corda, que é mais fácil de transportar.

— E os carneirinhos? — perguntou Bárbara, virando-se um pouco e olhando Frazier, com o canto dos olhos.

— Eles ficam soltos, — admitiu Frazier. — Mas não causam problemas e logo voltam ao rebanho. O curioso, você se interessaria por isso, Burris, é que a maior parte desses carneiros nunca levou choque da cerca. A maior parte deles nasceu depois que tiramos a eletrificação. Tornou-se tradição entre nossos carneiros nunca se aproximarem da corda. As ovelhinhas adquirem isso das mais velhas, cujo julgamento elas nunca questionam.

— Que sorte que elas não falam — disse Castle. — Uma delas certamente viria a perguntar "por quê"? A Ovelha Filosófica.

— E algum dia a Ovelha Cética encostaria o focinho na corda e nada aconteceria, todo o rebanho seria abalado em seus princípios — acrescentei.

— E depois, o estouro da boiada! — disse Castle.

— Eu deveria ter-lhes dito — disse Frazier seriamente — que grande parte da força da tradição deve-se à criatura pacífica que vêm ali. — Apontou um lindo cão pastor que nos olhava a uma distância respeitosa. — Nós o chamamos Bispo.

Continuamos a andar em silêncio, mas Castle fingia estar preocupado.

— Ficamos, — disse hesitante — com a questão do valor relativo da eletricidade e a ira divina.

Frazier estava se divertindo, mas por pouco tempo.

— Fora os montes do outro lado do rio — disse — toda a terra que daqui se vê pertence a Walden II. Não somos tão afortunados quanto parece, porque estamos cercados em três lados por colinas cobertas de árvores que nos tiram a vista do horizonte. Compramos tudo isso barato, saldando impostos atrasados. Havia aqui sete ou oito fazendas mal aproveitadas, três das quais abandonadas. O caminho através da ravina sobe pela colina, até umas poucas fazendas remanescentes do outro lado. É uma estrada municipal, mas nós nos encarregamos da conservação para reduzir nossos impostos. Nós mesmos construímos as outras estradas.

Começamos a nos reunir em torno de Frazier, ouvindo-o tão bem quanto a formação em que andávamos o permitia. Steve e as duas garotas logo ficaram um pouco para trás, preferindo, aparentemente, o campo às frases um tanto rebuscadas de Frazier. Assim que chegamos perto da represa, Frazier parou, esperando que o grupo se reunisse.

— Essa represa também é obra nossa. — disse ele, após um momento. — Cobre um terreno pantanoso e armazena uma quantidade de água para os tempos de seca. Como vêem, temos alguns patos, mais para as crianças do que para qualquer outra coisa, ainda que, às vezes, nos sirvam de jantar.

Seguimos até um pequeno embarcadouro na margem.

— Um de nossos médicos interessou-se bastante por essa represa. Ele me disse ter chegado a um resultado primoroso. A princípio, a água era marrom e lamacenta. Vocês podem ver como ela é límpida agora. — Frazier pegou um remo de uma pequena barca atracada no embarcadouro e, com algum esforço, enfiou-o a prumo na água. Todo o seu comprimento era visível e sua cor branca brilhava.

Logo tivemos uma exibição mais agradável, porque um grupo de seis a oito jovens, que nos havia seguido a certa distância, chegou à represa. Vestiram seus trajes de banho atrás de uma moita, que parecia ter sido especialmente podada para esse fim

e, então, correram em fila até o embarcadouro e mergulharam ao mesmo tempo. Seus maiôs de cores brilhantes refulgiram debaixo da superfície e deslizaram até o centro da represa.

Ficamos vendo-os nadar ao redor de uma pequena bóia, enquanto Frazier falava.

Apontou os pátios de caminhões, além do lago, o pinheiral que havia sido plantado cinco anos atrás para separar as oficinas das residências, e um renque de bétulas que separava o pátio de estacionamento do pasto e ainda fornecia lenha de qualidade. Ele falava de detalhes, mas parecia dar-se conta disso. Na realidade tornava-os importantes. Cada referência era feita da maneira mais casual, mas, mesmo assim, havia uma nota de entusiasmo ou até mesmo de paixão em sua voz. Ele amava esses fatos simples. Estava fascinado pelo trato da natureza.

Visitamos o dique, a comporta, e Frazier nos fez voltar. Andamos ao longo da margem da represa e seguimos o que era chamado Riacho Alto na direção da construção mais a leste. Logo passamos por um grande e fragrante tapete de menta que crescia em terreno úmido junto ao riacho. Uma cerca rústica de ramos entrelaçados separavam-no do pasto.

— Não tem menta para os carneirinhos? — disse Castle.

— Ela é melhor aproveitada na sala de jantar — disse Frazier secamente.

Viam-se agora todos os edifícios principais.

— Que material de construção é esse? — perguntei — Concreto?

Frazier tinha seu próprio plano de exposição.

— Nós usamos as antigas granjas como moradia até que aprontamos as unidades usadas hoje, que vocês podem ver à esquerda, — começou ele, como se eu não tivesse falado. — Algumas são demasiado úteis para serem destruídas. Há uma linda casa velha de pedra perto do rio que nós transformamos numa espécie de armazém. Alguns celeiros originais estão ainda em uso, com exceção de um que ficava onde está agora o nosso moderno armazém de laticínios.

— Os edifícios principais, naturalmente, foram construídos por nós mesmos. O material, Burris, é terra batida, ainda que algumas paredes sejam feitas de pedra da antiga pedreira que se pode ver

acima dos edifícios, na Colina de Pedra. O custo foi fantasticamente baixo se considerarmos a cubagem como fazem nossos arquitetos ou, o que me parece mais importante, o espaço vital que há dentro. Nossa comunidade tem agora perto de mil membros. Se nós não estivéssemos vivendo nos edifícios que vêem adiante, estaríamos ocupando cerca de duzentas e cinquenta casas residenciais e trabalhando em cem escritórios, lojas, armazéns e depósitos. É uma enorme simplificação e uma grande economia de tempo e dinheiro.

Aproximamo-nos de várias mesas de tamanho infantil com bancos fixos. Pareciam destinadas a piquenique, mas descobrimos, mais tarde, que eram usadas para aulas ao ar livre. Frazier sentou-se num banco com as costas e os cotovelos apoiados na mesa. As garotas sentaram-se a seu lado e o resto de nós no chão.

— Uma vantagem de nossa moradia comunitária, — disse Frazier, — é que podemos controlar o clima. Edward Bellamy tentou isso, vocês se lembram. As ruas de sua Boston do futuro se cobriam, quando chovesse.

— Não foi H. G. Wells que supôs que as cidades seriam construídas um dia em cavernas enormes, onde o clima podia ser controlado à vontade? — falou Castle.

— Eu tinha esquecido disso — disse Frazier, ligeiramente aborrecido. — Claro, o problema técnico é complicado se se pensar na área de uma cidade, mas, como eu ia dizer, Bellamy se adiantou ao seu tempo na invenção das ruas cobertas, ainda que sua idéia já se encontrasse antecipada nas marquises e pérgulas das mansões ricas. Mas ele parece não ter percebido a verdadeira importância do controle do clima. Exceto em climas muito favoráveis, que não existem para todos, é ainda necessário cada pessoa providenciar uma capa, um ou mais casacos, um guarda-chuva, galochas, chapéus, um cachecol, talvez um protetor de orelhas, sem falar de vários tipos de roupa interior e, apesar disso tudo, nós frequentemente nos molharíamos, pegando resfriado e gripe.

— Que quadro horrível! — disse Bárbara.

— Porém, verdadeiro. E isso é apenas o começo. Somente quando conquistamos o clima ou quando nos mudamos para um clima favorável é que nós entendemos a sua tirania. Não se admire do êxtase de quem foi para a Califórnia. Renasce para a liber-

dade. E só depois de viver na Califórnia é que percebe com que freqüência costumava se render aos inconvenientes de uma má noite, quantas vezes ele teve que desistir de visitar amigos ou ir ao teatro, ao concerto ou a uma festa.

Achei que Frazier se havia estendido sobre o assunto além do que merecia o tema.

— Bem, o que é que vocês fazem aqui quando chove, a não ser deixar que chova?

— Numa comunidade deste tamanho, — continuou Frazier, imperturbável, — é possível ligar todos os quartos com as salas, salas de jantar, teatro e livrarias. Você pode ver como isso foi feito pela disposição das construções. Todos os nossos entretenimentos, funções sociais, jantares e outros compromissos pessoais ocorrem conforme o planejado. Nunca temos de sair para nada.

— E quanto a ir para o trabalho? — perguntou Rogers.

— O trabalho ao ar livre é uma exceção. Com tempo ruim, nossos caminhões nos levam aos locais de trabalho.

— Mas gosto de ficar ao ar livre com mau tempo — disse Bárbara. — Adoro andar na chuva.

— Claro que você gosta! — disse Frazier, sentando-se. — Num certo tipo de chuva e numa hora certa! Uma boa chuva é algo a ser saboreado e gozado. Mas aposto que você não pensa dessa maneira sobre todas as variações do tempo. — Ele recostou-se como se fosse resumir seu argumento.

— Um dia claro, frio? — disse Bárbara. Era óbvio que ela estava meramente tentando reter a atenção de Frazier e isso o aborrecia.

— Estou falando sobre o tempo inclemente, o do tipo inconveniente ou desagradável, — disse asperamente.

Bárbara não percebeu o tom de voz, ou, pelo menos, não se amofinou com isso.

— Esse longo passadiço cheio de vento, é disso que você fala? perguntou ela. Puxou um cigarro e Frazier começou a tatear seus bolsos, numa busca vã de fósforos. Aceitou uma caixa de Bárbara, riscou um fósforo e o estendeu desajeitadamente.

— Isto é o que chamamos "Escada" — disse ele, animando-se. Liga os alojamentos das crianças com as habitações principais. Costumava ser chamada "Escada de Jacó" — todos os anjinhos indo

para cima e para baixo, vocês sabem. Nossos arquitetos se aperceberam em tempo de fazer disso algo mais do que um mero corredor. Eles não ficariam satisfeitos tendo de reservar tanto espaço a uma função única e terminaram por fazer uma série de pisos ou compartimentos mobiliados com bancos, cadeiras e mesas. Tem uma vista magnífica. A essa hora, vocês acharão lá grupos tomando chá. De manhã, há uma espécie de prolongamento da hora do café. Muitos trazem o seu café da manhã para cá. Está sempre cheia de vida. Mas, desde que é a nossa próxima parada, — disse ele de seu banco, olhando para Bárbara e Mary, — por que me preocupo em dizer tudo isso a vocês?

Pensei com meus botões que eu conhecia a resposta, mas contive a minha língua.

— Quem foram os seus arquitetos? — perguntou Rogers quando atravessávamos o campo em direção ao pé da Escada. — Eram membros da comunidade?

— Estavam entre os primeiros, se bem que antiguidade nunca seja mencionada entre nós. Era um jovem casal interessado em habitações modernas e querendo trabalhar dentro dos limites de nossa pobreza inicial. Seria difícil ressaltar devidamente sua contribuição a Walden II.

— O que eles têm para fazer agora? — perguntou Castle. — Devem ter abandonado a profissão.

— Absolutamente — disse Frazier. — Eles também estavam interessados em decoração de interiores, especialmente em móveis modernos e baratos que poderiam ser produzidos em série. Nossa indústria mais florescente é a fabricação de alguns móveis originais desenhados por eles.

— Mas eles deixaram de ser arquitetos no sentido estrito da palavra, — insistiu Castle. Parecia ansioso por denunciar o que parecia ser um caso de sacrifício pessoal pela causa da comunidade.

— Você não diria isso, — disse Frazier — se os visse agora. Eles tiveram alguns anos magros, profissionalmente falando, mas realmente tiveram sua recompensa. Você deve lembrar que nós fomos obrigados a construir Walden II por estágios fáceis. Nossos alojamentos têm algumas desvantagens óbvias. Mas imagine o que significaria para um arquiteto projetar uma comunidade inteira!

— É isso o que eles estão fazendo? — perguntou Bárbara.

— Eu lhes prometo essa história no devido momento — disse Frazier com um meio sorriso. — Estou providenciando para que vocês encontrem os próprios arquitetos, e eu acho que é justo dar-lhes o prazer de se maravilharem com o trabalho deles.

— *Éppater la bourgeoisie!* — resmunguei para Castle. Mas Castle não parecia compartilhar o meu aborrecimento pela tática de Frazier. De fato, ele parecia estar mais envolvido por ela.

— Você acha que eles estão realmente construindo uma outra? cochichou ele.

Do topo do caminho chamado Escada, canteiros de flores pareciam estender-se dos nossos pés até uma leve curva do caminho que os escondia de nossa vista. De fato, as flores estavam em grandes caixas que separavam os pisos que mal podiam ser divisados de onde estávamos. Pequenas escadas corriam ao longo da parede norte, sem janelas, coberta de pinturas.

O corredor constituía uma galeria aceitável. Não era possível ter uma visão suficientemente distante para meu gosto, mas a iluminação era excelente. Os artistas eram todos desconhecidos mas os trabalhos eram extraordinariamente bons. Frazier viu que eu estava interessado e pareceu alarmar-se com um possível desvio dos planos.

— Amanhã, disse ele oportunamente, — acharemos tempo para uma pesquisa sobre as atividades artísticas de Walden II. Como vocês podem ver, a arte floresce aqui. — E nos fez prosseguir.

Achei que o incidente pedia alguma mostra de resistência e, então, segui lentamente, parando para examinar várias pinturas detidamente. Eram surpreendentemente vigorosas e originais, em muitos estilos, e, quase sem exceção, de uma técnica notável. Eu tinha visto muitas exposições de profissionais menos interessantes quanto à técnica e certamente muito menos excitantes.

De repente, eu me vi cercado por um grupo de homens e mulheres que se dirigiam para uma festa em dois dos pisos. Alguém, confundindo-me com um deles, pegou meu braço e me dirigiu para uma encantadora jovem que me deu um lugar ao seu lado encostado a uma caixa de flores. Comecei a formular um protesto, mas ela sorriu de modo agradável e sentei-me em silêncio. Ela fez alguma observação — lembro apenas que era amigável e bastante inteligente — e só pude responder olhando-a com admiração.

De repente, o tema arquetípico de um antigo pesadelo me possuiu. Eu me vi no podium de uma orquestra mundialmente famosa batendo na estante e levantando a batuta no ar tentando desesperadamente lembrar o que deveria ser tocado. Ou então era um ator que, tendo ensaiado seu papel por muitos meses, agora, tendo subido o pano, não se encontrava suficientemente preparado.

Eu me sentei durante o que deve ter sido alguns minutos num silêncio paralisado. Não conseguia me mexer, mas pensava rapidamente.

Tentei me entender desesperadamente. A cena diante de mim era suficientemente simples. Essas eram pessoas deliciosas. A conversa tinha um alcance e uma cadência mais freqüentemente encontrados em boa ficção do que na realidade. Eram agradáveis e tinham boas maneiras, mas não eram afetados; tinham vivacidade, mas não eram turbulentos; afetuosos, mas não efusivos. Mas pertenciam a um outro mundo e eu não podia nem ao menos estar certo de que eles falassem a língua que eu conhecia. Um medo frio apoderou-se de mim. Eu me levantei com grande esforço e fiquei em pé. Murmurei algo que, para meu espanto, soou como "Bom amigo — devo vê-lo", e saí apressadamente.

Encontrei Frazier e os outros um pouquinho além da metade da Escada. Eles tinham parado numa alcova onde uma bela mulher de cerca de trinta e cinco anos estava aparentemente nos esperando. Estava notavelmente bem vestida, mas com grande simplicidade de estilo. Seu cabelo escuro estava preso. À medida que o meu pânico cessava e, com ele, a vergonha de lembrar a minha falta de modos, eu me rendia novamente ao encanto dos quadros e ela começou a me lembrar uma escultura moderna feita em madeira escura brilhante.

— Tão estranho quanto possa parecer, — disse Frazier dando a impressão de que me tinha esperado, — há muitas coisas em Walden II das quais não estou capacitado a falar, especialmente coisas de interesse das senhoras. — Ele sorriu para Bárbara e Mary. — Eu então pedi à Sra. Meyerson que me ajudasse. Ela está encarregada do vestuário feminino, mas pode responder à maioria das perguntas referentes a outros assuntos. Além disso, ela é uma excelente companhia. Ele olhou afetuosamente para a Sra. Meyerson que lhe fez um afago carinhoso no ombro.

— Você é tão exagerado, Frazee — disse ela. Virou-se para as garotas e acrescentou alegremente. — Vamos tomar chá?

Quando elas saíram, Frazier riu silenciosamente.

— Nosso serviço de chá vai diverti-los, — disse ele. — Nós tínhamos as chávenas habituais, pires e pratos para pão e manteiga. Mas um de nossos professores, ao nível do que vocês chamariam "curso secundário", preparou uma aula sobre práticas domésticas. Eles foram além disso e começaram a estudar *nossas* práticas — aqui, em Walden II! Um dos projetos era analisar nosso serviço de chá que também é uma espécie de serviço de café, pela manhã. Suas recomendações foram tão práticas que nós imediatamente as adotamos. Acho que vocês concordarão em reconhecer nisso um lindo trabalhinho de engenharia doméstica.

— Isso tudo é muito interessante, — disse Castle. — Mas não creio que possamos atribuir o sucesso de sua comunidade a realizações técnicas triviais desse tipo. Afinal, uma ligeira melhoria no serviço de chá não vai sacudir o mundo.

— Nós sacudimos o mundo de outras maneiras, — disse Frazier, sem sorrir. Mas a façanha não vem ao caso. O ponto principal é que nós estimulamos nossa gente a olhar cada hábito e costume tendo em vista um possível aperfeiçoamento. Uma atitude constantemente experimental com relação a tudo — é disso que precisamos. Soluções para problemas de todo o tipo se seguem quase milagrosamente.

— Quase milagrosamente? — disse Castle. — O senhor não está reivindicando milagres, Senhor Frazier?

Frazier estava perplexo.

— A respeito de sua observação sobre a trivialidade do que o senhor tem visto até agora, — disse ele, acaloradamente, — devo lembrar que concordamos quanto a início fácil. Eu lhe prometo mais para amanhã e muito mais para depois. Verá verdadeiras realizações, pode crer. Mas nossos amigos estão voltando, é hora do chá. Nós teríamos perdido a alcova se tivéssemos ido todos juntos.

Fiz uma tentativa apressada de avaliar esse procedimento anti-social, mas desisti. Frazier nos apressou a descobrir o serviço de chá sozinhos, mas eu vi que as garotas estavam carregando copos altos dentro de porta-copos de palha trançada aos quais estavam amarrados barbantes de modo que os copos pudessem ser carregados como baldes. Elas também carregavam pratos quadrados contendo pão e manteiga.

No topo da Escada, entramos numa pequena sala com cadeira e mesas, muitas das quais ocupadas, distribuídas de maneira semelhante à do salão de espera de um pequeno hotel. Perto da porta, havia um grande carrinho de chá com bules de chá, água quente e café. Num outro carrinho, havia jarros de bebidas geladas. Eu peguei um dos copos compridos e um prato quadrado das prateleiras de baixo.

Acho que Frazier pretendia discutir explicitamente o serviço de chá inventado, mas Castle o havia provocado e ele, conseqüentemente, entrou por uma defesa zelosa. Demonstrou a "técnica" enchendo um copo de chá até o nível de duas chávenas, marcado numa escala fixa no próprio copo. Colocou dentro uma fatia de limão e, então, enfiou o copo num porta-copo que ele apanhou numa pequena caixa.

— Chávenas e pires foram imediatamente descartados por nossos jovens engenheiros domésticos, disse ele, sobriamente. — É praticamente impossível carregar uma chávena cheia de chá sem derramar um pouco, especialmente descendo os degraus da Escada. Como sempre nos servimos, cada qual por si, precisávamos de um recipiente onde o chá pudesse ser tomado com prazer e que também servisse para carregá-lo convenientemente. Esses jovens não sabiam nada da prática russa de usar copos para o chá, mas, naturalmente, chegaram a isso como uma solução. Eles melhoraram o método dos russos usando copos muito grandes. Cabem folgadoamente três

chávenas sem o perigo de derramar. Apenas os mais vorazes fazem mais de uma viagem até o carrinho de chá. Um copo grande realça o aroma e o sabor do chá assim como para o conhaque. O vidro, vocês vêem, é extraordinariamente fino. É agradável beber nele e é muito leve.

— Nunca vi um russo balançando o seu chá como uma lanterna, — disse eu.

— Tanto pior para os russos, — disse Frazier. — Eu não posso lhes dar os números, mas alguns experimentos provaram que os portacopos eram úteis. Foram omitidos em dias alternados durante aproximadamente um mês e os membros do grupo-controle observaram e contaram os derramamentos de chá.

Castle havia tentado provocar uma demonstração de agressividade em Frazier, fingindo estar divertido. Ele deve ter sentido que Frazier estava ganhando a parada e o senso de humor era sua única defesa. Mas seus ocasionais risinhos não conseguiram perturbar Frazier e ficaram parecendo tolos. Finalmente, seu divertimento ultrapassou os limites e transformou-se em desdém aberto. Quando Frazier descrevia essa aplicação trivial do método científico, Castle virou as costas com um resmungo de desagrado e afastou-se de nós. Depois de meia dúzia de degraus, virou-se bruscamente e voltou, balançando a cabeça e encolhendo os ombros com evidente embaraço. Frazier sentiu sua vitória, mas não estava certo de que fosse segura. Em vez de evitar o assunto, ele insistiu como se fosse uma questão de política mundial.

— Vocês mesmos podem ver quão suavemente o chá balança quando o copo é carregado como um balde — disse, balançando o seu copo em arcos graciosos e apontando o seu chá, que mal se movia. — Além disso, nossos jovens engenheiros tiveram outros problemas que resolveram na mesma época. O chá deve ser mantido quente, especialmente se você se serve de duas ou três chávenas de uma só vez. Agora, uma chávena é o pior conservador possível de calor.

Ele continuou assim por algum tempo. Então parou e olhou para Castle como que esperando um comentário. Castle não disse nada. Ao invés disso, desajeitadamente, serviu-se de chá e colocou o copo no seu envoltório. Eu segui o exemplo e Frazier, sorrindo, saiu, descendo a Escada a passos largos. Rogers e Steve pegaram copos

de bebidas geladas e todos nós pusemos manteiga e presunto em fatias grandes de pão. Os pratos quadrados eram do mesmo vidro fino. Um anel servia de base para dar melhor apoio e o prato era tão fundo que nosso pão estava seguro em nosso caminho de volta à alcova. Apesar de me sentir um tanto estranho ao balançar o meu chá como um incenso, tinha de admitir que era a primeira vez que me sentia seguro nesse tipo de viagem.

5

— Eu posso entender por que um construtor de utopias escolheria ser cercado apenas de mulheres bonitas, — disse eu para Frazier quando nos sentamos com o chá. — Mas fico espantado com o sucesso que você teve.

Frazier encarou-me muito seriamente.

— Eu lhe asseguro que não foi uma escolha deliberada, — disse ele calorosamente. — Tentamos obter uma amostra representativa — uma verdadeira seção transversal. Falhamos em alguns aspectos, mas eu não posso ver como pudesse ter sido feita uma seleção, mesmo inconscientemente, à base de aparência pessoal. Você não acha, Rachel?

— Tenho certeza de que você tem razão, Frazier — disse a Sra. Meyerson, apesar de eu não estar certo de que ela tenha entendido a questão.

— Mas a maioria das mulheres não são tão atraentes quanto estas — disse eu, indicando com um gesto de braço a extensão do caminho.

— Então foi por isso que você andou vagabundeando por aí, — disse Frazier secamente. — Eu pensei que você estava olhando as pinturas.

— Um grande número de mulheres poderia ser muito atraente, disse a Sra. Meyerson, rapidamente. — Cada qual à sua própria maneira. Aqui nós não estamos tanto à mercê dos desenhistas comerciais e muitas de nossas mulheres conseguem parecer bastante bonitas, simplesmente porque elas não são obrigadas a se vestir dentro dos limites restritos.

— Por enquanto, — disse Frazier, — esse fato impedirá o Sr. Burris de aproveitar plenamente o seu passatempo. Ele virou-se para mim. — O fim de um estilo não é um processo natural mas uma mudança manipulada que destrói a beleza de um vestido do ano passado para torná-lo inútil. Opusemo-nos a isto ampliando os nossos gostos. Mas a mudança exigida ainda não se deu em você. Dentro de uns dois dias você saberá o que quero dizer. Pequenos detalhes que agora parecem fora de moda e que, apesar do que você diz, devem perturbar a sua apreciação, parecerão, então, naturais e agradáveis. Você descobrirá que uma linha ou característica nunca é datada em si, assim como você eventualmente considera o vestuário de um outro país bonito mesmo que sua primeira impressão seja de cômico ou feio.

Isso me pareceu de um paternalismo imperdoável.

— Nada está interferindo na minha apreciação do belo neste preciso instante, — disse eu. Acontece que eu estava olhando diretamente para a Sra. Meyerson enquanto falava.

— Que é isso? disse Frazier. — Política e lisonja são estranhos aqui.

— Penso que a Srta. Macklin entenderá o que o Sr. Frazier está tentando dizer — disse a Sra. Meyerson, vindo em meu auxílio. — Você se incomodaria de dizer o que pensa de nosso vestuário?

Bárbara foi tomada de surpresa.

— É um pouco difícil dizer — começou ela. — Não acho que tenha notado qualquer coisa de anormal em qualquer um de vocês. Juntos, no entanto... eu não sei. Alguma coisa quanto ao cabelo, por alguma razão. É muito atraente, mas não sempre na moda.

— Por favor, não fique sem jeito. Você tem razão.

— Entretanto, isso é um estilo, apressou-se Bárbara a acrescentar. — Vocês são como mulheres de países diferentes. E muitas de vocês são lindas.

— Obrigada, querida. Eu não estava buscando elogios. Nós temos, penso, um ar um tanto ou quanto cosmopolita, porque encorajamos a variedade. Entretanto, não estamos exatamente fora da moda como você muito generosamente disse.

— Um caso curioso de comer o bolo e de guardá-lo também, — disse Castle. — Vocês parecem estar dentro e fora ao mesmo tempo. Por favor, como vocês conseguem fazer isso?

— Você está perplexo, — disse a Sra. Meyerson, como se ela tivesse dito "Você está machucado" para uma criança. — Eu acho que a resposta é que nós conciliamos. Mas não é exatamente isso. Pelo menos, não é a saída mais fácil... Gastamos nisso muito tempo. Resolvemos o problema através de... experimentação, você diria? — Ela virou-se para Frazier.

— Não, — disse ele, francamente, sem olhar para ela. — Intuição.

— Por intuição, então, — a Sra. Meyerson concluiu alegremente. — Nós queremos evitar a perda que é imposta pela mudança de estilo mas não queremos estar totalmente fora de moda. Então mudamos de estilo mais lentamente, o suficiente para que não precisemos jogar fora roupa em boas condições.

— Vocês entendem, claro, — disse Frazier — que nós não podemos dar roupa usada para qualquer outra pessoa, porque ninguém, em Walden II, teria uso para ela.

— Mas vocês não acabam ficando cada vez mais fora de moda? — perguntou Castle.

— Não, — disse a Sra. Meyerson. — Nós simplesmente escolhemos o tipo de roupa que sofre a mudança mais lenta — ternos, malhas e saias ou blusas e saias etc. Vocês não acharão meia dúzia de "vestidos de festas" entre nós, e não pertencem ao estoque da comunidade. Entretanto, cada um de nós tem alguma coisa que seria sempre de bom tom, exceto em ocasiões muito formais.

— Vestido, — disse Frazier, num parêntesis, — é uma forma notável de consumo que não nos agrada senão quando os vemos nos outros.

— Eu estou surpreso de que uma utopia tenha algo mais do que pijamas de descanso, — disse Castle aborrecido.

A Sra. Meyerson riu alegremente.

— Muitas pessoas estranham o fato de usarmos roupa, — disse ela. — Mas temos nossos motivos. Frazie poderia lhe dizer mais do que eu a respeito disso. Não é que nos importamos em ser excêntricos, estou certa. Talvez não queiramos nos sentir excêntricos.

— Isso está colocando muito bem a idéia, Rachel, — disse Frazier. Ele virou-se para nós. — Vocês devem lembrar que nós não estamos realmente isolados do resto do mundo e não queremos estar. Nossa arte e literatura, nossos filmes, nossa rádio e nossas excursões ocasionais fora da comunidade nos mantêm em contato com a vida americana. Uma quebra completa acarretaria mais problemas do que o necessário. Também seria inconveniente para nossas crianças fazê-las sentir-se deslocadas ou pouco à vontade com estranhos. Poderia sugerir que a vida em Walden II tem alguma coisa de singular ou mesmo de inferior.

— Mas vestir-se não é exatamente o tipo de trabalho desnecessário que uma utopia poderia dispensar? — disse Castle. Eu tenho certeza de que não havia necessidade de roupa em Walden I.

— Não é realmente tanto trabalho, — disse a Sra. Meyerson. — Nosso vestuário não é rígido e é apenas o suficiente para acompanhar o gosto comum da época.

— E temos tempo para esse trabalho, disse Frazier. — Vocês estão pensando em se vestir no aperto diário habitual, depois de dirigir até em casa após um encontro tardio no escritório, através do trânsito na hora do "rush", para chegar num jantar a tempo para os aperitivos. Nada disso há aqui, como vê. Temos muito tempo para tudo. Nós gostamos de um intervalo entre a parte ativa do dia e as horas sociais mais calmas do jantar e do anoitecer. Um banho e troca de roupa são um ponto importante no programa do dia. Eles são psicologicamente reanimadores.

— Quanto à sua referência a Thoreau, — acrescentou Frazier após um momento, — lembre-se de que o seu experimento relacionava-se com subsistência e solidão. Vestir-se é um mecanismo social que ele podia desprezar.

Eu tinha percebido um ruído distante. Agora, muitas crianças passaram pela alcova e outras logo se seguiram. Uma migração similar ocorria do lado de fora, abrindo caminho entre os tapetes de flores.

— É hora de jantar para os anjos, — explicou Frazier.

As crianças eram de várias idades, algumas com sete ou oito anos, e outras, pelo menos, de treze ou catorze. Estavam todas brilhando de limpeza, em roupas alegres e bem acabadas, mas utilitárias. Parecia não haver adultos com elas, mas estavam bem comportadas. Falavam baixo e moviam-se rapidamente. Muitas cumprimentaram a Sra. Meyerson e Frazier e sorriram agradavelmente para nós.

Um deles, um menino de uns dez anos, entrou na alcova e, dirigindo-se rapidamente à Sra. Meyerson, deu-lhe um abraço afetuoso.

— Olá, Rachel, — disse ele. — Você vem?

— Eu não esqueci, — disse ela. Levantou-se e virou-se para Frazier. — É o primeiro dia da Débora na sala de jantar. Devo apressar-me.

Ela prometeu juntar-se a nós após o almoço do dia seguinte, explicando bastante francamente que ela queria dar a Bárbara e a Mary uma visão mais exata de Walden II do que poderia se esperar de Frazier e, então, ela e o menino saíram.

— As crianças da Sra. Meyerson, — explicou Frazier, meneando a cabeça na direção delas. — Adoráveis! Como todas as nossas crianças. Débora faz sete anos hoje e está "debutando" na sala de jantar principal. As crianças mais novas fazem suas refeições no próprio edifício onde moram até o sétimo aniversário. É um grande acontecimento quando elas se mudam. Talvez nós possamos dar uma olhada em Débora mais tarde em seu grande momento.

As crianças acabaram de passar e retomamos a nossa discussão.

— Se você não se incomoda de que o diga, — disse eu, — seus homens parecem estar vestidos um pouco pior que suas mulheres, tanto quanto à distinção quanto à seriedade.

— Certo, — disse Frazier. — Não é realmente uma diferença de sexo, insisto. Ainda não nos libertamos da cultura da qual viemos. Os homens são menos dependentes quanto à roupa, mesmo aqui. Para esta hora do dia, jaqueta ou malha e casaco de couro no tempo mais frio será suficiente. E nada de gravata. Definitivamente, nada de gravata.

— Minha garganta pega friagem, — disse Castle.

— E se alguma pessoa gostasse de andar realmente esfarrapada? — perguntei. — Vocês lhe permitiriam seguir o seu capricho?

— Eu não posso imaginar isso, — disse Frazier, — mas sei que você pode. Você está pensando no mundo em que roupa fina é sinal de riqueza. Uma roupa esfarrapada é um sinal de pobreza ou protesto contra todo o maldito sistema. Ambos são impensáveis aqui.

— Não tão impensável, eu diria, — disse Castle — deve ser um sinal de indolência ou um simples descuido.

— Ambos nasceram do tédio, — disse Frazier, distante. Ele parecia estar ouvindo alguma coisa. De repente, levantou-se e olhou para o topo da Escada. — Mas, com certeza, mais do que isso, — disse. — Foi uma discussão muito interessante, nós devemos continuá-la logo. Agora, acho que devemos ir. — Ele falou de uma maneira mecânica e imediatamente pegou o copo e o prato e começou a subir a Escada. Nós o seguimos, mas sua velocidade aumentou e ele logo se separou de nós e entrou na construção principal.

Aproximando-nos do topo da Escada, ouvimos crianças cantando "Parabéns a você, parabéns a você".

Deixamos nossos pratos numa grande cesta perto da porta e eu dirigi nossa caminhada em direção à música. Frazier estava parado na porta de uma sala de jantar. Ele pareceu sentir a nossa aproximação e foi impacientemente para dentro. Achei conveniente não o seguir. Pela porta, nós pudemos ver que a sala tinha sido ligeiramente escurecida para a ocasião. Enquanto a música ia sendo cantada outra e outra vez, duas figuras silenciosas moviam-se de uma mesa para outra. Uma delas, uma criança mais velha, carregava um bolo de aniversário com sete velas. Ela parava em cada mesa e mostrava a inscrição para as crianças lerem. A outra figura era uma criança de sete anos no seu melhor vestido, solene como uma freira, corada de orgulho.

Num momento, o desfile terminou e a criança mais nova voltou para a mesa onde a Sra. Meyerson estava sentada. As velas foram apagadas e o trabalho de cortar o bolo começou. Quando as luzes se acenderam, eu estava suficientemente dentro da sala para perceber um olhar de Frazier, mas eu me retirei rapidamente e apressei os outros para fora. Frazier estava parado sozinho e despercebido contra a parede, seu rosto marcado por uma expressão exagerada de afeição. Eu pensei ter visto uma lágrima em sua face.

Nossas acomodações de convidados ficavam no fim da construção principal da Escada e no nível mais baixo. Frazier nos encontrou lá às sete horas. Subimos em fila por uma escada estreita e encontramos no fim de um largo corredor chamado "Passeio". Este corria em toda a extensão da construção, curvando-se levemente onde o prédio seguia o contorno da colina. O sol não se havia posto ainda e a tardinha prometia ser linda, mas havia muita coisa acontecendo do lado de fora. O Passeio estava pontilhado de pessoas, que pareciam estar ali para bater papo ou para combinar seus jantares. Lembrou-me a coberta de um navio.

Ao nos juntarmos a esse cortejo, Frazier chamou nossa atenção para várias salas coletivas, distribuídas de ambos os lados do corredor. À nossa direita, havia salas de leitura, bibliotecas e pequenos recantos com cadeiras e mesas agrupadas para conversa ou jogos. Essas salas davam para a paisagem de Walden II, de onde havíamos visto o edifício durante a tarde. Estavam todas ocupadas.

— Por que há tantas pessoas dentro das construções numa noite tão linda? — perguntei.

— Provavelmente, porque não precisam estar aqui. Os habitantes de Walden II podem sair a qualquer hora do dia. Eles não têm nenhuma razão para esperar o fim do dia de trabalho ou que as

crianças sejam postas na cama. Nem têm qualquer interesse em sair dessas quatro paredes.

À nossa esquerda, havia salas que mais pareciam de trabalho, com grandes clarabóias mas nenhuma janela. Algumas estavam mobiliadas para música, com pianos, vitrolas e estantes de música e discos. Outras pareciam ser estúdios coletivos. Vários trabalhos de arte em processo lá estavam, mas as salas estavam agora servindo para encontros informais. As salas de jantar estavam deste lado do corredor, perto da Escada. Fiquei surpreso com a ausência de grandes multidões. Por algum motivo, a palavra "comunidade" tinha sugerido salões do tamanho de celeiros cheios de gente barulhenta, como uma igreja social, um bazar ou feira de gado. Eu confessei minha surpresa e Frazier riu gostosamente.

— Para que servem as multidões? — perguntou ele.

— Bem, não sei — respondi. — Mas como você pode evitá-las?

— São úteis? São interessantes?

— Algumas pessoas têm um certo prazer em ser parte de uma multidão, — disse Castle.

— Um sintoma de solidão, — disse Frazier, de modo conclusivo. Considere a dona de casa média. — Virou-se e diminuiu o passo de modo a se assegurar de que as garotas pudessem ouvi-lo. — Como a dona de casa média gasta a maior parte do seu dia? Sozinha! Quem é que ela vê? Vendedores, suas crianças mais novas ou dois ou três vizinhos. . . não dois ou três amigos, apenas duas ou três pessoas que acontecem estar ao alcance. É surpreendente que ela considere o barulho e o movimento de uma grande multidão da mesma maneira que um homem faminto encara a comida? É claro que ela extrai emoções da multidão! E quanto maior a multidão, melhor; mais certa ela está de que, pelo menos algum tempo, ela não ficará sozinha. Mas como uma pessoa que não está privada de amizade ou afeição apreciaria uma multidão?

— Você pode encontrar pessoas interessantes, disse Bárbara, hesitantemente. Ela era naturalmente avessa a esta linha de argumentação.

— Não eficientemente, — disse Frazier. — Nós temos arranjos muito melhores para reunir pessoas compatíveis com interesses comuns.

— E um espetáculo... um "show"? — disse eu. — Isso não significa necessariamente multidão?

— Absolutamente não. Nosso teatro comporta cerca de duzentas pessoas. É a nossa maior multidão. Quando uma peça ou filme nos interessa a todos — e isso é raro — é simplesmente repetida até que todos a tenhamos visto. Os atores ficam felizes pela oportunidade de repetir o seu desempenho e o filme, não importa. O mesmo é verdadeiro para concertos. Admito que alguns eventos — um campeonato de tênis, por exemplo — não pode ser repetido. Mas disputas não são importantes aqui. Não cultuamos heróis.

— Mas você não resolve muito bem o problema de um conferencista dessa maneira, — disse Castle. — Falando como alguém que já viveu a experiência, posso dizer que eu não apreciaria ter de repetir uma conferência.

— Resolvemos o problema do conferencista, dispensando-o. A conferência é um dos meios mais ineficientes de difundir a cultura. Tornou-se obsoleta com a invenção da imprensa. Sobrevive apenas em nossas universidades e similares, e em algumas outras instituições retrógradas. Fulminou Castle com um olhar. Por que é que você simplesmente não entrega conferências impressas a seus estudantes? Sim, eu sei. Porque eles não a leriam. Bela instituição essa que deve resolver o problema com ardis retóricos! Ele fez um esforço para controlar o seu desdém crescente e continuou mais calmamente. — Talvez algo possa ser dito em favor dos artifícios do conferencista, e eu entendo de "participação do auditório". Mas, admitindo, Sr. Castle, que você esteja justificado ao querer fazer uma aparição pessoal, deixe-me perguntar-lhe: sobre qual assunto concebível, dirigir-se-ia a todos nós?

Castle estava confuso e não disse nada.

— Você quer dizer, disse eu, — que o Sr. Castle não poderia falar de nenhum assunto que pudesse interessar a mais de duzentos de vocês?

— É justamente o que quero dizer, e duzentas pessoas é uma estimativa alta. Não somos um grupo selecionado e nossos gostos variam. Não temos modismos. Ninguém nos diz que "devemos interessar-nos" por isto ou aquilo. Você nem poderia ao menos contar com o desejo de "ficar por dentro", porque nós não temos nenhum motivo para fingir que estamos interessados em "altos" assuntos ou

assuntos da moda. A respeito do que você falaria para ter uma grande audiência?

— Mas, mesmo assim, um conferencista inteligente deve ser capaz de achar um assunto que possa entreter mais do que uma pequena platéia, — disse eu.

— *Entreter* é outro assunto, — disse Frazier. — É um desempenho teatral. E tal conferencista ficaria feliz em repetir o seu desempenho como acontece com nossos atores.

— Aceito a distinção, — disse Castle, — mas eu insisto quanto a discussões sérias informativas. Creio que existem assuntos de... bem, vejo que não posso dizer importância econômica, mas deixe-me dizer importância política, que devem interessar a todo mundo, porque são cruciais para todos.

Frazier riu, triunfante.

— Você não pode dizer "político" mais do que "econômico". Você encontrará alguns de nós interessados em política, porque nós somos encarregados desse interesse em nome da comunidade. Mas você pode acomodar-nos a todos bastante confortavelmente numa das menores salas coletivas.

— Você quer dizer, — disse Castle, lentamente com um olhar provocador, — que todos os membros interessados, digamos, na discussão da paz mundial, caberiam numa dessas saletas?

— Num canto! disse Frazier, gozando francamente o seu sucesso em nos desconcertar.

— E quanto ao interesse nos negócios da comunidade? — disse eu.

— Num outro canto, — disse Frazier, rindo gostosamente. — Mas devemos falar sobre isso mais tarde. Não, o fato é que simplesmente não há nenhuma razão para juntar as pessoas em grande número. Multidões são desagradáveis e doentias. São desnecessárias para as formas mais valiosas de relações pessoais e sociais e são perigosas. A multidão se precipita até onde os indivíduos temem pisar, e os Führers se enganam quanto ao apoio que podem dar.

— Espero que vocês não neguem que estão todos interessados em *comer*, — disse Castle. — E quanto à multidão em sua sala de refeição?

— Uma questão excelente — disse Frazier — o que ilustra a minha crítica final às multidões; elas são caras. Elas exigem espaço e

equipamento complicado que permanece parado a maior parte do tempo. Olhe para seus estádios e teatros ou restaurantes. Aqui, as coisas são diferentes. Nós simplesmente manejamos os programas diários de nossos membros. Como resultado, o nosso equipamento está em muitos casos quase constantemente em uso. Nós podemos fazer isso, porque não estamos limitados pelos horários habituais de funcionamento de lojas, negócios ou escolas. "Das 9 às 5" não significa nada para nós. Você nos encontrará tomando o café da manhã a qualquer hora entre as 5 e as 10. O almoço começa imediatamente depois e termina no meio da tarde. As crianças têm horários definidos nas primeiras horas. Os adultos jantam tão cedo quanto às 5 e meia ou tão tarde quanto às 9 horas. Nossas salas de jantar, Sr. Castle, abrigam cerca de duzentas pessoas. Como poderá ver logo, não há salas grandes e não há multidão.

— Suponho que os membros designaram um horário particular para as refeições — eu disse, — e devo confessar que esperava ter descoberto um pouco de "militarização".

Frazier bufou de desgosto.

— Absolutamente, não! — disse ele. — O máximo de que precisamos é uma nota nas folhas de boletim indicando quais as salas que estarão menos ocupadas em determinadas horas.

— Mas convido alguém a me encontrar para jantar; como saberei se seu esquema não está três ou quatro horas defasado do meu? — perguntei.

— É geralmente difícil marcar encontro para uma refeição. Mas os encontros são facilmente acertados em Walden II, de modo que isso não importa. E há um ganho compensador: mudando o esquema, podemos ver novas caras de tempos em tempos. — Frazier parou e riu, pouco à vontade, como se estivesse confessando alguma pequena insatisfação. Refez-se rapidamente e voltou ao ataque com energia crescente.

— Uma peça admirável de engenharia cultural... o programa flexível: o efeito é quase incrível. Precisamos de menos equipamentos de todos os tipos. Banheiros, por exemplo. Se você já ficou num hotel de verão que não tem banheiros privativos, você se recorda dos congestionamentos na hora de fazer a barba e nas horas de jantar. Com um esquema flexível, nós nos arrumamos com instalações limitadas, bastante comodamente. Os serviços do chá e café funcionam o

triplo. E podemos evitar fortes preferências por certos espetáculos de teatro, pelo uso dos campos de tênis ou pelas horas de trabalho. Nosso equipamento é usado de quinze a dezoito horas por dia, sem sobrecarga para aqueles dos primeiros ou últimos turnos.

— Mas o resultado talvez mais valioso — Frazier fez pausa de um momento para ver se éramos capazes de antecipar qual — é psicológico. Estamos completamente livres dessa atmosfera institucional que é inevitável quando todos fazem a mesma coisa à mesma hora. Nossos dias têm uma continuidade, flexibilidade, diversidade, um fluxo. É tudo muito agradável e saudável.

Nós havíamos parado durante a maior parte dessa arenga numa das saletas. Sem dizer palavra, Frazier partiu em direção às salas de jantar como um cicerone que acabou um pequeno discurso num canto de uma catedral e pastoreia seu rebanho para o segundo ponto de interesse.

As salas de jantar eram menores ainda do que as observações de Frazier haviam sugerido. Cada uma continha uma meia dúzia de mesas de tamanhos diferentes. As salas estavam decoradas em vários estilos. Podia-se jantar rapidamente numa sala de paredes brancas, movimentando-se com rapidez ou eficiência ou, calmamente, numa sala de jantar de estilo colonial americano com paredes de pinho com candelabros de velas, numa estalagem "inglesa" com quadros de corridas de cavalos pelas paredes ou numa colorida sala "sueca". Duas salas modernas cuidadosamente desenhadas, uma das quais com mesas privativas separadas por divisões ao longo da parede, destacavam-se pelo contraste.

Eu estava um tanto chocado por essa confusão de estilos. O propósito disso, explicou Frazier, tinha sido o de fazer com que as crianças se sentissem à vontade em alguns dos ambientes que encontrariam fora da comunidade. Segundo algum princípio de comportamento, que eu não entendi completamente, parecia que a ingestão de alimentos tem alguma coisa a ver com o desenvolvimento de preferências ou simples tolerâncias estéticas. O mesmo efeito não poderia ser obtido tão facilmente com a decoração das saletas de estar em estilos diferentes.

As salas de jantar estavam agrupadas em torno de uma sala de serviço que funcionava como lanchonete, apesar de não haver exposição de alimentos ou serviço de garção. Lembrava-me antes um bufê de ceia. Assim que entramos, seguimos o exemplo de Frazier e pegamos bandejas. Havia os mesmos copos finos que tínhamos visto no serviço de chá. Frazier pegou um guardanapo de um compartimento com o seu nome escrito, que também continha alguma correspondência que ele ignorou. Nós pegamos guardanapos limpos de uma gaveta.

— Nós nos saímos muito bem em nossa manufatura de linho, disse Frazier, agitando o seu guardanapo. — Não importa que sempre tivesse sido um luxo. É um tecido muito durável e muito agradável de usar. Eu suponho que vocês esperavam papel — acrescentou de repente para mim.

Havia três pratos principais no cardápio — uma espécie de "goulash", um suflê e costeletas de porco. Um pequeno cartaz descrevia o "goulash", contava algo de sua história e mostrava o seu país de origem num pequeno mapa. Frazier chamou nossa atenção para o cartaz e explicou que pratos novos de todas as partes do mundo eram constantemente experimentados e incluídos nos cardápios de Walden II de acordo com os pedidos. Todos nós escolhemos *goulash* e pusemos salada e torta de frutas em nossa bandeja. Frazier nos induziu a pegar também pão e manteiga. Era o mesmo pão que tínhamos comido na hora do chá. Era delicioso, porém, por força do hábito, nenhum de nós o pegara. Pão era aparentemente um assunto favorito de Frazier e serviu de tema para uma outra discussão.

— Os padeiros comerciais — começou ele, assim que se certificou de que todos nos havíamos servido de fatias grossas — tentam produzir pão com o material mais barato e a menor quantidade possível. Aqui o objetivo é outro. Os nossos cozinheiros têm que preparar o alimento que produzimos de modo que seja comido. Eles querem por *dentro* do pão a maior quantidade possível. Não levaria a nada fazer um pão igualmente delicioso com menos manteiga ou com farinha mais barata. Eles simplesmente teriam que preparar o que economizaram de uma outra forma.

Ele nos olhou com o sobrolho levantado como um mágico que tivesse executado um número surpreendente e então mostrou o ca-

minho para uma das salas modernas onde achamos uma mesa de cores vivas contra as quais nossas bandejas de vidro cintilaram. As bandejas eram elípticas com uma grande depressão em cada extremidade. Compartimentos menores e uma concavidade para um copo preenchiam a parte central. Pousamos todos as bandejas, paralelamente às bordas da mesa, mas Frazier nos mostrou como dispô-las como raios da mesa de maneira que tivéssemos o prato principal à nossa frente e os compartimentos menores ao alcance da mão. Quando estivéssemos prontos para a sobremesa, a bandeja podia ser facilmente invertida. Um compartimento pequeno contendo talheres e condimentos estava embutido na própria mesa.

Apesar da impaciência visível de Castle com relação a detalhes de tecnologia doméstica, Frazier falou à vontade sobre as bandejas. Uma de suas inumeráveis vantagens era a transparência que economizava duas operações na cozinha porque a limpeza das duas faces da bandeja podia ser vista imediatamente. Quando Frazier fez essa observação, Castle deu um risinho.

— O Sr. Castle está divertindo-se — disse Frazier, encostando-o à parede — ou talvez não seja divertimento. Seria interessante pedir-lhe que fizesse uma experiência. O Sr. Castle se incomodaria de virar essas bandejas de um lado para outro mil vezes? Talvez o senhor compreendesse. Ou o senhor trabalharia rapidamente e terminaria com os músculos dolorosamente retesados ou então trabalharia lentamente e ficaria aborrecido. Ambos os comportamentos são passíveis de objeção. E, entretanto, um de nós seria compelido a fazer isso mesmo três vezes ao dia, se nossas bandejas fossem opacas. E seria *um de nós*, lembre-se, não uma pessoa "inferior" contratada por um salário miserável. Nossas consciências estão leves quanto a isso! Entende agora porquê... Você entende. — Frazier, balançando as mãos acima da cabeça, agradeceu a vitória fácil.

— A principal vantagem da bandeja, — continuou ele — é a enorme economia de trabalho. Vocês verão o que quero dizer quando visitarmos a cozinha. Os restaurantes comerciais dariam tudo para seguir o nosso exemplo, mas isso requer uma engenharia cultural que está fora de seu alcance.

Aparentemente esperava que alguém lhe pedisse maiores detalhes da "engenharia cultural", mas estávamos todos ocupados com o nosso jantar e o terminamos em silêncio. Carregamos as bandejas

vazias até uma janela que abria para uma sala de serviço, e Frazier, então, deu meia volta e dirigiu-se para o Passeio.

Mary cochichou alguma coisa a Bárbara, que disse a Frazier: "Nós não vamos ver a lavagem de pratos?"

— Logo depois do jantar? — disse Frazier, com grande surpresa. Ele parecia orgulhoso de ter conseguido um tal grau de delicadeza, mas virou-se imediatamente em direção à sala de serviço.

Do outro lado da janela, onde havíamos colocado as bandejas, uma moça muito bonita, que parecia ter excelentes relações com Frazier, recebia as bandejas, tirava talheres e copo e as colocava de cabeça para baixo numa esteira rolante. Imediatamente, desapareciam de vista sob uma plataforma onde, nos disseram, recebia jatos de espuma de leite que, junto com todos os restos, era dada aos porcos.

Um homem distinto, de barba cheia, que parou Frazier para perguntar-lhe se achava que a livraria compraria uma enciclopédia musical mais atualizada, recebeu a bandeja depois do banho de leite e colocou-a de cabeça para baixo num sistema de escovas giratórias que limpavam as depressões que serviam de prato. Ao mesmo tempo, a bandeja era inundada por uma água quente ensaboada. O homem, então, a examinava rapidamente, economizando, suponho, uma das operações que deveriam esgotar Castle — e colocava-a na prateleira. Quando uma das prateleiras ficava cheia, era abaixada numa cuba com água para enxaguar e levada a um esterilizador.

Enquanto isso, os copos e talheres recebiam tratamento similar em linhas de produção separadas, sob o controle dos mesmos operadores.

— Toda a lavagem de louça parece ser feita por duas pessoas, — disse eu. Frazier abanou a cabeça afirmativamente com convicção. E com quatro ou cinco turnos por dia, você vê oito ou dez pessoas no máximo, — disse ele. — Compare isso com duzentas e cinqüenta donas de casa, lavando duzentos e cinqüenta jogos de uma miscelânea de pratos três vezes ao dia e você verá o que nós ganhamos ao industrializar o trabalho doméstico. Mas não nos dêem muito crédito — continuou. — Estamos menos mecanizados em nossa lavagem de louça do que muitos hotéis e restaurantes. Nós simplesmente colocamos a produção em massa ao alcance de todos, como consequência da vida cooperativa. Pudemos superar os hotéis introduzindo práticas de economia de trabalho que exigiram um pouco de

engenharia cultural. — Fez uma pausa, mas novamente ninguém formulou a pergunta que estava esperando. — A bandeja de vidro, por exemplo, — disse ele, quase petulantemente, — é um avanço muito importante, mas impossível para os restaurantes que devem atender a pessoas de gostos estabelecidos, certo?

Fizemos uma inspeção breve da cozinha e da padaria, que aparentemente não eram distinguidas com qualquer contribuição da engenharia cultural, e voltamos ao Passeio.

Achamos lugar perto das janelas de uma pequena sala de estar e aproximamos as cadeiras de maneira que pudéssemos ver a paisagem escurecer lentamente. Frazier não parecia ter qualquer discussão particular preparada e começava a parecer um pouco cansado. Castle, por sua vez, devia estar cheio de coisas para dizer, mas aparentemente sentia que não podia iniciar a conversa.

— Estamos muito agradecidos por sua gentileza, — disse eu a Frazier. — Não só em nos convidar a visitar Walden II, mas pelo tempo que você tem gasto conosco. Temo que seja uma obrigação.

— Pelo contrário, — disse Frazier. — Eu sou totalmente pago para falar com vocês. Dois créditos-trabalho me são dados a cada dia em que me ocupo de convidados de Walden II. Eu posso usar apenas um deles mas, mesmo assim, é um grande negócio, porque sou mais do que bem pago pela companhia de vocês.

— Créditos-trabalho? — perguntei.

— Desculpe. Eu tinha esquecido. Créditos-trabalho são um tipo de dinheiro, mas não são moedas nem notas, apenas lançamentos numa conta. Todos os bens e serviços são grátis, como vocês viram na sala de jantar esta noite. Cada um de nós paga pelo que usa 1.200 créditos-trabalho por ano, digamos, quatro créditos por dia de trabalho. Nós mudamos o valor dos créditos de acordo com as neces-

sidades da comunidade. Com duas horas de trabalho por crédito, numa jornada de oito horas, poderíamos trabalhar com um grande lucro. Entretanto, ficamos satisfeitos em viver um triz acima da bancarrota. O sistema de lucro é ruim, mesmo quando o próprio trabalhador obtém os lucros, porque a tensão do excesso de trabalho não é aliviada nem mesmo por grandes lucros. Tudo que pedimos é poder gastar com uma pequena margem de segurança; ajustamos o valor do crédito-trabalho de acordo com isso. No momento, é de cerca de uma hora por crédito.

— Todos os membros trabalham só quatro horas por dia? perguntei. Havia um tom de virtude ultrajada em minha voz, como se eu tivesse perguntado se eles eram todos adúlteros.

— Em média, — respondeu Frazier, casualmente. Apesar de nosso interesse óbvio, ele imediatamente abordou outro ponto. — Um sistema de créditos também possibilita avaliar um trabalho em termos do desejo dos membros em executá-lo. Afinal de contas, um homem não está fazendo mais nem menos do que a sua parte pelo tempo que gasta nisso: é o que ele faz que importa. Então, nós simplesmente atribuímos valores diferentes para tipos de trabalho diferentes e os ajustamos de tempos em tempos, baseados na demanda. Bellamy sugeriu esse princípio em "Looking Backward".

— Um trabalho desagradável como o de limpar esgoto tem um valor mais alto, suponho, — disse eu.

— Exatamente. Alguma coisa em torno de um crédito e meio por hora. O limpador de esgoto trabalha um pouco mais de duas horas por dia. Trabalhos mais agradáveis têm valores mais baixos — digamos 0,7 ou 0,8 créditos. Isso significa cinco horas de trabalho por dia, ou mesmo mais. Trabalhar nos jardins de flores tem um valor muito baixo — 0,1. Ninguém ganha a vida com isso, mas algumas pessoas gostam de empregar algum tempo nesse trabalho e nós lhes pagamos por isso. A longo prazo, uma vez ajustados os valores, todos os tipos de trabalho são igualmente desejados. Se não o fossem, haveria uma maior procura do mais desejável e o valor do crédito seria mudado. De vez em quando, manipulamos a preferência quando algum trabalho parece ser evitado sem causa.

— Eu suponho que vocês colocam vitrolas em seus dormitórios repetindo "eu gosto de trabalhar nos esgotos, os esgotos são muito divertidos" — disse Castle.

— Não, Walden II não é esse tipo de admirável mundo novo — disse Frazier. — Nós não fazemos *propaganda*. Este é um princípio básico. Não nego que isso seria possível. Nós poderíamos fazer o trabalho mais pesado parecer o mais honroso e desejável. Algo nesse sentido tem sempre sido feito por governos bem organizados — para facilitar o recrutamento de exércitos, por exemplo. Mas não aqui. Você pode dizer que nós fazemos propaganda de *todos* os trabalhos, se você quiser, não nego isso. Se podemos tornar o trabalho mais agradável por um treinamento adequado, por que não fazê-lo? Mas eu estou divagando.

— E quanto ao conhecimento e competência exigidos em muitos trabalhos? — disse Castle. — Isso não interfere numa livre escolha? Certamente, vocês não podem permitir a qualquer um trabalhar como médico.

— Não, claro que não. O princípio tem que ser modificado sempre que um treinamento longo for necessário. Mas ainda assim, as preferências da comunidade como um todo determinam o valor final. Se nossos médicos estivessem sobrecarregados de trabalho, *segundo os nossos padrões*, seria difícil conseguir jovens que escolhessem essa profissão. Nós devemos cuidar para que haja suficientes médicos para mantermos os padrões de trabalho estabelecidos de Walden II.

— E se ninguém quisesse ser médico? perguntei.

— Nosso problema é exatamente o oposto.

— Eu imaginava isso, — disse Castle. — Um número muito grande de jovens haverá de querer dedicar-se a tarefas interessantes, apesar da carga de trabalho. O que é que vocês fariam então?

— Informar-lhes quantas vagas haverá e deixá-los decidir. Nós estamos contentes em termos mais do que o suficiente em médicos, é claro, e poderíamos sempre achar algum tipo de trabalho para eles, mas não podemos oferecer uma prática estritamente médica maior do que oferece nossa incorrigível boa saúde.

— Então, vocês não oferecem completa liberdade pessoal, não é? — disse Castle, com excitação mal disfarçada. — Vocês não resolveram realmente o conflito entre uma sociedade "laissez-faire" e uma planejada.

— Eu acho que resolvemos, sim. Mas vocês devem saber mais sobre o nosso sistema educacional antes que eu lhes mostre

como o conseguimos. O fato é que é muito pouco provável que qualquer pessoa em Walden II anseie tão firmemente por um curso de ação a ponto de ser infeliz se a possibilidade escolhida não lhe estiver aberta. Isso é verdade tanto a respeito de uma mulher quanto de uma profissão. Inveja pessoal é quase desconhecida entre nós e por uma razão muito simples: nós oferecemos uma ampla experiência e muitas alternativas atraentes. O sentimento terno de "primeira e única" tem menos a ver com constância de sentimentos do que com a oportunidade única. A maior probabilidade é que o excesso de aspirantes a médicos achará outros cursos que logo provarão ser igualmente atraentes.

— Há outro caso também, disse eu. Vocês devem ter uma espécie de governo. Eu não vejo como vocês podem permitir uma livre escolha de trabalhos aqui.

— Nosso único governo é uma Junta de Planejadores, disse Frazier, com uma mudança de tom que sugeriu que o havia tocado num ponto de controvérsia habitual. — O nome vem desde o tempo em que Walden II existia apenas no papel. Há seis planejadores, geralmente três homens e três mulheres. Os sexos estão em termos tão iguais aqui que ninguém discute igualdade de sexos. Tais planejadores podem servir por dez anos, mas não mais. Três de nós que têm estado na Junta desde o começo, retiram-se este ano.

— Os Planejadores são encarregados do sucesso da comunidade. Eles estabelecem a política, revisam o trabalho dos Administradores, estão atentos ao estado da nação em geral. Eles também têm algumas funções judiciais. São-lhes conferidos 600 créditos por ano pelos seus serviços, o que deixa margem a um débito de dois créditos por dia, que devem ser ganhos num trabalho estritamente físico. Eis porque eu só posso reivindicar um crédito por funcionar como seu Virgílio através de "il paradiso".

— Era Beatriz, corrigi.

— Como vocês escolhem seus planejadores? disse Rodge.

— A Junta seleciona uma substituição dentre um par de nomes fornecidos pelos Administradores.

— Os membros não votam? disse Castle.

— Não, disse Frazier enfaticamente.

— O que são Diretores? disse eu apressadamente.

— O que o nome indica: especialistas cuidando das divisões e serviços de Walden II. Há Administradores de Alimentação, Saúde, Jogos, Artes, Odontologia, Leiteria, Indústrias variadas, Abastecimento, Trabalho, Escola-Creche, Educação Adiantada e dezenas de outros. Eles programam o trabalho a ser realizado e sua tarefa é dirigir, o que continuam fazendo depois de terem designado tanto quanto possível o trabalho dos outros. São os mais trabalhadores entre nós. É uma pessoa excepcional que pretende e acha um lugar como Administrador. Ele deve ter habilidade e uma preocupação pelo bem-estar da comunidade.

— *Eles* são eleitos pelos membros, eu suponho, — disse Castle — mas era óbvio que ele não esperava nada nesse sentido.

Os diretores não são personagens honorárias, porém cuidadosamente treinadas e especialistas experimentados. Como poderiam os membros julgar a sua habilidade? Não, esses são muito semelhantes aos trabalhos de serviço público. Você trabalha para ser Administrador, através de posições intermediárias que compreendem uma grande responsabilidade e provêm a aprendizagem necessária.

— Então, os membros não têm voz em nada, disse Castle numa voz cuidadosamente controlada, como se estivesse arquivando um ponto para uso futuro.

— E nem querem ter, disse Frazier taxativamente. Vocês consideram os seus profissionais como seus Administradores? disse eu de novo rapidamente.

— Alguns deles. O Administrador de Saúde é um de nossos médicos — o Sr. Meyerson. Mas a palavra "profissão" tem pouco significado aqui. Todo treinamento profissional é pago pela comunidade e é considerado como parte do nosso capital, exatamente como qualquer outro instrumento.

— Sr. Meyerson? disse eu. Seus médicos não são "Dr"? Não são médicos de verdade?

— Tão certo quanto eles vêm com o grau superior da Escola de Medicina. Mas nós não usamos títulos honoríficos. Por que chamá-lo Dr. Meyerson? Nós não chamamos o Administrador da Leiteria de Leiteiro Larson. A profissão médica tem sido lenta em superar as brigas com a medicina pré-científica. Está abandonando a mistificação das prescrições cifradas, mas o título honorífico ainda é muito precioso. Em Walden II...

— Então, vocês distinguem só Planejadores, Diretores e Trabalhadores? disse eu para prevenir uma divagação maior.

— E Cientistas. A comunidade mantém uma certa quantidade de pesquisa. Há experimentos em andamento em nutrição de plantas e animais, controle do comportamento de recém-nascidos, processos educacionais de vários tipos e o uso de algumas das nossas matérias-primas. Os Cientistas recebem os mesmos créditos-trabalho dos nossos administradores, dois ou três por dia, dependendo do trabalho.

— Não há ciência pura? exclamou Castle, com fingida surpresa.

— Só em nosso tempo de lazer, disse Frazier. E eu não ficarei perturbado pelo seu sobrolho levantado, até que você me mostre onde prevalece outra situação. Nosso programa de ação é melhor do que o das suas instituições educacionais onde aquele que seria cientista se sustenta lecionando.

— Você esqueceu os nossos centros de pesquisa pura? disse eu.

— Pura? Se você quer dizer desinteressada e sem finalidade, eu o desafio a citar cinco. Ao invés disso, é um trabalho pago pelos resultados. Você conhece algum cientista "puro" em nossas universidades que não preferiria ser pago por duas horas de trabalho físico diário, ao invés de trabalhar na pesquisa espiritual que é obrigado a fazer em nome da educação?

Eu não tinha resposta pronta, pois teria que considerar a engenharia cultural necessária para equacionar as duas possibilidades. Meu silêncio começou a parecer significativo e eu planejei uma pergunta numa linha diferente.

— Por que é que todo o mundo deveria se envolver em trabalho doméstico? perguntei. Isso não seria realmente empregar mal a capacidade humana ou talentos especiais?

— Não há mau uso. Alguns de nós seriam suficientemente inteligentes para se livrar do trabalho físico, mas também suficientemente "vivos" para saber que, a longo prazo, isso representaria problemas. Uma classe ociosa cresceria como um câncer, até que a pressão sobre o resto da comunidade se tornasse intolerável. Poderíamos escapar das conseqüências durante o nosso tempo de vida, mas não poderíamos conceber uma sociedade permanente baseada nesse plano. O homem realmente inteligente não quer sentir que o

seu trabalho está sendo feito por outra pessoa. Ele é suficientemente sensível para ser perturbado por um ligeiro ressentimento que, multiplicado por mil, significa a sua queda. Talvez ele se lembre de suas próprias reações, quando outras pessoas se impuseram a ele. Talvez ele tenha tido um treino ético mais severo. Chame isso consciência, se quiser. — Ele jogou a cabeça para trás e estudou o teto. Quando retomou a postura anterior, seu tom de voz estava dramaticamente longínquo.

— Essa é a virtude de Walden II que mais me agrada. Eu nunca me senti feliz por ser servido. Eu nunca pude gozar as delícias de divagar sobre o que aconteceria sob as estrelas. — Era obviamente uma expressão emprestada porque a vida de Frazier não tinha sido abastada. Mas ele, repentinamente, continuou numa voz alta e clara que não deixava dúvidas sobre sua sinceridade. — Aqui um homem pode erguer a sua cabeça e dizer: "Eu cumpri a minha parte!"

Ele parecia envergonhado de sua excitação, de sua mostra de sentimento e eu senti por ele uma estranha afeição. Castle não percebeu as modulações no discurso e irrompeu bruscamente.

— Mas habilidades superiores não poderiam ser controladas de modo que não levassem à tirania? E não seria possível convencer o trabalhador subalterno de que ele está simplesmente fazendo o tipo de trabalho para o qual ele é o mais adequado e que o rapaz inteligente está realmente trabalhando também?

--- Contanto que o rapaz inteligente esteja realmente trabalhando, respondeu Frazier, refazendo-se com esforço. — Ninguém se ressentiria do fato de nossos Planejadores e Administradores usarem colarinhos brancos, se eles o quisessem. Mas você está inteiramente certo: com objetivo cultural adequado, uma sociedade poderia funcionar tranqüilamente, mesmo se o trabalho físico não fosse distribuído igualmente. Seria mesmo possível, através de tal diretriz, manter uma pequena classe ociosa sem perigo sério. Uma sociedade bem organizada é tão eficiente e produtiva que uma pequena área inútil seria pouco importante. Um sistema de castas distinguindo entre cérebros e braços pode ser posto a funcionar, já que ao cérebro interessa tornar as coisas agradáveis aos braços.

— Então por que insistir no trabalho braçal universal? disse Castle impaciente.

— Simplesmente porque cérebro e braços nunca são exclusivos. Nenhum de nós é todo cérebro ou todo braços e precisamos ajustar nossas vidas de acordo com isso. Esquecer o elemento minoritário é fatal — tanto quando se trata os braços como se não houvesse cérebro e talvez mais rapidamente fatal ainda quando se trata o cérebro como se não houvesse braços... Uma ou duas horas de trabalho físico por dia são uma medida de saúde. O homem sempre viveu de seus músculos como demonstra seu físico. Não devemos permitir que nossos grandes músculos se atrofiem só porque descobrimos meios superiores de usar os menores. Ainda não ultrapassamos a idéia de homem puro. Perguntem a qualquer médico sobre os males ocupacionais das pessoas desocupadas. Em virtude de certos impedimentos culturais, possivelmente assinalados por Veblen, o médico nada pode prescrever senão golfe, ou um cavalo mecânico, ou ainda cortar lenha, mesmo que o paciente não tenha nenhuma necessidade real de madeira. O que, entretanto, o médico realmente gostaria de dizer, é: "Vá trabalhar!"

— Há, porém, uma razão melhor pela qual o cérebro não deve negligenciar os braços, continuou Frazier. — Hoje em dia é o fulano sagaz, aquele que usa os músculos pequenos, que se encontra na posição de governador. Em Walden II, ele faz planos, obtém materiais, descobre códigos, avalia tendências, conduz experimentos. Nesse tipo de trabalho, o administrador deve ficar de olho no dirigido, deve entender suas necessidades, deve experimentar o seu quinhão. É por isso que exigimos de nossos Planejadores, Administradores e Cientistas que obtenham alguns de seus créditos-trabalho em serviços subalternos. É a nossa garantia constitucional de que os problemas daqueles que usam os grandes músculos não serão esquecidos.

Ficamos em silêncio. Nossas imagens refletidas nas janelas confundiram-se com os últimos traços de luz no céu sulino. Finalmente Castle exclamou:

— Mas. .. quatro horas por dia! — disse. — Não posso levar isso a sério. Pense na luta para conseguir a semana de 40 horas! O que não dariam nossos industriais por seu segredo? Ou então nossos políticos! Sr. Frazier, somos todos forçados a admirar a vida que nos está mostrando, mas, de alguma forma, tenho a impressão que teria se o Sr. estivesse apresentando-nos uma linda garota flutuando

no ar. O Sr. até a envolveu com um arco-íris para ressaltar o seu feitiço. Agora, quando pretende revelar-nos como se faz o truque, ficamos sabendo que a moça é sustentada por um fio delgado. A explicação é tão pouco aceitável quanto a ilusão. Onde está sua prova?

— A prova de um fato realizado? Não seja absurdo! Mas talvez possa satisfazê-lo contando como sabíamos que isso podia ser realizado antes de tentarmos.

— Já seria algo, disse Castle secamente.

— Muito bem, então, disse Frazier. Tomemos uma semana-padrão de sete dias com oito horas diárias. (A semana de quarenta horas ainda não chegou a todos os ramos de vida. Muitos fazendeiros chamá-la-iam de férias.) Isso são quase 3 000 horas por ano. Era nosso plano reduzi-las para 1 500, mas como teríamos certeza de que poderíamos reduzir o horário pela metade? Uma resposta a isso o satisfará?

— Ficarei espantado, disse Castle.

— Muito bem, então, disse Frazier rapidamente, como se, de fato, tivesse sido incitado pela observação de Castle. Em primeiro lugar, temos o fato óbvio de que quatro é mais que metade de oito. O efeito de um dia de quatro horas será eventualmente enorme, desde que o restante do tempo do indivíduo não seja passado sob muita tensão. Tomemos uma estimativa moderada que leve em conta tarefas que não podem ser aceleradas e digamos que as nossas cinco horas equivalem a oito normais. Concorde?

— Eu seria obcecado controverso se não concordasse, — disse Castle. Mas ainda está muito longe de oito horas.

— Em segundo lugar, disse Frazier com um sorriso prometendo que oito seriam alcançadas no devido tempo, temos a motivação adicional provinda da situação de um homem trabalhar para si mesmo ao invés de para um patrão em busca de lucro. Trata-se de um verdadeiro "salário-incentivo" e o efeito é prodigioso. Evitam-se desperdícios, a mão-de-obra é melhor e jamais se ouviu falar de morosidade voluntária. Poderíamos dizer que quatro horas de alguém aqui valem seis das oito horas de outro indivíduo.

— E espero que você observe, disse eu, que as quatro horas não são mais difíceis que as seis. Vadiagem não torna o trabalho realmente mais fácil. O tédio é mais exaustivo que o tra-

balho pesado. Mas o que será com as outras duas horas restantes?

— Deixe-me lembrar-lhes que nem todos os americanos capacitados para o trabalho estão atualmente empregados, disse Frazier. Na verdade estamos comparando um dia de oito horas de alguns, com quatro horas de praticamente todos. Em Walden II não temos classe ociosa, velhice prematura, bêbados, exceto poucos doentes. Nós não temos desempregados devidos a mau planejamento. Ninguém é pago para sentar ociosamente, em consideração à manutenção dos padrões de trabalho. Nossas crianças trabalham desde muito jovens, moderada mas alegremente. O que diz disso, Sr. Castle? Posso acrescentar outra hora às minhas seis?

— Temo que lhe permitiria acrescentar mais que isso, disse Castle, rindo com surpreendente bom humor.

— Mas sejamos conservadores, disse Frazier obviamente satisfeito, e digamos que enquanto todo trabalhador em potencial trabalha quatro horas para si, nós temos o equivalente de talvez dois terços de todos os trabalhadores disponíveis, trabalhando sete das oito horas para outros. Agora, o que dizer a respeito dos que efetivamente trabalham? Eles estão trabalhando da forma mais produtiva? Foram cuidadosamente selecionados para o trabalho que estão fazendo? Estão fazendo o melhor uso das máquinas e métodos que poupam trabalho? Qual a percentagem de fazendas na América que são mecanizadas como a nossa? Os trabalhadores aceitam bem e desenvolvem planos e métodos para poupar trabalho? Quantos bons trabalhadores têm permissão de fazer modificações visando ao aumento do nível de produção? Que educação recebem os trabalhadores para se tornarem tão eficientes quanto possível?

— Não posso deixá-lo exigir muito crédito por um melhor uso de mão-de-obra, disse Castle, uma vez que você dá aos membros uma livre escolha de trabalho.

— Isto é uma extravagância, você tem razão, disse Frazier. Na outra geração, nós faremos melhor, nosso sistema educacional se preocupará com isso. Eu concordo. Não adicione nada pela perda devida ao mau uso dos talentos. — Ele ficou quieto por um momento, como se calculando se poderia permitir-se fazer essa concessão.

— Você ainda nos deve uma hora, lembrei.

— Eu sei, eu sei, disse ele. — Bom, quanto do mecanismo de distribuição nós eliminamos com a libertação de quantos homens? Quantas tarefas nós simplesmente eliminamos? Andamos pelas ruas da cidade. Com que frequência vocês encontraram pessoas realmente ocupadas? Eis um banco. E, mais adiante, uma companhia de empréstimos, e uma agência de publicidade, e, acima dali, o escritório de seguros e um outro.

Essa não era uma demonstração efetiva, mas Frazier parecia contente por apontar isso à custa de alguma dignidade pessoal.

— Nós passamos um bom tempo explicando o seguro para as nossas crianças. Seguro contra o quê? E lá há uma casa funerária... um crematório dispõe de nossas cinzas como achar mais adequado!

Ele abandonou esse assunto com um movimento de cabeça.

— E, aqui e ali, os sempre presentes bares e tavernas, igualmente sem uso. Bebida não é proibida em Walden II, mas nós desistimos, tão logo contentamos as necessidades que são responsáveis pelo hábito na sociedade em geral.

— Se me for permitido interromper esse pequeno discurso, disse eu, quais são essas necessidades?

— Bem, por que você bebe? disse Frazier.

— Eu não bebo muito, mas gosto de um coquetel antes do jantar. De fato, minha companhia não é grande coisa até eu ter tomado um.

— Ao contrário, eu a achei agradável, disse Frazier.

— É diferente aqui, disse eu caindo no seu laço.

Frazier e Castle riram ruidosamente.

— Claro que é diferente aqui! exclamou Frazier. Você necessita de um coquetel para compensar a fadiga e o tédio de uma sociedade mal dirigida. Aqui, não necessitamos de nenhum antídoto, nenhum ópio. Mas por que outra razão você bebe ou por que o fazem os outros? Eu sei que você não é um caso típico.

— Por quê? Para esquecer os problemas, gaguejei. — Claro que eu sei o que você vai dizer disto. Mas, continuando de outra forma: para diminuir a inibição. Você deve ter inibições, não? Talvez alguém mais possa me ajudar. — Virei-me indelicadamente para Bárbara, que se desviou.

Frazier regozijou-se silenciosamente por um momento e voltou novamente à carga.

— Deixem-me apontar os poucos trabalhos que nós não eliminamos, mas, certamente sem desperdício da mão-de-obra, disse ele. Os grandes departamentos de armazém, mercados de carne, farmácias, mercearias, salões de exposição, lojas de mobílias, casas de calçados, confeitarias, todos equipados com pessoas desnecessárias. Metade dos restaurantes podem ser fechados para sempre. E lá um bonito auditório e, mais adiante, um salão de cinema. E, acima, um salão de danças e uma pista de boliche. E, durante todo o tempo, ônibus e bondes zumbindo, trazendo pessoas de cá para lá, de um lugar desnecessário para outro.

Foi uma demonstração má, porém um argumento devastador.

— Tome a sua última hora e meus parabéns, disse Castle, quando viu que Frazier descansava de seu empenho. Eu deveria ter acreditado na sua palavra. Além do mais, como você diz, isso é um fato consumado.

— Você gostaria de me ver fazendo *dez* horas, disse Frazier. Ele riu puerilmente e todos nós rimos. — Eu não mencionei nossa economia mais dramática em mão-de-obra.

— Então, você tem ainda uma oportunidade de se afastar dos livros, disse eu. — Devo confessar que não estou tão convencido como o Sr. Castle. A maior parte do que você disse até agora é aproximadamente crítica-padrão de nosso sistema econômico. Você se aproximou bastante dos professores.

— Claro que sim. Até os professores sabem tudo isso. A economia de uma comunidade é uma brincadeira de criança.

— E quanto a essas duas horas extras? perguntei, decidindo ignorar a insinuação.

Frazier esperou um momento, olhando-nos um por um.

— *Cherchez la femme!*, disse ele por fim. E parou para gozar nosso embaraço. As mulheres! As mulheres! O que vocês supõem que elas têm feito todo esse tempo? Aí está a nossa maior realização. Nós industrializamos o trabalho doméstico (*housewifery*). Ele pronunciou novamente "huzzifry" (sem alegria) e eu então entendi o trocadilho.

— Algumas de nossas mulheres ainda estão ocupadas em atividades que seriam parte de seu trabalho como donas de casa, mas elas trabalham mais eficientemente e contentes. E, pelo menos, metade delas está disponível para outros trabalhos.

Frazier sentou-se de novo com evidente satisfação. Castle levantou-se.

— Estou preocupado, disse abruptamente. Você fez um dia de quatro horas parecer convincente, indicando uma grande parte da população não proveitosamente empregada. Mas muitas dessas pessoas não vivem tão bem quanto você. Nossa produção média atual pode necessitar de apenas quatro horas diárias por homem, mas isso não resolverá ou não será suficiente? Deve ser algo mais do que a média. Será melhor você excluir o meeiro produtivo. Ele não produz *nem consome*. Pobre diabo!

— É verdade, disse Frazier. Gozamos de um alto nível de vida, mas nossa riqueza pessoal é realmente pequena. Os bens que consumimos não representam muito em cruzeiros e tostões. Seguimos o princípio de Thoreau de evitar posses desnecessárias. Thoreau demonstrou que um trabalhador médio de Concord trabalhava dez ou quinze anos simplesmente para ter um teto sobre a cabeça. Nós poderíamos dizer dez semanas e estar do lado seguro. Há pouco ou nenhum estrago ou perda na distribuição ou armazenamento, e nenhum devido a necessidades mal calculadas. O mesmo se aplica para outros produtos. Não sentimos a pressão dos artifícios promocionais que estimulam o consumo desnecessário. Temos alguns automóveis e caminhões, mas em número muito inferior do que as centenas de carros de família e os muitos negócios que deveríamos possuir se não vivêssemos em comunidade. Nossa instalação de rádio é muito menos cara do que os trezentos ou quatrocentos receptores com que deveríamos, de outro modo, estar operando — mesmo se alguns de nós fossem meiros sem rádio. Não, Sr. Castle, nós lutamos por liberdade econômica nesse ponto. Planejamos um padrão de vida muito alto com um baixo consumo de bens. Consumimos menos do que o americano médio.

Já estava bastante escuro lá fora e muito tranquilo. Só se ouvia o canto rítmico dos sapos e pintinhos pelos respiradouros. O edifício estava silencioso. Mais ninguém tinha estado no passeio há algum tempo e muitas das luzes tinham sido apagadas. Ganhava-me uma sonolência agradável.

— Vocês sabem, naturalmente, disse Frazier com um olhar desdenhoso — que este é, de muito, o aspecto menos interessante de Walden II. Ele parecia ter sido assaltado por um temor repen-

tino de que estivéssemos aborrecidos. — E o menos importante, absolutamente o menos importante. Como viemos parar nele?

— Você confessou que seria pago para falar conosco, disse eu. E muito mal pago, devo acrescentar. Eu não conheço a correspondência em cruzeiros e centavos de um crédito-trabalho, mas é uma medida muito inadequada para uma noite agradável.

Os demais murmuraram uma aquiescência e Frazier sorriu com um prazer óbvio.

— Enquanto vocês estão neste estado de espírito, disse ele, eu deveria dizer que vocês também terão permissão para contribuir com créditos-trabalho enquanto estiverem aqui. Pedimos apenas dois diários, já que não têm interesse legal na comunidade ou estão se vestindo às suas custas.

— Bastante inteligente, disse eu, mas um tanto pego de surpresa.

— Não invejamos a comida que vocês comem ou o espaço que vocês ocupam, nem tememos o efeito da ociosidade sobre a moral de nossos membros. Pedimo-lhes que trabalhem, porque sentir-nos-íamos pouco hospitaleiros se não o fizéssemos. Sejam francos agora. Pouco importa o quão calorosamente os recebêssemos, vocês não sentiriam logo que deveriam ir embora? Mas um par de horas diárias pagará plenamente os serviços rendidos pela comunidade e ainda, incidentalmente, far-lhes-á muito bem e vocês podem ficar o tempo que desejarem, sem medo de parasitar. E porque recebo um crédito em cada dia em que me comporto como guia, vocês não precisam sentir que estão se impondo a mim.

— O que serve para evitar que algum visitante, digamos, um escritor, trabalhe suas duas horas e fique para valer? perguntei. Ele acharia tempo bastante para sua arte e poderia comprar seu próprio futuro sem ser um membro.

— Não temos objeções, mas pediríamos que a metade do dinheiro ganho durante sua estada fosse devolvido a Walden II.

— Ai! Ai! chorou Castle. Então, seria possível a um membro acumular uma fortuna privada, escrevendo livros, digamos, em seu tempo livre.

— Para que? disse Frazier. Parecia surpresa autêntica, mas seu tom mudou imediatamente. — Como acontece, não seria possível. *Todo* o dinheiro ganho pelos membros pertence à comuni-

dade. Parte do nosso câmbio externo vem de empresas privadas desse tipo.

— Um tanto injusto para os membros, comparados aos visitantes, não é? disse Castle.

— O que há de injusto a respeito? Para que o membro quer o dinheiro? Lembre-se, o visitante não recebe serviços médicos, roupas ou seguro contra a velhice ou doenças.

Frazier tinha se erguido enquanto falava e todos seguimos o seu exemplo prontamente. Estava claro que tínhamos tido o suficiente para um dia.

— Eu não estaria agindo dentro dos interesses da comunidade — disse Frazier — se os mantivesse fora de suas camas por mais tempo. Amanhã de manhã, esperamos de vocês um dia pleno de trabalho. Conhecem o caminho para seus quartos?

Combinamos encontrar-nos às dez horas do dia seguinte. E então partimos. Castle e eu tomamos o caminho silencioso e ligeiramente iluminado do Passeio. De repente, descobrimos que estávamos sozinhos. Nossos companheiros, por razões melhor conhecidas por eles mesmos, haviam-se virado e ido para fora.

— Eu me pergunto o que renderão duas horas deles amanhã, disse Castle. Inimigos do povo, suponho que você os chamaria assim.

Levantei-me na manhã seguinte com a sensação de ignorância total da hora, típica de mudança de ambiente e hábitos. A cortina estava fechada e uma luz irreal se espalhava pelo quarto, podendo significar tanto crepúsculo quanto alvorecer. No corredor e do lado de fora havia completa calma, de modo que se podia ouvir as ovelhas com nitidez suficiente para adivinhar que já haviam sido levadas para o outro lado do riacho. Finalmente, a incerteza me forçou a descer do beliche. Fiquei surpreendido por encontrar meu relógio nas minhas calças, pois me havia acostumado a deixá-lo sempre no mesmo lugar durante a noite. Estava andando, contudo, e marcava oito e meia. Castle dormia.

Vesti-me e atravessei o corredor com meu aparelho de barbear e minha escova de dentes. Dez minutos mais tarde, bati suavemente para ver se Rodge e Steve já estavam acordados. Porém enganei-me de quarto. Mary abriu a porta e pude ver Bárbara, de relance, dormindo na parte inferior do beliche, como o rosto coberto por uma mecha de cabelo loiro.

Mary saiu para o corredor e fechou a porta atrás de si. Já estava vestida e havia uma espécie de claridade límpida em torno dela.

— Ela ainda não se levantou, disse suavemente.

— Nem tampouco meu companheiro, disse apontando minha porta. Rimo-nos em silêncio, como conspiradores. E os rapazes?

Mary encolheu os ombros. — Já deviam ter se levantado, disse. Steve foi cedo para a cama.

— Muito bem, ironizei.

— Oh, eu não quis dizer isso, disse ela tranqüilamente e sorrindo. Steve e eu estamos juntos há muito tempo.

— Vamos ver se eles já estão de pé, sugeri. Bati levemente na porta e nos olhamos com interrogação enquanto escutávamos. Não houve resposta.

— Vamos matar o tempo e tomar o café juntos, disse eu. Apenas nós dois.

— Mary assentiu sem demora. Parecia um tanto surpresa, mas satisfeita. Subimos as escadas e saímos pelo Passeio, que estava deserto como a maioria das salas comuns. Vimos alguém trabalhando empenhadamente numa escrivaninha e três mulheres espanando e conversando alegremente, mas isso era tudo. Havia um delicioso ar matinal no ambiente.

— Sinto-me excelente, disse eu inspirando profundamente.

— Eu também, disse ela. Estava tudo tão *tranqüilo* ontem à noite.

— Para dizer a verdade, não posso dizer-lhe se dormi ou não, disse eu. Devo ter dormido, é claro, já que eram dez da noite e agora são oito e quarenta e cinco.

Isso era muito forçado e acadêmico para Mary, mas, após um momento ela pareceu apreciá-lo. A observação a tinha chocado provavelmente pois era ininteligível, e ela estava apreciando a descoberta de que era tola. A sala de jantar não estava tão vazia quanto o Passeio. Pegamos bandejas e ficamos de pé junto à mesa de metal, esperando que nos servissem. Logo alguém tocou-me no braço. Era um jovem ativo apossando-se de um guardanapo e que parecia esforçar-se para conter o riso.

— Sirvam-se vocês mesmos, disse ele cordialmente, indicando as travessas cobertas. Ele retirou-se para uma mesa próxima da porta da taverna inglesa, ainda sorrindo para si mesmo. Nós nos servimos de ovos mexidos e bacon, e de um cereal cozido de grãos mistos — um produto especial de Walden II, que se re-

velou delicioso. Pequenos copos de cidra doce condimentada ou suco de frutas ficavam numa mesa próxima. Achamos um lugar sob a luz do céu em uma das salas modernas. Então, eu percebi que tínhamos esquecido o café.

— Creme e açúcar? disse eu dirigindo-me para a porta. Mary levantou-se.

— Vou com você, disse ela. Comecei a protestar, e ela acrescentou: Bárbara disse que aqui ninguém serve uma mulher. Eu retruquei.

— Mas não a estava tratando como a uma mulher, disse eu. Eu poderia pegar duas xícaras esta manhã, você podia pegar duas esta tarde, e assim por diante. Pense nisso como uma peça de engenharia humana! Estou certo de que o Sr. Frazier aprová-lo-ia. Gostaria de saber quantas horas-homem por ano economizaríamos?

— Mas nós não vamos comer juntos por um ano! disse Mary com surpresa, mas deliciada.

— Que pena! Então todas essas horas serão desperdiçadas.

— E de qualquer modo, disse Mary com crescente animação, não demoraríamos tanto para aprender a nos servir do café junto com o resto.

— É verdade, é verdade, disse eu franzindo as sobrancelhas. Como sou estúpido!

— Bobo! disse, estendendo-me uma xícara.

Eu estava bastante satisfeito comigo mesmo. No curto intervalo de cinco ou dez minutos, eu havia superado a persistente barreira entre mim e esta atraente jovem. Seu temor respeitoso pelo professor havia desaparecido. Não que agora fôssemos falar a mesma linguagem — Deus proíbe que alguém mais fale a espúria língua acadêmica à qual eu estava condenado — mas não estávamos mais em níveis pessoais diferentes. Queria consolidar meu êxito, para ampliar nosso campo comum. Ela mencionara Bárbara e eu presumia que esse era um assunto no qual veríamos as coisas com o mesmo olhar. Estava curioso quanto ao tipo de relação que pudesse existir entre elas.

— De modo que Bárbara é uma "lai-dy", disse eu enquanto levávamos o café para a mesa.

— Ela é muito simpática, disse Mary. E é linda, não é? Nunca conheci ninguém como ela.

— Você gosta dela?

Ela assentiu energicamente. — Gosto muito dela.

— Rodge parece estar muito apaixonado por ela, disse eu.

— Ele está.

Senti que esta não era toda a história.

— Quando eles vão se casar? disse eu.

— Não sei.

Evidentemente, as coisas não corriam bem com Rodge e Bárbara; perguntei-me se Walden II tinha algo a ver com isso. Eu estava predisposto a um pouco de fofoca à antiga, mas Mary obviamente não estava, e eu não podia arriscar a atmosfera agradável do nosso café da manhã, pressionando-a mais.

— Gostaria de saber o que nós todos vamos fazer esta manhã, — disse eu. — Para obter os nossos créditos de trabalho, quero dizer.

— Pergunto-me quanto tempo ocupar-nos-á. Steve já deveria estar de pé.

— Oh, imagino que haverá tempo de sobra. Dois créditos, Frazier disse. Todos nós faremos algo tremendamente servil e acabaremos em dez minutos.

— Não creio que gostaria de fazer algo tão pesado, disse Mary seriamente.

— Alguma coisa sobre um ponto zero, zero ... como poderia ser?

Mas Mary estava meramente aturdida e senti que a atmosfera se tornava nebulosa. Felizmente, a situação não piorou. Através da porta da sala de serviço, vimos Rodge e Steve dirigindo-se, com suas bandejas, à mesa de comidas. Mary não pôde deixar de juntar-se a eles. Ela os instruiu para se servirem por conta própria, e pôs copos de cidra em suas bandejas. Mudei o que restou de nosso café para uma mesa maior, e logo estávamos conversando alegremente. A surpreendente animação de Mary ao falar com Steve quase tirou o peso do meu imaginado triunfo.

Ficamos sabendo que Steve e Rodge haviam acordado cedo e não estavam no seu quarto quando batemos. Eles haviam caminhado até a ravina e voltaram pelo caminho do lado maior do açude. Bárbara e Castle, disseram-nos, estavam despertos e viriam logo.

Castle foi o primeiro a aparecer, movendo-se animadamente através da sala de serviço com seu peculiar passo saltitante. Saudou-nos do depósito de café e logo chegou à nossa mesa, batendo os calcanhares e rindo de uma orelha à outra. Arranjamos-lhe um lugar e paramos de conversar para vê-lo devorar seu café da manhã.

Rodge deixara a mesa quando Castle chegou, e logo nós o descobrimos na sala de serviço ajudando Bárbara com sua bandeja. Vinha logo atrás de Bárbara quando ela se juntou a nós. "Ela nos saudou com seu mais macio "Bom dia" e agradeceu a Rodge um tanto quanto formalmente quando ele pôs a sua bandeja na mesa e trouxe-lhe uma cadeira.

Havia uma notável falta de espontaneidade na conversa que se seguiu. Bárbara predominou todo o tempo e foi ela quem saudou Frazier por todo o grupo quando ele finalmente apareceu.

Quando surgiu o tema dos créditos de trabalho do dia, Bárbara exclamou dramaticamente: — Somos seus escravos, mestre. Faça conosco o que desejar. Frazier olhou-a com surpresa, mas ela o fez abaixar os olhos.

Depois do desjejum apresentamo-nos à Mesa de Trabalho em uma das salas comuns.

— O que você tem para oferecer a meus amigos? disse Frazier à jovem no cargo.

Esta consultou um pequeno fichário, numa gaveta da escrivaninha.

— Eles ficarão até ao meio-dia de segunda-feira, certo? Cinco dias — dez créditos. Posso dar-lhes trabalho à razão de 1,2 que não requer nenhuma experiência específica. Poderão trabalhar todos juntos, a não ser que você ache melhor separá-los.

— Não, eles verão o resto da comunidade no período de lazer. O que você tem em mente?

— O Zelador pediu para retirarem e lavarem as janelas de vidro duplo de toda a parte sul. Isso significa desparafusar o vidro interior, lavar ambas as faces cuidadosamente, substituir os feltros absorventes e recolocar o vidro. Se os seus amigos se organizarem como um time, deverão fazer bom progresso. Duas horas cada dia, por três dias lhes dariam o domingo livre.

Frazier voltou-se para nós. — Que lhes parece um pouco de limpeza de janelas? — perguntou. Murmuramos uma aprovação. — Muito bem, então. Registre-os para isto. Se você chamar o Zelador, eu os terei equipados.

Sáímos, temo que nos sentindo um pouco como um grupo de prisioneiros. Castle, em particular, entrou na linha com exagerada obediência como se alguém pudesse questionar sua boa vontade; e quando viramos para o Passeio, ele fez meia volta nitidamente em estilo militar.

No extremo mais afastado do Passeio, entramos no que pareceu ser uma pequena loja de roupas. O encarregado deu-nos macacões aproximadamente de acordo com o tamanho e as garotas receberam lenços para os cabelos. Voltamos para nossos quartos para nos vestir e, já que o dia estava quente, achamos conveniente tirar algumas de nossas roupas. Poucos minutos depois, apresentamo-nos ao Zelador que se revelou ser um homem * para instruções e equipamento. Separamo-nos então de Frazier, depois de marcarmos um encontro para o almoço.

Deveríamos lavar todas as janelas do sul do edifício principal, começando pela extremidade oeste. Numa tentativa de entrar no espírito de "industrialização do serviço de dona de casa", organizamo-nos da seguinte maneira: Rodge e Steve, como eram os mais ágeis, ficaram de remover as janelas e mantê-las de pé contra as paredes sobre pequenos encerados; Castle e eu ficamos de limpá-las com esponja e flanela, bem como as janelas exteriores, que ficavam no lugar; Bárbara e Mary deveriam poli-las com "spray" e panos especiais; Rodge e Steve, ou talvez Castle e eu, dependendo do tempo que nos sobrasse, deveríamos substituir os feltros absorventes que evitavam embaçamento e recolocar as janelas.

Lançamo-nos ao trabalho. A Rodge tinha sido dada uma chave de fenda que era operada como uma manivela e as janelas foram retiradas rapidamente. Steve e ele trabalhavam com bela coordenação. Fiquei impressionado pela precisão com que cada um antecipava os movimentos ou necessidades do outro, aparentemente sem sinais de qualquer espécie. O caso era diferente com o resto de nós. Castle surpreendeu-me como alguém especialmente divertido. O encarregado do armazém de roupas julgara mal seu tamanho pelo rosto um tanto quanto gordo e seu macacão balançava à sua vol-

(*) = Housekeeper.

ta como se ele estivesse parcialmente murcho. Ele trabalhava com seriedade mortal. Quando saiu a primeira janela, ele se arremeteu para ajudar a carregá-la para a parede próxima, mas conseguiu apenas agarrá-la de um tal modo que foi obrigado a andar de costas com passos rápidos, curtos, como se tivesse se tornado coxo. Então, caiu com esponja e balde e inundou o encerado de sorte que foi necessário remover a janela e limpar o chão. Contudo estabelecemos logo uma rotina satisfatória e o trabalho prosseguiu rapidamente. Mary, como era de se esperar, sentia-se tão à vontade quanto Rodge e Steve. Ela se movimentava rápida e eficientemente, ao mesmo tempo com uma facilidade tão natural que dava prazer observar. Bárbara conseguira de algum modo arrumar o lenço numa forma muito adequada de turbante, mas ela parecia surpreendentemente desajeitada com o vidro de "spray" e com o pano de polir. Ela parecia também pouco à vontade e se refugiou numa série de gracejos embarçosamente mal sucedidos.

Rodge e Steve logo passaram para a sala seguinte e nós nos perdemos de vista até o meio-dia. Castle e eu também conseguimos avançar uma ou duas salas à frente das garotas. Nessa hora do dia, os salões e as salas de leitura não eram intensamente visitados. Algum visitante ocasional ajustava-se às nossas operações com bom humor invariável e, geralmente, com algum comentário amigável.

Às doze horas, vieram Rodge e Steve dizendo que haviam terminado de retirar os vidros e começariam a recolocá-los pelo ponto de partida. Castle e eu também conseguimos terminar nosso trabalho e retrocedemos para dar uma ajudazinha às garotas. Rodge e Steve juntaram-se a nós exatamente quando estávamos terminando e felicitamo-nos mutuamente por nosso inteligente planejamento, apertando-nos todos as mãos.

Voltamos aos nossos quartos para nos trocarmos. O rosto de Castle estava vermelho e ele respirava profundamente. Deixou-se cair numa poltrona.

— Ufa! disse ele suavemente.

— Mas afinal, disse eu, é melhor do que pôr notas nas cader-netas escolares.

— Ou corrigir trabalhos dos alunos, — concordou, dando um pontapé em sua maleta que estava encostada na parede. — Contudo pareço estar em melhores condições para o trabalho intelectual.

— O segredo do nosso sucesso econômico, disse Frazier enquanto almoçávamos, — é este: livramo-nos das cabras e do tear.

— Pareceu-me ter visto algumas cabras lá embaixo, na ravina, disse eu.

— Viu mesmo, disse Frazier franzindo rapidamente as sobrancelhas. E verá teares também, porém mecânicos.

— Confio que as cabras sejam das manuais, que devoram ervas, disse Castle. A cor de seu rosto havia diminuído de intensidade e seu humor estava excelente.

Frazier juntou-se à nossa risada, mas foi o primeiro a deixar de rir.

— O que pretendia dizer, disse ele, antes que minha metáfora fosse infelizmente tão mal entendida, é que nos livramos da tentação de voltar aos modos primitivos de cultivo e indústria. As comunidades são, em geral, mais ricas em mão-de-obra do que em matéria-prima ou capital, e isto tem levado freqüentemente à crença fatal de que haveria mão-de-obra suficiente para desperdiçar.

— Pensei que esse fosse o caso, disse eu.

— Nunca há *trabalho* para desperdiçar, porque deve ser mantido num nível mínimo por razões psicológicas. Mas a melhor ma-

neira de explicar a cabra e o tear — se essa expressão não for mal entendida pelos nossos professores — é que as utopias, geralmente, surgem da rejeição da vida moderna. Contudo, nosso ponto de vista aqui não é atávico. Olhamos para o futuro, não para o passado, para uma versão melhor.

Não fizeram algo assim como voltar ao trabalho do campo? disse Rodge.

— Todos nós temos que voltar ao trabalho do campo para nos alimentar e vestir, ou alguém volta por nós. Não regredimos no curso do progresso técnico. Ninguém está mais interessado em economizar trabalho do que nós. Nenhum industrial tem se esforçado tanto para livrar-se de um trabalhador desnecessário. A diferença é que nós nos livramos do trabalho, não do trabalhador.

— Mas, afinal de contas, o que há de errado com um pouco de trabalho pesado? disse eu. Por que vocês estão tão preocupados em eliminá-lo?

— Não há nada de errado com o trabalho pesado, e não estamos preocupados em evitá-lo. Simplesmente, livramo-nos do trabalho desinteressante e não criativo. Se pudéssemos satisfazer nossas necessidades sem nenhum trabalho desse tipo, fá-lo-íamos, sem dúvida, porém isso nunca foi possível, a não ser por alguma forma de escravidão, e não sei como poderia ser feito, se todos temos que trabalhar e partilhar igualmente. O que exigimos é o que o trabalho de um homem não comprometa sua vitalidade ou ameace sua felicidade. Nossas energias podem, então, voltar-se para a arte, ciência, jogos, o exercício de habilidades, satisfação de curiosidades, a conquista da natureza, a conquista do homem — a conquista de si mesmo, mas nunca a de outros homens. Criamos o lazer sem escravidão, uma sociedade que nunca explora e nem faz a guerra. Mas não podemos parar aqui. Devemos viver de acordo com nossas responsabilidades. Podemos construir outra Idade de Ouro?

Frazier agitou-se como se o assunto lhe fosse fisicamente penoso.

— Vamos adiante, disse ele rapidamente. Temos questões mais urgentes para responder.

Levou-nos através da cozinha até um quarto sem janelas e que deve ter sido escavado sob a colina. Era uma espécie de despensa gigante que tinha um estoque de frutas e vegetais frescos para um ano. Muitos deles eram preparados de modos especiais para arma-

zenagem. Por exemplo, espigas de milho verde eram "ordenhadas" de maneira a retirar as partes nutritivas enquanto as cascas ficavam no sabugo.

— O produto é delicioso, disse Frazier. Vocês devem experimentar nosso suflê de milho. Uma especialidade da casa. O administrador encarregado da armazenagem de alimento, explicou Frazier, poderia comandar um batalhão de auxiliares habilitados para preparar frutas e vegetais na época devida. Essa mão-de-obra adaptável pode também ser utilizada para outros fins. Um agente da comunidade, mantido em contato com os agricultores do município frequentemente encontra algum com uma safra que não é capaz de colher. Então, a comunidade faz um trato para a colheita em partes. Desta forma, ambos obtemos benefícios consideráveis, já que o agricultor perderia sua colheita.

Enviamos três ou quatro caminhões de trabalhadores pela manhã bem cedo, — disse Frazier, — que voltam ao meio dia com provisões para um ano, de cerejas, morangos ou tomates. À noite, toda a colheita estará preparada e congelada, a um custo muito reduzido.

— Parece uma praga de gafanhotos, disse Castle. — Você favorece esse vandalismo, suponho, ao provar que quatro horas por dia bastam?

Frazier não reconheceu a indireta ou não quis responder. Ao invés disso, instou-nos a passar por um pequeno moinho de milho até uma porta traseira do edifício onde encontramos dois homens descarregando latões de leite de um caminhão.

— Num momento, iremos à Leiteria no caminhão, disse Frazier, e aproveitaremos para começar dali nossa visita à fazenda. Eu esperava que a Sra. Meyerson viesse conosco. Olhou ao seu redor como que dramatizando desesperadamente a expectativa.

Subimos à carroceria do caminhão e seguramo-nos enquanto balançávamos pela estrada sem asfalto que conduzia à cozinha e aos armazéns. A leiteria era a unidade mais moderna da fazenda de Walden II. As vacas, a exemplo dos carneiros de Castle, eram do tipo comum de aparadoras de grama, mas não eram operadas manualmente. Manteiga, queijo e outros produtos eram fabricados numa pequena leiteria nos arredores e uma gruta na Colina de Pedra era usada para alguns experimentos no preparo de queijos especiais. Encontramos o Administrador encarregado dessa parte da fa-

zenda. Frazier deixou-o conduzir a visita e a diferença foi surpreendente. O relato de Frazier havia sido altamente seletivo. Preferia falar sobre a sua querida engenharia comportamental ou sobre o triunfo do homem sobre a natureza — geralmente, seus triunfos mais triviais, no caso. O administrador não estava familiarizado com princípios gerais. Lidava com vacas, leite, forragem e estrume. Para ele, um batedor de leite não poupava trabalho ou tempo; extraía creme do leite. As vacas não eram parte do ciclo "do-capim-à-vaca-para-o-homem-ao-capim"; o que havia era Holsteins e Guernseys, comprovadamente saudáveis, dando muitos quilos de manteiga por ano. Era saudável ter alguns fatos concretos e surpreendemo-nos tão encantados como se estivéssemos ouvindo um relato em primeira mão do Leite do Paraíso.

Compreendi subitamente que Frazier, num sentido literal, raramente sabia do que estava falando. Não saberia fazer um suflê de milho ou limpar um lago, provavelmente não sabia quando as ervilhas estavam no ponto para serem colhidas ou como deviam ser armazenadas e eu duvidei que ele soubesse distinguir o trigo da cevada. Em todas as artes domésticas e rurais que amava tanto, ele não passava de um mero amador. Eu pensei em Emerson, na fazenda Brook, cultivando solo pelo prazer de fazê-lo e senti uma súbita inquietação quanto à possibilidade de Walden II ter alguma falha fatal. Mas o vigor profissional deste jovem especialista era confortador. Enquanto Frazier sonhasse com a estrutura econômica e o objetivo cultural, ele tiraria o leite.

Frazier percebeu que o Administrador da leiteria tinha, de algum modo, roubado o nosso interesse e, quando atravessamos a estrada em direção ao armazém de troca, tentou recobrar o seu prestígio. Explicou que os Administradores tinham sido associados a uma cooperativa de fazendeiros que estava a ponto de falir, quando Walden II surgiu para salvá-los. Pareceu perceber que esta manobra era demasiado óbvia e rapidamente passou para outro assunto. Apontou para um pequeno edifício.

— Um sucesso real de engenharia social, — anunciou, possivelmente com um toque de ironia mas também com satisfação por se encontrar num terreno familiar e favorável. — É impossível trabalhar com gado ou uma leiteria, ou porcos, ou aves, sem eliminar odores indesejáveis. A limpeza normal não é suficiente. Nossos fazendeiros

começaram a sofrer um certo ostracismo e os valores de crédito do trabalho na fazenda começaram a aumentar também. Então, consideramos o problema seriamente. Encolheu os ombros como se já o tivesse resolvido.

— Este edifício, disse ele, está dividido em três partes. Quando os fazendeiros chegam para trabalhar, eles se despem no primeiro quarto; a seguir vão para o terceiro quarto e vestem-se para o trabalho. Na volta, eles tiram suas roupas de trabalho, tomam um banho no quarto do meio e vestem suas roupas normais.

Castle começou a cantar baixinho:

"Aonde vais, minha linda donzela?"

"Vou ao chuveiro, disse ela."

— Eu explicaria, disse Frazier apressadamente, que há dois conjuntos de quartos, um para cada sexo.

Caminhamos pela margem do estacionamento e Frazier apontou a granja e, mais ao sul, o chiqueiro. Viramos em direção às oficinas e Frazier iniciou uma discussão sobre a economia. A comunidade não era, é claro, completamente auto-suficiente. Necessitava de alguns materiais e equipamento e tinha de comprar energia e pagar impostos. Portanto, teve de criar "comércio exterior". No momento, isso era aparentemente insatisfatório. A comunidade ainda não tinha feito o melhor uso de seu potencial de força de trabalho, mas muitas pequenas indústrias já tinham sido estabelecidas e outras estavam sendo preparadas. A comunidade estava sustentando-se, mas Frazier sentia que isso poderia ser feito de maneira mais eficiente.

Percebi que Frazier ocasionalmente olhava em direção ao prédio principal. Assim que chegamos na estrada em frente às oficinas, sentou na grama e convidou-nos a fazer o mesmo.

— A Sra. Meyerson acabou de sair do Corredor — anunciou. Eu me virei para confirmar isso, mas os pinheiros obstruíram minha visão. Surpreendi Frazier me olhando e ele desviou os olhos com um sorriso contido.

— Ela estará aqui em dez minutos — continuou ele — e acho melhor esperarmos.

Agrupamo-nos em torno dele enquanto resumia a análise da economia da comunidade. Parecia estar se forçando a parecer interessado. Fixou a grama com um olhar perdido e repetia uma frase

estereotipada após outra, numa voz surda. De repente, num gesto de impaciência, levantou uma das mãos e exclamou:

— Mas isso é idiotice! Aqui absolutamente não há problema! Ninguém pode duvidar seriamente" de que uma comunidade bem administrada venha a ser bem sucedida como unidade econômica. Até uma criança poderia provar isso. Os problemas reais são psicológicos. Eu, realmente, não deveria falar sobre esses detalhes. Eles nos enganam.

Tínhamos andado um bom pedaço no pátio de estacionamento e Frazier pegou um graveto e começou a limpar os sapatos em silêncio. Logo a Sra. Meyerson emergiu da linha dos pinheiros, andando com um passo gracioso ainda que rápido e um tanto militar. Frazier pulou e deu alguns passos ao seu encontro. Ela estendeu a mão esquerda e deu a direita às duas meninas.

— Sinto muitíssimo. Espero que vocês não tenham esperado muito tempo — disse ela. Virou-se para Frazier e acrescentou: — Bach foi mal, e Fergy nos deteve muito tempo.

Atravessamos a estrada e entramos na primeira de uma série de construções. Um único quarto grande continha teares de vários tamanhos, mesas de trabalho com superfícies muito polidas e estantes com peças de tecidos de lã e outros materiais. Para surpresa evidente de Frazier, o quarto estava deserto.

— Eu suponho que o dia esteja lindo demais para este tipo de trabalho — disse ele. — Há muita coisa a ser feita ao ar livre nesta época do ano. Com tempo ruim, vocês acharão este lugar cheio de vida. Nós fazemos toda a nossa lã e algum excedente. Nossos carneiros, lembram? São movidos a eletricidade. — Ele se conteve. — Eu acredito que já tenha dito, acrescentou sem sorrir. — Nós não podemos anunciar nosso tecido como feito à mão, mas os teares são atentamente cuidados por hábeis tecelões, e o produto é igualmente bom.

Paramos na frente de uma máquina de cardar que continha uma lã marrom avermelhado.

— Vocês viram o nosso rebanho de carneiros marrons na colina? — perguntou Frazier. — É uma novidade. Nós conseguimos algumas lindas misturas de cores sem o emprego de...

A Sra. Meyerson interrompeu falando às meninas e, sem uma palavra a Frazier, levou-as para outro prédio. Frazier olhou-as em

silêncio e não retornou à sua frase. Fomos através de uma passagem até uma grande marcenaria. Dois homens estavam aplicando ganchos numa peça de madeira em conserto mas, fora disso, a sala estava deserta.

— É o tipo de dia no qual se gosta de trabalhar ao ar livre — disse Frazier, pouco à vontade.

Um terceiro edifício aproximadamente das mesmas dimensões era uma serralheria e casa de máquinas e um quarto edifício continha muitas divisões pequenas dispostas de ambos os lados de um corredor central. Alguns desses eram laboratórios experimentais.

Sáímos para a ampla área que estava cercada pelos edifícios nos quais havíamos passado. Ouvimos o lamento periódico de uma plaina mecânica vindo da serralha. Havia um rolo compressor mecânico ao lado de um grande barracão em meio a montes de terra de várias cores e formas prontas secavam sobre prateleiras. Havia muitos homens e mulheres trabalhando e comentei que a maioria era surpreendentemente jovem.

— Estamos acrescentando vários quartos a um dos corredores particulares — disse Frazier. — Esses jovens irão ocupá-los. Há uma certa satisfação em construir a própria moradia. Uma espécie de instinto de ninho. Tornou-se parte do processo amoroso em Walden II. Muitas pessoas experientes supervisionam o trabalho, é claro.

— Espero que não seja todo o processo amoroso — resmungou Castle. Atravessamos a área em direção à loja de roupa. Entrando, vimos um grupo de homens e mulheres rodeando Mary que estava demonstrando algum tipo de ponto de costura numa tela de bordado.

— É algo que a avó de Mary ensinou — explicou Bárbara a Rodge. — É fascinante!

Steve abriu caminho em direção a Mary e olhou para a tela. Murmurou:

— Ah, sim.

Era evidente, pela reação geral, que a contribuição de Mary era apreciada e eu me senti um tanto orgulhoso dela. Mas quando o grupo se dispersou, percebi que ninguém agradeceu ou expressou gratidão de qualquer outra forma. Isso, descobri mais tarde, estava de acordo com o código de Walden II. O que me levou a reexa-

minar o incidente foi que Mary claramente não esperava mais nada. Estava calmamente satisfeita, e, provavelmente, um pouco orgulhosa de si mesma quando pegou o braço de Steve e cochichou algo a seu ouvido, mas estou certo de que qualquer outra demonstração fá-la-ia muito infeliz.

Eram quase cinco horas e andamos para um bosque de pinheiros e era evidente que estávamos todos um pouco cansados. Frazier sugeriu que esperássemos até que um caminhão nos levasse ao edifício principal. Instalamo-nos confortavelmente num banco de grama ao lado da estrada. Eu estava agradavelmente sonolento e feliz em descobrir que nenhum outro aspecto de Walden II seria discutido em seguida.

— Então, o Bach foi mal, Rachel? — ouvi Frazier dizendo.

— Só no começo. Valeria a pena ouvir.

— Às oito horas?

— Sim. Durante cerca de uma hora.

— Como você acha que faremos com o jantar?

— Por que não jantar tarde, e vir diretamente para o teatro? Você almoçou tarde.

— Você irá conosco?

— Acho que não. Terei um chá importante com Fergy e os McIntyres, e esperarei para comer algo depois do concerto.

Continuaram falando, mas eu estava entorpecido de cansaço. Mais tarde, ouvi o ruído monótono de um caminhão que se aproximava e Frazier se levantou para ir ao seu encontro. Estava muito carregado, mas encontramos espaço, com Steve e Rodge de pé nos estribos. Descemos próximo a nossos alojamentos e combinamos encontrar-nos no refeitório aproximadamente às sete.

Rodge, Steve e as garotas entraram imediatamente. Voltei-me para a Sra. Meyerson.

— Era sobre um coral de Bach que vocês estavam falando?

— Sim, disse ela, satisfeita e um pouco surpresa. Estamos ensaiando alguns corais da *Missa em Si Menor*.

— Maravilhoso! disse eu. Por algumas razões nunca tive a oportunidade de ouvi-la.

Comecei a mencionar os corais de Bach com que estava familiarizado, mas, nesse momento, Frazier disse a Castle: Bem, o que você acha agora da Formosa Dama?

A Sra. Meyerson perdeu o interesse pela minha história musical e voltou-se ligeiramente em direção a Frazier.

— Está satisfeito por ela não estar realmente flutuando no ar? continuou Frazier.

Continuei meu relato, embora soubesse que minha interlocutora já não me ouvia.

— Acho que a preferia como ilusão, disse Castle, mas foi interessante ver o que havia dentro.

— De que diabos estão falando? disse a Sra. Meyerson, interrompendo-me com visível excitação.

— Eu também prefiro a ilusão, se você prefere chamá-la assim, continuou Frazier. É agradável flutuar no vazio. Há em nós o suficiente de "enfant terrible" para desejar violar o inviolável. Confesso que me agrada pensar na Formosa Dama como uma ilusão. Mas é de carne e osso, quilo por quilo e realmente obedecemos a todas as leis.

— Frazee! disse a Sra. Meyerson, levantando sua voz com um tom muito agudo. Que diabo está dizendo?

— Simplesmente que não estamos mais livres das leis econômicas do que a encantadora assistente de um mágico da lei da gravidade. Mas gostamos de parecer livres. O lazer é nossa levitação.

— Oh! não o entendo, disse a Sra. Meyerson com um sorriso musical.

Ela começou a se afastar. Vem, Frazee?

Dissemos até logo. Frazier e a Sra. Meyerson se afastaram rapidamente através do gramado em direção à Escada, falando e rindo abertamente.

— A propósito, — disse a Castle, quando entramos, — acha que o nome da Formosa Dama é Rachel.

Foi uma falsa sagacidade. Não tinha nenhuma idéia precisa do que eu queria dizer.

No corredor próximo ao refeitório, havia um quadro com avisos dispostos como programas radiofônicos em jornais. Na margem esquerda, estavam impressas as horas do dia e, na margem horizontal superior, os nomes de dependências de Walden II, tais como "Teatro", "Estúdio Três", "Gramado", "Sala de Música", "Entrada Oeste", "Sala Inglesa" e "Sala Amarela de Jogos". Avisos de reuniões, festas, concertos, competições esportivas etc, eram pregados com clips em seus locais apropriados. Alguns dos quais me lembro, não totalmente compreensíveis para mim, diziam: "Hedda Gabler", "Grupo do Curran", "Sinfonia de Boston", "Viagem de Caminhão para Cantão", "Baile dos Jovens", "AGL", "Grupo Novo", "Tap", e "Código Walden".

Enquanto Castle e eu esperávamos nosso grupo para jantar, corri os olhos pela coluna de "Teatro" até "20,00 horas". A notícia lida: "Bach (Grupo da Sra. Fergus). Três corais de Missa em Si Menor. 50 minutos".

Frazier surgiu de um dos saguões.

— Encontrou algo de seu interesse? disse ele. Oh, vejo que você localizou nosso concerto.

— Realmente, há muita coisa ocorrendo, disse eu, indicando o quadro de avisos com um amplo gesto de mão.

— Há, invariavelmente, muito mais do que você poderá perceber até que se acostume a pequenos impressos. Você deverá sentir uma certa falta de excitação nesses anúncios. Nenhum pomposo, nada de luzes brilhantes, nada de adornos com os quais a indústria do entretenimento arrebatava um público saturado. Mas, um dia, estas simples notícias evocarão toda a excitação de marquise cintilante. Quando não há letreiros de 10 polegadas de altura, 5 polegadas servirão. Quando não há de 5 polegadas, 1 polegada será suficiente. Não é a cor, brilho ou tamanho de um cartaz que o torna excitante. É a experiência que acompanhou cartazes semelhantes no passado. A excitação é um reflexo condicionado. Nosso quadro de avisos é nosso Grande Caminho Puro, e estamos maravilhados com ele.

Frazier examinou a notícia do concerto.

— Cinquenta minutos, leu. Bastante longo.

— Seus concertos são normalmente tão breves?

— Normalmente. Não há sentido num longo concerto — não aqui, de qualquer forma.

— Que diferença faz, aqui ou alhures?

— Na cidade, um concerto de cinquenta minutos seria impossível. Ninguém acharia que vale o seu dinheiro.

— Se os assentos forem muito bons...

— Meu caro colega, o preço da entrada é somente uma pequena parte do que se paga num concerto. Pense na locomoção, o tempo consumido, freqüentemente com mau tempo também. Suponha que um estranho lhe peça para ir ao auditório de um concerto para apanhar um pacote para ele — quanto você gastará? Se a gente tiver todos esses incômodos, nenhum concerto de menos de duas ou três horas satisfará. Mas existem somente algumas poucas obras de importância que requerem mais de quarenta e cinco minutos. Algumas óperas, são boas de ouvir de uma só vez, assim como a *Nona*.

— E a *Missa em Si Menor*, disse eu.

— E eventualmente ouvi-la-emos de uma só vez, dependendo de Fergy. Apesar disso, que mais vocês gostariam de ouvir que durasse, digamos, mais de uma hora?

Isto atingiu-me como um exemplo particularmente duro de filisteísmo.

— Que há de errado com um programa cuidadosamente elaborado? Um pouco variado. O contraste entre estilo e humores.

— Você pensa que Beethoven escreveu a *Quinta* para ser tocado em seguida à *Til Eulenspiegel*?

— Não, mas após qualquer coisa, imagino.

— Somente porque ele tinha o mesmo aborrecimento com sua audiência, então. Não, uma peça musical é uma experiência para ser desfrutada em si. E somos livres para fazer justamente isso.

Vi Steve e Mary vindo pelo corredor com diversos jovens que eu vira na oficina de confecção de vestidos naquela tarde. Um deles aproximou-se de Frazier.

— Você se incomodaria se nos apropriássemos de seus amigos esta noite? Eles não querem ouvir a Missa.

— Como sabem? disse Frazier, franzindo a testa para Steve e Mary. Alguma vez a ouviram?

— Não mas não é essa a questão. Vamos dançar.

Percebi o olhar de Mary. Ela levantou as sobrancelhas perguntando se estava bom, e eu assenti.

— Para a ceia, então? — disse Frazier.

— Se você não se incomoda.

Frazier dispensou-os um pouco impacientemente com um gesto de mão, e eles entraram na sala de jantar. Agora, surgiram Rodge e Bárbara, andando em silêncio em nossa direção. Rodge permitiu que as saudações expansivas de Bárbara servissem por ambos e fomos para a ceia.

— De uma forma ou outra, — disse Frazier quando encontramos uma mesa na sala sueca, — vocês evitaram a pergunta mais ingênua de todos os nossos visitantes: "Se vocês não trabalharem, o que farão com todo seu tempo?" Congratulo-os. Estou deliciado.

— Ao contrário, disse Castle. Você esteve esperando por essa questão e está inteiramente desapontado porque não ocorreu. Eu o testarei. Perdoe-me por ser ingênuo, mas o que você faz com todo seu tempo?

— Se eu tivesse um plano, seria um erro colocar a questão justamente agora. Nem mesmo estou preparado. Quando tivermos uma chance para discutirmos a administração psicológica de uma comunidade, poderei mostrar quão ridícula é. Mas você pergunta seriamente?

— Muito seriamente.

— Mas que diz da evidência frente aos seus olhos? Veja nosso quadro de avisos.

— Não estou tão seguro que seja evidente, disse Castle. "Algo sendo feito a cada minuto" pode ser um gesto de desespero — ou o apogeu da batalha contra o tédio.

— Bravo! — gritou Frazier. — Sr. Castle, você deveria ser o psicólogo, o Burris aqui, o filósofo. Poderia muito bem ser o "apogeu da batalha contra o tédio". Uma figura magnificente. Mas vamos falar de tédio em outra hora. Eu simplesmente desejava mostrar um aspecto de Walden II que vocês não devem esquecer ao julgar-nos. Quero dizer, nosso amparo às artes. Esta não é uma época notável nem na arte nem na música. Por que não? Porque nossa civilização não pode produzir arte tão abundantemente como produz ciência e tecnologia. Obviamente, porque estão faltando as condições adequadas. É aqui que entra Walden II. Aqui, as condições adequadas podem ser alcançadas.

— O que sabemos realmente sobre essas condições? — perguntei, um pouco fora de mim por ter sido chamado filósofo.

— Não muito, eu lhe concedo, mas o suficiente. O ócio, por exemplo. Uma classe próspera que proporcione ócio para o artista é característica de uma época notável. Os artistas não são preguiçosos, mas devem estar razoavelmente livres da responsabilidade de ganhar a subsistência. Não é essa a verdadeira essência da arte que lhe provê as energias e talentos que, num mundo mais exigente, orientam-se para ganhar a vida?

— Posso mostrar-lhe algumas exceções, disse eu. Artistas que trabalharam duro, além de sua arte.

— Mas a regra permanece, disse Frazier dogmaticamente. Quando artistas e compositores não estão amparados, geralmente conseguem um pouco de ócio tornando-se irresponsáveis. Daí sua reputação com o público. Irresponsabilidade ou segurança — o efeito momentâneo é o mesmo. Mas, a longo prazo, uma boa vida é mais produtiva.

— Não estou tão seguro de que suas condições estejam faltando em nossa cultura, disse eu. Que diz dos prêmios e das bolsas?

— Isso é apenas um paliativo. Você não pode encorajar a arte apenas com dinheiro. O que você precisa é uma cultura. Você pre-

cisa de uma oportunidade real para artistas jovens. A carreira deve ser economicamente sólida e socialmente aceitável, o que não será conseguido pelos prêmios. E você necessita da apreciação — deve haver audiência, não para pagar as contas, mas para gozar o espetáculo. Considerando tudo, nós realmente sabemos muito acerca do que é necessário. Devemos estimular o artista antes que tenha provado o seu valor. Uma cultura muito produtiva deve estimular grande número de jovens e de inexperientes. A filantropia não pode fazer isso. Pode produzir poucos grandes trabalhos de arte, mas é apenas um começo. Não espere uma Idade de Ouro. Frazier engoliu e continuou com muita deliberação.

— Vocês vão se cansar de ouvir isso, disse ele, mas devo repetir constantemente. Uma Idade de Ouro, quer em arte ou música ou ciência ou paz ou fartura, está fora do alcance de nossas técnicas econômicas e governamentais. Algo pode ser feito por acidente, como ocasionalmente aconteceu no passado, mas não deliberadamente. Nesse preciso instante, um número enorme de homens inteligentes e mulheres de boa vontade estão tentando construir um mundo melhor. Mas os problemas surgem mais rapidamente do que podem ser resolvidos. Nossa civilização está fugindo como um cavalo assustado, seus flancos reluzindo de suor, suas ventas espumando; e, à medida que correm, aumentam sua velocidade e seu pânico. Como seus políticos, seus professores, seus escritores — deixem-os agitar os braços e gritar tão alto quanto quiserem. Não poderão controlar a besta furiosa.

— O que *você* faz com o fujão? — disse Castle.

— Deixá-lo correr até que caia de exaustão, — disse Frazier francamente. — Enquanto isso, vejamos o que podemos fazer com seu lindo potro.

Ele parou de falar para limpar sua bandeja. Descobri-me calado ante esta súbita enxurrada de metáforas, como se não devesse falar enquanto não encontrasse palavras igualmente exaltadas. Frazier olhou para nós uma ou duas vezes, interrogativo, mas voltou ao seu jantar. Finalmente, pousou seu garfo e limpou a boca.

— Tome a música, por exemplo, resumiu. Se você vive em Walden II e gosta de música, você pode se desenvolver quanto quiser. Não quero dizer poucos minutos por dia — quero dizer todo o tempo e energia que você puder dedicar à música e permanecer

sadio. Se você quiser ouvir, há uma imensa discoteca e, naturalmente, muitos concertos, alguns realmente profissionais. Todos os bons programas de rádio são transmitidos pelo sistema de alto-falantes que chamamos Rede Walden, e eles são filtrados para eliminar as propagandas.

— Se você quiser tocar, poderá aprender quase todos os instrumentos com outros membros — que obtêm créditos com isso. Se você tiver qualquer habilidade, poderá achar logo uma audiência. Vamos todos a concertos. Nunca estamos muito cansados e a noite nunca é muito fria ou muito úmida. Mesmo nossos amadores são bastante populares, se bem que, usualmente, com outros amadores — auxiliando-se uns aos outros. Há uma banda militar atroz, com repertório limitado entre Souza e Von Suppé. Mas temos excelentes conjuntos de cordas e uma pequena orquestra sinfônica muito boa.

— Nossos corais são especialmente populares. Se você canta, pode bradar "Brennan on the Moor!" para seu próprio deleite ou lançar-se a "Gilbert and Sullivan" ou "Bach Cantata Club" e todos têm oportunidade. Os cantores são estranhamente ciumentos uns dos outros como regra geral, mas não aqui. Aqui, não há briga por umas poucas posições lucrativas e não há grande rivalidade pela aprovação do público, graças a um toque especial de engenharia cultural.

— Pense no que isso significa para o jovem compositor! Às vezes, sua obra é tocada antes mesmo de terminada! Talvez seja terminada para ele por amigos entusiastas. E é discutida por audiências que o conhecem e que conhecem música também. Você não pode fazer idéia de quanto isso torna o homem produtivo até que o veja em ação.

— Ultimamente, estive acompanhando um grupo de jovens compositores. Lembro-me de ter achado difícil acreditar que Schumann pudesse ter escrito três canções num dia, mas acredito agora. Está sendo feito aqui. E *Lieder* muito aceitáveis também, com uma boa sensação de harmonia moderna. E nossos compositores já estão explorando novos territórios. Isso é inevitável. O ritmo acelerado, sozinho, teria feito isso. E não somos retidos por padronização comercial. Nossas audiências crescem com nossos compositores. Naturalmente, desenvolveremos nosso próprio gênero. É o alvorecer — o alvorecer, pelo menos, de uma Idade de Ouro... A voz de Frazier falhou, mas ele repetiu fracamente "uma Idade de Ouro". Então, recomeçou com maior excitação.

— Pense no efeito sobre nossas crianças! Expostas à música desde o berço — uma figura de linguagem, naturalmente, já que o berço está incluído num programa muito mais eficiente — é-lhes proporcionada a oportunidade de seguir quaisquer inclinações musicais, com excelentes e entusiásticos professores, com audiências apreciáveis e bem humoradas esperando suas primeiras realizações. Que ambiente! Como poderia qualquer embrião de habilidade musical deixar de encontrar sua mais completa expressão possível?

— Mas uma Idade de Ouro de uma comunidade de apenas mil pessoas! — disse eu. Quantos gênios você pode esperar obter de uma variedade de genes tão limitados?

— Isso é um trocadilho? Ou você realmente acredita que os gênios derivam dos genes? Bem, talvez seja assim. Mas quanto conseguimos fazer para aproveitar ao máximo os nossos genes? Essa é a verdadeira questão. Você possivelmente não pode me dar uma resposta, Burris, e você o sabe. Não houve, absolutamente, nenhum modo de responder a essa questão até agora, porque nunca foi possível manipular o ambiente de forma adequada.

— Que diz das famílias e núcleos de músicos? disse eu. Não revelam que a hereditariedade foi importante?

— Mas eles tiveram *ambiente!* — exclamou Frazier com um ligeiro grito. Não, a história não lhe dará a resposta. A história nunca conduziu os experimentos de forma correta. Você poderá extrair uma conclusão oposta com a mesma evidência. Onde estavam os genes antes do apogeu dos núcleos? Como surgiram juntos? E para onde irão quando a glória tiver passado? Frazier olhou repentinamente para seu relógio de pulso.

— Chegaremos atrasados! disse ele alarmado.

Recolhemos nossas bandejas e disparamos para o teatro.

— E lembrem-se, além disso, não estamos nos especializando para a música, continuou Frazier, voltando a meio caminho para falar-nos, enquanto seguia rapidamente. Não nos especializamos em nada. Temos tempo para tudo. Poderia contar-lhes uma história similar para a pintura, escultura e meia dúzia de artes aplicadas.

É surpreendente, disse eu. — Realmente surpreendente. Lembro-me das pinturas na Escada. Eu pretendia voltar. São todas de mem-bros de Walden II?

Frazier olhou para trás, inflamado de satisfação.

— Todas elas, disse. Todas elas. Mas não é surpreendente. Por que surpreendente? Em sua excitação, ele se havia chocado com várias pessoas, e achou necessário elevar a voz, pois ficamos um pouco separados por outras pessoas que se locomoviam na mesma direção.

— Nada de surpreendente, absolutamente! gritou. É essa a questão. Condições certas, eis tudo. Condições certas. Tudo de que se precisa. (Desculpe-me.) Tudo de que se precisa. Dê-lhes uma oportunidade, eis tudo. Lazer. Oportunidade. Apreciação.

De repente, ele gargalhou e, numa explosão de alegria, arrebatou-se no que parecia um vôo de idéias sem sentido e maníaco. Agitando sua mão acima de sua cabeça, gritou: "*Liberté! Égalité! Fraternité!*"

O coral já estava no palco quando entramos no teatro. Os músicos estavam tomando suas posições junto à ribalta, embora não houvesse nenhum poço para a orquestra. O maestro Fergy, suponho, — já estava sobre uma plataforma provisória numa nave central, dirigindo a disposição dos suportes e cadeiras dos músicos.

O salão tornou-se silencioso quando sentamos e, nesse momento, algumas das luzes se apagaram. Eu me surpreendi fixando Fergy, que estava esfregando as sobrancelhas com um enorme lenço. Trechos de nossa conversa da ceia passaram pela minha cabeça — "gênios e genes", "*égalité*", "Idade de Ouro". Era a voz de Frazier, mas a minha entrou numa violenta disputa: *Por que não? Por que não?*

Havia um ligeiro zunido no salão silencioso, como uma espécie de música celestial premonitória.

O que era uma Idade de Ouro? O que a distinguiu de qualquer outra? A diferença poderia ser fantasticamente ligeira. Algum matiz extra de estimulação pessoal. Tempo para pensar. Tempo para agir. Alguma ampliação trivial de oportunidade. Apreciação. Liberdade. Igualdade. Além disso, naturalmente, fraternidade. Um vôo de idéias sem sentido, na verdade! Frazier estava apenas traduzindo!

Fergy levantou as mãos cerradas para o ar e olhou para o coral rapidamente de uma ponta a outra.

Pensei: "Devo ler sobre a psicologia da criação artística. Era a espécie de assunto no qual eu estaria interessado. Casualmente, eu havia dado um curso no Experiência Estética. A biblioteca deveria ter algo nessa linha..."

Senti uma rápida comoção de vergonha. Quão fantásticos se haviam tornado meus hábitos acadêmicos de pensar! "A biblioteca teria alguma coisa." Quanta diferença com o modo como Frazier o colocaria. Suspirei pesadamente. Poderia algum dia me livrar do mundo dos livros? Meus olhos doeram em vivida reminiscência e eu estava tomado de uma violenta reação, quase ânsia de vômito. Nesse momento o coro de abertura ecoou.

— *Kyrie eleison...*

Eu estava totalmente despreparado e agachei-me como se houvesse recebido um golpe físico. Meu corpo enrijeceu para receber uma ameaça imaginária e meus dedos cerraram-se sobre os braços da cadeira.

Não posso me lembrar muito do coral. Eu estava ainda na mesma posição quando terminou e muito inseguro de mim mesmo para relaxar as mãos e juntar-me aos aplausos. Mas vi Frazier e Castle de ambos os meus lados aplaudindo energicamente — e Fergy, brilhando de prazer e orgulho, agradecendo à direita e esquerda, voltando-se para agitar as mãos juntas para o coral, num sinal de sucesso. Uma vez, quando ele se inclinou, olhou diretamente para mim, sobre os óculos, como uma espécie de gárgula ilusória e imaginei que suas palavras seriam: "Você gostou? Nossa Idade de Ouro? Sim?"

Reunimo-nos cedo para o café, depois de haver deixado nossa roupa de trabalho preparada em nossa habitação para trocá-la mais tarde. Castle se havia surpreendido de macacão, refletido-num dos espelhos do banheiro. Ao ver sua aparência, recusou-se a aparecer em público vestido de tal forma, a não ser que o deixassem carregar um letreiro com os dizeres — "homens trabalhando". Mas não chegamos a precisar disso. Frazier apareceu exatamente quando acabávamos o café e anunciou que íamos passar a manhã visitando as escolas e que ganharíamos os créditos de trabalho à tarde.

Conduziu-nos para fora do edifício e passamos entre as fileiras de flores em forma de arco até as pequenas mesas de piquenique, onde havíamos descansado em nosso primeiro dia em Walden II. Folhas grandes de papel estavam pregadas às mesas com tachinhas e vários estudantes, a maioria de dez a doze anos, embora dois ou três deles não passassem certamente dos oito, estavam desenhando sobre elas, com lápis preto, algo que pareciam ser figuras de Euclides. Outras crianças fincavam estacas no solo e as uniam com cordas. Usavam dois instrumentos de agrimensura e uma fita métrica. Pelo que pude ver, Euclides estava sendo submetido a uma verificação experimental. Podia ser também trigonometria, não estou bem seguro.

Frazier parecia não saber muito mais que nós sobre isso. Encolheu os ombros diante de uma pergunta vacilante de Rodge e apressou-se em direção à parte mais próxima do edifício das crianças. Talvez quisesse simplesmente mostrar-nos as coisas por ordem, pois chegamos ao berçário.

Uma jovem de uniforme branco nos recebeu em uma pequena sala de espera perto da entrada. Frazier dirigiu-se a ela chamando-a Sra. Nash.

— Espero que o Sr. Frazier os tenha advertido — disse ela com um sorriso — que vamos ser um pouco mal educados, e os deixaremos ver apenas brevemente as nossas crianças: queremos preservá-los de infecção durante o primeiro ano. Isto se reveste de especial importância, já que as crianças são criadas em grupo.

— E os pais? disse Castle imediatamente. — Não podem ver seus filhos?

— Oh, sim, sempre e quando gozem de boa saúde. Alguns pais trabalham no berçário. Outros vêm aqui todos os dias, ou quase, ainda que só por alguns minutos. Levam a criança para o sol ou brincam com ela em um salão de jogo. — A Sra. Nash sorriu para Frazier. — Desta forma, conseguimos bebês muito resistentes, acrescentou.

Abriu uma porta e nos deixou ver um pequeno quarto em cujas três paredes se alinhavam várias cabinas, cada uma provida de uma ampla janela de vidro. Através das janelas podíamos ver as crianças de diversas idades. Nenhuma usava mais que uma fralda e não tinham roupa de cama. Em uma das cabinas, um pequeno recém-nascido de cor vermelha dormia de bruços. Outros bebês mais idosos estavam despertos e divertiam-se com brinquedos. Perto da porta, uma criança de gatinhas apertava o nariz contra o cristal e nos sorria.

— Parece um aquário — disse Castle.

— Com peixes de alto valor — disse a Sra. Nash, como se a comparação não lhe fosse desconhecida.

— Qual é o seu? perguntou-lhe Frazier.

— Aquele adormecido — disse a Sra. Nash, assinalando para o canto oposto. — Quase pronto para sair daqui. Completará um ano o mês que vem. Fechou gentilmente a porta antes que tivéssemos satisfeito a nossa curiosidade.

— Posso lhes mostrar uma dessas unidades no quarto de isolamento que não está em uso neste momento, disse, conduzindo-nos pelo corredor. Abriu outra porta e entramos. Duas cabinas estavam colocadas junto à parede.

— Este é um modo de manter a criança aquecida muito mais eficaz que o hábito comum de envolvê-la em diversas camadas de roupa — disse a Sra. Nash abrindo uma janela de cristal inquebrável para permitir que Bárbara e Mary vissem o interior. O recém-nascido necessita de umidade ambiental relativa de 88% a 90%. Aos seis meses, aproximadamente 80%.

— Como o sabe? disse Castle um pouco provocante.

— O bebê nos diz — disse a Sra. Nash amavelmente, como se também essa pergunta lhe fosse familiar.

— Você conhece a anedota sobre a temperatura do banho, não, Sr. Castle? — interrompeu Frazier. — A água do banho está boa, quando, ao introduzir a criança, esta não se torna nem vermelha nem azul.

— Mas espero que... — começou Castle.

— É só questão de um ou dois graus — adiantou-se a Sra. Nash. Se a criança sente demasiado calor, torna-se um pouco rosada e, normalmente, começa a chorar. Sempre deixa de chorar quando a temperatura se abaixa. Girou a agulha de um termostato situado na parte da frente de um dos compartimentos.

— E suponho que, quando o nariz da criança começa a escorrer, é sinal de que está demasiado frio — disse Castle tratando de se dominar.

— A criança fica pálida — disse a Sra. Nash sorrindo — e toma uma postura curiosa, com os braços estendidos ao longo do corpo, ou ligeiramente curvada. Com um pouco de prática, pode-se adivinhar, com um relance, se a temperatura está correta ou não.

— E por que não os vestem? — disse Bárbara.

— Para que? Para nós implicaria em lavar roupa e para a criança desconforto. O mesmo podemos dizer dos lençóis e cobertas. Nasas crianças deitam em cima de um tecido plástico que absorve a umidade e pode ser limpo em um momento.

— Parece terrivelmente confortável, disse eu. Por que vocês não dormem assim?

— Estamos cuidando disso, disse Frazier, aparentemente com muita seriedade. Seria uma economia gigantesca para a lavanderia e, como você disse, seria confortável.

— Roupas e cobertas são realmente um grande incômodo, disse a Sra. Nash. Impedem os bebês de se exercitarem, forçam-nos a posturas desconfortáveis.

— Quando um bebê sai de nosso Berçário Inferior — Frazier interrompeu — desconhece totalmente a frustração, a ansiedade e o medo. Nunca chora, exceto quando está doente, o que ocorre raramente, e sente um vivo interesse por tudo.

— Mas ele é preparado para a vida? disse Castle. Certamente vocês não podem continuar evitando indefinidamente todas as frustrações e situações que fazem medo.

— Evidentemente, não. Mas pode-se prepará-lo para isso. Podemos criar tolerância para a frustração introduzindo dificuldades gradualmente, conforme a criança cresce e se torna bastante resistente para suportá-las. Mas estou adiantando-me demais. Você quer acrescentar algo mais? perguntou à Sra. Nash.

— Creio que você gostaria que lhes contássemos quanto trabalho economizamos, disse ela. — Como o ar é filtrado, lavamos as crianças somente uma vez por semana, e nunca temos de limpá-lhes nariz ou olhos. Não é preciso fazer camas, naturalmente. É fácil evitar infecções. Os compartimentos são à prova de som e as crianças podem dormir sem perturbar umas às outras. Podemos alimentá-las em horários diferentes e, assim, o berçário funciona maravilhosamente. Deixe-me ver, haveria algo mais?

— Creio que é mais do que suficiente, disse Frazier. — Temos muito para ver esta manhã.

— Não tão rápido, por favor. — disse Castle. Ainda não estou satisfeito. Vocês não estariam criando um conjunto de organismos muito desadaptados? Temperatura controlada, sono sem ruído, estas crianças não seriam completamente indefesas num ambiente normal? Poderão continuar mimando-as eternamente?

— Deixe-me responder, disse Frazier à Sra. Nash. — A resposta é não. Nossas crianças são resistentes de uma forma singular. É verdade que aborrecimentos constantes podem torná-las resistentes, mas o resultado mais freqüente é o esgotamento ou a irritação. Introduzimos aborrecimentos, gradativamente, de acordo com a habi-

lidade da criança em enfrentá-los. Parece-se muito com o processo de vacinação.

— Outra coisa — disse Castle — e o amor materno?

Frazier e a Sra. Nash olharam-se e riram.

— Refere-se ao amor materno como essência, Sr. Castle? disse Frazier.

— Não! disse Castle irritando-se. Falo de algo concreto. Falo do amor que a mãe proporciona a seu filho, o afeto. Bem, para ser realmente concreto, os beijos, as carícias, etc, suponho que lhes ocorreriam. Vocês não podem esperar que eu lhes dê as dimensões físicas do amor de mãe! — Ele estava confuso e arrebatado. — É muito real para a criança, aposto! acrescentou zangado.

— Muito real, disse Frazier calmamente. E o ministramos em doses generosas. Mas não o limitamos ao amor materno, ampliamos-lo ao paterno também, ao amor de todos, ao amor comunitário, se prefere. As nossas crianças são tratadas com afeto por todos — com afeto planejado também, que não está sujeito a irritações decorrentes de excesso de trabalho ou descuidos devido à ignorância.

— Mas a relação pessoal entre mãe e filho não é uma norma? Julguei que a personalidade seria modelada desta forma. Castle virou-se para mim à procura de apoio profissional, mas eu lhe faltei.

— Suponho que se refere ao que os freudianos chamam "identificação", disse Frazier. Estou de acordo em que é importante e utilizamo-la eficientemente em nosso sistema educacional. Mas, a não ser que você seja rigorosamente freudiano, estamos perdendo tempo com essa discussão. Adiamo-la até que tenhamos visto outro grupo de idade. Pode vir conosco ao Berçário Superior? — perguntou Frazier à Sra. Nash.

— Espere que eu veja meu pessoal, disse ela. Desapareceu no "aquário", regressou quase imediatamente e nos conduziu à outra ala do edifício.

Os alojamentos das crianças de um a três anos consistiam de várias saletas para divertimentos, providas de móveis liliputianos, um banheiro infantil, um vestuário e uma sala de armários. Diversos pequenos dormitórios funcionavam pelo mesmo processo dos cubículos dos bebês. A temperatura e a umidade estavam controladas, de modo que não necessitassem de roupa de vestir ou de cama. As camas estavam dispostas como beliches, com colchões de plástico parecidos com os das cabinas. As crianças dormiam sem roupa, apenas de fraldas. Havia mais camas do que as necessárias, de modo que as crianças podiam ser agrupadas de acordo com o estágio de desenvolvimento, isoladas, no caso de doenças contagiosas, necessidades de supervisão, ou, simplesmente, fins educativos.

Seguimos a Sra. Nash até uma varanda cercada com telas metálicas, situada na parte meridional do edifício, onde várias crianças brincavam em caixas de areia, em balanços. Alguns vestiam "calças de treinamento", outros estavam nus. Além da varanda, um pátio gramado, cercado por uma sebe aparada onde outras crianças brincavam nuas também. Estava em andamento alguma brincadeira de movimento.

Ao regressar, cruzamos com duas mulheres que levavam comida em cestas. Disseram algo à Sra. Nash e seguiram-na até a varanda. Em um momento, cinco ou seis crianças vieram correndo para as saletas de brincar, entraram logo nos lavatórios e se vestiram. A Sra. Nash explicou que seriam levadas a um piquenique.

— E as crianças que não vão? — disse Castle — que se faz do "monstro de olhos verdes"?

A Sra. Nash, confusa, não entendeu.

— Ciúmes. Inveja, explicou Castle. Não se sentem tristes as que não vão?

— Não o entendo, disse a Sra. Nash.

— E espero que não o tente, disse Frazier com um sorriso. Será melhor que sigamos adiante.

Despedimo-nos e esforcei-me por agradecer à Sra. Nash, mas ela acolheu minhas palavras com perplexidade. Frazier franziu o cenho como se eu houvesse violado uma lei de bom tom.

— Creio que a estranheza da Sra. Nash, disse Frazier enquanto saímos do edifício, é prova suficiente de que nossas crianças raras vezes são ciumentas ou invejosas. A Sra. Nash tinha doze anos quando Walden II foi fundado. Já era um pouco tarde para desfazer sua educação anterior, mas creio que o conseguimos. Ela é um bom exemplo do produto de Walden II. Talvez ela possa recordar a experiência de inveja, mas não faz parte de sua vida atual.

— É claro que exagera! disse Castle. — É impossível que se pareçam tanto com Deus. Vocês devem ter emoções tanto quanto nós!

— Podemos discutir o assunto da semelhança com Deus mais tarde, se desejar, replicou Frazier. Quanto às emoções — não estamos livres de todas elas, nem queremos estar. Mas as piores e as mais incômodas — as emoções que alimentam a infelicidade — são quase tão desconhecidas aqui, como a própria infelicidade. Já não necessitamos delas em nossa luta pela existência, e é melhor para nosso sistema circulatório e, certamente, mais agradável passar sem elas.

— Se você descobriu como fazê-lo, você é realmente um gênio, — disse Castle. Parecia quase aniquilado quando Frazier assentiu com a cabeça. — Todos nós sabemos que as emoções são inúteis e nocivas para nossa paz de espírito e para a pressão sanguínea, continuou, mas como mudar as coisas?

— Nós as modificamos aqui, disse Frazier. Ele demonstrava uma serenidade que interpretei como sinal de confiança.

— Mas as emoções são divertidas! — disse Bárbara. — A vida sem elas não valeria a pena ser vivida.

— Algumas sim, disse Frazier. As emoções produtivas e fortalecedoras, a alegria e o amor. Mas a tristeza e o ódio e as excitações de alta tensão como a cólera, o medo e a raiva — são perigosas. O Sr. Castle mencionou o ciúme como uma forma menor de ira. Creio que poderíamos chamar assim. Naturalmente, evitamo-lo. Já cumpriu seu papel na evolução humana; já não é necessário. Se permitíssemos a continuidade da sua existência, isso apenas solaparia a nossa vida. Em uma sociedade cooperativa não há ciúme, porque não há necessidade dele.

— Isso faz supor que vocês conseguem tudo o que querem, disse Castle. — Mas e as posses sociais? Ontem à noite você se referiu ao jovem que escolhe moça ou profissão determinadas. Ainda há possibilidade de ciúme, não acha?

— Não há porque deduzir que conseguimos tudo o que desejamos — disse Frazier. — Certamente que não. Mas o ciúme não ajudaria. Num mundo competitivo, talvez sim. Podem proporcionar energias para enfrentar uma situação frustradora. O impulso e a energia assim gerados são uma vantagem. Com efeito, num mundo competitivo, as emoções funcionam às mil maravilhas. Veja a peculiar falta de sucesso do homem complacente. Gosta de uma vida mais serena, mas, por isso mesmo, provavelmente menos frutífera. O mundo não está preparado para o simples pacifismo ou a humildade cristã, para citar dois casos relevantes. Antes que se possa eliminar sem problemas as emoções destrutivas e perdulárias, deve-se estar seguro de que não são necessárias.

— Como se convenceram de que em Walden II o ciúme não é necessário? — perguntei.

— Em Walden II não se pode resolver os problemas atacando os outros, disse Frazier conclusivamente.

— Mas isso, entretanto, não é o mesmo que eliminar o ciúme, — disse eu.

— Claro que não. Mas quando uma emoção particular não é mais uma peça útil dentro do repertório comportamental, nós a eliminamos.

— Sim, mas como?

— É um simples problema de engenharia comportamental, disse Frazier.

— Engenharia comportamental?

— Você quer perturbar-me, Burris. Você sabe perfeitamente o que quero dizer. As técnicas são conhecidas há séculos. Utilizamo-las em educação e na administração psicológica da comunidade. Mas você está me forçando, acrescentou. Eu estava guardando esse tema para esta noite, mas vamos malhar o ferro enquanto está quente.

Tínhamos parado à porta do grande edifício das crianças. Frazier encolheu os ombros, andou até a sombra de uma grande árvore e deixou-se cair ao chão. Acomodamo-nos perto dele e esperamos.

— Cada um de nós, começou Frazier, está empenhado em uma batalha sem trégua com o resto da humanidade.

— Premissa curiosa para uma Utopia, disse Castle. Até um pessimista como eu vê as coisas de um modo mais esperançoso.

— Sim, sim, disse Frazier. Mas sejamos realistas. Todos temos interesses que estão em conflito com os interesses dos outros. É nosso pecado original e não se pode remediar. Bem, "os outros" é o que chamamos "sociedade". É um adversário poderoso e sempre vence. Claro, uma ou outra vez, um indivíduo prevalece momentaneamente e consegue o que quer. Às vezes, arremete contra a cultura de uma sociedade e a altera ligeiramente em proveito próprio. Mas, a longo prazo, a sociedade acaba ganhando, pois leva vantagem em número e idade. A quantidade vence a unidade e o homem, a criança. A sociedade ataca cedo, quando o indivíduo ainda está indefeso. Escraviza-o quase antes que possa saborear a liberdade. As "logias" lhe explicarão como isso é feito. A Teologia chama-o formação da consciência ou do espírito de abnegação. A Psicologia chama-o desenvolvimento do superego.

— Considerando os séculos de existência da sociedade, poder-se-ia esperar melhores resultados. Mas as campanhas têm sido deficientemente planejadas e a vitória nunca foi definitiva. Tem-se mo-

delado o comportamento do indivíduo de acordo com os padrões de "boa conduta", e nunca como resultado de um estudo experimental. Mas por que não experimentar? As perguntas são bem simples: qual é a melhor conduta para o indivíduo em suas relações com o grupo? E como se pode induzir o indivíduo a se comportar dessa forma? Por que não explorar essas questões com espírito científico? Exatamente isso poderia ser feito em Walden II. Já havíamos elaborado um código de conduta-sujeito, naturalmente as modificações em função dos resultados experimentais. O código ajudaria o funcionamento sem atritos, contanto que todos vivessem de acordo com ele. Nosso trabalho consistiu em fazer com que todos o cumprissem. Mas não se pode esperar que as pessoas cumpram um código útil transformando-as em polichinelos de caixa-surpresa. Não se pode prever todas as circunstâncias futuras e não se pode especificar a conduta futura mais adequada. Desconhece-se o que será exigido. Ao invés disso, tem-se que estabelecer certos processos comportamentais que levarão o indivíduo a moldar seu próprio "bom" comportamento no momento propício. A isso chamamos "autocontrole". Mas não confundam. O controle sempre repousa nas mãos da sociedade, em última análise.

— Um dos nossos Planejadores, um jovem chamado Simmons, trabalhou comigo nisto. Foi a primeira vez na história que se abordou o assunto de modo experimental. Tem alguma objeção, Sr Castle?

— Não estou seguro de entender do que está falando, disse Castle.

— Então, deixe-me continuar. Simmons e eu começamos estudando as grandes obras de moral e ética: Platão, Aristóteles, Confúcio, o Novo Testamento, os teólogos puritanos, Maquiavel, Chesterfield, Freud e muitos mais. Procurávamos todo e qualquer método de modelar o comportamento do homem por meio da difusão das técnicas de auto-controle. Algumas delas eram bastante óbvias, pois foram marco na história da humanidade. "Ama teus inimigos" é um bom exemplo, um artifício psicológico para suavizar a sorte de um povo oprimido. A experiência mais severa de opressão é a raiva constante que sentimos ao pensar no opressor. O que Jesus descobriu foi como evitar essas devastações interiores. Sua técnica foi *praticar a emoção oposta*. Se um homem consegue "amar seus inimigos" e "não guar-

dar rancor", não se verá acossado pelo ódio ao opressor, ou pela ira causada pela perda de sua liberdade ou de suas propriedades. Poderá não recuperar sua liberdade ou suas posses, mas sentir-se-á menos desgraçado. É uma lição difícil. Uma das últimas em nosso programa.

— Eu pensava que vocês se opusessem a modificar as emoções e os instintos até que o mundo estivesse preparado para isso, disse Castle. Segundo você, o princípio "ama teus inimigos" teria sido suicida.

— Teria sido um suicídio se não fosse por uma consequência inteiramente imprevista. Jesus deve ter-se surpreendido com o efeito de sua descoberta. Estamos mal começando a entender o poder do amor, porque mal começamos a entender a debilidade da força e da agressão. Mas a ciência do comportamento, atualmente, é clara sobre tudo isso. Descobertas recentes na análise da punição... Mas estou divagando demais. Deixem-me completar minha explicação sobre as razões pelas quais as virtudes cristãs — refiro-me somente às técnicas cristãs de autocontrole — não desapareceram da face da Terra, com a devida constatação de que escaparam por pouco, recentemente.

— Quando Simmons e eu havíamos terminado de coletar nossas técnicas de controle, tínhamos que descobrir como ensiná-las, o que era mais difícil. As práticas educativas correntes eram de pouco valor e as práticas religiosas não eram melhores. Supusemos que, geralmente, admite-se ser improdutivo a promessa do paraíso ou a ameaça do fogo do inferno. Ambos se baseiam numa fraude fundamental que, quando descoberta, coloca o indivíduo contra a sociedade e reforça precisamente o que pretendem extinguir. O que Jesus ofereceu como recompensa por amar ao inimigo foi o céu *na Terra*, melhor conhecido como "paz de espírito". Acharmos válidas algumas sugestões seguindo as práticas do psicólogo clínico, prosseguiu. — Tentamos obter tolerância para experiências de aborrecimento. O sol do meio-dia é extremamente penoso se você sai de um quarto escuro, mas habitue-se gradualmente e você reduzirá a dor concomitantemente. A analogia pode ser ilusória, mas é possível, de modo muito semelhante, obter tolerância a estímulos dolorosos ou desagradáveis, à frustração, ou a situações atemorizadoras que provocam zanga ou ira. A sociedade e a natureza armam situações aborrecidas sem consi-

deração ao desenvolvimento da tolerância. Alguns a adquirem, muitos falham. Onde iria para a ciência da imunização se seguissem um esquema de dosagens acidentais? Considere o princípio "vade retro Satanas", por exemplo, continuou Frazier. — É um caso especial de autocontrole que altera o ambiente. Subclasse A3, creio. Damos a cada criança um pirulito mergulhado em açúcar refinado, de modo que um único toque da língua seja detectado. Dizemos que eles poderão comê-los mais tarde, desde que não os tenham lambido. A partir dos três ou quatro anos há uma razoável dif...

— Três ou quatro! exclamou Castle.

— Toda nossa educação ética é completada por volta dos seis anos — disse Frazier calmamente. — Um princípio simples, como o livrar-se da tentação seria adquirido antes dos quatro anos. Mas, numa idade tão precoce, o problema de não lambar o pirulito não é fácil. Agora, o que faria o Sr., Sr. Castle, numa situação destas?

— Punha o pirulito fora do alcance da vista o mais rápido possível.

— Exatamente. Posso perceber que o Sr. foi bem treinado. Ou talvez tenha descoberto o princípio por si mesmo. Somos a favor da investigação espontânea sempre que possível. Mas, neste caso, temos um objetivo mais importante e não hesitamos em dar uma ajuda verbal. Antes de mais nada, as crianças são orientadas para examinar seu próprio comportamento enquanto olham o pirulito. Isso as auxilia a reconhecer a necessidade de autocontrole. Os pirulitos são então escondidos e pede-se às crianças que relatem qualquer ganho em felicidade ou qualquer redução na tensão. Então, arranja-se uma forte distração — digamos um jogo interessante. Mais tarde, as crianças são lembradas do doce e encorajadas a examinar suas reações. O valor da distração é igualmente óbvio. Bem, devo prosseguir? Quando o experimento é repetido aproximadamente um dia depois, todas as crianças correm para o seu armário e fazem exatamente o que o Sr. Castle faria. Uma indicação suficiente do sucesso de nosso treinamento.

— Eu gostaria de reportar uma observação objetiva de minha reação à sua história — disse Castle, controlando a voz com grande precisão. — Eu fico revoltado com essa exibição de tirania sádica.

— Eu não gostaria de lhe negar o exercício de uma emoção que o Sr. parece gozar — disse Frazier. — Portanto, deixe-me con-

tinuar. Esconder um objeto tentador mas proibido é uma solução primária. Por um motivo: não é sempre possível. Queremos uma espécie de libertação psicológica — ocultar o doce por não estar com a atenção fixada nele. Num último experimento, as crianças penduraram o pirulito como um escapulário, por algumas horas.

— Pendurado em meu pescoço, em vez da cruz, o pirulito" — disse Castle.

— Eu gostaria que alguém me tivesse ensinado isso também, — disse Rodge, com um olhar para Bárbara.

— Não gostaríamos todos? — disse Frazier. — Alguns de nós aprendem controle, mais ou menos acidentalmente. O resto segue a vida toda sem ao menos entender como ele é possível e lamentando o azar de ter nascido de maneira errada.

— Como você constrói tolerância a uma situação aborrecida? — disse eu.

— Por exemplo, fazendo as crianças tomarem um choque cada vez mais doloroso, ou fazê-los tomar chocolate diminuindo gradativamente o açúcar, até fazê-los tomar uma mistura amarga sem fazerem careta.

— Mas ciúme ou inveja não podem ser administrados em doses graduais — disse eu.

— E por que não? Lembre-se, controlamos também o ambiente social nessa idade. Essa é a razão pela qual obtemos uma formação ética cedo. Veja este caso: um grupo de crianças chega em casa depois de um longo passeio, cansadas e famintas. Elas esperam encontrar um jantar. Descobrem, em vez disso, que está na hora de uma lição de autocontrole: devem ficar em pé durante cinco minutos diante de uma terrina fumegante de sopa. A tarefa é aceita como um problema de aritmética. Qualquer reclamação ou lamentação é uma resposta errada. Em vez disso, as crianças começam logo a se ocupar para evitar a infelicidade durante a demora. Uma delas pode fazer uma piada a respeito. Encorajamos o senso de humor como uma boa forma de não tomar um aborrecimento a sério. A piada não seria muito engraçada, de acordo com os padrões dos adultos — talvez a criança faça de conta simplesmente que entorna a terrina de sopa na boca. Outra poderá começar uma canção com muitos versos. As demais juntar-se-ão sem demora, pois aprenderam que é uma boa maneira de passar o tempo.

Frazier olhou pouco à vontade para Castle, que não estava calmo.

— Isso também não lhe parece uma forma de tortura, Sr. Castle?
— perguntou ele.

— Eu preferiria ser posto no pau-de-arara.

— Então, você não tem, absolutamente, o treinamento completo como eu suponha. Você não pode imaginar com que facilidade as crianças têm essa experiência. É uma frustração biológica um tanto severa, pois as crianças estão cansadas e famintas e devem permanecer em pé olhando para a comida; mas isso passa tão suavemente quanto os cinco minutos de intervalo numa peça. Consideramos isso um teste elementar. Muitos problemas mais difíceis se seguem.

— Eu bem que desconfiava, resmungou Castle.

— Num estágio posterior, proibimos todos os expedientes sociais. Nada de canções, nada de piadas — só silêncio. Cada criança é forçada a valer-se de seus próprios recursos — um passo muito importante.

— Eu pensaria assim, disse eu. E como você sabe que isso dá resultado? Você poderia obter um grupo de crianças silenciosas e ressentidas. É certamente um estágio perigoso.

— De fato é, e nós acompanhamos cada criança cuidadosamente. Se ela não incorporou as técnicas necessárias, nós voltamos um pouco atrás no processo. Um estágio ainda mais avançado — Frazier olhou de relance para Castle, que se agitou desconfortavelmente — aproxima-me do meu objetivo. Na ocasião de tomar a sopa, as crianças escolhem cara ou coroa. Então, a moeda é lançada e, dando cara, a criança que escolheu o sorteado, senta e come. Os que escolheram coroa permanecem de pé por outros cinco minutos.

Castle grunhiu.

— E você chama a isso de inveja? — perguntei.

— Talvez não, exatamente, disse Frazier. Pelo menos, raramente há qualquer agressão contra os felizardos. A emoção, se há alguma, é dirigida contra o lançamento da moeda. Isso, por si mesmo, é uma lição valiosa, pois é a única direção na qual a emoção tem a possibilidade de ser útil. E ressentimento dirigido às coisas em geral, mesmo sendo talvez tão tolo como a agressão pessoal é mais fácil de ser controlado. Sua expressão não é socialmente censurável. Frazier olhou-nos nervosamente de um para

o outro. Ele parecia estar tentando descobrir se partilhávamos do preconceito de Castle. Eu comecei a compreender também que ele não queria realmente contar essa história. Ele era vulnerável. Estava pisando em terreno sagrado e eu estava seguro de que ele não tinha estabelecido o valor da maioria dessas práticas de um modo experimental. Ele, dificilmente, poderia ter feito isso no curto espaço de dez anos. Estava trabalhando com base em fé e isso o incomodava. Eu tentei reforçar sua confiança lembrando que ele tinha um colega de profissão entre seus ouvintes.

— Você não poderia, inadvertidamente, ensinar às suas crianças exatamente algumas das emoções que você está tentando eliminar? — disse eu. Qual o efeito, por exemplo, de ver impedida a antecipação de uma sopa quente? Isso não conduziria, eventualmente, a sentimentos de incerteza ou mesmo de ansiedade?

— Poderia. Nós temos que descobrir com que frequência nossas lições poderiam ser administradas com segurança. Mas todos os nossos esquemas são obtidos experimentalmente. Nós nos precavemos contra consequências indesejáveis tal como um cientista em relação a fatores imprevistos em seus experimentos. No fim das contas, é um programa simples e sensível — ele continuou em tom conciliatório. — Estabelecemos um sistema de aborrecimentos e frustrações gradualmente crescentes contra um fundo de completa serenidade. Um ambiente fácil é dificultado aos poucos na medida em que as crianças adquirem a capacidade de ajustamento.

— Mas, *por que?* — disse Castle. Por que esses aborrecimentos deliberados. . . para fazê-los suaves? Devo dizer que penso que você e seu amigo Simmons são realmente sádicos muito sutis.

— O Sr. inverteu sua posição, Sr. Castle — disse Frazier, num momento de ira que apreciei. Castle referiu-se a pessoas e estava sendo desmesurada e talvez intencionalmente obtuso. — Ainda há pouco você me acusou de alimentar uma raça de molengas, continuou Frazier. Agora diz que eu os estou endurecendo. Mas o que você não entende é que essas situações, potencialmente desagradáveis, nunca são realmente aborrecidas. Nossos esquemas asseguram isso. Você não poderia entender, entretanto, porque não está tão adiantado como nossas crianças.

Castle escureceu.

— Mas o que suas crianças conseguem com isso? — insistiu ele, aparentemente tentando tirar alguma vaga vantagem da ira de Frazier.

— O que elas conseguem com isso? — exclamou Frazier com uma espécie de menosprezo incontido. Seus lábios se apertaram e ele baixou a cabeça para olhar seus dedos que amassavam alguns talos de grama.

— Elas devem conseguir felicidade, liberdade e força — disse eu, colocando-me numa posição ridícula, tentando restabelecer a paz.

— Elas não me parecem felizes ou livres, de pé diante da terrina da "Sopa Proibida" — disse Castle, respondendo-me entre parêntesis, enquanto continuava a encarar Frazier.

— Se devo soletrá-lo — começou Frazier com um profundo suspiro — o que elas conseguem é superar as pequenas emoções que ocorrem no coração dos despreparados. Elas obtêm satisfação, prazeres e proveitosas relações sociais numa escala nunca sonhada no mundo lá fora. Adquirem um incomensurável aumento de eficiência, porque podem dedicar-se a um trabalho sem sofrer as dores e as penas que cedo assaltam a maioria de nós outros. Adquirem novos horizontes, pois estão livres das emoções características da frustração e do fracasso. Elas conseguem... — seus olhos procuravam os ramos das árvores. — É suficiente? — perguntou finalmente.

— E a comunidade deverá ganhar sua lealdade — disse eu — quando elas descobrirem o medo e a inveja, a desconfiança e a inibição no mundo lá fora.

— Estou contente por você pensar assim — disse Frazier. Você poderia ter dito que elas devem se sentir melhor do que os miseráveis produtos de nossas escolas. Mas nós estamos trabalhando para manter qualquer sentimento de superioridade ou menosprezo sob controle, também. Tendo eu sofrido disso mais agudamente, pus o assunto em primeiro lugar na nossa agenda. Evitamos cuidadosamente qualquer regozijo por triunfo pessoal que signifique insucesso de outra pessoa. Não obtemos o prazer do sofisticado, do competitivo, do que discute. Lançou um olhar impiedoso para Castle. — Não usamos a motivação de dominação, porque estamos sempre pensando no grupo todo. Poderíamos motivar alguns gênios dessa maneira — essa era, certamente, minha própria

motivação — mas sacrificaríamos parte da felicidade dos outros. Triunfo sobre a natureza e sobre si mesmo, sim. Mas sobre os outros, nunca.

— Você tirou a mola principal do relógio — disse Castle francamente.

— Essa é uma questão experimental, Sr. Castle, e o Sr. tem a resposta errada.

Frazier não estava se esforçando para esconder seus sentimentos. Se antes tinha montado em Castle, agora estava usando as esporas. Talvez tivesse sentido que os demais tinham mudado de opinião e que ele poderia mudar sua tática com uma única apresentação. Mas isso era mais do que uma estratégia, era sentimento genuíno. O ceticismo sistemático de Castle constituía uma frustração crescente.

— Suas técnicas são realmente tão novas? disse eu apressadamente. E a prática primitiva de submeter o menino a várias torturas antes de lhe conferir um lugar entre adultos? Que diz das técnicas disciplinares do puritanismo? Ou da escola moderna a respeito disso?

— Num outro sentido, você tem razão, disse Frazier. E acho que você respondeu brilhantemente à preocupação do Sr. Castle por nossos pequeninos. A infelicidade que deliberadamente impomos é muito mais suave do que a infelicidade normal da qual os protegemos. Mesmo durante o nosso treinamento ético, a infelicidade é ridiculamente trivial para as crianças bem treinadas.

— Mas há um mundo de diferenças na maneira pela qual usamos esses aborrecimentos, continuou. Por uma razão: nós não os punimos. Nunca administramos algo de desagradável na esperança de reprimir ou eliminar um comportamento indesejável. E há outra diferença. Na maioria das culturas, as crianças deparam-se com aborrecimentos e revezes de magnitude incontrolada. Alguns são impostos em nome da disciplina por pessoas investidas de autoridade. Outros, como as ameaças, são desculpados embora não autorizados. Outros, ainda, são meramente acidentais. Ninguém se preocupa em impedi-los nem pode fazê-lo.

— Sabemos todos o que acontece. Poucas crianças saem fortes, exatamente as que tiveram a sua infelicidade em doses que puderam ser absorvidas. Esses se tornam homens e mulheres corajosos.

Outros, tornam-se sádicos ou masoquistas em graus variados de patologia. Não tendo conquistado o ambiente doloroso, eles se tornam preocupados com a dor e fazem dela uma arte perversa. Outros se submetem — e esperam herdar a terra. O resto, os covardes, os medrosos, vivem temerosos pelo resto da vida. E este é só um campo de batalha — a reação à dor. Eu poderia citar dezenas de casos paralelos. O otimista e o pessimista, o satisfeito e o insatisfeito, o amado e o não-amado, o ambicioso e o desacorçoado — esses são apenas os produtos extremos de um sistema miserável.

— Práticas tradicionais são reconhecidamente melhores do que nada, continuou Frazier. Espartano ou puritano, ninguém pode questionar o resultado ocasionalmente feliz. Mas o sistema inteiro repousa sobre o desperdício do princípio de seleção. A escola pública inglesa do século XIX produziu homens corajosos — estabelecendo barreiras quase insuperáveis e elevando ao máximo os poucos que conseguiram ultrapassá-las. Mas seleção não é educação. A sua safra de homens corajosos será sempre pequena e a perda, enorme. Como todos os princípios primitivos, a seleção vale como educação apenas através do uso desregrado de material. Multiplica de maneira extravagante e seleciona com rigor. É a filosofia da "grande ninhada" como alternativa para a boa higiene infantil. Em Walden II, temos um objetivo diferente. Fazemos de cada homem um homem corajoso. Todos eles ultrapassam as barreiras. Alguns requerem mais preparo do que os outros, mas todos o fazem. O uso tradicional da adversidade serve para selecionar o forte. Nós controlamos a adversidade para construir força. E fazemo-lo deliberadamente, não importa quão sádicos o Sr. Castle nos possa julgar, a fim de preparar para as adversidades que estão fora de controle. Nossas crianças eventualmente experimentam "a dor de coração e as centenas de choques naturais que a carne herda". Seria a prática mais cruel possível protegê-los enquanto pudéssemos, especialmente quando *podemos* protegê-los tão bem.

Frazier levantou as mãos num gesto exagerado de apelo.

— Que alternativas nós *tínhamos*? disse ele como se estivesse sofrendo. O que mais poderíamos fazer? Por quatro ou cinco anos poderíamos proporcionar uma vida na qual nenhum desejo importante ficasse insatisfeito, uma vida praticamente livre de ansiedade,

frustração ou aborrecimento. O que *você* faria? Você deixaria as crianças gozarem esse paraíso sem pensar no futuro, como uma mãe idólatra super-protetora? Ou você relaxaria o controle do ambiente e deixaria as crianças encontrarem frustrações acidentais? *Mas qual é a vantagem de acidentes?* Não, havia um único caminho para nós. Tínhamos que *planejar* uma série de adversidades de modo que a criança pudesse se desenvolver com o maior auto-controle possível. Chame-o de deliberado, se quiser, e acuse-nos de sadismo; não havia outro caminho.

Frazier virou-se para Castle quase conciliatório. Parecia estar esperando ansiosamente sua capitulação. Mas Castle meramente deslocou a questão.

— Acho difícil classificar essas práticas, disse ele. Frazier emitiu um "ah!" desgostoso e sentou-se.

— Seu sistema parece ter ocupado o lugar e as técnicas da religião.

— Da religião e da cultura familiar, disse Frazier mal-humorado. Mas não chame isso de usurpação. Treinamento ético pertence à comunidade. Como para as técnicas, coletamos todas as sugestões que pudemos encontrar, sem prejuízo da fonte, mas não baseados na fé. Desconsideramos todas as declarações de revelação da verdade e submetemos todos os princípios a testes experimentais. E, a propósito, eu representei muito mal o sistema todo, se você supõe que qualquer das práticas que descrevi são fixas. Tentamos muitas técnicas diferentes. Gradualmente, trabalhamos para atingir o melhor conjunto possível. E não prestamos muita atenção ao aparente sucesso de um princípio no curso da história. A História é prestigiada em Walden II apenas como entretenimento; não é levada a sério como material de reflexão, o que me lembra muito grosseiramente o nosso plano inicial para amanhã. Vocês tiveram bastante emoções? Podemos voltar ao intelecto?

Frazier endereçava estas perguntas a Castle de um modo muito amigável e fiquei muito satisfeito em ver que este respondia da mesma forma. Era perfeitamente claro, entretanto, que nenhum dos dois jamais tinha pendurado um pirulito no pescoço ou enfrentado uma terrina de Sopa Proibida.

Os alojamentos e os programas diários das crianças mais velhas forneciam um exemplo particularmente bom de engenharia comportamental. À primeira vista eles pareciam inteiramente casuais, quase acidentais, mas como Frazier apontou seus aspectos mais significativos, e as conseqüências de cada programa, eu comecei a vislumbrar um plano amplo, quase maquiavélico.

As crianças passavam suavemente de um grupo de idade para outro, seguindo um processo natural de crescimento e evitando as mudanças abruptas do sistema lar-escola. A coisa era feita de tal maneira que cada criança imitava as crianças ligeiramente mais velhas, criando, portanto, motivos e padrões para grande parte de sua educação inicial, sem auxílio adulto.

O controle do ambiente físico e social, que Frazier tinha construído em grande parte, era progressivamente relaxado — ou, para ser mais exato, o controle era transferido das autoridades para a própria criança e para outros membros de seu grupo. Após passar a maior parte de seu primeiro ano num cubículo de ar condicionado e o segundo e o terceiro, principalmente num quarto de ar condicionado com um mínimo de roupa e de roupa de cama, a criança de três ou quatro anos passava a vestir roupas regulares e ganhava

uma pequena cama num dormitório, da qual deveria cuidar. As camas das crianças de cinco e seis anos eram reunidas em grupos de três ou de quatro, em séries de pequenas câmaras, mobiliadas como quartos e tratadas como tal pelas crianças.

Grupos de três ou quatro crianças de sete anos ocupavam pequenos quartos juntos. Essa prática continuava, com freqüente mudança de companheiros até os treze anos, quando as crianças então ocupavam quartos temporários no prédio dos adultos, geralmente aos pares. Quando casavam, ou sempre que o indivíduo quisesse, ele poderia participar na construção de um quarto maior para si mesmo, ou remobiliar um quarto antigo que estivesse disponível.

Uma remoção similar de supervisão ocorria nos refeitórios à medida que a criança adquiria autocontrole. Dos três ao seis anos, as crianças mais velhas, como observamos em nosso primeiro dia em Walden II, tomavam suas refeições em horas especificadas nos alojamentos dos adultos. Aos treze anos, toda a supervisão era abandonada e o jovem membro era livre para comer quando e onde lhe aprouvesse.

Visitamos algumas das oficinas, laboratórios, estúdios e salas de leitura, usadas em lugar de salas de aula. Estavam ocupadas mas não davam a impressão de que as crianças estivessem realmente na escola. Suponho que os poucos adultos vistos nas proximidades do prédio eram professores. Mas muitos deles eram homens, contrariamente à minha concepção de professores de crianças daquela idade. E, mais freqüentemente, eles estavam ocupados com seus assuntos particulares. Como Frazier pedira que evitássemos questões ou discussões na presença das crianças, passamos de uma sala para outra cada vez mais intrigados. Tenho que admitir que havia um grande aproveitamento, mas nunca tinha visto uma escola semelhante anteriormente.

Visitamos um ginásio bem equipado, uma pequena sala de reunião e outras acomodações. A construção era feita de terra batida e decorada com muita simplicidade, mas apresentava um agradável aspecto "informal". As portas e muitas das janelas permaneciam abertas e parte do trabalho escolar ou o que quer que fosse, era realizado fora. As crianças entravam e saíam constantemente. Embora houvesse uma evidente excitação local, não se assemelhava à barulhenta confusão que se encontra nas escolas, quando a disci-

plina é momentaneamente relaxada. Todos pareciam gozar de extraordinária liberdade, mas a eficiência e o conforto de todo o grupo eram preservados.

Isso me lembrou crianças bem comportadas, e eu estava a ponto de perguntar com que frequência a pressão atingia o ponto de explosão. Mas havia uma diferença também e minha pergunta se esvaneceu vagarosamente. Eu só podia concluir que essa feliz atmosfera tão produtiva era provavelmente o habitual. Novamente, pelo que eu pude ver, Frazier — ou alguém — tinha as coisas sob controle.

Retornamos para a sombra da árvore; eu estava cheio de perguntas e certo que Castle se sentia da mesma forma. Mas Frazier tinha outros planos. Tinha esquecido quão notável era o espetáculo que havíamos presenciado ou estava intencionalmente deixando fermentar nossa admiração e curiosidade. Partiu de um ponto muito diferente.

— Quando discutimos a economia da vida comunitária, disse ele, eu mencionei educação. Os professores são, naturalmente, trabalhadores e eu estou tentando defender tudo que eu disse acerca de nossa vantagem econômica enquanto especificamente aplicada à educação. Deus sabe, o mundo exterior não é propriamente perdulário na educação de suas crianças. Ele não gasta muito em equipamentos ou professores. Além disso, a despeito de sua política de economia há ainda um desperdício enorme. Uma educação muito melhor custaria menos, se a sociedade fosse melhor organizada.

Nós podemos adotar os melhores métodos educacionais e ainda evitar a máquina administrativa que as escolas necessitam a fim de ajustar a criança a uma estrutura social desfavorável. Não precisamos nos preocupar com a padronização para permitir a transferência de alunos de uma escola para outra ou avaliar ou controlar o trabalho de escolas particulares. Não precisamos de "séries". Todos sabem que os talentos e capacidade não se desenvolvem ao mesmo nível em crianças diferentes. Um leitor de quarta série pode ser um matemático de sexta série. À série é um expediente administrativo que violenta a natureza do processo de desenvolvimento. Aqui, a criança progride à velocidade que ela queira em qualquer campo. Não se perde tempo em forçá-la a participar ou a ser aborrecida com

atividades que já superou. E uma criança atrasada pode ser auxiliada mais eficientemente também.

— Nós também não exigimos que todas as nossas crianças desenvolvam as mesmas habilidades ou capacidades. Não insistimos num certo conjunto de cursos. Acho que não temos uma única criança que tenha tido uma "educação escolar secundária", o que quer que isso signifique. Mas todas se desenvolveram tão rapidamente quanto é aconselhável e elas são bem educadas em muitos aspectos úteis. Do mesmo modo, não perdemos tempo em ensinar o que não se pode ensinar. A educação fixa representada por um diploma é uma restrição séria que não tem lugar em Walden II. Nós não atribuímos um valor econômico ou honorífico à educação. Ela tem seu próprio valor ou nenhum.

— Uma vez que nossas crianças estejam felizes, cheias de energia e curiosas, não precisamos ensinar nenhuma "matéria". Ensinamos somente as técnicas de aprender e pensar. Assim, para Geografia, Literatura, Ciências — damos às nossas crianças oportunidade e orientação e elas aprendem por si mesmas. Deste modo, dispensamos metade dos professores exigidos no antigo sistema e nossa educação é incomparavelmente melhor. Nossas crianças não são negligenciadas, mas raramente, se é que alguma vez isso acontece, *ensina-se* alguma coisa.

— A educação em Walden II é parte da vida da comunidade. Nós não precisamos alardear as experiências da vida. Nossas crianças começam a trabalhar com tenra idade. Isso não é duro; é aceito tão prontamente como um esporte ou uma brincadeira. E uma boa parte de nossa educação se faz em oficina, laboratório e campos. Faz parte do Código de Walden II encorajar as crianças em todas as artes e ofícios. Temos prazer em passar o tempo a instruí-las, pois sabemos que é importante para o futuro de Walden II e para a nossa própria segurança.

— E quanto à educação superior? disse eu.

— Não estamos equipados para uma formação profissional, naturalmente, disse Frazier. Aos que querem se graduar numa universidade é dado preparo especial. As exigências de ingresso são sempre tirânicas, embora talvez inevitáveis num sistema de produção em massa. Assim, conseguimos descobrir faculdades que receberão nossos jovens como estudantes especiais e, à medida que eles continuam

a obter excelentes resultados, esperamos encontrar menores dificuldades. Na pior das hipóteses, deveremos organizar-nos como um colégio e nos fazer reconhecidos. Mas você pode imaginar as mudanças estúpidas que teríamos que fazer? Frazier resfolegou com impaciência. — Bem, ironias, ironias.

— Você não quer dizer "orgulho"? — perguntei.

— Nós teríamos de estabelecer um "currículo", exigir uma "média x", "uma língua estrangeira", "tantos anos de estágio", etc, etc. Seria muito divertido. Não, "ironias" foi o que eu quis dizer.

— Então, a sua gente não vai ao ginásio?

— Não temos mais motivos para distinguir entre ginásio e colégio e entre colégio e faculdade. De qualquer modo, que são essas distinções, uma vez que você separou educação de sua própria administração? Existe algum rompimento natural no desenvolvimento de uma criança? Muitas de nossas crianças, naturalmente, estudam assuntos cada vez mais avançados à medida que crescem. Nós as ajudamos de todas as maneiras que abreviem o processo de ensino. Damos novas técnicas para que elas adquiram conhecimento e modos de pensar. A despeito das crenças da maioria dos educadores, nossas crianças são ensinadas a pensar. Nós lhes proporcionamos um excelente levantamento dos métodos e técnicas de pensar tomados da Lógica, Estatística, Método Científico, Psicologia e Matemática. Essa é toda a educação colegial de que eles precisam. Elas obtêm o resto por si mesmas em nossas bibliotecas e laboratórios.

— E quanto a bibliotecas e laboratórios, disse eu, o que você pode, de fato, fornecer nesse sentido?

— A respeito de bibliotecas, nós nos orgulhamos de ter os melhores livros, senão a maioria. Você, alguma vez, passou muito tempo numa grande biblioteca escolar? Que lixo o bibliotecário teve de guardar a fim de relacionar um milhão de volumes no catálogo do colégio? Folhetos superados, velhas revistas, velharias imprestáveis que até mesmo a livraria de segunda mão mais vagabunda limparia de suas prateleiras. Tudo guardado com o pretexto fútil de que algum dia alguém desejará estudar a história de um campo. Aqui, temos o coração de uma grande biblioteca — não tanto para agradar o estudante ou especialista, talvez, mas suficiente para interessar o leitor inteligente pela vida. Dois ou três mil volumes são suficientes para isso.

Frazier desafiou-me com um olhar firme, mas eu não quis discutir num terreno tão difícil.

— O segredo é que, continuou ele, subtraímos de nossas prateleiras a mesma quantidade que acrescentamos. O resultado é uma coleção que nunca perde o interesse. Todos obtemos algo de vital cada vez que pegamos um livro nas prateleiras. Se alguém quiser prosseguir um assunto especial, nós arranjamos por empréstimo. Se alguém quiser se divertir, temos metade de um depósito de volumes substituídos.

— Nossos laboratórios são bons, porque são reais. Nossas oficinas são na realidade pequenos laboratórios de engenharia, qualquer pessoa com uma inclinação genuína pode ir além de um colegial. Nós ensinamos Anatomia no matadouro, Botânica no campo, Genética no estábulo e viveiros de aves, Química no edifício médico e na cozinha e no laboratório de laticínios. Que mais você quer saber?

— E tudo isso é somente por diversão? Você não sente que algum estudo disciplinado é necessário? disse Castle.

— Para que? perguntou Frazier, numa falsa demonstração de surpresa.

— Para prover técnicas e habilidades que serão valiosas mais tarde, disse Castle. Por exemplo, o estudo de uma língua.

— Por que "mais tarde"? Por que não adquirir a linguagem *quando* valiosa? Nós adquirimos o domínio de nossa própria língua desse modo! Naturalmente, você está pensando num processo educacional que termina, algumas vezes, no fim do último ano do colégio. Em Walden II, a educação continua indefinidamente. É parte da nossa cultura. Podemos adquirir uma técnica sempre que necessitarmos dela.

— Como as línguas, continuou Frazier, você deve saber que, mesmo nas nossas maiores universidades um departamento de língua é considerado muito bom se dois ou três estudantes, em qualquer momento, se aproximam da fluência. Podemos fazer melhor do que isso. Um membro de Walden II, que certa vez viveu na França, interessou diversos de nossos membros de dez a cinquenta anos na língua francesa. Você pode conversar com eles durante sua estada. Eu os ouço conversar em volta da sala de refeições a toda hora e eles acrescentam um agradável toque cosmopolita.

Ouvi dizer que estão desenvolvendo simpatia pela língua francesa e por sua literatura. Eles nunca obtiveram qualquer grau ou crédito, mas estão aprendendo francês. Existe, na verdade, alguma escolha? Ou o francês é digno de ser aprendido *na ocasião em que você o estuda*, ou não é. Sejam sensatos.

— Ainda estou cético, disse Castle. Naturalmente, estou ainda em desvantagem argumentando contra um fato consumado. — Frazier sacudiu a cabeça violentamente. — Mas nem tudo está acabado, continuou Castle. Suas agradáveis salas de aula, suas crianças habilidosas e satisfeitas — isso eu devo aceitar. Mas levará muito tempo para descobrir quando realmente são bem educadas suas crianças de acordo com nossos padrões. — Frazier fez menção de falar, mas Castle antecipou-se. — Admitirei que esses padrões não nos dirão tudo. Não podemos convidar suas crianças para se submeterem aos nossos exames, porque elas não aprenderam as mesmas coisas, mesmo numa área como o francês. Seus estudantes, provavelmente, não se sairiam melhor que um parisiense médio, num exame de francês do 2.º ano. Admitirei e confesso, com toda a humildade, que posso concordar que a espécie de aprendizagem que você descreveu, é melhor — se uma comparação for possível. É o ideal que todo o professor de colégio vislumbra a todo momento em que ele se liberta da agitação de sua vida. Mas não posso aceitar o sistema que você descreveu, porque não vejo qual o motor que o move. Por que suas crianças aprendem qualquer coisa? Quais são seus substitutos para nossos motivos-padrão?

— Seus "motivos-padrão", exatamente, disse Frazier. E isso é enfadonho. Uma instituição educacional dispende a maior parte de seu tempo, não em apresentar fatos ou comunicando técnicas de aprendizagem, mas tentando fazer com que seus estudantes aprendam. Isso cria necessidades espúrias. Você alguma vez parou para analisá-los? Que são os "motivos-padrão", Sr. Castle?

— Devo admitir que não são muito atraentes, disse Castle. Suponho que consista no medo da família no caso de notas baixas ou expulsão, a recompensa de honrarias, a valorização esnobe da beca, o valor rentável de um diploma.

— Muito bem, Sr. Castle, disse Frazier. — O Sr. é um homem honesto. E agora para responder às suas perguntas — nosso substituto é simplesmente a ausência desses expedientes. Nós tivemos

que *descobrir* a validade e os motivos realmente produtivos — os motivos que inspiram o trabalho criativo na ciência e na arte, fora das academias. Ninguém pergunta como motivar um bebê. Um bebê explora, naturalmente, tudo o que alcança, a menos que forças restritivas já se tenham feito sentir. E essa tendência não morre, ela é *inibida*.

— Fizemos um estudo da motivação da criança não-reprimida e descobrimos mais do que podíamos usar. Nossa tarefa era *preservá-las*, fortificando a criança contra o desânimo. Introduzimos o desânimo tão cuidadosamente quanto introduzimos qualquer outra situação emocional, iniciando ao redor dos seis meses. Alguns dos brinquedos, em nossos cubículos com ar condicionado, são projetados para criar perseverança. Um trecho de melodia de uma caixa de música, ou um padrão de luzes faiscantes, é arranjado de maneira a seguir uma resposta apropriada, digamos, apertar uma campainha. Mais tarde, a campainha deverá ser apertada duas vezes, depois três ou cinco ou dez vezes. É possível construir um comportamento fantasticamente perseverante sem encontrar frustração ou raiva. Pode não surpreendê-lo saber que alguns de nossos experimentos falharam; a resistência ao desânimo tornou-se quase estúpida ou patológica. Corre-se alguns riscos em trabalhos desse tipo, é claro. Felizmente, podemos reverter o processo e restaurar a criança ao nível satisfatório.

— Criar uma tolerância a eventos desanimadores mostrou ser tudo quanto precisávamos, continuou Frazier. As motivações em educação, Sr. Castle, são os motivos em todo o comportamento humano. A educação deveria ser a própria vida. Nós não precisamos criar motivações. Nós evitamos as necessidades espúrias acadêmicas que o Sr. relacionou tão francamente e também a fuga da ameaça tão amplamente usada em nossas instituições civis. Nós apelamos para a curiosidade, que é característica da criança não-limitada, tanto quanto do adulto alerta e inquisitivo. Apelamos para este impulso para controlar o ambiente que faz o bebê continuar a amassar um pedaço de papel barulhento e o cientista continuar a progredir em sua análise preditiva da natureza. Não precisamos motivar ninguém criando necessidades espúrias.

— Conheci uns poucos homens com o tipo de motivação a que você se refere, disse eu.

— A cultura contemporânea produz uns poucos, por acidente, disse Frazier rapidamente, assim como produz alguns homens corajosos ou felizes.

— Mas eu nunca os entendi, disse eu debilmente.

— Por que é que você deveria, mais do que as pessoas infelizes podem entender as felizes?

— Mas não há uma necessidade real para satisfações espúrias? disse eu. — Pequenos sinais de sucesso pessoal, dinheiro — dominação pessoal também, se você quiser. A maior parte do que faço, faço-o para evitar conseqüências indesejáveis, para fugir do desagrado, ou para rejeitar ou atacar forças que interferem na minha liberdade.

— Todos os motivos infelizes, disse Frazier.

— Infelizes, talvez, porém, poderosos. Acho que o que parece exatamente menos promissor no seu sistema é a felicidade. Sua gente vai ser demasiado feliz, demasiado bem sucedida. Mas porque é que eles não vão simplesmente dormir? Podemos esperar conquistas reais deles? Os grandes nomes da História não foram essencialmente infelizes, ou desajustados, ou neuróticos?

— Tenho pouco interesse em conclusões extraídas da História, disse Frazier, mas, se você quiser tocar nessa tecla, eu entro no seu jogo. Para cada gênio que você citar, cuja grandeza pareça ter brotado de uma neurose, eu citarei atos similares de grandeza sem neurose. Vire isso ao avesso e eu concordarei. Um homem com um toque de gênio terá tamanha probabilidade de atacar as instituições existentes, que ele será chamado de desequilibrado ou neurótico. Os únicos gênios produzidos pelo caos da sociedade são os que fizeram alguma coisa a respeito. — Frazier parou e eu me perguntei se ele estava pensando em si mesmo. — O caos alimenta o gênio. Oferece ao homem algo a respeito do qual se tornar um gênio. Mas aqui, temos coisas melhores a fazer.

— Mas quanto aos casos em que a infelicidade levou à realização artística ou científica? — perguntei.

— Eu diria que alguns magníficos sonetos não teriam sido escritos se a musa tivesse cedido, disse Frazier. Mas não tantos assim. Não muitos trabalhos de arte podem ser atribuídos à falta de satisfação das necessidades básicas. Não é o sexo franco que dá origem à arte, mas relações pessoais que são antes sociais ou

culturais do que biológicas. A arte lida com algo menos óbvio do que a satisfação a ser encontrada num prato trivial. Frazier riu explosivamente, como se tivesse talvez dito mais do que pretendia.

— Nós nunca produziremos um mundo tão satisfatório que não deixe lugar à arte, continuou ele. Ao contrário, Walden II demonstrou muito bem que tão logo as simples necessidades da vida sejam obtidas com pequeno esforço, ocorre um desabrochar enorme de interesse artístico. E o que menos precisamos temer é que as satisfações simples diminuam a conquista científica do mundo. Que cientista merece o nome se estiver envolvido como cientista, na satisfação de suas próprias necessidades básicas? Ele pode estar pensando nas necessidades básicas dos outros, mas seus próprios motivos são claramente culturais. Não pode haver dúvidas sobre o valor de sobrevivência do espírito investigador — da curiosidade, da exploração, da necessidade de dominar os meios, da urgência de controlar as forças da natureza. O mundo nunca será totalmente conhecido e o homem não pode ser impedido de saber cada vez mais a respeito dele.

O assunto pareceu ter-se tornado demasiado vago para estimular maiores discussões, mas Castle logo ofereceu um outro substituto.

— Estou dilacerado entre duas questões que parecem incompatíveis ainda que igualmente importantes, disse ele. O que fazem quanto a diferenças em intelecto e talento entre suas crianças? E o que fazem para evitar produzir uma porção de jovens completamente padronizados? Qual pergunta deveria eu fazer e qual é a sua resposta?

— Ambas são boas questões, disse Frazier, e bastante compatíveis. Eu fiz menção de falar e Frazier disse: — Vejo que o Sr. Burris quer ajudar nas respostas.

— Acho que, disse eu, as diferenças são devidas a fatores ambientais e culturais e que o Sr. Frazier não tem grande problema a resolver. Dê a todas as suas crianças o excelente cuidado que nós testemunhamos e suas diferenças serão desprezíveis.

— Não, você está errado, Burris, disse Frazier. Esta é uma pergunta a que nós respondemos satisfatoriamente. Nossas crianças de dez anos têm todas o mesmo ambiente desde o nascimento, mas a variação de seus QI é quase tão grande quanto o da popu-

lação externa. Isto parece ser verdadeiro no que se refere às outras habilidades e capacidades, também.

— E quanto a proezas físicas, naturalmente, disse Castle.

— Por que é que você disse "naturalmente"? — perguntou Frazier, com marcado interesse.

— Bem, porque diferenças físicas são, geralmente, conhecidas, eu suponho.

— Todas as diferenças são físicas, meu caro Sr. Castle. Nós pensamos com nosso corpo, também. Você deveria ter respondido que diferenças em proezas foram sempre óbvias e impossíveis de esconder, enquanto que outras diferenças foram geralmente disfarçadas, pelo bem do prestígio e do orgulho da família. Nós aceitamos a maioria de limitações físicas sem protesto e somos razoavelmente felizes apesar delas, mas podemos gastar uma vida toda tentando viver de acordo com uma concepção inteiramente falsa de nosso poder em outro campo, e sofrer a dor de um fracasso lento. Aqui, nós nos aceitamos como somos.

— Os não-talentosos não acabarão infelizes?

— Nós não experimentamos rivalidade pessoal; os indivíduos são raramente comparados. Nós nunca desenvolvemos um gosto muito além de um talento. Nossos pais têm poucos motivos para falsificar as habilidades de seus filhos para si mesmos ou para *os outros. É fácil para nossas crianças aceitar suas limitações, exatamente como elas sempre aceitaram a maioria das diferenças que o Sr. Castle chamou de "proezas físicas". Ao mesmo tempo, nossas crianças mais dotadas não são retidas pela mediocridade organizada. Nossos gênios não se sentem deslocados. O tipo brilhante mas instável não nos é familiar. O gênio pode-se exprimir.

Tínhamos mudado de lugar de tempos em tempos, de modo a acompanhar a sombra de nossa árvore. Nós estávamos agora dirigidos exatamente para o norte e aglomerados perto do tronco, porque era meio-dia. O trabalho escolar da área próxima do prédio tinha gradualmente terminado e teve início a migração em direção à sala de jantar. Frazier levantou-se e esticou os joelhos cuidadosamente. Nós também levantamo-nos, com exceção de Castle que ficou teimosamente em seu lugar.

— Não posso acreditar, começou ele, olhando para o chão, e aparentemente não se importando em ser ou não ouvido. — Eu não

posso acreditar que você realmente consiga espontaneidade e liberdade através de um sistema de controle tirânico. Onde entra a iniciativa? Quando é que a criança começa a pensar em si como um agente livre? O que é liberdade, de qualquer modo, sob tal plano?

— Liberdade, liberdade, disse Frazier, esticando os braços e pescoço e quase cantando as palavras como se as tivesse pronunciado do fundo de um abismo. — Liberdade é a questão, não é? Mas não vamos respondê-la agora. Deixemo-la soar, podemos? Deixemo-la soar.

Na parte meridional dos jardins em flor, em cima de uma manta estendida na grama morna, estava uma menina nua de uns nove ou dez meses. Um jovem e uma jovem tentavam fazê-la engatinhar para alcançar uma boneca de borracha. Paramos um momento, antes de prosseguir nosso caminho até as salas comuns, para apreciar os esforços grotescamente impotentes da criança.

Quando retomamos nosso passeio, Frazier disse como por casualidade:

— Seu primeiro filho.

— Por Deus! — gritei. — Não me diga que esses meninos são pais da criança!

— Pois claro. E é uma criança extraordinária.

— Mas se não têm mais de dezesseis ou dezessete anos!

— Provavelmente.

— Trata-se de algum caso especial? Espero que não seja o normal — minha voz fraquejou com a dúvida.

— Não é raro, em absoluto, entre nós — disse Frazier. — A média de idade de uma mãe de Walden II, em seu primeiro parto, é dezoito anos e esperamos que essa média abaixe ainda mais. A guerra impediu um pouco esses objetivos. Parece-me que a jovem que você viu tinha dezesseis anos quando teve a sua filha.

— E por que encorajar *isso*? — disse Bárbara.

— Existe uma série de boas razões. Não há desculpa para o atraso habitual do casamento ou o retardamento ainda maior da procriação. Que lhes parece falarmos disso enquanto comemos? Encontramo-nos à uma hora no refeitório?

Chegamos a nossas habitações e Frazier se despediu sem mais. Lavamo-nos e nos reunimos de novo na frente do edifício; sentamo-nos em fila em um banco comprido pregado à parede, que estava parcialmente sombreado pela marquise. Estávamos exaustos.

— Quero créditos de trabalho por este tipo de coisa — disse Castle, deixando-se cair no banco. — E terão que valer cerca de dois pontos ou então não brinco mais.

— Que pensa do que o Sr. Frazier disse esta manhã? — perguntou Rodge.

— A única coisa que posso dizer-lhe — disse Castle — é que eu não aporia minha assinatura embaixo.

Rodge, em evidente desacordo, olhou de relance para Bárbara.

— Por que? — perguntei, oferecendo quanto apoio pude.

— Você o faria? — perguntou-me Castle.

— Bem, não sei. Mas o que disse Frazier esta manhã parecia bastante razoável. Admitiu que tudo era experimental. Se for realmente capaz de se conservar livre para mudar as práticas — e puder evitar agarrar-se teimosamente a uma teoria — creio que terá êxito.

— Realmente, é hábil essa atitude experimental — disse Castle. — Com ela, o cientista pode estar seguro de si mesmo antes de chegar a conhecer qualquer coisa. Nós, os filósofos, poderíamos ter pensado nisso.

— Pode ser que você tenha razão, — disse eu. O cientista poderá não estar seguro sobre qual será a solução, mas, geralmente, está seguro que encontrará uma resposta. E é um privilégio que certamente não é partilhado pela filosofia.

— Eu gostaria de ver algumas destas respostas; não me contento com a afirmação de que elas existam.

— Você crê em seus próprios olhos? — disse eu, tratando ainda de apoiar o entusiasmo de Rodge.

— Meus olhos não me dizem nada. Empreendimentos desse tipo funcionaram muitas vezes bem, mas só momentaneamente. O que nos interessa saber é se o empreendimento possui a potencialida-

de de permanência. Quero saber algo mais acerca dessa maravilhosa segunda geração.

— É curioso, — respondi. — A mim, me preocupa mais a primeira. Creio que Frazier tem toda a razão em educar as pessoas para viverem cooperativamente. O que me preocupa é como conduzi-la a salvo até o túmulo ou mesmo até as suas cadeiras de balanço quando a segunda estiver pronta para tomar as rédeas. Frazier prometeu-nos falar mais sobre isso esta noite.

— É bom que fale mesmo, — disse Castle, petulante — e que diga muito mais.

— Ainda não é hora de comer? — disse Bárbara alegremente. — Imaginem ter um filho aos dezesseis anos!

Encontramos os refeitórios quase cheios e escolhemos uma pequena mesa no refeitório inglês. Frazier estava nos esperando e, apenas havíamos pegado o garfo, ele começou a falar como se acabasse de concluir a frase.

— Não há dúvida de que a idéia de uma menina se casar um ou dois anos após a puberdade choca-os como algo característico das culturas primitivas. Ou, pior ainda, de comunidades atrasadas como as que existem ainda em nosso próprio país, — disse. — Os matrimônios precoces são considerados desaconselháveis. As estatísticas mostram que tendem a ser menos bem sucedidos a longo prazo e que são, quase sempre, inviáveis de um ponto de vista econômico. Não necessito recordar-lhes que, contudo, em Walden II, não há obstáculos econômicos para casar-se, seja qual for a idade dos cônjuges. Os jovens casais vivem igualmente bem, casados ou não. Às crianças, são dados cuidados iguais, não importando a experiência, a idade ou o poder aquisitivo dos pais.

Certamente a maior parte das jovens podem ter filhos aos quinze ou dezesseis anos. As pessoas gostam de ridicularizar o "amor juvenil", dizendo que não é duradouro nem profundo. Claro que não dura! Milhares de forças conspiram contra ele. E não são forças da natureza, não, mas as de uma sociedade mal organizada. O rapaz e a moça estão prontos para amar. Nunca mais terão essa mesma capacidade de amar. E podem casar-se e procriar — no fundo são parte de uma mesma coisa — mas a sociedade não lhes permite demonstrá-lo.

— Ao contrário, a sociedade faz disso um problema sexual — eu disse.

— Claro! — disse Frazier. — O sexo não é um problema em si. Aqui, o adolescente encontra a expressão imediata e satisfatória a seus impulsos naturais. Uma solução que é produtiva, honrosa e vista com admiração e orgulho pela coletividade. Que diferença do segredo e da vergonha com que a maioria de nós recorda um incidente sexual que nos aconteceu uma ou outra vez! A adolescência é poucas vezes agradável de recordar, está cheia de problemas desnecessários, atrasos desnecessários. Deveria ser breve e sem dor e assim a fazemos em *Walden II*.

— Todos os esquemas da sociedade exterior para conservar o adolescente livre de problemas... Os seus substitutivos "sádios" para o sexo! — continuou Frazier. — Mas o que tem de insano o sexo? Por que tem que haver um substitutivo? Que tem de mal o amor, o matrimônio, a paternidade? Nada se resolve com atrasá-los; ao contrário, tudo se complica. As aberrações mais ou menos patológicas que se seguem, são facilmente reconhecidas. E há muito mais. Geralmente, os ajustes sexuais normais acabam sendo impossíveis e o elemento esportivo no sexo é provocado — toda pessoa do sexo oposto se converte em objeto de sedução. É uma característica cultural fastidiosa que, com prazer, tratamos de evitar aqui; a promiscuidade agressiva é tão pouco natural como as brigas, a tendência à gozação ou a de dar palmadas amistosas nas costas. Mas, se se insistir em transformar o sexo em jogo ou caçada antes de tomá-lo com seriedade como se pode esperar uma atitude sadia mais tarde?

— Meninas tão jovens podem dar à luz com facilidade? — perguntou Bárbara.

— Com mais facilidade que as mais velhas, disse Frazier mansamente, como se ele mesmo houvesse dado à luz vários filhos em sua adolescência. Asseguramo-nos, é claro, de que a jovem seja capaz de uma gravidez normal. Mas isso deveria ser comprovado em qualquer idade.

— E durante quanto tempo segue tendo filhos?

— Tanto tempo quanto queira, mas, geralmente, não mais do que o normal. Se, por exemplo, quiser quatro filhos, terá terminado de procriar aos vinte e dois ou vinte e três anos. Isto não é excessivamente rápido porque a mãe se livra do penoso trabalho de criar

e cuidar dos filhos, ainda que tenha de trabalhar um pouco diariamente no jardim de infância; e, além do mais, porque lhe é dado um atendimento médico excelente. Aos vinte e três anos, encontrar-se-á tão jovem de corpo e de espírito como se houvesse passado esses anos solteira. Sua vida como mulher adulta se apresenta cheia de interessantes perspectivas. E, nesse aspecto, encontra-se em circunstâncias parecidas com as do homem. Fez sua contribuição especial que é tanto sua obrigação como seu privilégio por ser mulher e pode ocupar um lugar na vida sem distinção de sexo. Já observaram a total igualdade de homens e mulheres entre nós. Não existem trabalhos que não possam ser feitos indistintamente pelos dois sexos.

Uma súbita observação me veio à mente com tal força que eu mesmo me surpreendi, quando a ouvi de meus próprios lábios:

— Uma "geração" em Walden II deve significar uns vinte anos!

— Em vez dos trinta que se estima normalmente, disse Frazier, rindo da minha surpresa. — Não nos cansamos de nos divertir às custas dos partidários das "famílias numerosas". Não que sacrifiquemos as nossas mulheres a uma política de máxima procriação, não, mas igualamos ou excedemos o índice de natalidade normal e com crianças bastante sadias. Tudo pelo simples meio de obter três gerações no tempo de duas.

— Um homem pode ser avô aos trinta e cinco anos, eu disse com crescente assombro — e atingir três vezes trinta quando nasce a quinta geração.

— Qualquer de nós pode ter tantos bisnetos, com menos filhos por casal — quanto qualquer pessoa, netos nessa mesma idade, disse Frazier.

— E isso bastaria como devida resposta à objeção de que impedimos um pouco a alegria da família ou os laços familiares. A média dos membros de Walden II vê, no transcurso de sua vida, mais descendentes do que o membro mais excepcional da sociedade exterior. E toda criança tem aqui uma grande quantidade de avós, bisavós e mais parentes vivos que se interessem por ela.

— Creio que pode haver ainda uma vantagem a mais — disse eu. — Os pais jovens terão uma memória mais fresca e uma compreensão maior pelos problemas dos filhos. Podem dar mais ajuda e mais carinho a seus filhos.

— Isso no caso de que simpatia e ajuda fossem necessários, disse Frazier, algo irritado, como se eu houvesse sugerido que a comunidade era deficiente em algum aspecto.

— Mas não haveria um problema? — disse Bárbara. — Os jovens sabem, realmente, com que tipo de pessoas desejam compartilhar o resto de seus dias?

— Parecem estar convencidos disso, disse Frazier.

— Mas os jovens evoluem de forma distinta.

— Você crê nisso de fato?

— As estatísticas — disse Bárbara, com evidente orgulho de falar nos mesmos termos que Frazier — demonstram que os matrimônios prematuros tendem a ser infelizes.

— Por que marido e mulher evoluem de forma distinta ou por que o sistema econômico existente desfavorece os matrimônios jovens?

— Não sei.

— Talvez as dificuldades econômicas sejam responsáveis pela evolução diferente dos jovens, disse Frazier.

— O que posso dizer-lhes é que os jovens de que eu gostava quando eu era mais moça não me agradam agora, disse Bárbara, alegrando-se de poder deixar as estatísticas. — Nem consigo imaginar por que gostava deles.

— Agora, me pergunto se isso não pode ser verdade em qualquer idade. Evoluímos diferentemente quando vivemos diferentemente.

— Creio que o que acaba de dizer a Srta. Macklin tem sua importância, disse Castle. — Nessa idade, é menos provável termos achado o padrão definitivo de vida. Ainda na maturidade, continuamos tratando de nos conhecer a nós mesmos.

— Muito bem, admitimo-lo — ainda que não veja como isto possa mudar alguma coisa, porque as pessoas de Walden II nunca cessam de evoluir. Mas, pelo menos, podemos oferecer algumas vantagens compensadoras. Estamos certos, por exemplo, de que marido e mulher procedem do mesmo nível econômico, da mesma cultura e receberam o mesmo tipo de educação. Que dizem sobre este ponto as estatísticas?

Bárbara tratou de pensar.

— Não recorro bem, mas creio que isso também é importante, disse por fim.

— Então, empatamos, disse Frazier. — Nossas crianças se conhecem muito bem. Entre nós, não se dão os matrimônios-relâmpago. O próprio fato de casar cedo servirá para prevenir os matrimônios devidos à atração sexual, disse a menos que você sinta que eu estou estragando sua simpática imagem do "amor juvenil".

— De modo algum. O "amor juvenil" não tende, em absoluto, a ser abertamente sexual. Com frequência é altamente idealista. Eu não estava falando da excitação que vem dos impulsos naturais mas do amor que surge espontaneamente e com o menor número de obstáculos possível e que é, portanto, a maior garantia de êxito.

— Muito romântico e pouco científico, eu disse.

— Então deixe-me acrescentar um toque científico. Quando dois jovens ficam noivos, vão ao Administrador de Matrimônios. Este examina seus interesses, seus antecedentes escolares e sua saúde. Se houver uma discrepância considerável na capacidade intelectual ou no temperamento, aconselha-os a não se casarem. Pelo menos, que atrasem o casamento, e isso significa, habitualmente, abandonar todo o projeto de matrimônio.

— É tão fácil assim? — perguntei.

— Normalmente, sim. As oportunidades existentes para conseguir outro noivo ou noiva ajudam muito, como no caso do ciúme pessoal.

— Mas não estão pondo a perder os melhores anos de uma menina obrigando-a a casar-se tão jovem? — disse Bárbara.

— Ela não é "obrigada" a se casar. Isso se deixa à sua vontade. Se o fizer, é possível que perca alguns dos anos juvenis, pintados com tintas mais românticas pela nossa literatura, mas os recuperará logo que haja terminado de dar à luz seus filhos. E estes anos novos serão realmente melhores do que os que teve a perder. Para a maioria das mulheres, a adolescência é um período de preocupação pelo seu êxito pessoal e pelo matrimônio. Para as mais afortunadas, supõe uma falsa excitação. A imagem de uma resplandesciente jovem debutante rodeada por um grupo de solícitos enamorados é um artificial pedaço de fantasia de que a civilização pode muito bem prescindir.

— Não sei porque suas descobertas foram para mim tão desconcertantes, eu disse. — Casar-se aos dezessete ou dezesseis anos não era de todo infreqüente em outros tempos, em outras culturas.

Sem dúvida, em certo sentido, chama-me a atenção como o fato mais radical da vida em Walden II.

— Eu não acho que gostaria disso, disse Bárbara.

Frazier a olhou friamente.

— Você tornou mais difícil a minha resposta ao Sr. Burris, disse Frazier. — Eu ia fazer observação que em outros tempos e em outras culturas chegava-se à maturidade muito antes. Podiam ser adultos aos dezesseis anos. Estou convencido de que a Srta. Mac-
klin aproveitou bem estes anos que tanto valoriza, mas isto não é o comum. Pelo menos, a metade dos anos de colégio são perda total, bem como metade do tempo que se passa na universidade, como os nossos educadores mais avançados estão começando a descobrir. Qualquer que seja sua idade, os jovens de Walden II não se casam até que alcancem a maturidade. Têm melhor controle de si mesmos do que os jovens de fora da mesma idade; há menos possibilidades de se enganarem quanto a suas próprias emoções ou às motivações dos demais. Desfrutamos os "melhores anos de nossa vida", Srta. Macklin, depois que os problemas da adolescência tenham sido resolvidos e superados. Esta classe de anos a temos em abundância aqui.

— Temo que os defensores do controle de natalidade não lhe vão agradecer sua campanha pró-matrimônios juvenis, eu disse. — Malthus deve agitar-se mais de uma vez em sua tumba.

— Não é boa solução para o problema malthusiano reduzir o índice de natalidade das pessoas que compreendem sua importância. Ao contrário, necessitamos propagar uma cultura que reconheça a necessidade de um controle de natalidade. Se argumentar que devemos dar o exemplo, teria que me provar que não nos extinguiremos antes de que o nosso exemplo seja imitado. Não, nosso programa genético é vital. Não nos assustam nem nosso índice de natalidade nem suas consequências.

— Estão levando a cabo algum experimento genético? — disse eu.

— Não, disse Frazier, mas, ao dizê-lo, se aproximou, como se o tema fosse para ele de especial interesse. — Ao inepto, dissuadimos de ter filhos, sem dúvida, mas daí não passa. Lembre-se de que faz muito pouco tempo que alcançamos nosso atual número de habitantes e, ainda assim, não somos suficientes para fazer experimentos sé-

rios. Mais adiante, talvez possamos fazer algo. O debilitamento da estrutura familiar possibilitará a procriação experimental.

Frazier sorriu para si.

— Eu estava esperando por isto! disse Castle explosivamente. — Que é esse "debilitamento da estrutura familiar", Sr. Frazier?

— O que se passa com a família em Walden II, disse Frazier, preocupa a todo mundo. A família é a mais débil das instituições modernas. Sua debilidade é evidente para qualquer um. Poderia sobreviver às mudanças culturais? Mas asseguro-lhe que estamos observando o fenômeno com o mesmo pânico que invade uma mãe quando seu filho, retardado mental, sobe ao palco e começa a recitar o seu papel. Bom, só posso dizer-lhe que, na família de Walden II, estão se desenvolvendo mudanças importantes.

Havíamos terminado de comer; muita gente havia ido embora e, portanto, pudemos conservar a mesa que tínhamos. Frazier, com mostras evidentes de estar incomodado, sugeriu que fôssemos buscar um lugar mais confortável para descansar um pouco até que nos fosse dado trabalho. As salas vizinhas estavam cheias, mas localizamos um estúdio vazio. No chão, havia várias almofadas de couro e sentamo-nos nelas, sentindo-nos muito boêmios e, portanto, muito em harmonia com o tema que estávamos discutindo.

— O fato mais significativo do nosso tempo — começou Frazier — é o crescente enfraquecimento da família. A perda da importância do lar como um meio para perpetuar uma cultura; a luta pela igualdade das mulheres, incluindo o direito de escolher profissões que não sejam as de dona de casa ou ama-seca; as extraordinárias conseqüências do controle da natalidade e a separação prática do sexo e da paternidade; a aceitação social do divórcio; o levantamento crítico da questão das relações consangüíneas ou inter-raciais — tudo isso são aspectos do mesmo problema. Dificilmente, pode-se sustentar que se trate de um tema tranqüilo. Uma comunidade deve resolver os problemas da família revisando certas práticas já estabelecidas. É absolutamente inevitável. A família é uma forma antiga de comunidade e os costumes e hábitos estabelecidos para perpetuá-la estão deslocados numa sociedade que não se baseia em laços de sangue. Walden II suprimiu a família, não só como unidade econômica, como também, até certo ponto, como unidade social e psicológica. O que sobreviver dela é uma questão experimental.

— A que conclusão chegou? — disse Castle.

— Não tenho uma resposta definitiva ainda. Mas posso descrever-lhes algumas das práticas familiares que têm feito parte do

nosso plano em Walden II e dizer-lhes quais as conseqüências até agora observadas. Alguns dos problemas experimentais foram respondidos de forma satisfatória.

— Por exemplo?

— Bem, por exemplo, a conveniência de quartos separados para marido e mulher. Não é obrigatório mas, a longo prazo, geralmente conservam relações conjugais mais satisfatórias do que quando utilizam uma habitação comum. Muitos dos nossos visitantes supõem que a vida em comunidade signifique o sacrifício da intimidade. Mas, pelo contrário, conseguimos que exista muito mais intimidade pessoal do que, provavelmente, possa ser encontrada no mundo exterior. Aqui pode-se estar só sempre que se queira. O quarto de um homem é o seu castelo e o mesmo podemos dizer do de uma mulher.

— Como você pode *provar* que os quartos separados eram mais convenientes? — disse Castle.

— Muito simples. Mostramos um plano com diversos tipos de habitações a todas as pessoas casadas, indicando-lhes que podiam escolher quartos separados ou comuns, segundo desejassem. Isso foi no início. Fizemos o mesmo com novos membros. Nossos psicólogos foram anotando cuidadosamente todos os problemas pessoais que surgiram e, ao cabo de oito anos, realizou-se um balanço dos problemas e das satisfações, tomando como variável o fato de se viver em quartos comuns ou separados. É um tipo de experimento impossível ou quase impossível de ser realizado em outra parte que não Walden II. O resultado não deixou lugar a dúvidas. A habitação individual fazia o indivíduo mais feliz, melhor adaptado e ainda tendia a fortalecer o amor e o afeto entre marido e mulher. A maior parte dos nossos casais mudaram agora para quartos separados. É difícil explicar as vantagens aos recém-casados, e suspeito que se tornará tradição dormir no mesmo aposento até que o período de procriação tenha terminado. Mas as vantagens posteriores, quanto à saúde, conveniência e liberdade pessoal são muito grandes para que se as despreze.

— Mas não abrem assim a porta para a promiscuidade? — disse Castle.

— Ao contrário; perpetuamos a lealdade e o afeto. Dessa forma, podemos estar seguros de que todo afeto, quando se mantém, é autêntico e não resultado de um regime policial, e, por isso, orgu-

lhamo-nos dele. Como podem ver, colocamos o afeto constante a um nível muito elevado.

— O fato é, simplesmente, que não há mais promiscuidade em Walden II do que na sociedade em geral. E, provavelmente, há menos. Entre outras coisas, encorajamos a simples amizade entre sexos, enquanto que o mundo exterior não faz mais que proibi-las. E o que poderia ser uma amizade agradável, tem de se converter em algo clandestino. Aqui favorecemos a amizade. Não praticamos o "amor livre", mas apoiamos o "afeto livre". E este nos leva a satisfazer necessidades que, em outros lugares, conduzem à promiscuidade. Estabelecemos, com êxito, o princípio da "sedução não suposta". Quando um homem começa a se relacionar com uma mulher, não se preocupa em fazer avanços nem a mulher se sente magoada quando ele não tenta. Essa espécie de jogo sexual é considerada, portanto, no seu valor justo: não como símbolo de potência, mas como prova de desassossego ou instabilidade.

— Não quero dizer com isto que, em Walden II, nunca houve relações "ilícitas" — continuou Frazier — mas estou seguro de que, entre nós, o sexo sem amor se reduziu ao mínimo. Não encaramos o amor extra-marital como algo totalmente justificado ou sem dificuldades. O problema do cônjuge abandonado permanece. Mas, fizemos todo o possível para evitar que se sinta infeliz. Faz parte do Código de Walden II evitar mexericos sobre as relações pessoais e qualquer pequena insinuação neste sentido pode ser evitada, quase sempre com facilidade. Nestes casos, também são de grande ajuda nossas grandes possibilidades de afeto. Ninguém chega a se sentir realmente muito abandonado. Não há muito orgulho ferido. Por enquanto, é o máximo que podemos fazer. Não é uma solução definitiva, mas já é um progresso. Lembrem-se que muitas culturas toleram em determinadas circunstâncias a troca de cônjuge. Apenas temos que ver os freqüentes divórcios entre os que podem se dar a este luxo. Não chegamos até esse ponto e não chegaremos nunca. De um prisma puramente econômico, poderíamos seguir adiante sem matrimônios permanentes. Mas o afeto pessoal estável é algo mais que uma racionalização romântica de uma unidade econômica.

— Pareceu-lhe necessário — perguntei — ocultar ou dissimular alguns de seus costumes para evitar críticas adversas do exterior ou inclusive ações legais contra vocês?

— De forma alguma, por que respeitamos preceitos legais do Estado. Evidentemente estes são sempre sujeitos a uma interpretação local e, nisto, Walden II não é uma exceção. Damos grande importância ao "noivado". No mundo todo, esta é uma declaração de intenções e um período de prova. O mesmo ocorre conosco. Os noivos recebem conselho médico e psicológico. Não se fomentam os noivados extensos, mesmo porque não são necessários aqui, pois não existem dificuldades econômicas. Nossas cerimônias de casamento não são ambíguas; estou seguro de que se chega a ela de boa fé. Se, com o correr do tempo, as amizades extra-conjugais enfraquecem o laço original, tratamos de evitar um rompimento declarado. Uma pessoa desinteressada, normalmente um dos nossos psicólogos, oferece-lhes imediatamente conselho e orientação. Frequentemente, a questão se resolve por si mesma e o laço original é preservado. Mas, se o afeto inicial está totalmente morto e o novo é genuíno, efetua-se o divórcio. Ser-lhes-á um pouco difícil compreender a simplicidade deste processo, porque vocês não podem apreciar muito bem nosso triunfo sobre emoções como os ciúmes ou orgulho ferido. Aqui, a comunidade inteira se esforça para facilitar um reajustamento ao invés de convertê-los em temas de escândalo.

Os olhos de Frazier cintilaram de raiva ao pronunciar a última frase e com um gesto nervoso, trocou de postura sobre a almofada. De repente, notei que ele havia estado estranhamente tranqüilo até aquele momento sem haver sinal de sua habitual agressividade. Ele havia demonstrado uma preocupação benévola, quase paternal pelo problema do matrimônio. Inclina-me de novo a interpretá-lo como mero sinal de confiança, mas suas palavras transmitiam tal fundo de ternura — ou sentimentalismo — que quase me deixaram espantado. Suas maneiras se fizeram ainda mais suaves à medida que a conversa prosseguia.

— E as crianças? — perguntei. O cuidado comunitário que vimos esta manhã enfraquecerá também a relação entre pais e filhos.

— De fato, e o fazemos de propósito. Temos que atenuar tal relação por várias razões. O cuidado comunitário é melhor que o cuidado dos pais. Na velha era pré-científica, a primeira educação da criança podia ser deixada a critério dos pais e, na verdade, era o melhor que se podia fazer. Mas, com a ciência do comportamento, tudo mudou. A má reputação que possui a educação científica da

criança não é reflexo dos nossos conhecimentos técnicos sobre o que se deveria fazer. As condições da boa educação das crianças estão bem estabelecidas. Mas fracassamos na prática científica que se introduziu nos lares comuns. Não se conseguiu ensinar aos pais comuns os conhecimentos dos princípios mais elementares da ciência e isto não é estranho. O controle do comportamento é uma ciência complexa que não poderia ser compreendida pela maioria das mães sem uma instrução prévia de alguns anos. Mas a deficiência da educação de muitas crianças não se deve só à falta de habilidade técnica. Mesmo quando a mãe sabe o que se deve fazer, frequentemente não pode fazê-lo pelas muitas outras preocupações caseiras. O lar não é o lugar mais adequado para se educar crianças.

— Ainda quando nossos jovens pais e mães chegam a ser competentes educadores de escola infantil, evitamos que exista uma dependência pessoal forte entre pais e filhos, continuou. Nosso objetivo é que cada membro adulto de Walden II considere todas as crianças como suas, e que cada criança considere todos os adultos como seus pais. Com este fim, estabeleceu-se a norma de que é de mau gosto preferir o filho próprio dando-lhe mostras de favoritismo. Se alguém quiser levar seu filho a passeio, o correto é levar também vários de seus amigos. Se se quiser comemorar o seu aniversário, todo mundo espera que se ofereça presentes similares aos convidados da festa. Pode-se permanecer tanto tempo quanto se queira com seus filhos, mas, fazê-lo de forma exclusiva é tabu. O resultado é que nenhuma criança recebe de seus pais alguma ajuda ou favor que não obtenham frequentemente de outras pessoas. Tiramo-la das saias de sua mãe. Desatamos o cordão umbilical.

Frazier ainda não se encontrava à vontade na sua almofada. Tentou várias posições e, por fim, se adaptou à de um buda. Dela, parecia dirigir-se a nós com autoridade de um oráculo.

— Pensem no que significa uma criança que não tem pai nem mãe! Não tem porque invejar os companheiros que os têm, porque há pouca, ou nenhuma diferença entre eles. É verdade que não poderá chamar a ninguém "papai" e "mamãe", mas não encorajamos isso em nenhum caso, pois preferimos que as crianças se dirijam a seus pais pelos nomes. Recebem presentes e atenções de muitos adultos e podem encontrar entre eles um ou vários com os quais estabelecem relações de profundo afeto.

— E pensem também no que significa aqueles que não têm filhos! Podem expressar seu afeto natural às crianças apesar do impedimento biológico ou social que os privou da paternidade. Nenhuma pessoa razoável acredita que o amor e o afeto tenham algo a ver com sangue. O amor de cada um por sua mulher não deve, por lei, ser uma relação consanguínea.

— Sente-se tanto afeto pelos adotivos e pelos enteados como pelos próprios filhos. O amor e o afeto são de natureza psicológica e cultural; os laços de sangue felizmente podem ser esquecidos.

— E não há pais aos quais incomoda compartilhar seus filhos com os demais? eu disse.

— Por que deveriam? O que estão realmente compartilhando? Na prática, vêem mais seus filhos do que a mãe típica na maioria dos lares de classe social elevada — nos quais, diga-se de passagem, esse procedimento é voluntário. E muito mais que o pai normal. Muitos pais se alegram de que se os liberte da tremenda responsabilidade de ser a única fonte de afeto e ajuda para o filho. Aqui, é impossível ser um pai inadequado ou mal preparado e o crescimento vigoroso e feliz de nossos filhos é prova suficiente para desfazer qualquer suspeita de que eles tenham sido privados de qualquer coisa.

— O enfraquecimento da relação entre pais e filhos pode valorizar-se também de outra maneira, continuou Frazier com a mesma suavidade. — Nos casos em que não se pode evitar o divórcio, os filhos não se vêem perturbados por mudanças radicais no seu sistema de vida ou em seu comportamento em relação a seus pais. Também é fácil induzir o inepto ou enfermo a abdicar da paternidade. A não-paternidade não é caracterizada como um estigma ou falta de afeto. Era isso que eu queria dizer quando me referia à possibilidade de serem realizados experimentos de procriação seletiva, em Walden II. A ligação hereditária poderá reduzir-se até o ponto do esquecimento completo. Mas também muito antes de chegarmos a essa etapa poderá conseguir-se procriar por inseminação artificial sem alterar a relação pessoal entre marido e mulher. Nossa gente casará quando e com quem quiser, mas terá os filhos de acordo com um plano genético.

— Mesmo assim parece-me, disse Castle, que vocês estão entrando em conflito com importantes forças naturais.

— E o que teria você dito então se eu tivesse proposto matar recém-nascidos do sexo feminino indesejáveis? — disse Frazier — No entanto tal prática é permitida em algumas culturas. O que é que sabemos realmente sobre a *natureza* da relação de parentesco? Sabemos qualquer coisa? Duvido.

— Isso lembra-me uma questão anterior do Sr. Castle, disse eu. O que acontece com a "identificação"? Vocês têm algum substituto para os pais como padrão para as crianças? Se os seus rapazes não querem "ser como papai" ou num caso menos feliz "como mamãe", como são construídas as suas personalidades?

— Sabemos muito pouco sobre o que acontece na identificação, disse Frazier. Jamais se fez uma análise científica cuidadosa. Os dados não são verdadeiramente experimentais? Vimos o processo funcionar apenas na nossa estrutura-padrão de família. O padrão freudiano pode ser devido às peculiaridades dessa estrutura ou mesmo devido às excentricidades dos membros da família. Tudo o que realmente sabemos é que as crianças tendem a imitar os adultos em seus gestos e maneirismos, bem como em atitudes e relações pessoais. Isto ocorre também aqui, mas, uma vez que a estrutura da família mudou, o efeito é bem diverso.

— Muitas pessoas cuidam das nossas crianças. Não se trata de cuidados institucionais, mas de afeto genuíno. Os membros dessa comunidade não sofrem de trabalho excessivo e não são forçados a trabalhos para os quais não têm talento ou inclinação. O que a criança imita é uma espécie de adulto essencialmente feliz. Podemos evitar as idiossincrasias de um só genitor e a identificação é fácil e valiosa.

— Lembrem-se de que os adultos que cuidam de nossas crianças são de ambos os sexos. Suprimimos os preconceitos existentes quanto às ocupações típicas de cada sexo e nos esforçamos de modo especial em manter um equilíbrio heterossexual entre os que trabalham nos jardins de infância e na escola. Trabalhar nesta tarefa não representa uma perda de prestígio, e a muitos homens agrada positivamente. O trabalho no jardim de infância é muito parecido ao do técnico de laboratório altamente especializado. Equilibrando os sexos, eliminamos todos os problemas freudianos que nascem das relações assimétricas com a mãe. Mas este é um problema técnico que você e eu podemos discutir em qualquer outro momento.

— Mas quando a criança cresce — disse eu — acaso não seleciona naturalmente os indivíduos como objetos de interesse e afeto?

— É exatamente o que pretendemos, — disse Frazier. — Às vezes, pode suceder devido a uma identificação de interesses: o que sente uma inclinação pelas artes, sentir-se-á espontaneamente atraído pelos artistas; o agricultor em potencial sentir-se-á atraído pela leiteria. Ou, ainda, pode decorrer de similaridade de caráter ou personalidade. Na família, a identificação limita-se normalmente ao pai ou à mãe, mas é possível que nenhum dos dois possua as características adequadas ao desenvolvimento da personalidade do filho. Nestes casos, desenvolve-se uma espécie de identificação forçada que ficamos muito satisfeitos em poder evitar.

— Mas esses vínculos pessoais atenuados não conduziriam a sentimentos de insegurança? — disse Castle.

— Quem é inseguro? Acerca de que? Não nossas crianças, com certeza. Todas as oportunidades do mundo lhes são dadas para conseguirem afeição e ajuda de centenas de adultos. Você poderá encontrar a sua criança insegura sob os cuidados de uma mãe sobrecarregada de trabalho e de emoções, ou vivendo com pais briguentos, ou enviada à escola sem a preparação para os ajustamentos necessários, ou abandonada ao convívio com outras crianças de diferentes níveis de instrução. Nós *aumentamos* o sentimento de segurança de nossas crianças.

— Eu pensava mais nas mulheres, disse Castle. Nas esposas e mães. Não sentem elas que estão sendo menos necessárias à sua família?

— Claro que sentem, e devem sentir. Você se refere à tradição de escravidão e assentimento que a preservaram por milhares de anos? O mundo tem feito progressos na emancipação das mulheres, mas a igualdade ainda está muito longe. Existem hoje poucas culturas nas quais os direitos da mulher são, de algum modo, respeitados. Os Estados Unidos estão talvez entre as três "ou quatro nações nas quais houve algum progresso. No entanto, muito poucas mulheres americanas chegam à independência econômica e à liberdade cultural dos homens americanos.

— Sentimentos de insegurança! — Frazier continuava com crescente calor. — O sistema de casamento vive do comércio deles! A que vem o casamento comum de classe média? Bem, concorda-se

que o marido proverá abrigo, vestuário, alimento e talvez alguma diversão, enquanto a mulher trabalhará como cozinheira e arrumadeira. E terá e criará as crianças. O homem tem uma razoável liberdade de escolha ou mudança de trabalho; a mulher não tem escolha, só pode aceitar ou negligenciar o seu quinhão. Tem o direito legal de manutenção e o marido, o direito a certo tipo de trabalho.

— Para piorar as coisas, estamos educando nossas mulheres como se fossem iguais, e prometemos igualdade a elas. É de admirar que fiquem cedo desiludidas? O remédio corrente é o de reviver os "slogans" e sentimentos que fizeram com que o sistema funcionasse no passado. À boa mulher se diz que considere uma honra e um privilégio trabalhar na cozinha, fazer as camas todos os dias, olhar as crianças. Faz-se com que acredite que é *necessária*, de que tem sob seus cuidados a felicidade e a saúde do marido e também de suas crianças. Este é o tratamento típico recomendado à dona de casa neurótica: reconciliá-la com o quinhão que lhe coube! Mas a mulher inteligente percebe-o imediatamente, não importando o quanto queira acreditar. Sabe muito bem que outrem poderia fazer as camas e tirar as refeições e lavar a roupa, e que sua família não notaria a diferença. O papel de mãe, ela quer reservar para si própria mas não tem mais ligação com suas tarefas cotidianas do que o papel de pai com seu trabalho no escritório, na fábrica ou no campo.

— Aqui, não há razão para sentir que alguém é necessário a um outro alguém. Cada um de nós é necessário na mesma medida, que é pequena. A comunidade iria igualmente bem amanhã se qualquer um de nós morresse esta noite. Não podemos, por isso, tirar muita satisfação dos sentimentos de importância. Em compensação, existem outras satisfações. Cada um de nós é necessariamente uma pessoa na medida em que é amada como uma pessoa. Nenhuma mulher pode tirar muita satisfação do sentimento de que a falta dela será sentida como a de uma cozinheira ou faxineira que se despediu; quer que a falta sentida seja a de uma esposa e mãe. Ao prover bons cuidados para todos indistintamente, ressaltamos as necessidades pessoais. Quando uma mãe sente que está perdendo a afeição de um filho, tem maiores probabilidades de descobrir a verdadeira razão. Não tentará tornar-se a si própria mais necessária tornando o filho mais dependente. Seria impossível. O seu único recurso será recupe-

rar a afeição da criança, e ela certamente o fará se tiver entendido a natureza do problema.

A comunidade, enquanto família que passou por uma revisão, modificou o lugar das mulheres mais radicalmente que o dos homens. Por essa razão, algumas mulheres sentem-se momentaneamente inseguras. Mas sua nova posição é mais digna, mais apreciada e mais sadia, e toda a questão de segurança eventualmente desaparece. Em um mundo de completa igualdade econômica, cada um pode conseguir e manter as afeições que merece. Não se pode comprar amor com presentes ou favores, nem mantê-lo pela criação de filhos inadequados, nem ter segurança no amor servindo como uma boa faxineira ou como um bom provedor.

— Mas suspeito que para você o mais difícil será convencer as mulheres das vantagens da vida comunitária, — disse eu.

— Naturalmente! Os que têm mais a ganhar são sempre os mais difíceis de convencer. Isso é verdade também do trabalhador explorado — e pela mesma razão. Ambos foram mantidos em seus lugares, não por forças externas, mas, muito mais sutilmente, por um sistema de crenças implantado dentro de suas peles. Algumas vezes, é tarefa sem esperança tentar sacudir as cadeias de suas almas, mas pode ser feito. Mas, por falar em cadeias, não devo retê-los nem fazê-los atrasar para o trabalho.

Não podíamos continuar convenientemente a nossa lavagem de janelas, porque os passeios, geralmente, eram mais movimentados à tarde. Mas quase metade do trabalho estava feito e Rodge achou que nós certamente o terminaríamos na manhã seguinte. Apresentamo-nos novamente à Mesa de Trabalho. Rodge e Steve pediram algum trabalho pesado. Disseram que tinham ficado sentados por muito tempo. Apesar do calor do dia, eu me sentia com a mesma inclinação. Castle estava ainda preocupado quanto ao seu estado e alegremente aceitou um trabalho leve com as moças, especialmente porque não requeria roupa de trabalho.

Rodge, Steve e eu colocamos calção e apresentamo-nos na área atrás do teatro. Aí achamos uma grande pilha de lenha de meio metro de comprimento. Tinha sido colocada na área por um caminhão e nosso trabalho era empilhá-las contra a parede branca do teatro. A pilha provisória estava a seis ou sete metros da parede. Steve sugeriu que primeiro jogássemos algumas centenas de peças em direção à parede, para economizar o trabalho de andar para lá e para cá. Essa teria sido uma excelente idéia para qualquer pessoa com menos de trinta anos de idade, mas logo percebi que era demais para mim. Ofereci-me para começar a empilhar, desde que pudesse ser protegido das toras voadoras. Tracei pla-

nos cuidadosos para uma pilha bem segura, mas fiz pouco progresso real e logo Rodge juntou-se a mim.

Quinze minutos depois, paramos para um pequeno descanso, sentando no topo da pilha que havíamos feito. Steve desdenhou o descanso e continuou um bombardeamento rítmico.

— Bem, o que é que vocês acham disso tudo? — perguntei.

Rodge me olhou quase atemorizado.

— É tudo quanto Steve e eu costumávamos sonhar. E mais. — Havia um esforço por trás da afirmação como se tratasse de um dever desagradável.

— Notável, não é? — concordei.

— E o Sr. Frazier é o primeiro gênio verdadeiro que conheci.

— É um sujeito brilhante, está certo. E foi suficientemente inteligente para cercar-se de pessoas excelentes para ajudá-lo. Toda a equipe de administradores parece ser muito capaz. Frazier seria o primeiro a reconhecer a sua contribuição.

— Mas ele é um gênio do mesmo modo. Para planejar isso tudo sozinho. ..

— Eu não acredito que ele declarasse isso, — disse eu. Houve outros planejadores.

— Mas a idéia principal, essa foi dele, não foi?

— Talvez fosse. Mas muitos dos aspectos já haviam sido elaborados. Alguns tinham sido até experimentados.

— Bem, eu não sei como foi e não me importa. Mas olhe o jeito como ele fez isso funcionar! Ora, essas pessoas são felizes! Todas elas! E elas não estão sequer dependendo dos outros. Há tantas coisas maravilhosas que ninguém jamais havia mencionado!

— Ele quase gemeu e sacudiu lentamente a cabeça. — Como alguém haveria de querer uma vida melhor? Por que é que todo mundo simplesmente não faz a mesma coisa?

— Não é uma vida que satisfaria a todo mundo, disse eu. De jeito nenhum. Eu tenho certeza de que Frazier pode manter a sua segunda geração na linha, mas muitas pessoas não tiveram a história adequada.

— Eu sei, disse Rodge.

Silenciamos por uns poucos minutos quando Steve, com uma queixa fingida sobre nossa preguiça, começou a rolar as toras até nossos pés.

— Algumas pessoas, continuou Rodge, nem mesmo enxergam por que alguém quereria fazer isto. Eles não vêem o porquê.

Olhou para mim, mas eu não disse nada.

— Eles não parecem perceber, continuou, como quase qualquer outro tipo de vida significa infelicidade para qualquer pessoa em qualquer lugar. Enquanto forem felizes, não se preocupam. Não parecem ver a chegada do problema.

Eu continuei quieto.

— O que o Sr. diria a alguém que se sentisse dessa forma? — perguntou Rodge, numa verdadeira súplica.

— Temo que simplesmente dizer alguma coisa não resolveria nada. É um processo longo e lento: dar a alguém uma consciência social. É difícil ver a nossa própria vida em relação ao mundo todo. Nós aprendemos sobre as duas coisas de maneiras diferentes.

— Eu devia saber isso, disse Rodge. Eu mesmo era um dos felizes há poucos anos atrás. Eu estava me encaminhando para uma vida satisfatória e não estava longe dela. Um lar, uma bonita esposa, crianças talvez, um carro, mais dinheiro do que a maioria das pessoas. Não é uma má vida.

— Não absolutamente.

Deslizamos para fora da pilha e começamos a empilhar toras novamente.

— E eu não pensava que estivesse prejudicando ninguém, continuou Rodge. Sempre paguei pelo que tive e todo mundo me tratava amigavelmente. Eu acho que era o tipo de pessoa de que todo mundo gostava.

— O que fez você ver mais longe? Dois ou três anos no Pacífico?

— Exato. Permitiu-me ver isso e muitas coisas mais. — Ele jogou uma tora particularmente pesada com estrondo.

— Bem, eu também me considereei com sorte, então. Você ainda é jovem e pode fazer alguma coisa a respeito. Quanto à sua própria vida e talvez quanto à de outros rapazes também.

— O problema é que nem todos evoluíram da mesma maneira. Muitas pessoas ainda não vêem como são as coisas. A velha vida parece correta. Eles realmente não estão prejudicando ninguém, pelo menos que eles conheçam. E não lhes parece im-

portar se esse tipo de vida pode continuar por muito tempo. — Rodge jogou uma outra tora no lugar.

— Aposto que uma *delas* é...

— Bárbara, sim.

— Walden II não é para ela?

— Decididamente, não! Ela o "despreza"! Não consegue ver nenhum motivo para se ser tão... excêntrico. É gozado. Ela é uma menina inteligente também, eu acho. Eu costumava pensar assim, pelo menos. Mas ela é tão cega quanto a certas coisas ... o Sr. chamou isso de consciência social. Bem, ela absolutamente não a tem.

— Pode chegar a tê-la, a tempo. Você já falou com ela a respeito?

— Não muito. Mas é... um caso perdido. Por exemplo, ela não entende porque uma pessoa tão inteligente como o Sr. Frazier simplesmente não saiu, não ganhou muito dinheiro e comprou o tipo de vida que queria, sozinho.

— Ela está longe de entender, não é?

— Olha, está simplesmente fora de seu contexto. Ela quer um lar e crianças. E uma empregada, é claro. Quer receber seus amigos e ter um carro.

— E você?

— Se eu só tivesse que pensar em mim, eu nunca sairia daqui. Eu não sei o que meu pai diria. Provavelmente, no começo, ele ficaria do lado de Bárbara. Mas, no fim das contas, não teria que vir aqui comigo e eu não estou tão certo de que não desconfiasse da razão que me levaria a tentar isso. Tem dito algumas coisas desde que eu voltei.

Então depende de Bárbara?

— Não sei. É difícil resolver. Ela mudou muito. — Mais uma tora lançada com vigor e comecei a me preocupar quanto à resistência das paredes.

— Eu acho que você provocou a mudança, Rodge.

— É claro que é isso, mas chegamos ao mesmo ponto: nós não concordamos. E eu não acho que seria correto insistir no meu ponto de vista. Afinal, eu poderia me ajustar razoavelmente bem ao seu tipo de vida.

— Você acha que poderia? Não é tarde demais?

— Eu não sei, realmente não sei. Eu não sei de nada, para dizer a verdade. Nunca estive num lugar como este, mesmo quando estava servindo o Exército. O que está acontecendo comigo? O que um psicólogo diria?

— Posso lhe dizer, mas você pode não querer ouvir.

— Continue, eu posso agüentar.

— Não é de minha conta, mas acho que você está tendo um problema de pirulito.

Os rapazes tinham razão quanto ao trabalho pesado: era exatamente o que eu precisava. Um chuveiro e uma roupa limpa me deram uma ótima disposição. Depois do almoço, eu podia ter feito a sesta e havia planejado descansar no meio da tarde. Mas um par de horas empilhando madeira desanuviou minha cabeça depois da extenuante discussão da manhã e eu estava pronto para outra.

— Castle não tinha voltado ainda e lembrei-me com alguma satisfação, de que o valor do crédito de empilhar madeira era ligeiramente mais alto do que o seu trabalho com as meninas. Eu me permiti uma pesquisa particular sobre a arte em Walden II.

Além da galeria da Escada eu tinha visto muitos quadros nos passeios, nos quartos de leitura, alguns de tamanho considerável. Havia também pequenas esculturas. Tinha descoberto que a maior parte dos quartos particulares continham quadros ou esculturas emprestados a uma coleção comum.

Meu giro demonstrou ser mais conveniente e em muitos aspectos mais agradável do que a visita a um museu. Era, geralmente, possível arranjar uma cadeira se eu quisesse gastar algum tempo num trabalho particular e, de algum modo, eu tinha um prazer a mais

no fato de os quartos serem habitados. Nada parecia meramente decorativo.

Depois de cerca de uma hora, comecei a me sentir cansado. Puxei uma cadeira perto de uma das janelas, dominando o campo de Walden II e me sentei. Eu estava perto da sala de refeições onde havia combinado encontrar-me às seis e meia e decidi descansar um pouco antes do jantar.

Fui acordado às sete horas por um grupo de pessoas que voltava da sala de jantar. Num pânico que estava bem deslocado do espírito de Walden II, corri para o encontro marcado. Eles não estavam à vista, mas eu os descobri numa conversa animada na sala Sueca. Parecia que eles tinham estado construindo teorias para explicar o meu desaparecimento e me contaram a mais promissora logo que enchi minha bandeja.

Havia muito mais risos do que pensei que a situação permitisse, mas eu estava tonto da minha longa sesta e devo tê-los julgado mal. Suas teorias eram altamente improváveis mas pareciam ser divertidas. Alguém tinha sugerido que eu, na realidade, era um espião envolvido em sabotagem a favor da Velha Ordem e que eu estava nesse momento provavelmente ensinando os carneiros a roer a cerca não-eletrificada. A teoria de Frazier — ele havia suspeitado em mim simpatias freudianas — era de que eu me tinha mudado para um dos cubículos de bebês e que eu tinha pendurado um letreiro dizendo "Um útero com visor". Quando tentei explicar onde eu realmente tinha estado, eles se recusaram a acreditar numa única palavra e pareciam achar isso também muito divertido.

Eu comecei a afastar os efeitos da minha sesta e a conversa chegou a assuntos mais sérios. Num ponto qualquer eu disse:

— Mas como você explica o invariável insucesso das comunidades no passado?

Frazier pousou sua faca e garfo cuidadosamente sobre a mesa mas continuou olhando-me com uma expressão neutra que, por um momento, não pude interpretar. Ele parecia um animal treinado mantendo suas patas desajeitadamente no lugar para uma fotografia de efeito. Gradualmente, uma mistura de revolta e contenção se dispôs.

— Eu acho difícil, disse ele afinal com controle exagerado, responder a uma pergunta desse tipo com imparcialidade. Por que é que eu deveria explicá-lo?

— Comumente, supõe-se que o homem se aproveita da experiência, disse eu, esperando mostrar que não estava assustado. Pensei que o fracasso de tentativas similares no passado pudesse ter algum valor para Walden II.

— Similar? Similar? Frazier cantou, fazendo isso soar um pouco como "Figaro, Figaro"! — A canção que todas as sereias cantam para todos os historiadores. O que é que você realmente sabe a respeito? Similar *como*? Similar *até que ponto*?

— Ora, vamos lá, disse eu, resolvendo permanecer imperturbável, apesar de perceber o encaminhamento ao qual chegaríamos e temer estar perdido. — Acho que você pode delinear uma semelhança considerável. Um grupo de pessoas decide viver cooperativa e independentemente do mundo exterior...

— É baseado *nisso*, disse ele com puro desdém, que você prevê o fracasso de Walden II.

— Bem, não, não simplesmente baseado nisso. E eu não prevejo o fracasso. Mas nós sabemos alguma coisa sobre as condições de vida dessas velhas comunidades, seus costumes...

— Nós sabemos que comiam e bebiam e realizavam outras funções alimentares, trabalhavam muito, acreditavam em Deus — a maioria deles tinha filhos — alguns deles ficavam ricos, outros não e debandavam. Nós sabemos o que suas construções podem parecer aos artistas de segunda categoria e o que eles escreveram sobre si mesmos, como literatos.

— O Sr. me espanta, Sr. Frazier, disse Castle. Eu esperava que tivesse o maior respeito por essas comunidades pioneiras.

— Eu tenho o maior respeito por elas como *acredito* que elas tenham existido. Mas, na realidade, não sei nada a respeito delas com exceção de seus relatos literários. Em sua maioria, elas eram herméticas. O que talvez não me emociona é que o tributo histórico tenha o valor de um critério a partir do qual podemos fazer previsões quanto ao sucesso de tentativas contemporâneas.

— Você admite a relevância de seus escritos, disse eu fracamente.

— Admito. E também que a maioria das comunidades não mais existe. Mas a previsão no campo das ciências sociais é muito duvidosa, mesmo quando sabemos a respeito de que estamos falando. Não sabemos praticamente nada sobre as condições reais desses assim chamados experimentos. A maioria foi, economicamente, um

sucesso. Algumas falharam porque os membros não puderam resistir à tentativa de dividir o saque e poucas ainda sobrevivem. Mas o ponto crucial é o controle psicológico e a respeito disso sabemos muito pouco. Uns poucos fatos, sim, mas um retrato adequado não.

— Parece-me que conduziram experimentos psicológicos muito importantes, disse eu.

— Mas não sabemos realmente o que eles fizeram ou ainda porque falharam. Por outro lado, sabemos porque a coisa certa deixou provavelmente de ser feita. O padrão cultural era, geralmente, considerado como verdade revelada e não questão aberta a modificações experimentais — exceto quando obviamente errado. A comunidade não era montada como um experimento real, mas antes para pôr em prática alguns princípios. Esses princípios, quando não revelados por Deus, provinham de uma filosofia de perfeccionismo. Geralmente, o plano era afastar-se do governo e permitir à virtude natural do homem sua afirmação. O que mais pode querer para explicar um fracasso?

— Bem, você devia ter dito isso logo de início! exclamei, tentando rir.

— Talvez eu tivesse entendido mal, disse ele, sem sorrir. Mas, de qualquer modo acabamos chegando ao ponto crucial. Nós precisávamos ficar mais à vontade.

Frazier nos levou em direção aos quartos particulares e eu esperava que estivéssemos indo para o seu próprio, que eu estava curioso em conhecer. Mas ele se desviou na direção de uma rampa que dava acesso ao telhado do edifício. Muitos membros estavam sentados ali ao pôr-do-sol. Era uma parte de Walden II que eu não havia imaginado.

Havia uma brisa agradável e o céu estava quase uniformemente róseo, num maravilhoso início de poente. Nós juntamos alguns bancos e cadeiras de praia e duas ou três almofadas de couro e sentamo-nos para gozar tanto o pôr-do-sol quanto a conversa.

Frazier primeiro virou-se para Castle.

— O Sr. já lecionou Ética, Sr. Castle? — perguntou.

— Dei um curso de Ética todos os anos durante treze anos, disse Castle, na sua maneira mais precisa.

— Então, o Sr. pode dizer-nos em que consiste a Boa Vida, disse Frazier.

— Oh, não! Eu não posso, disse Castle. De jeito nenhum. Você devia ter perguntado isso há treze anos atrás.

Frazier estava deliciado.

— Então deixe-me contar, disse ele.

— Como todo gosto, disse Castle, jovialmente. Mas devo informá-lo de que tudo quanto você disser poderá ser anotado e usado contra você. Eu estive esperando por isso. A menos que você *possa* mostrar-me em que consiste a Boa Vida e que pode consegui-la em Walden II, eu lhe direi para ficar com suas miragens, suas bandejas de vidro, seus armários de comida, que eu voltarei para os supermercados e para as lanchonetes.

— É claro, não sei nada sobre o seu Curso de Ética, disse Frazier, mas o filósofo em busca da base racional para decidir o que é bom, sempre me lembrou uma centopéia tentando decidir como andar. Simplesmente vai em frente e anda! Todos nós sabemos o que é bom até que paremos para pensar a respeito. Por exemplo, há alguma dúvida de que a saúde é melhor que a doença?

— Deve haver uma hora na qual o homem escolheria saúde precária ou até mesmo a morte e nós poderíamos aplaudir a sua decisão, disse Castle.

— Sim, mas você está movendo a perna errada. Tente aquela do lado oposto.

Isso não era jogo limpo e Castle, obviamente, ficou ressentido. Ele tinha colaborado inicialmente e Frazier estava tirando vantagem disso.

— *As outras coisas sendo iguais*, nós escolhemos saúde, continuou Frazier. — O problema técnico é bastante simples. Talvez achemos tempo amanhã para visitar nosso edifício médico.

— Em segundo lugar, pode alguém duvidar de que um mínimo absoluto de trabalho desagradável seja parte da Boa Vida? Frazier voltou-se novamente para Castle mas foi recebido com um silêncio mal-humorado.

— De qualquer modo, esta é a opinião do milionário, disse eu.

— Eu direi o mínimo que for possível sem sobrecarregar ninguém. Nós devemos sempre pensar no grupo todo. Eu não quero dizer que queiramos ser inativos — nós provamos que a ociosidade não é vantajosa. Mas trabalho doloroso ou desinteressante é um atentado tanto à saúde física quanto à psicológica. Nosso plano era reduzir o trabalho indesejável ao mínimo, mas nós o eliminamos. Mesmo o trabalho pesado é divertido, se não estiver acima de nossas forças e se não for demasiado. Um homem forte aprecia fazer uma corrida ou rachar lenha ou construir uma parede. Quando não

somos obrigados, quando podemos escolher nosso trabalho livremente, então nós *queremos* trabalhar. Podemos até mesmo procurar trabalho, quando não precisamos dele. William Morris, você se lembra, tentou realizar isso em "Notícias de Lugar Nenhum", mas sem sucesso, eu acho. Imagine a nossa surpresa ao descobrir que nós o transformamos num profeta verdadeiro!

Mencionei a minha experiência agradável no empilhamento de madeira e disse que estava aceitando a idéia sem maiores provas.

— Mas eu não acho que um líder trabalhista estaria ansioso em concordar com você, acrescentei.

— Ele há de querer, a longo prazo, disse Frazier. Ele pode não concordar agora. Essa é a falha fatal na reforma do trabalho. O programa pede uma campanha longa e monótona na qual os líderes não só mantêm os seus homens insatisfeitos mas forjam um maior campo de insatisfação. Enquanto a reforma continuar sendo uma batalha entre o trabalho e o capital, o líder trabalhista deve "aumentar a miséria" para elevar o moral de suas tropas. Ninguém sabe o quanto tornam mais pesado o fardo do trabalho aqueles que tentam fazê-lo mais leve. Aqui, não há batalha. Nós podemos admitir livremente que gostamos de trabalhar. Você pode acreditar que não precisamos manter um controle acurado da contribuição de cada homem? Ou que a maioria de nós acumulou cartões de crédito suficientes para permitir longas férias se quiséssemos? Mas deixe-me continuar. A Boa Vida também significa uma oportunidade para exercer talentos e habilidades. E nós a deixamos se tornar assim. Temos tempo para esportes, passatempos, artes e ofícios e, o mais importante do que tudo, para a expressão desse interesse no mundo que é a *ciência* no sentido mais profundo. Pode ser um interesse casual em assuntos corriqueiros ou na literatura ou nos esforços controlados e criativos no laboratório — em qualquer caso representa a desnecessária e agradável exploração seletiva da natureza.

— E nós necessitamos de contatos pessoais íntimos e satisfatórios. Devemos ter as melhores possibilidades de encontrar espíritos congênitos. Nosso Administrador Social cuida disso por meios engenhosos. E não restringimos as relações pessoais à conformidade dos padrões tradicionais. Nós desencorajamos atitudes de dominação e admoestação. Nosso objetivo é uma tolerância geral e afeição.

— Por último, a Boa Vida significa relaxamento e descanso. Conseguimos isso em Walden II quase como decorrência natural, mas não meramente por termos reduzido o número de horas de trabalho. No mundo lá fora, a classe ociosa é talvez a menos tranqüila. O importante é satisfazer nossas necessidades. Então, podemos abandonar a luta cega pela procura do "divertimento" ou de "conseguir o que se quer". Alcançamos o verdadeiro lazer.

— Isto é tudo, Sr. Castle — absolutamente tudo. Eu não posso reduzi-los a qualquer princípio do "maior bem" nem dar-lhe uma justificação racional para qualquer ponto. Essa é a Boa Vida. Nós sabemos disso. É um fato e não uma teoria. Tem uma justificação experimental, e não racional. Quanto a seus conflitos de princípios, essa também é uma questão experimental. Nós não gastamos nossas mentes quanto ao resultado da disputa entre a Devção e a Obrigação. Simplesmente arranjamos um mundo no qual conflitos sérios ocorrem tão raramente quanto possível ou, com um pouco de sorte, simplesmente não ocorrem.

Castle estava observando atentamente a paisagem. Não havia sinal de que estivesse ouvindo. Frazier não aceitou a omissão.

— O Sr. concorda, professor? — disse ele. O tratamento que usou foi intencional.

— Eu não acho que você e eu estejamos interessados na mesma coisa, disse Castle.

— Bem, é nisso que *nós* estamos interessados e eu penso que acertamos, disse Frazier, obviamente desapontado. Pelo menos, as coisas estão indo bem.

— Segundo eu me lembro, você fez uma curta confissão de perfeccionismo, disse eu. Você mesmo não estaria adotando uma visão perfeccionista? Você parece estar inferindo que as pessoas serão naturalmente felizes, ativas, afeiçãoadas etc, se você simplesmente lhes der a oportunidade. Como você mantém essas condições em vigor?

— Não há perfec... — em vigor? Ora, eis uma expressão esclarecedora! Você não pode *forçar* a felicidade. Você não pode, a longo prazo, forçar nada. Nós não *usamos* força! Tudo o que nós precisamos é de engenharia comportamental adequada.

— Agora nós estamos chegando a algum lugar, disse Castle, olhando para cima, mas ainda um tanto zangado.

— Admito que existe um problema especial de membros que venham a nós já adultos, disse Frazier. É mais fácil com membros que nasceram na comunidade e passaram pelo nosso sistema escolar. Com novos membros adultos, temos que chegar a algo semelhante à conversão.

— Eu penso que sim, disse Castle.

— Não é tão difícil, disse Frazier desconfiado. Os novos membros simplesmente concordam em seguir os costumes da comunidade em troca das vantagens de viver entre nós. Um novo membro pode estar sendo ainda levado por motivos que cuidadosamente evitamos na educação de nossas crianças. Podem ser vítimas de emoções sem as quais nós passamos bem. Mas concordam em se manter sob controle e cumprir certas especificações, pelo bom resultado final. Por exemplo, pode estar muito motivado por uma rejeição do mundo externo, um motivo que não existe em nossas crianças. Mas concordará em não perder muito tempo em comparações. Eventualmente, os membros adultos tornam-se muito semelhantes à nossa segunda geração adequadamente educada.

— Isso é um programa muito bom, disse Castle. É mais do que isso: é lindo. Mas aí está o "x" do problema todo da vida comunitária: como você pode cumprir esse programa?

— Não é tão difícil quanto os filisteus pensavam que fosse, disse Frazier. Nós temos certas regras de conduta, o Código Walden, que são mudadas de tempos em tempos, de acordo com a experiência. Algumas dessas, como os dez mandamentos, são fundamentais, mas muitas podem parecer triviais. Cada membro concorda em cumprir o Código quando se torna membro da comunidade. É o que ele dá em troca da garantia constitucional de participação na riqueza e na vida da comunidade. O Código funciona como um lembrete até que o bom comportamento se torne habitual.

— Você nos poderia dar exemplo de uma das regras triviais? — perguntei eu.

— Vejamos. Uma é: "Não fale às pessoas de fora sobre assuntos da comunidade". Os Planejadores estão isentos disso e outras pessoas podem violar a regra, em certos casos. — Frazier virou-se para Steve e Mary. — O que acharam de nós no baile de ontem à noite?

— Nada, disse Steve. Nós notamos isso.

— Você pode ver o porquê das regras. Nosso Administrador de Relações Públicas passaria maus momentos se um visitante fosse perturbado por observações que poderiam ser mal interpretadas. Nós não estamos tão seguros de nós mesmos aos olhos do mundo e devemos tomar precauções. Uma outra regra é: "Explique seu trabalho a qualquer membro que esteja interessado". Esta é a "Regra da Aprendizagem". Isso torna os membros muito mais informados e capazes e dá um valor de crédito maior a vários tipos de trabalho. Uma outra é: "Não fale sobre as relações pessoais dos membros". Foi difícil pôr isso em prática, mas acho que nós realmente o conseguimos. Uma regra muito valiosa, é claro, em facilitar a solução de problemas pessoais.

— O Código chega mesmo ao nível da etiqueta social, continuou Frazier. Nós tentamos um certo número de experiências para facilitar e melhorar as relações sociais. Por exemplo, as apresentações em Walden II têm somente o fim de comunicar informação. Não esperamos ser apresentados antes de falarmos a um estranho nem nos preocupamos em fazer apresentações se não houver informação relevante a ser comunicada. A média dos americanos fica plantado pouco à vontade sem falar ou podem olhar-nos às avessas se falarmos sem termos sido apresentados. Mas o costume é familiar ao inglês e não causa embaraço ou comentários.

— Uma regra semelhante permite a fácil expressão do aborrecimento. Tivemos que usar algumas medidas drásticas para introduzir isso e é só ocasionalmente usado. Mas é, entre nós, uma forma perfeitamente aceita, dizer "Você já me disse isso antes" ou "Eu estou plenamente informado sobre esse assunto" ou "Esse é um assunto que eu não acho muito interessante". O resultado é que nós economizamos a nós mesmos muitas horas de aborrecimento. Se você parar para lembrar que uma comunidade multiplica os contatos sociais, você apreciará o valor da regra.

— O interlocutor não fica ofendido? — perguntei.

— Não, quando a prática é plenamente aceita como parte da cultura. É uma questão de costume. Muitas observações caracteristicamente americanas são rudes em outras culturas. E lembre-se também que o interlocutor ganha tanto quanto o ouvinte. Ele não tem que pedir ao ouvinte que o interrompa se ele já tiver ouvido a história antes, e nunca teme estar aborrecendo.

— Mas por que vocês todos continuam observando o Código? — perguntei. — Não há um natural e progressivo afastamento dele ou simples discordância?

— Quando à discordância, qualquer um pode examinar a experiência a partir da qual uma regra foi introduzida no Código. Pode argumentar contra a sua inclusão e pode apresentar as suas próprias provas. Se os Administradores recusam mudar a regra, pode apelar aos Planejadores, mas, em nenhum caso, deve discutir sobre o Código com os demais membros. Há uma regra contra isso.

— Eu certamente argumentaria contra a inclusão *dessa* regra, disse Castle. Simples democracia exige discussão pública de um assunto tão fundamental quanto um código.

— Você não achará muita "simples democracia" aqui — disse Frazier casualmente e retomou o fio da discussão como se estivesse se referindo à ausência de farinha branca no pão de Walden II.

— Quanto ao progressivo esquecimento do Código, isso é evitado pelas mesmas técnicas que os Administradores usam para encorajar, no início, a sua observância. As regras são frequentemente trazidas à atenção dos membros. Grupos de regras são discutidos de tempos em tempos em nossas reuniões semanais. As vantagens para a comunidade são apontadas e são descritas as aplicações específicas. Em alguns casos, regras simples são afixadas em lugares adequados.

— Eu vi uma sobre a banheira, disse Castle.

— Quais foram as "medidas drásticas" usadas para implantar a regra sobre o aborrecimento? — eu perguntei.

— Você achará matéria sobre esta parte da engenharia social em manuscrito numa das bibliotecas, disse Frazier. Chama-se "A Guerra do Aborrecimento". A regra foi considerada um experimento duvidoso, mas foi posta em prática com bastante sucesso. Foi anunciada e explicada numa reunião semanal. Houve muita piada a respeito. Numa severa mudança de costumes, é importante recorrer ao senso de humor. Pediu-se a cada membro para pôr em prática a regra, pelo menos uma vez por dia, ainda que isso significasse ter de encontrar um exemplo trivial de aborrecimento. Cartõezinhos apareceram nas mesas da sala de jantar dizendo "Você já foi aborrecido hoje? Se não, por que não?" Alguns se queixaram aos Admi-

nistradores de que os próprios cartões eram aborrecidos e foram imediatamente retirados para provar o valor da regra. Um dos membros escreveu uma peça chamada "O Homem que Aborrecia Todo Mundo". Recebeu um crédito pelo tempo gasto. A peça considera o dilema de um homem que nunca abre a boca sem que se lhe diga que está aborrecendo. Eventualmente, capitaliza sua idiossincrasia, fazendo aparições públicas como o maior chato do mundo, mas a polícia fecha o espetáculo, porque as multidões que brigam para vê-lo provam que o aborrecimento não pode ser genuíno se for tão interessante.

— Meu relato não faz justiça às situações divertidas que o autor conseguiu desenvolver, mas isso não importa. Graças a toda essa propaganda, o costume de expressar falta de interesse tornou-se lugar-comum e não foi ressentido. As vantagens tanto para o interlocutor como para o ouvinte foram suficientes para manter a regra em uso.

— Você usou a palavra "propaganda", disse eu. Eu ia perguntar-lhe se as suas técnicas já não são familiares aos propagandistas, políticos e outros tipos de psicólogos práticos. Existe alguma coisa de original a respeito delas?

— Absolutamente nada de original. Este é o ponto. A sociedade já possui as técnicas psicológicas para obter a observância universal de um código — um código que garantiria o sucesso de uma comunidade ou Estado. A dificuldade está em que essas técnicas estão nas mãos de pessoas erradas — ou melhor, não existem as pessoas certas. Nosso governo não quer aceitar a responsabilidade de construir o tipo de comportamento necessário para um Estado feliz. Em Walden II, apenas criamos uma agência que fizesse isso.

Castle não estava concordando muito com a fala de Frazier. Quando Frazier parou, ele adotou uma completa mudança na postura no seu banco aparentemente desconfortável e pigarreou antes de começar a falar.

— Eu não estou satisfeito com a sua Boa Vida, disse ele, afinal, com um olhar direto a Frazier.

— Você não está?

— Não. Falta alguma coisa.

— Não o maior bem para o maior número, disse Frazier.

— Não. Algo necessário para manter excepcional a sua gente excepcional. A vida aqui não me tentaria, e eu suspeito que não tentaria os doze melhores homens que passaram pelas minhas classes, durante a última década. Pelo que eu me lembro, eles não estavam interessados em tarefas momentâneas. Eles não se teriam importado muito com algo que pudesse terminar amanhã. O que falta a vocês é oportunidade de fazer planos a longo prazo. O cientista os tem. Um experimento que responde a uma pergunta isolada é de pouco interesse. Mesmo o artista os tem. Se for um bom artista ou um bom compositor, não ficará satisfeito com um único quadro ou com uma composição no seu piano. Ele quer sentir que todos os seus quadros ou composições estão dizendo algo — são todos parte de um movimento mais amplo. A mera alegria de disputar uma corrida, de pintar um quadro ou de tecer um tapete não é suficiente. Seu bom homem deverá trabalhar numa teoria ou num novo estilo ou numa técnica melhorada.

— Mas não pensem que todos nós vivemos desse dia-a-dia — disse Frazier. — Eu vejo por que você pensa assim. Porque você só viu nossa vida do dia-a-dia. Devemos parecer ter uma preocupação permanente com o desfrutar momentâneo da felicidade. Esse não é, absolutamente, o caso. Mas deixe-me esclarecer um outro ponto antes. Você mencionou uma dúzia de estudantes que ficariam insatisfeitos. E os outros?

— Oh, você poderia tomar conta deles suficientemente bem, disse Castle. E agradeceríamos se o fizesse.

— A diferença entre nós, Sr. Castle, é maior do que eu supunha, disse Frazier. Nós não só temos o que fazer com essa gente, nós lhes temos respeito. A maioria das pessoas vive no dia-a-dia ou, se tiver algum plano a longo prazo, é pouco mais do que a antecipação de algum curso natural — pretendem ter filhos, ver as crianças crescerem e assim por diante. A maioria das pessoas não quer planejar. Eles querem ser livres da responsabilidade de planejar. O que pedem é simplesmente alguma segurança de que serão decentemente satisfeitos. O resto é um desfrutar do dia-a-dia da vida. Essa é a explicação de seu Pai Divino; as pessoas, naturalmente, seguem qualquer um em quem possam confiar quanto às necessidades da vida. Pessoas desse tipo são completamente felizes aqui. E elas pagam por isso. Não são parasitas e eu não vejo

por que você os considera com desdém. Elas são a estrutura de uma comunidade — sólida, fidedigna, essencial. Mas, e quanto aos poucos altamente inteligentes que devem ter objetivos distantes e magníficos? Em que sentido é que nós interferiríamos em seus sonhos?

— Eu tenho impressão de que esses estudantes ficariam como peixes fora d'água aqui. Um deles pode estar interessado em um problema social, por exemplo.

— Mas você acha que nós não temos problemas sociais? Seu jovem amigo não apreciaria alguns meses de aprendizagem com nosso Administrador de Comportamento Pessoal ou Comportamento Cultural ou Relações Públicas? Ele não acharia idéias a longo prazo válidas para trabalhar na educação de nossos jovens — talvez maneiras de interessá-los no problema que lhe é tão caro? Ele não seria um membro entusiástico de nosso recém-formado Escritório de Informação para dar um relato de nosso experimento? Não, de fato, eu não acho que seu jovem amigo sentiria falta de objetivos distantes. E o importante é que nós poderíamos mostrar-lhe como *alcançar* esses objetivos ou a maioria deles num tempo razoável. O que você pode fazer nesse sentido?

— Não muito, confesso.

— É claro que não. Porque há centenas de forças que impedem você e todos os homens de boa vontade de até mesmo começarem um caminho em direção aos seus objetivos. O que seu jovem amigo tem, eu aposto, é um verdadeiro espírito de experimentação, mas como centenas de outros ele não tem laboratório e técnicas. Vamos fazer um experimento agora mesmo? Mande-o aqui e vejamos se ele vai perder os seus objetivos distantes!

Isso não era muito sutil e a excitação de Frazier menos ainda. Mas eu não poderia dizer se ele estava simplesmente recrutando novo material ou se queria sinceramente refutar o ataque de Castle da única maneira que ele conhecia — uma demonstração prática de Walden II atrairia um bom homem.

— Eu não estava pensando em uma determinada pessoa em particular, disse Castle, — pensava num certo tipo. Sua resposta é razoável, mas, o que me tinha ocorrido era um caso fácil. O que aconteceria a um rapaz que quisesse fazer nome em algum negócio? Digamos que ele tivesse descoberto algum processo novo e quisesse estabelecer uma indústria.

— O que significa "fazer nome"? — perguntou Frazier. Você quer dizer fazer fortuna? Nós não temos necessidade de fortuna. E até que você me mostre que a fortuna pode ser feita sem fazer alguns pobres no caminho, este é um objetivo que nós estamos contentes em dispensar.

— Eu suponho que estivesse pensando mais em fama do que fortuna, disse Castle.

— A fama é também ganha às custas dos outros. Mesmo as honras bem merecidas de cientistas ou estudiosos são injustas para muitas pessoas igualmente dedicadas que não obtiveram honrarias. Quando uma pessoa consegue um lugar ao sol, outras são colocadas numa sombra mais densa. Do ponto de vista do grupo como um todo, não há ganho nenhum e talvez haja uma perda.

— Mas há alguma coisa errada em admirar feitos excepcionais ou em gostar de receber aplausos? — disse eu.

— Sim, Frazier disse, diretamente. Se isso destaca o feito não-excepcional de outros, é errado. Nós nos opomos à competição pessoal. Não encorajamos jogos competitivos, por exemplo, com exceção de tênis ou xadrez, onde o exercício da habilidade é tão importante quanto o resultado do jogo; e nós nem ao menos temos torneios. Nunca destacamos qualquer membro em qualquer aprovação especial. Deve haver alguma outra fonte de satisfação em nossos trabalhos ou jogos ou então consideramos o feito como trivial. Um triunfo sobre um outro homem nunca é um ato louvável. Nossa decisão de eliminar engrandecimentos pessoais decorreu naturalmente do fato de pensarmos no grupo todo. Não pudemos ver como o grupo lucraria com a glória individual.

— Então vocês excluem até a simples gratidão pessoal? — perguntou Castle. — Suponha que um de seus médicos descobrisse um sistema de sanitização ou medicação de modo que nenhum de vocês jamais pegasse resfriado. Você não quereria honrá-lo e ele não apreciaria ser honrado?

— Nós não precisamos falar de casos hipotéticos. — disse Frazier. — Nossa gente está constantemente fazendo contribuições à saúde, lazer, felicidade, conforto e divertimento da comunidade. Eis onde o seu jovem amigo com o seu novo processo industrial se encontraria. Mas singularizar qualquer pessoa seria negligenciar to-

das as outras. A gratidão em si não é errada, o errado é a ingratidão ou a falta de gratidão em que ela implica.

— Então vocês simplesmente pararam de ser gratos, — disse Castle.

— Ao contrário, nós somos todos extraordinariamente gratos. Transbordamos de gratidão — mas para ninguém em particular. Somos gratos a todos e a ninguém. Sentimos uma espécie de gratidão generalizada em relação a toda a comunidade — muito semelhante aos agradecimentos que se dirigem a Deus por bênçãos que são imediatamente devidas ao nosso vizinho da porta ao lado ou mesmo ao suor de nossa própria frente.

— Como é expressa a sua gratidão generalizada? — disse eu.

— Bem, o que é a gratidão, de qualquer modo? — disse Frazier. Ele esperou uma resposta, mas como não houve nenhuma, ele prosseguiu. — Não seria uma disposição de devolver favores? Pelo menos, este é o sentido segundo o qual somos todos gratos aqui. Não há nenhum de nós que não enfrentaria de bom grado a tarefa mais difícil se houvesse necessidade. Estamos prontos a fazer alguma coisa por todos em troca do que recebemos de todos.

— Em outras palavras, vocês obtêm o efeito da gratidão sem a injustiça dos equívocos, — disse eu.

— Pode ser, — disse Frazier, duvidando — se bem que eu não penso que nós nos preocupamos muito com a injustiça. É uma questão prática. As coisas funcionam melhor se não distribuírmos sinais de gratidão e escondermos contribuições pessoais.

— Deve ser difícil, de qualquer modo, — disse Castle. — Não diga que o paciente não demonstra gratidão pela injeção de morfina que aliviou sua dor!

— Por que deveria? Pense no bombeiro que sai de sua cama no meio da noite para resolver qualquer problema no encanamento de água — talvez com efeitos de maior alcance sobre o conforto e a saúde da comunidade do que a injeção de morfina. Onde está a gratidão aqui?

— Você não poderia explicar a realização do bombeiro para a comunidade e fazer qualquer notificação pública? — disse eu.

— Ninguém se sentiria mais tolo do que o bombeiro, se fizéssemos isso. E, quanto aos cozinheiros, aos leiteiros e todos os outros trabalhadores da comunidade? Onde iríamos parar? Tão

próximo do começo quanto possível, digo eu. Eliminem-se expressões de gratidão pessoal de uma vez. Afinal de contas, a comunidade pagou pela morfina e pelo treinamento que capacitou o médico a administrá-la.

— Você aceita um cuidado médico, sem mais do que um "obrigado"? — disse eu.

— Principalmente sem o "obrigado", — disse Frazier. — A expressão deliberada de agradecimento é proibida pelo Código. Um "obrigado" casual pelo bem da articulação social é permitido, mas sem tanto significado quanto um "Como vai?" ou "Desculpe". Podemos dizer "Desculpe" para chamar a atenção de alguém que está em nosso caminho, mas não é considerado um pedido de desculpas.

— Isso explica o embaraço da encantadora jovem no aquário, — disse eu. — Eu tentei agradecer-lhe.

— Eu vi, disse Frazier. — Você a colocou no fogo. Em sua posição de enfermeira ou como membro autorizado falando a convidados, era seu dever explicar seu trabalho. Ela não esperava agradecimentos e nem o bombeiro espera que você passe em sua oficina para lhe agradecer o serviço que você usou durante sua estada aqui. A Sra. Nash sabia dos hábitos de fora, mas você a colocou, de qualquer modo, numa posição embaraçosa. É como se você lhe tivesse dado uma certa quantia de dinheiro que pertencesse à comunidade toda.

— Acho isso difícil de acreditar, — disse eu.

— Naturalmente. Um fato cultural é difícil de *ver*, isolado. É impossível você saber como um "muito obrigado" soa para qualquer pessoa que tenha vivido alguns meses em Walden II. Ocorre uma mudança psicológica.

Lamentei ter retomado essa linha e interrompi Frazier logo que consegui pensar em alguma coisa para dizer.

— O que sobra para motivar seus trabalhadores? — perguntei. — Tome um Administrador, por exemplo. Ele não trabalha por dinheiro, isso está eliminado. Ele não trabalha por honrarias pessoais, isso é proibido. O que sobra? Suponho que você dirá que ele trabalha para evitar as conseqüências do fracasso. Ele tem de continuar ou será responsabilizado pelo fracasso resultante.

— Eu não diria isso. Nós não condenamos um homem por um trabalho mal feito. Afinal de contas, se nós não louvamos, não seria justo culpá-lo.

— Você quer dizer que deixaria um homem incompetente continuar a fazer um mau trabalho? — disse Castle.

— De jeito nenhum. Nós lhe daríamos um outro trabalho e traríamos um homem competente para esse lugar. Mas ele não seria censurado.

— Pelo amor de Deus, por que não? — perguntou Castle.

— Você censura um homem por ficar doente?

— Claro que não.

— Mas trabalho mal feito por um homem capaz é uma forma de doença.

— Isso soa como "Erewhon" — disse Castle — e confesso que o acho absurdo.

— Eu também achei "Erewhon" absurdo quando o li pela primeira vez, disse Frazier e, quando Castle fez um gesto de impaciência, apressou-se em acrescentar: — Sinto muito. Eu não quis dizer que você não tinha pensado nisso, mas não se pode pensar completamente nessas coisas; você tem que *trabalhá-las*. "A experiência é a mãe de toda a certeza". Não tínhamos expectativas de ver o pequeno vôo imaginário de Butler tão maravilhosamente confirmado. E, incidentalmente, nós não confirmamos o que diz respeito à engenharia cultural. Não jogamos um homem na prisão por doença. Butler foi arrebatado pelo Princípio da Inversão. Um lapso moral ou ético, quer em violação explícita do Código ou não, necessita de tratamento e não de punição.

— Você simplesmente oferece as suas condolências para um caso leve de roubo? — disse Castle.

— Não. Condolências também são excluídas. Um médico raramente expressa simpatia pelo seu paciente — o que é sábio, penso eu. Nós simplesmente tratamos a doença como um fato objetivo.

— Como se trata um homem por um caso grave de "trabalho mal feito"? — perguntei.

— Com senso comum! Tire-o do trabalho. Se o rapaz que tem por função recolher os ovos quebra um grande número deles, ser-lhe-á dado outro trabalho. A mesma coisa para um Administrador. Mas por que condená-lo ou censurá-lo?

— Você poderia encorajar uma espécie de falsa inabilidade, disse eu. Não se ficaria tentado a realizar um trabalho ruim para obter um trabalho fácil? Oh, bem, perdoe-me. Já sei a resposta:

você não tem trabalhos fáceis, naturalmente. E pode-se mudar de trabalho livremente. Sinto muito.

— Mas, se um homem realiza um trabalho ruim ou nada realiza em todas as tarefas, onde vocês o põem? — disse Castle.

— A doença seria examinada muito seriamente e o indivíduo seria enviado a um de nossos psicólogos. É mais provável, entretanto, que ele tivesse espontaneamente ido antes disso. Isso ocorreria antes de chegar a um ponto crítico. E uma cura seria totalmente possível. Mas compare a situação com o mundo exterior. Lá, o homem poderia permanecer no seu trabalho a despeito de sua indisposição — isto é, a despeito de seu desejo de não trabalhar ou de não trabalhar bem — porque ele necessitaria do salário, temeria a censura ou porque não haveria outro trabalho disponível. A situação se tornaria crítica. Penso que é nesse último tipo de revolta violenta que você está pensando. É muito diferente aqui.

— Mas o que você faria se isso ocorresse? — insistiu Castle. Certamente, você pode imaginar que um membro da comunidade recuse trabalhar.

— Nós trataríamos dele de alguma forma. Eu não sei. Você poderia da mesma forma perguntar o que faríamos se houvesse lepra. Nós temos pensado nisso. Não estamos sem recursos.

— É uma coisa curiosa — disse eu e fiquei um tanto surpreso ao notar que estava tentando tirar Frazier da dificuldade — quão acuradamente Butler predisse a transformação moderna da atitude em relação a lapsos criminais e morais.

— E é uma transformação que deploro, disse Castle incisivamente. — Deixou o indivíduo sem responsabilidade e sem escolha. A culpa é da sociedade. E da lei natural. Mas o que acontece ao indivíduo numa tal visão? Onde está a iniciativa pessoal? "Certo" e "Errado" já não têm qualquer significado?

— Estou certo de que não sei, — disse Frazier. — Você sabe? Mas o que me espanta, Sr. Castle, é a sua má-vontade em submeter à experimentação esses conceitos tão caros. Não lhe parece, de alguma forma, relevante perguntar qual visão será mais valiosa na eliminação das "faltas" morais? Seguramente não se pode dizer muita coisa a favor da velha noção de responsabilidade pessoal; pelo menos, levou a muito pouco progresso.

— Eu não vou cair na armadilha de tomar uma visão pragmática de moral, disse Castle. — Uma lei moral será lei moral, mesma que uma visão mecanicista de comportamento humano demonstrasse ser mais bem sucedida em conseguir a Boa Vida. Insisto no meu ponto de vista.

— Eu lhe mostro uma comunidade, — disse Frazier, falando lenta e pausadamente — na qual não há crimes e pouquíssimas pequenas falhas e você a condena, porque nenhum de seus membros ouviu falar ou se preocupa com lei moral. Nosso Código não é suficiente?

— Seu Código está longe de ser suficiente. Ora, vocês o mudam de tempos em tempos! Que raio de lei moral é essa?

— Mas você não é capaz de conceber uma ética experimental? Você não quer aproveitar-se da experiência para obter um consenso para o bem comum?

— Temo que não. Essa posição leva a demasiadas consequências impossíveis, considerando a posição do homem no mundo e entre os homens. Preciso de uma ética que seja logicamente satisfatória.

— Mesmo que você deva contemplá-la de um mundo de caos moral?

— Mesmo assim.

Frazier suspirou.

— Eu suponho, — disse ele — que é porque você é, por temperamento, não experimentalista. Eu queria poder convencê-lo da simplicidade e propriedade do ponto de vista experimental. Os problemas são suficientemente claros. Qual é a "natureza humana"? Quero dizer, quais são as características herdadas, se existem, e as possibilidades de modificá-las e de criar outras? Esta é, certamente, uma questão experimental — a ser respondida por uma ciência do comportamento. E quais são as técnicas, as práticas de engenharia que irão modelar o comportamento dos membros de um grupo de maneira que ele funcione harmoniosamente para o bem de todos? Essa também é uma questão experimental, Sr. Castle, a ser respondida por uma tecnologia comportamental. Requer todas as técnicas da psicologia aplicada, desde as várias maneiras de manter contato com opiniões e atitudes até as práticas educacionais e persuasivas que modelarão o indivíduo do berço ao túmulo. Experimentação,

Sr. Castle, não razão. Experimentação com a vida — poderá haver algo mais fascinante?

— Você usa muito a palavra "experimento", disse eu, mas você realmente experimenta isso tudo? Não estaria faltando uma característica de boa prática científica em todos os casos que você descreveu?

— Você quer dizer o "controle"? — disse Frazier.

— Sim — disse eu, bastante surpreso de vê-lo perceber a minha questão assim rapidamente. — Como é que você sabe que o treinamento ético que você dá aos seus jovens é realmente responsável por sua imparcialidade e felicidade? Essas não seriam devidas a outras condições experimentalmente estabelecidas? Por que é que você não divide as suas crianças em dois grupos? Um receberia o treinamento ético e outro, não.

— Provavelmente, — disse Frazier — porque eu não estou oferecendo Walden II "para preencher os requisitos para o grau de Doutor em Filosofia". Além disso, não funcionaria. Haveria muitas influências cruzadas. Walden II é muito pequeno para que possamos manter dois grupos de crianças separadas. Algum dia poderá ser possível — teremos controles que satisfaçam o estatístico mais acadêmico. E, nesse dia, poderá ser necessário também, porque teremos alcançado o ponto em que teremos que lidar com diferenças muito sutis. No presente momento, não é necessário. Enfrentar todos os problemas dos controles seria fetichizar o método científico. Mesmo nas ciências exatas, nós freqüentemente não pedimos controles. Se eu encosto um fósforo numa mistura química e ocorre uma explosão, eu não preparo uma segunda mistura para verificar se ela se incendiará sem o fósforo. O efeito do fósforo é óbvio.

— A mistura poderia estar a ponto de explodir no preciso instante em que você aproximou o fósforo, disse eu, com um cuidado advindo da crítica acadêmica.

— Mas é uma possibilidade mínima e eu estou querendo correr o risco da mesma magnitude de estar errado. Tenho outras coisas a fazer. De qualquer modo, descobrirei logo se continuar a trabalhar no campo.

— Mas seu exemplo não é aplicável, insisti. Aqui você está lidando com muitos fatores, muitas forças, todas agindo ao mesmo

tempo. Você necessita de um grupo de controle para se assegurar de qualquer coisa.

— O número de forças não entra em cogitação, disse Frazier. — Digamos que um homem vá a um consultório médico sofrendo de arcadas caídas, vista cansada e caspa. O médico prescreve suporte de arcadas, óculos e uma loção. Um mês depois, volta o paciente curado. Agora, o médico não tem dúvida a respeito de que o curou. Ele não alimenta suspeita de que os óculos ou a loção possam ter curado as arcadas caídas, ele não tem razões para acreditar que o suporte de arcada ou os óculos...

Frazier raramente dizia "e assim por diante". Um pensamento era um pensamento e necessitava sair em uma só peça. Eu lhe permiti dar um lento nascimento a todas as conclusões às quais o médico não chegaria e então eu disse: — Mas você pegou o exemplo no qual todos os fatores estão claramente separados. A analogia não é boa. Não é absolutamente tão simples mostrar que a felicidade de um adulto está relacionada com o autocontrole adquirido antes dos sete anos. Tantos outros aspectos da vida de Walden II poderiam levar ao mesmo resultado!

— Sim, é notável, não é?

— Mas, espere aí! E a minha questão? Seus problemas são todos separados como arcadas caídas e caspas ou não são?

— Meu caro colega, disse Frazier, é claro que eles não são. Não é a separação o que importa, mas sim se a relação causa-efeito é óbvia. A felicidade e a eqüanimidade de nossa gente estão *obviamente* relacionadas com o autocontrole que eles adquiriram.

Minha cabeça girava como a de Alice neste mundo lógico das maravilhas. Eu não podia perceber como Frazier tinha sido tão bem sucedido, sendo esses realmente os princípios que ele praticava e não alguma coisa que ele tinha forjado para me aborrecer. Mais tarde, quando eu ainda matutava sobre a questão, percebi que a história da ciência tinha muitos casos comparáveis. Frequentemente, eles são atribuídos a gênios — à arte do projeto experimental — à dádiva da boa sorte. Eu percebi um jeito diferente de explicá-los. Nos primeiros dias de qualquer ciência, pode ser possível alcançar progresso extraordinário sem elaborar controle estatístico. Uma nova técnica pode permitir observação tão honesta, às vezes tão direta quanto o nosso contato sensorial com a natureza. Mas

eu esperava que a rejeição emocional de Frazier ao rigor acadêmico não pudesse prevalecer nos últimos estágios do experimento de Walden II.

Não posso lembrar dessa tarde sem recordar a beleza da lenta mudança do céu. Não era um pôr-de-sol pitoresco, porque não havia nuvens, mas uma estranha luz rósea nos rodeava como se estivéssemos realmente olhando o mundo com lentes cor-de-rosa. Finalmente, o céu empalideceu. Então, escureceu e nasceram as estrelas.

Era agora realmente tarde, porque o tempo corria em Walden II. A maioria dos outros ocupantes do "telhado" * tinha ido embora e as rãs e os pintinhos tomaram o lugar de todas as conversas, com exceção da nossa. Frazier permitiu-se um bocejo não-disfarçado.

— Acabo de me lembrar de uma das peças fundamentais de engenharia pessoal, disse ele, quando se recompôs do bocejo. Virou-se para mim. — Você já estudou o sono?

— Nada além da literatura habitual — disse eu. — Parece ser importante para evitar desordens comportamentais em crianças.

— Em adultos também, disse Frazier. — Faz uma enorme diferença para mim. Não posso tolerar qualquer frustração em meu caminho se não dormir o suficiente. E dê-me uma boa noite de sono que eu farei o trabalho de um dia num par de horas.

— Eu pensei que isso fosse o comum, disse Castle.

— Quero dizer trabalho intelectual. Hoje em dia, eu posso ter mais pensamentos criativos ou escrever mais coisas criativas em algumas horas do que costumava produzir em um dia inteiro quando me forçava a continuar apesar de um cansaço perturbador. Que loucura era isso! Que uso ineficaz do Pensamento do Homem!

— Tenho certeza de que muitas pessoas nunca souberam o que é estar descansado, disse eu.

— É claro, disse Frazier, numa concordância excepcionalmente cordial. Eles nunca tiveram uma oportunidade de descobrir o quão cansados eles estavam realmente, quão melhor poderiam trabalhar de outra maneira, ou que estalos brilhantes poderiam ter.

— Tive um vislumbre disso em tempos de férias, disse eu.

— Suponho que isso aconteça com você, mas não com

* Terraço na laje superior de uma construção.

todo aquele que tira férias. Eles estão tão acostumados com passos rápidos que imediatamente procuram algo para fazer. Mesmo os felizardos que podem relaxar, que não sentem que o tempo estará perdido, se dormirem, raramente passam da modorra. O fato simplesmente é que a nossa civilização não valoriza o descanso.

— Estou certo de que tem também alguma implicação com a longevidade, continuou Frazier. Muitas partes de "Notícias de Lugar Nenhum" são ridículas, mas, se Morris pudesse me convencer de que sabia como conseguir a sua "época do lazer", eu lhe garantiria a fabulosa juventude de sua população. — Ele se levantou e começou a dobrar sua cadeira. — Vamos rejuvenescer por algumas horas, disse ele.

Levantamo-nos e carregamos nossas cadeiras e travesseiros para pilhas primorosamente arrumadas ao longo do terraço.

— Suspeito que "Devolva suas cadeiras" deve estar em algum lugar no Código, disse eu.

Frazier sorriu, mas não disse nada. Ele nos levou rampa abaixo, viu-nos sair na direção do Passeio e virou-se, dirigindo-se para o seu quarto.

Castle e eu logo fomos novamente abandonados. Chegamos ao salão em frente de nosso quarto e ficamos falando por alguns momentos até que eu mostrei a intenção de sair. Castle estava comprometido com uma amarga luta consigo mesmo. Ele cerraria seu punho, esmurrando a palma da mão e sacudiria a cabeça com um movimento exagerado de um lado para o outro sem conexão aparente com nossas observações. "Não para mim!", diria ele, "Não para mim!". Eu disse que não podia ver qualquer falha fundamental no programa de Frazier e apontei os fatos aparentemente bem sucedidos ante nossos olhos. Isso não era bem justo, porque eu mesmo estava ainda em conflito, mas apreciava a luta de Castle. E estava do lado de Frazier no fundamental.

Finalmente, com um "Boa Noite" que era menos uma despedida do que uma paráfrase de "O fim está próximo", Castle entrou em nosso quarto e bateu a porta.

Decidi andar pelos jardins e fumar um cigarro.

Muito poucas pessoas fumavam em Walden II — Frazier jamais o fazia, tão longe quanto possa ir minha memória, se bem que me lembrasse dele como um grande fumante de cachimbo na faculdade. Em tal companhia, meu próprio consumo de tabaco tinha caído. No começo, era porque, quando fumava, me sentia diferente, um tanto culpado, se bem que não tivesse sido feita ou sugerida de forma implícita a menor objeção. Mais tarde, descobri que o meu interesse tinha enfraquecido. Surpreendi-me ao notar que ainda estava com o maço de cigarros que tinha posto no bolso quarta de manhã. Tinha fumado só duas vezes desde o café da manhã. Comecei a pensar se não seria capaz de abandonar o hábito, afinal de contas. Vagando lentamente em direção aos tapetes de flores, eu me surpreendi puxando tragadas cada vez mais profundas e, com um misto de alegria e de alarma, vi que não estava conseguindo nada. Eu tinha ouvido dizer que fumar no escuro era insatisfatório, mas nunca tinha percebido isso antes. Tive um momento de Hans Castorp em sua montanha mágica; ele havia tido problemas com o charuto em circunstâncias similares, eu lembrei. De qualquer modo, qual era a psicologia do fumar? Um chupar-o-dedo de

adulto, costumava dizer às minhas classes, mas nunca pensei exatamente assim.

Ouvi passos na grama orvalhada e descobri Steve e Mary bem perto de mim. Pus minha mão sobre o cigarro, pretendendo deixar "a donzela e seu par continuarem sussurrando". Suspeitei que eles achariam difícil a despedida se eu lhes falasse e não quis interferir em seu encontro noturno.

— Professor?

Era Steve. Eles me haviam procurado e Castle os tinha posto na minha pista.

— Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas, professor.

— O que você quiser, Steve. Entramos?

— Vamos ficar aqui, disse Mary.

Começamos a andar ao longo do declive e eu esperei que Steve falasse.

— Professor, o que pensa disso tudo? — perguntou ele afinal.

— Você quer dizer Walden II?

— Sim.

— O que eu penso disto? Bem, não posso dizer — numa única palavra. Eu não sei se penso alguma coisa a respeito, exatamente agora. É um prato muito grande.

— O Sr. pensa que está tudo certo? Quero dizer, tudo é da maneira como o Sr. Frazier diz?

— Se você quer dizer "Estará Frazier dizendo a verdade?", sim, eu penso que está. E estou certo de que nos está dando um quadro completo. Ele não é o tipo de esconder seus erros.

— Nós também pensamos assim, disse Mary. Steve não quis dizer...

— A única coisa é que... nós não podemos acreditar, disse Steve. — Quero dizer, nós não podemos acreditar que seja tão fácil. Por exemplo, veja se está certo: se Mary e eu nos casarmos amanhã e se eles nos aceitarem, isso quer dizer que poderemos continuar comendo nestas salas de jantar desde agora até morrermos?

— Acho que sim.

— Outra coisa: podemos casar-nos já?

— Que eu saiba, podem.

— E ter um quarto nosso e usar todas as outras dependências como todo mundo? E ir ao cinema e à dança e coisas assim?

- Certo.
- E nossos filhos... viveriam nessas creches que nós vimos? E iriam nessa escola, exatamente como todas as demais crianças?
- Certo.
- *Exatamente* como as outras? O mesmo tipo de roupa e tudo?
- Certo.
- E eles seriam amigos das crianças como as crianças que vimos?
- Sim.
- Mas como pagaríamos isso tudo? — disse Steve numa agonia. — Coisas assim não são de graça. Deve haver algum preço.
- Não, disse eu. Você e Mary dariam os seus quatro créditos de trabalho por dia.
- Eu lhes daria o maior crédito de trabalho que eles já viram em sua vida, disse Steve. Arrancou alguns tufo de grama e afastou-se um pouco de nós.
- Acho que o senhor não sabe o que isso significa, disse Mary. O senhor sabe o que teríamos voltando à cidade?
- Faço idéia.
- Nós não poderíamos casar até que Steve arrumasse um emprego. E não seria "aquele" emprego. Alugaríamos dois quartos em algum subúrbio, nossos bebês nasceriam em casa e cresceriam como todas as outras crianças de lá — na rua, a maior parte do tempo. E, na escola — tanto Steve quanto eu estivemos lá — as crianças apanham e brigam. Elas perseguem os judeus, os irlandeses ou os italianos. É horrível.
- Você e Steve poderiam escapar disso, disse eu.
- *Queremos* escapar e tentaríamos, mas não conseguiríamos. Steve e eu sabemos disso. Minha irmã tentou e não conseguiu. Ela era também muito inteligente.
- Ela começou a chorar e eu fiquei sem saber o que fazer. Por sorte, Steve voltou logo e abraçou Mary. Caminhamos, então, em silêncio.
- O que estamos esperando, professor? disse afinal. O senhor pode me dizer?
- Eu suponho que leva tempo para assentar a idéia, disse eu.
- O senhor quer dizer que...?

— Se eu fosse vocês, sim. Vocês não têm nada a perder e tudo a ganhar.

— Eles nos aceitariam? O senhor acha?

— Não creio que haja qualquer dúvida. Se bem conheço Frazier, vocês já podem sentir-se em casa.

Havíamos parado. Steve tomou Mary em seus braços e segurou-a por longo tempo. Parecia que eu fora esquecido. Dei alguns passos e eles logo se juntaram a mim.

— Poderíamos firmar isso esta noite? perguntou Steve.

— Eu não incomodaria Frazier, se fosse você. Vocês não têm com que se preocupar. Vejo-os amanhã. Suponho que vocês terão que se submeter a um exame físico, mas isso não demora.

Eles tentaram beijar-se novamente enquanto andavam e foram ficando para trás. Depois, eu os ouvi sussurrando e rindo excitadamente.

— Acho que vou voltar daqui, gritei. Encontro-os às oito para o café, certo?

— Oito horas, gritou Steve.

Eu disse boa noite e comecei a subida. Um momento depois, Steve me chamou de novo e eles vieram até onde eu os esperava.

— Esquecemos de dizer "obrigado", disse Steve.

— Estaremos sempre agradecendo, disse Mary. O senhor foi maravilhoso.

Senti que era necessário negar isso, pois eu fizera muito pouco. Mas era bom ouvi-los e eu não pude tirar aquelas palavras da cabeça enquanto voltava ao quarto. Elas despertavam um estranho conflito de sentimentos e, enquanto me trocava no escuro para evitar acordar Castle (embora tivesse certeza de que ele não dormia), tentei analisá-los. Não havia meios de evitar a conclusão de que eu estava com ciúme de Frazier. Ao admitir que era ele quem merecia toda a gratidão de Mary, tive uma revelação repentina da profunda satisfação que ele deveria sentir constantemente, e sacudi a cabeça com inveja. O episódio que eu acabara de testemunhar deve ter-se repetido, em sua essência, centenas de vezes durante os últimos dez anos. O que mais um homem pode pedir? Entretanto, minha emoção presente era mais do que ciúme.

Subindo em minha cama, pensei que, se eu vivesse em Walden II, poderia ver Mary — e Steve, é claro — de tempos em tempos.

Este era um pensamento frívolo, mas eu me detive nele, tentando explicar meu desconforto. Oferecia duas pistas plausíveis. Em primeiro lugar, parecia que eu estava gostando de Mary. Isto, é claro, era bobagem; eu mal a conhecia e ninguém teria compartilhado tão pouco dos meus interesses. Sem dúvida, eu estava sofrendo de alguma vaga atração sexual. A segunda e mais espantosa hipótese estava nas palavras: "Se eu vivesse em Walden II..." Estaria eu realmente pensando em ficar? Resolvi não ficar doido e fui dormir.

Castle ainda estava "fuzilando" quando o encontrei no lavatório às oito e meia da manhã.

— Bem, como lhe parece a coisa esta manhã? — perguntei enquanto desenrolava o fio do barbeador.

— Decidi que a coisa toda é uma farsa, disse ele.

— Não!

— Bem, não exatamente, mas uma mentira muito habilidosa. — Ele estava esticando o queixo para melhor se barbear e suas palavras não saíam claras.

— Você disse "mentira"? O que há de mentira em tudo isso?

— Eu não acho que funcione como Frazier diz. É como aquele velho jogador automático de xadrez. A assistência vê uma porção de engrenagens e alavancas mudas, mas o tempo todo, um anãozinho campeão de xadrez está escondido num canto da máquina.

— Quem é o anão?

— Frazier.

— Frazier?

— Sim. E nada mais nada menos do que magnetismo pessoal. O princípio do Führer. Ele mantém essa gente hipnotizada, fa-

zendo-os trabalhar como condenados. Mantém-nos sorrindo para o bem das aparências.

— Você não está falando sério! — disse eu ao zumbido do meu barbeador.

— Suponho que não, mas é uma teoria tão boa como qualquer outra. Deve haver *alguma coisa* por trás disso.

— Por que não tomá-lo por seu valor aparente?

Castle estava enxugando o queixo e não respondeu.

— De qualquer modo, o hipnotizador tem duas vítimas a mais em seu poder esta manhã, disse eu.

Castle estacou.

— Quem?

— Steve e Mary. Eles decidiram ficar.

Castle abanou a cabeça lentamente. Apanhou a tampa do ralo do lavatório e deu um puxão. A tampa ficou em sua mão. Ele olhou para ela por um momento e fungou de desgosto como se estivesse ofendido pela má qualidade da corrente. Colocou a tampa novamente no ralo e tirou-a de novo. Depois, colocou-a de volta, deixando-a no lugar. Começou a recolher seu equipamento de barbear e testou a tampa novamente, colocando-a suavemente como se esperasse que se tivesse soldado como um osso quebrado.

— O que devo fazer com isso, me pergunto? — disse agitando a tampa no ar. — O que você supõe que o Código diga a respeito de pias quebradas?

No refeitório, vi de relance Rodge e Bárbara, já tomando café e discutindo em voz baixa.

Quando Castle e eu nos juntamos a eles, Bárbara exclamou:

— Steve e Mary vão ficar em Walden II. Não é maravilhoso?

O olhar de surpresa de Rodge sugeria que ela estivesse expressando uma opinião diferente.

— Penso que é uma boa coisa, disse eu, sentindo que uma opinião sólida deveria ser colocada em termos inequívocos. — Encontrarão aqui uma vida muito mais feliz do que a que teriam, voltando para casa. Já foi firmado?

— Foram ver o Sr. Frazier, disse Bárbara. Parece tão estranho, entretanto, viver aqui, você não acha?

— Será uma vida muito boa, disse eu.

Poucos minutos depois, Steve e Mary apareceram no refeitório com dois membros de Walden II que eu não tinha visto antes. Frazier estava com eles. Ocuparam uma mesa em uma das outras salas e não pude perceber o que estava se passando. Cerca de quinze minutos depois, entretanto, Steve e Mary se juntaram a nós enquanto estávamos levando as bandejas para a janela de despejo. Frazier e os outros membros já tinham ido embora.

— Bem, vocês estão dentro? — perguntei, tentando aliviar o embaraço que aparentavam.

— Não sabemos, disse Steve. Eles nos fizeram uma porção de perguntas e nós demos todas as respostas. Não foi? — Ele abraçou Mary. — Podemos casar na semana que vem — se entrarmos.

— Que maravilha! — disse Bárbara.

— Isso é ótimo, disse Rodge, com um calor que parecia intencional para enfatizar que ele realmente queria dizer aquilo. — Eu estou contente de que as coisas tenham dado certo.

— É claro que é maravilhoso! — disse Steve. Para nós pelo menos.

Ele agarrou a mão estendida de Rodge que não tinha visto de início e a sacudiu vivamente. Bárbara deu a Mary um beijinho, como se alguma comunicação formal houvesse sido feita. Rodge riu e imprimiu ao seu rosto um abatimento patético. Eu nunca tinha visto um homem mais infeliz.

— Vamos trabalhar! — disse eu desesperadamente. Temos que lavar aquelas janelas para a Sra. Jamnik! — Foi um gesto transparente e não aliviou de todo a tensão, mas penso que ajudou. De qualquer modo, alguém tinha que dizer alguma coisa, e rapidamente, e foi o máximo que consegui imaginar. Steve, que talvez estivesse menos fora de controle no momento, pareceu entender minhas razões e me apoiou.

— E nada de vadiagem, companheiros! — disse ele. Nós não toleramos isso aqui.

Descemos o Passeio em direção a nossos quartos para trocar de roupa, mas encontramos com Frazier saindo de um dos recreios. Estava radiante e olhou para Castle e para mim, com um claro olhar de triunfo. De alguma forma, ele manobrou de modo a ficar entre Steve e Mary e colocou os braços sobre seus ombros.

— Tudo o que vocês têm a fazer é o exame médico, disse ele, olhando de um para outro. — O Sr. Meyerson poderá atendê-los

por volta das doze horas. Não creio que vocês possam ter algum problema.

— Sou forte como um touro, disse Steve com uma voz rouca. Ele olhou perdidamente para Mary.

— Parabéns, Frazier, disse eu. E eu me congratulo com vocês também. Só quero dizer que todos nós achamos que é uma ótima coisa. — Isso não era estritamente verdadeiro, desde que estávamos praticamente divididos, mas eu estava novamente falando apenas para dizer alguma coisa. Era aparentemente a coisa correta a ser dita, porque deu mais firmeza a Steve e Mary e Frazier ficou flagrantemente satisfeito.

— Eu bem que achei que poderia contar com você para ver isso, disse ele, agarrando minha mão.

Ninguém veio em meu socorro e houve alguns momentos de embaraço. Finalmente, quando começamos a andar pelo Passeio novamente, Frazier se despediu, lembrando num tom paternal a Steve e Mary de seu encontro com o Sr. Meyerson às doze.

Era perto de dez horas quando começamos a trabalhar nas janelas, mas terminamo-las antes do meio-dia. Tínhamos, obviamente, adquirido o jeito. Em dois dias, fizemos o que as garotas na Mesa de Trabalho tinham calculado ser um trabalho de três dias.

Depois de mudar de roupa, saímos e demos a volta à colina, contornando os quartos pessoais para chegar ao edifício médico, que estava numa espécie de proeminência ou platô, no topo da Escada. No caminho, passamos por uma ala em construção. Nada ainda estava pronto com exceção do chão de concreto sobre o qual seriam erigidas paredes de terra batida, os encanamentos e a instalação elétrica, que saíam de condutos. Steve mostrou as construções para Mary e explicou-nos que o quarto deles seria construído ali, provavelmente. Escalamos todos o bloco de concreto e viramo-nos para olhar a vista. Abaixo de nós, estavam os quartos comuns e uma ala de quartos pessoais; depois deles, podia-se ver quase todo o vale de Walden II.

Era um lugar delicioso, mas passava agora das doze e Steve nos apressou desajeitadamente para o pavilhão médico. O Sr. Meyerson estava esperando na porta e saudou-nos cordialmente.

— Minha esposa falou-me de vocês, disse ele. Ela esperava que vocês *todos* ficassem conosco.

Eu disse que era certamente uma idéia tentadora, mas que, infelizmente, nós tínhamos outras coisas a tratar. Quando percebi que a observação fora pretensiosa, era tarde demais. Não houve apresentações, é claro, mas indiquei que Steve e Mary eram o feliz casal. O Sr. Meyerson encaminhou-os para uma enfermaria de aparência muito profissional.

— Vocês se interessariam em ver o nosso centro médico? — disse ele ao resto de nós como se estivesse nos pedindo um grande favor.

— Nós estávamos ansiosos por isso, disse eu.

— Vale a pena, disse ele. No momento, é uma instituição praticamente única, se bem que esperamos que não leve muito tempo até que milhões de pessoas possam ter os mesmos cuidados.

— Meus colegas e eu somos responsáveis pela saúde em Walden II, continuou ele, enquanto nos deslocávamos lentamente por um corredor central. — E não aceitaríamos esta extraordinária responsabilidade sem pedir poderes extraordinários. Podemos por em quarentena toda a comunidade em relação ao mundo exterior, por exemplo. E podemos pedir exames pessoais dos membros com a frequência que quisermos. E fico contente em poder dizer que os conseguimos. Podemos controlar toda a dieta, com a colaboração de nossos excelentes dietistas e, naturalmente, supervisionamos todo o saneamento. Nossos pacientes têm, automaticamente, exercício regular, ar puro, sol e repouso como parte de suas vidas em Walden II. É uma linda situação do ponto de vista da medicina preventiva.

Tínhamos parado em frente de um pequeno consultório dentário.

— Nossos dentistas lhes dirão o quanto a situação é realmente boa, continuou o Sr. Meyerson, alterando a voz para se fazer ouvir por uma jovem num avental branco que estava lavando as mãos que se virou e sorriu. — A Srta. Ely é um deles. Ela pode lhes contar de seu esquema incrivelmente inteligente que reduziu as horas de trabalho ao ponto de estarmos prontos a dispensar um dos dentistas. — Isso parecia ser uma piada constante.

— Logo que foram dados poderes extraordinários aos dentistas, explicou o Sr. Meyerson, eles se puseram a trabalhar, para eliminar todas as cáries e dentes ruins da comunidade. É exigido um exame

geral de cada membro de três em três meses. Tira-se um raio-X completo que é cuidadosamente examinado em Junta. O resultado é que muito poucas condições se tornam críticas. Nossos dentistas nada mais fazem além de obturações ocasionais do tamanho da cabeça de um alfinete. — O Sr. Meyerson fez uma careta para a Srta. Ely, que riu alegremente. — Devo dizer, entretanto, que o nosso consumo de amálgama decaiu. Nossa balança comercial beneficiou-se extraordinariamente.

Continuamos andando e passamos três pequenos quartos de hospital; apenas um deles estava ocupado. Um jovem com a perna suspensa e sob tração estava numa festa alegre com três ou quatro visitantes. Nos fundos do edifício, muitos jovens trabalhavam num laboratório grande e bem equipado.

— É uma situação mais interessante do que medicina militar ou a institucional, de qualquer modo, disse o Sr. Meyerson, olhando orgulhosamente para o equipamento cintilante. — Nossos pacientes levam vidas normais e são representativos do resto da população. Contamos com a cooperação inteligente dos pacientes em nossos experimentos um tanto demorados.

— Alguns dos dentistas estão realmente ficando desempregados? — disse eu, ao ver a Srta. Ely sair do edifício. O Sr. Meyerson riu às gargalhadas.

— Desempregados? Oh, de jeito nenhum, disse ele. Você não pode manter um homem desempregado. Eles gastam muito tempo no laboratório, — odontologia preventiva, você sabe. Agora, estão testando o flúor em nossa creche, creio eu. Se eles tiverem *bastante* sucesso, nós, praticamente, não teremos lugar para dentistas na próxima geração. Mas vejo agora que estou sendo chamado na sala de exames. Devemos despachar os seus amigos a tempo para o almoço.

Percorremos um pouco mais o centro, sem guia. Havia uma sala de arquivo bem aparelhada, uma pequena cozinha e demais dependências.

— Há mais médicos e dentistas do que uma centena de pessoas teria no mundo lá fora, disse Castle. — Eu me pergunto, como se justifica isso?

— Precisa ser justificado? — disse eu. Não é mais do que uma centena de pessoas necessita, certamente — se você também

der ao médico quatro horas de trabalho por dia. De qualquer modo suspeito de que a comunidade irá produzir mais médicos do que usa.

___Acho que eles podem estar parasitando nossas escolas médicas, insistiu Castle, cursos que são financiados por fundações ou pelo Estado, mas o Estado não aproveita esses médicos. Preciso perguntar a Frazier como ele justifica isso.

Voltamos para as salas de jantar pela porta da cozinha. Frazier apareceu, quando estávamos sendo servidos e apontou para uma mesa central grande numa das salas modernas, para a qual ele tinha acabado de levar a sua bandeja.

— Bem, disse ele, quando começamos a comer — não resta muito mais para lhes mostrar. Já demos tudo o que tínhamos. Estou curioso em saber se vocês chegaram a ficar impressionados.

— "Impressionados" não é bem o termo — disse eu. É a experiência mais profundamente abaladora de convicções que já tive.

— Um experimento muito interessante, não há dúvida quanto a isto, disse Castle. — A Utopia transformada em realidade, aparentemente.

— Utopia, de fato, — disse Frazier. — E você sabe o que acho mais incrível nisso? — Olhou ansiosamente para cada um de nós, particularmente para Rodge, e eu comecei a imaginar se ele não tinha ficado satisfeito com duas conversões em seis.

— O fato de que tem sido um sucesso, imagino — disse eu.

— O que há de incrível nisso? Como poderia ter falhado? Não, eu me refiro a um detalhe que distingue Walden II de todas

as Utopias imaginárias já sonhadas. Uma coisa muito simples também. — Ele continuou a nos olhar, mas estávamos completamente por fora.

— Ora, o fato de que existe aqui e agora! — anunciou, afinal, — Em pleno centro da civilização moderna! — Procurou observar o efeito dessas palavras em nós, mas o efeito não poderia ter sido muito grande.

— As Utopias, com efeito, *têm* tendido a ser imaginadas um pouco fora das coisas — disse Castle afinal, um pouco duvidosamente, mas começando a entender.

— Fora das coisas! Eu diria que sim! Ora, "Utopia" em grego quer dizer "lugar nenhum" e Butler soletrou "lugar nenhum" de trás para diante (*). Bacon escolheu uma Atlântida perdida e Shangri-La está isolada pelas mais altas montanhas do mundo. Bellamy e Morris acharam necessário afastar-se um ou dois séculos no tempo. Fora da realidade, de fato! É a primeira regra de um romance utópico: "Afasto-se da vida como você a conhece, tanto em espaço como em tempo, ou ninguém o acreditará!"

— O único fato que eu poderia anunciar a plenos pulmões é que a Boa Vida espera vocês — aqui e agora! — continuou ele. Eu quase imaginei ter ouvido o rufar dos tambores à distância. — Não depende de mudança de governo ou das maquinações do mundo da política. Não está aguardando uma melhoria da natureza humana. Nesse preciso momento, temos as técnicas necessárias, tanto materiais como psicológicas, para criar uma vida plena e satisfatória para qualquer um.

— A questão é pôr essas técnicas em funcionamento, disse Castle. Você ainda tem que resolver os problemas práticos de governo e política.

— Governo e política! Não há problema nenhum de governo e política. Este é o primeiro ponto na plataforma de Walden II. Você não pode progredir em direção à Boa Vida pela ação política! Sob *nenhuma* forma corrente de governo. Você deve operar sobre um nível inteiramente distinto. O que você precisa é de uma espécie de Comitê de Ação Apolítica: mantenha-se fora

Nota do Tradutor: (*) "Nowhere" em inglês. O nome do livro já citado é "Erehwon".

da política e longe do governo, exceto para fins práticos e temporários. Não é lugar para homens de boa vontade ou visão.

— Da forma que usamos esses termos hoje em dia, governo significa poder — fundamentalmente o poder de compelir à obediência, continuou Frazier. As técnicas de governo são as que poderíamos esperar — usam a força ou a ameaça de força. Mas isto é incompatível com a felicidade permanente — sabemos o suficiente da natureza humana para estarmos seguros disso. Você não pode forçar um homem a ser feliz. Ele nem ao menos pode ser feliz se for *forçado* a seguir um padrão supostamente feliz. Ele deve ser levado a isso de maneira diferente, se se pretende obter satisfação.

— Mas tem certamente havido muitos homens felizes sob governos de um tipo ou outro, objetei.

— Não *por causa* do governo — *apesar* dele. Algumas filosofias de vida fizeram homens felizes, sim, porque estabeleceram princípios que eu gostaria de ver levados a sério como princípios de governo. Mas estas filosofias vieram de rebeldes. Os governos que usam força baseiam-se em maus princípios de engenharia humana. Eles nem são capazes de melhorar esses princípios, nem de descobrir a sua inadequação, porque não são capazes de acumular qualquer corpo de conhecimento que se aproxime de uma ciência. Tudo quanto podem fazer através de "melhorias" é arrancar o poder de um grupo e transferi-lo para outro. Nunca é possível planejar e levar a efeito experimentos para investigar o melhor uso do poder ou como dispensá-lo de todo. Isso seria fatal. Os governos devem sempre estar certos — eles não podem experimentar, porque não podem admitir dúvidas ou questões.

— De vez em quando, um governo inicia um programa para dar melhor uso ao poder, mas o sucesso ou o fracasso nunca prova realmente coisa nenhuma. Em ciência, os experimentos são planejados, verificados, alterados, repetidos — mas não em política. Daí o nosso extraordinariamente lento progresso na ciência de governar. Não temos conhecimento *cumulativo* real. A História não nos diz nada. Esta é a tragédia do reformador político. Não tem nada com que trabalhar, além de uma espúria ciência da história. Não tem fatos reais — leis reais. Uma figura patética!

— Ele está lutando contra probabilidades tremendas, disse eu.

— Mas isso não é o patético. Eu diria que devemos admirar Davi no momento em que vai enfrentar Golias, mas o patético é que ele quer ser Golias. Não tem um programa melhor do que se colocar a si mesmo no poder. Todos os nossos liberais e radicais querem governar. Querem tentá-lo à sua maneira — para mostrar que as pessoas serão mais felizes se o poder for manejado de maneira diferente ou para fins diferentes. Mas que sabem eles? Já tentaram alguma vez? Não, é uma mera suposição. E nós sabemos que é uma suposição errônea, porque, se estivessem certos, absolutamente não queriam o poder.

— Quão sinceros, de qualquer modo, são esses liberais? — continuou Frazier. Por que não constróem um mundo de seu agrado sem tentar alcançar o poder? Simplesmente não é verdade que todos os governos persigam todas as pessoas que conseguem ser felizes! Pelo contrário, qualquer grupo de homens de boa vontade pode conseguir uma vida satisfatória dentro das estruturas políticas existentes em meia dúzia de governos modernos.

— Você não estaria possivelmente ignorando um certo altruísmo? Talvez os seus liberais queiram melhorar a sorte dos homens em geral — e não simplesmente conseguir uma boa vida para eles próprios.

— Mas sabem eles como conseguir o que querem? Sabem eles que tipo de mundo satisfará "os homens em geral"? Não. Mais uma vez estão novamente adivinhando. Qualquer um pode sugerir mudanças que quase certamente serão melhorias mas isto é remendo. Uma cultura conveniente só pode ser descoberta por experimentação.

— Isso soa um pouco como o velho programa de anarquismo, disse Castle.

— De jeito nenhum. Eu não estou argumentando a favor de não haver governo, mas somente por nenhuma das formas existentes. Queremos um governo baseado na ciência do comportamento humano. Nada menos do que isso produzirá uma estrutura social permanente. Pela primeira vez na história, estamos prontos para isso, porque podemos agora lidar com comportamento humano segundo princípios científicos simples. O problema no programa do anarquismo é que colocava demasiada fé na natureza humana. Era um ramo da filosofia do perfeccionismo.

— Mas você mesmo parece ter uma fé ilimitada na natureza humana, disse eu.

— Eu não tenho absolutamente nenhuma, disse Frazier francamente. Se você quer dizer que os homens são naturalmente bons ou naturalmente preparados para se relacionarem bem. Não temos nada a ver com filosofia da bondade inata — ou mesmo do mal, se vem ao caso. Mas temos fé no nosso poder de mudar o comportamento humano. Nós podemos construir o homem adequado para a vivência de grupo — para a satisfação de todo o mundo. Essa era a nossa crença, mas agora é um fato.

— Eu, entretanto, estou de todo tranqüilo, quanto às suas relações com o governo existente — disse Castle. Que tipo de negociação vocês fazem com ele?

— Tudo que pedimos é ser deixados em paz, disse Frazier, calmamente.

— Mas vocês serão deixados em paz? — disse Castle. Você mencionou impostos e posso ver que vocês podem cumprir essa obrigação tão bem quanto qualquer um. Mas, e quanto ao recrutamento de homens em tempo de guerra, por exemplo?

— Não ficamos em pior situação do que os outros quanto a isto também. Pelo contrário, os nossos jovens deixam suas esposas e filhos num ambiente seguro e normal, não são assaltados por dúvidas quanto ao mundo ao qual voltarão.

— Mas vocês sentem que aceitaram a plena responsabilidade de sua cidadania? — insistiu.

— De que maneira poderiam ser deficientes como cidadãos?

— Vocês todos votam? Vocês se interessam por política local ou nacional?

— Nós nos metemos em política para fins práticos imediatos. Todos nós votamos, mas não nos interessamos todos por isso. Temos um Administrador Político que se informa das qualidades dos candidatos às eleições locais e estaduais. Com a ajuda dos Planejadores, ele planeja o que chamamos de "cédula Walden" e vamos todos às urnas e votamos nela sem alteração.

— A maioria dos membros vota como lhes foi dito?

— E por que não? — disse Frazier. Você pensa que eles seriam tão tolos a ponto de votar metade de um jeito e metade de outro? Nesse caso, poderíamos ficar em casa. Lembrem-se

de que os nossos interesses são semelhantes e que nosso Administrador Político está na melhor posição possível para nos dizer qual candidato agirá dentro desses interesses. Por que é que os nossos membros teriam de perder tempo — e isso toma tempo — para se informarem sobre assunto tão complexo?

— Mas, eleições livres... — começou Castle.

— Liberdade, uma pílula! — disse Frazier. Sabemos todos o que queremos no que se refere ao governo local e sabemos como consegui-lo — votando pela "cédula Walden".

— Eu imagino que vocês o façam, está bem, disse eu. Vocês devem representar um peso apreciável com... quanto?... seiscentos ou setecentos votos?

— É fato. Moralizamos a cidade e estamos num bom caminho para fazer o mesmo na região. Muitas pessoas sensíveis por aí sabem do que estamos fazendo e pedem a "cédula Walden" quando vão às urnas. Sabem que é uma seleção honesta. E os candidatos também sabem que nós temos memória longa e se lembram de seus compromissos. E conseguimos, pela promessa de apoio, induzir os melhores homens a concorrer. Eleições livres, ora bolas!

— Eu não estou certo de que o fim justifique os meios, disse Castle, mas parecia estar perdendo a convicção. — Você está pervertendo o processo democrático e não importa quão desejável possa ser o resultado.

Eu me antecipei para evitar ouvir a resposta de Frazier. Sentia um certo constrangimento involuntário sempre que ele sugeria certos princípios anti-democráticos e a única saída para mim naquele momento era a simples supressão.

— Mas vocês não estão brincando com o fogo quando se intrometem em política? — disse eu. — Vocês devem ter alienado as forças locais de suborno e corrupção. Os aliados dessas forças no resto do Estado não sairão para "pegar" vocês antes que a sua influência chegue tão longe?

— Agora você está recomendando que nos *esquivemos* das responsabilidades de cidadania, disse Frazier com um suspiro gozador.

— Mas vocês não temem isso?

— E como poderiam eles pegar-nos?

— Eles poderiam fazer afixar leis, limitando as suas atividades ou arrecadando impostos de confisco.

— Você teria que perguntar isto a nossos advogados, disse Frazier, mas meu palpite é que qualquer lei desse tipo atingiria algumas pessoas bastante importantes. Organizações religiosas, por exemplo, ou mesmo grandes empresas, já que nós, legalmente, somos uma companhia, ou as cooperativas que são muito poderosas no Estado.

— As forças da corrupção, disse Castle, não seriam diretas a ponto de procurar o Legislativo. Estariam espalhando histórias de amor livre ou ateísmo em Walden II.

— Não pense que nós não pensamos nisso! E não estamos também sentados esperando que aconteça. Nosso Administrador de Relações Públicas cuida para que as áreas circundantes tenham uma impressão razoável da gente. Algumas de suas práticas atuais eu não aprovo, porque me oponho a qualquer coisa além da verdade para efeitos de propaganda. Mas fui derrotado pelo resto dos Administradores e por isso agora aumentamos um ponto, particularmente no que se refere à religião. É uma espécie de contra-propaganda preventiva.

— Eu estive pensando em perguntar sobre as práticas religiosas, disse eu. — Existe alguma razão pela qual você não poderia descrever...

— Absolutamente. Walden II não é uma comunidade religiosa. Difere quanto a isso de todas as comunidades razoavelmente estáveis do passado. Não damos nenhum treino religioso às nossas crianças, se bem que os pais podem dá-lo se quiserem. Nossa concepção do homem não é extraída da Teologia, mas do exame científico do próprio homem. E não reconhecemos verdades reveladas sobre o bem e o mal nem as leis ou códigos de uma sociedade bem sucedida.

— O fato é simplesmente que as práticas religiosas que nossos membros trouxeram a Walden II decaíram pouco a pouco, como o beber e o fumar. Levaria muito tempo para descrever e não estou certo de que pudesse explicar como a fé religiosa torna-se irrelevante quando os temores de que se alimenta são atenuados, e as esperanças realizadas — cá na Terra. Não necessitamos de religião formal, nem como ritual nem como filosofia. Mas penso que somos gente devota, no melhor sentido da palavra, e somos muito melhor com-

portados do que qualquer milhar de membros de igreja tomados ao acaso.

— Tomamos emprestado algumas das práticas da religião organizada — para inspirar a lealdade grupal e para fortalecer a observância do Código. Acho que mencionei os nossos encontros de domingo. Há, geralmente, algum tipo de música, às vezes religiosa. E lê-se ou encena-se algum trabalho filosófico, poético ou religioso. Gostamos do efeito disso sobre a linguagem da comunidade. Isso nos fornece um estoque comum de alusões literárias. Há, então, uma breve "lição" — da maior importância em manter uma observância do Código. Os assuntos geralmente escolhidos têm relação com autocontrole e certos tipos de articulação social.

— Não há nada de espúrio nisso. — Não é nenhuma imitação de serviço eclesiástico e nossos membros não estão enganados. A música tem o mesmo propósito que na igreja — torna o serviço agradável e estabelece um clima. A lição semanal é uma espécie de terapia de grupo. E parece ser tudo quanto precisamos. Se o Código for muito difícil para qualquer um ou parecer não estar funcionando em seu benefício, ele procura a ajuda de nossos psicólogos. Eles são os nossos "padres", se você quiser. Os tratamentos prescritos são muito semelhantes aos das clínicas psicológicas, com exceção de que as perturbações são quase sempre comparativamente mínimas e a terapia, portanto, um sucesso.

— Isso é tudo quanto aos nossos ofícios. Sem ritual, sem brincadeiras com o sobrenatural. Simplesmente uma experiência agradável, em parte estética, em parte intelectual. Agora, o que mais provê a religião organizada? Ajuda aos doentes e necessitados? Eu não os insultaria, lembrando nossas práticas quanto a isso. Conforto em tempo de perda? Mas por que um confortador profissional? Não é isto algo que nós superamos, assim como as carpideiras? Aqui nós oferecemos consolo genuíno — a simpatia e afeição de muitos amigos. Esperar um mundo melhor no futuro? Gostamos dele bastante aqui na Terra. Não pedimos para ser consolados por um vale de lágrimas, pelas promessas do céu.

— O que você quis dizer, disse eu, quando falou em ir além da verdade ao fazer propaganda na região circundante?

— Fica sempre um mal-entendido em relação às nossas reuniões dominicais. Nosso homem de relações públicas insiste em que con-

videmos todos os clérigos das cidades vizinhas para o jantar de domingo e respectivas famílias, talvez uma vez por ano. Nós os alimentamos bem e eles sempre aceitam prontamente. Geralmente, assistem a uma de nossas reuniões. Lemos trechos da Bíblia nesse dia, desde que todos eles parecem considerar Confúcio como **um** pagão, e nosso coro ataca de Bach ou Handel. Eu chamo isso de engano, mas fui derrotado. O argumento é de que nós estamos lutando contra a beatice e de que precisamos usar as mesmas armas.

— Um outro pequeno truque que eu não aprecio é por nas mãos desses clérigos alguns folhetos que preparamos para nossas crianças de dez anos. São pequenos panfletos que falam sobre gluttonaria, inveja, roubo, mentira — uma espécie de curso de revisão ética. Os clérigos são levados a crer que foram redigidos para os nossos membros adultos. Suponho que se justifique em parte, desde que nossos adultos os usam freqüentemente, especialmente quando por recomendação de nossos psicólogos. Eu mesmo consultei um deles outro dia. Tinha acabado de ler um artigo igual ao que sempre tive vontade de escrever e estava muito infeliz. Mas o folheto sobre Inveja curou-me imediatamente. São pequenas obras primas da engenharia comportamental. Aliás, eu os redigi.

— Vocês realmente conseguiram evitar preconceitos no que se refere à religião? — perguntei.

— Penso que sim. Pelo menos, não temos sido atacados. O Administrador tem feito um bom trabalho, confesso, apesar de seus métodos. É claro que ele lança mão de outras medidas também. Sempre que temos um excesso de alimento perecível, damos **uma** cesta aos mais pobres dos arredores e distribuímos cestas de **Natal** regularmente. Certa temporada, mandávamos também os membros à igreja uma vez ou duas por mês — dando-lhes 75 centésimos de crédito — mas isso não é mais tido como necessário. Temos algumas coisas a nosso favor, naturalmente. Nossas fichas na Justiça e na Polícia são limpas. Temos menos divórcios do que uma comunidade média deste tamanho e não há filhos ilegítimos.

— Devo acrescentar que nossas relações com os clérigos mais inteligentes são excelentes. Alguns dos nossos visitantes mais interessantes têm sido homens de igreja, e, geralmente, aprovam o que estamos fazendo. O teste real virá quando expandirmos e eles

começarem a sentir a ameaça. O tipo de tratamento que receberemos então, dependerá, suponho, de sua integridade intelectual, que não tenho meios de avaliar.

— Folgo em ver que você tem escrúpulos quanto a essas práticas, disse Castle, porque eu as acho bastante questionáveis. Não sei no que de bom os seus serviços de domingo podem resultar quanto ao treinamento ético, quando são tão obviamente fraudulentos.

— "Fraude" é uma palavra forte, Sr. Castle, disse Frazier. Nós precisamos desses serviços. Eu apenas objeto à encenação desnecessária. A verdade teria sido suficiente. Acho que nosso Administrador de Relações Públicas está assustado por um fantasma. Mas é o seu trabalho. E posso estar errado.

— Percebo como essas técnicas podem funcionar para a região circundante, disse eu. Se vocês encaram o problema de relações públicas corretamente, acho que podem evitar problemas. Mas quanto às suas relações com a região toda?

— Levará algum tempo antes que precisemos lisonjear a região como um todo, disse Frazier.

— Mas, e quanto às suas responsabilidades como cidadãos dos Estados Unidos? Que interesse vocês têm pelas questões nacionais?

— Votamos, nas eleições presidenciais, porque acontece que vamos às urnas de qualquer maneira, em atenção aos acontecimentos locais, e nosso Administrador Político faz uma recomendação. Mas para nós, como para qualquer outra pessoa, tanto faz como tanto fez. Nenhum de nós acredita que nosso voto pese numa eleição nacional.

— Mas, afinal de contas, disse Castle, o governo nacional não é exatamente sem importância. Está protegendo vocês de invasores que destruiriam qualquer sinal de Walden II se pudessem chegar aqui, tanto quanto da agressão de cidadãos de seu próprio país. A propósito, isso não é algo de que você se esqueceu quando estava falando de auto-suficiência?

— Absolutamente. Nós pagamos por esses serviços exatamente como os demais pagadores de impostos. De fato, fazemos apenas uso parcial dos serviços que pagamos. Não pedimos auxílio para desempregados, por exemplo.

— Mas vocês parecem evitar considerarem-se como parte da nação, penso eu, disse Castle.

— Isso mesmo. Temos uma concepção muito melhor de governo do que os políticos e conseqüentemente não temos interesse no que eles fazem. As ameaças de invasão a respeito das quais você estava falando são apenas devidas a governos que ampliam a sua opressão.

— Mas esse não é exatamente o problema? — disse Castle. Vocês não estariam realmente negligenciando problemas importantes na política mundial? Vocês não têm nenhum interesse na paz mundial?

— Tanto quanto qualquer outra pessoa, disse Frazier. Mas temos uma visão mais realista das técnicas de alcançar a paz. E mesmo assim, a maioria de nós está querendo deixar o assunto aos cuidados dos especialistas. Nada advém de discussões estéreis.

— Mas vocês estão tomando alguma medida ativa com relação à paz no mundo?

— Alguma medida ativa! — gritou Frazier. — Apenas isso: nós não estamos fazendo guerra! Nós não temos política imperialista — nenhuma intenção de dominar os outros —, nenhum interesse em comércio exterior, exceto para encorajar a felicidade e a auto-suficiência. O que é Walden II senão um grandioso experimento numa estrutura de mundo pacífico? Aponte qualquer internacionalista que realmente *saiba* o que qualquer tipo de sociedade ou de cultura ou de governo fará para a paz. Ele *não* sabe! Estará só conjecturando! Através das maquinações do poder político ele pode, se tiver sorte, fazer, em surdina, um teste experimental, mas quase certamente de tal forma que o resultado não provará nada. Poderá, através de algum acidente colossal, conseguir a paz mundial, talvez permanente. Mas a probabilidade é desprezível. O mundo político não produz o tipo de dados necessários para a solução científica dos problemas básicos. O que é que as pessoas querem? O que as satisfará? Como podem ser feitas para querer o que elas podem conseguir? Ou como podem conseguir o que querem sem tirá-lo de qualquer outra pessoa? Eu poderia continuar a fazer perguntas assim o dia inteiro e quem tem a resposta para uma delas, pelo menos? Não os políticos!

— Mas você está sendo realista? — disse Castle. Suponha que o país inteiro se transformasse em comunidades assim. Como poderia fazer a guerra se atacado? Onde estaria a indústria pesada? Há alguns dias você disse que o mundo não estava pronto para a humildade cristã ou o pacifismo. Você não estará sendo inconsistente?

— Há muitas coisas a dizer a respeito, mas eu não estou certo de que poderia convencê-lo. Poderia argumentar que nós teríamos não uma força militar reduzida, mas sim grandemente aumentada. Ainda teríamos indústrias pesadas, mas estariam tão distribuídas que um bombardeio atômico seria difícil. Grandes centros de população constituem um anacronismo, você deve admitir. E nossa força de trabalho útil seria duas ou três vezes maior do que a da última guerra, porque teríamos desenvolvido ao último grau a força física e psicológica.

— Mas esta linha não me agrada, continuou ele. Para uma abordagem diferente, eu poderia citar desde Jesus Cristo até Henry David Thoreau e rever as técnicas de desobediência civil e resistência passiva. Ou eu poderia argumentar que a América não poderia ser convertida a esse tipo de vida sem ter um tremendo efeito sobre o resto do mundo — o que apagaria toda a ameaça de agressão.

— Eu não quero realmente discutir o assunto de um modo ou de outro, porque a solução não pode ser decidida por argumentos. Mas deixe-me pedir-lhe que compare o que eu estou fazendo pela paz mundial com o que você está fazendo como um "bom cidadão". Quais são suas técnicas? Que progresso você está fazendo em direção à vida pacífica?

— Está certo, está certo, disse Castle rindo. Você pediu para encerrar a discussão. Eu atenderei.

Há uma outra maneira pela qual o mundo lá fora deve ameaçar vocês, disse eu, depois que saímos da sala de jantar e enquanto caminhávamos em direção a uma das portas da frente. Deve atrair os jovens. Afinal, gastou-se muito talento e perícia para tornar a vida moderna atraente. Como vocês se protegem? Por doutrinação, suponho.

Caminhamos para fora e, por falta de um plano melhor, sentamo-nos nos bancos parcialmente à sombra, ao longo da parede.

— Doutrinação é uma palavra dura, disse Frazier. Nós não fazemos propaganda a favor do nosso modo de vida, exceto apresentando o que pensamos ser uma boa comparação com outros tipos de sociedade. Não usamos expedientes emocionais ou motivacionais favoráveis a Walden II ou contrários ao mundo lá fora. Não temos canções que glorificam o grupo. Não fazemos piada do resto da humanidade nem rimos de suas estúpidas práticas econômicas ou sociais. Tudo quanto usamos é informação não enviesada.

— Mas isso é suficiente? Você quer dizer que os seus jovens inteligentes de quinze anos não ficam impressionados com os cinemas da cidade ou pelas boates e restaurantes chiques? Podem eles andar pelas ruas mais ricas da cidade sem experimentar uma ponta

de inveja ou perguntar-se se Walden II é o melhor mundo afinal? Você não pode mantê-los na ignorância dessas coisas, pode? Vocês têm filmes aqui, pois eu vi um anúncio no boletim mural. Suas crianças devem saber do mundo lá fora. Como pode você evitar os estragos causados pela inveja ou dúvida?

— É claro que as nossas crianças sabem do mundo lá fora! Nós simplesmente nos asseguramos de que elas sabem toda a verdade! Nada mais é necessário. Nós as levamos, de tempos em tempos, para a cidade e elas vêem os cinemas, as igrejas, os museus, as residências finas. Mas elas também vêem o outro lado — os hospitais da cidade, as missões, o lar dos indigentes, os bares e as prisões. Podemos, geralmente, encontrar algum favelado que nos deixa passar pela sua casa asquerosa, pelo preço de uma bebida. Isto, em si, seria suficiente.

— De vez em quando, damos a um grupo de crianças uma espécie de incumbência de detetive. A brincadeira consiste em estabelecer uma conexão no menor tempo possível entre qualquer aspecto de um determinado luxo e alguma espécie de pobreza ou de depravação. As crianças podem começar com uma residência fina, por exemplo. Indo à área de serviço, elas poderão falar a uma lavadeira negra, pendurando roupa. Convencê-la-ão a deixá-las visitar sua casa. É suficiente. Ou pegarão qualquer figura andrajosa, saindo de uma catedral e segui-la-ão pelos arredores menos recomendáveis onde passa a maior parte do seu dia.

— Fazemos qualquer coisa desse gênero em nossas revistas e filmes. Nós explicamos o porquê dos anúncios apresentarem quase sempre pessoas agradáveis e atraentes, paisagens interessantes e bonitas, praias e lares. E explicamos que estes nunca foram acessíveis a muitos, exceto à custa da pobreza, doença e degradação de muitos mais. Os nossos jovens mais inteligentes acabam, naturalmente, desafiados pelo problema. Querem descobrir porque a pobreza foi necessária. Esses são os que menos nos preocupam quanto à possibilidade de defecção.

— Mesmo assim, por que é que vocês não doutrinam? perguntei. Não seria a maneira mais segura de garantir o sucesso de sua comunidade?

— Seria a maneira mais fácil de garantir o fracasso, disse Frazier com ênfase. — Seria um erro fatal. Nada além da verdade, essa

é a nossa regra. Ninguém pode duvidar da possibilidade de criar membros leais para quase qualquer tipo de comunidade. Há muito tempo as técnicas provaram sua validade. Veja as culturas religiosas que se perpetuam há séculos por ensinarem às crianças modos de vida que nos parecem violar todo o instinto humano. Veja os conventos e mosteiros e o poder de outras formas de sociedades artificiais. Não, o valor da engenharia comportamental dificilmente pode ser superestimado. O que nos espanta é o fato de suas técnicas não terem tido melhor uso muito antes disso. Poderíamos ensinar nossas crianças a se satisfazerem com uma existência muito limitada e rigorosa, a desprezarem outras formas de sociedade e afastarem-se dos prazeres da carne. Poderíamos fazer essa sociedade durar muitos anos.

— Por que não para sempre? disse Castle. Por que não preferir uma sociedade a outra? O que há de errado com o mosteiro tibetano ou uma comunidade "amish" da Pensilvânia ou um convento siciliano? Se a sobrevivência é sua pedra de toque, pode você escolher? Suponho que você dirá que algumas formas são mais felizes que outras.

— Felicidade não é fator decisivo, disse Frazier. Todas as comunidades que você mencionou podem ter propiciado o mesmo montante de felicidade, se bem que eu acho que se pode pretender um extra módico, quando as necessidades básicas estiverem satisfeitas.

— Mas esse módico não é suficiente para justificar tudo isso, disse Castle agitando excitadamente as mãos em direção à paisagem de Walden II.

— É claro que não. Ficamos contentes em produzir apenas uma gente feliz. Nossa tecnologia é suficientemente poderosa para produzir homens felizes sob muitas condições de vida.

— Mas como é que você pode decidir quando foi bem sucedido? perguntou Castle, pulando do banco como um jogador da reserva excitado.

— Você está realmente certo disso? perguntei eu. — Eu pensei em felicidade como o maior bem para o maior número...

— Eu fui realmente um mau expositor, disse Frazier. Vocês não vêem o que há de errado com as outras comunidades doutrinárias que vocês mencionaram? Qual a sua característica mais conspícua?

Não é a de que elas simplesmente não mudam? Há séculos são do mesmo jeito que são agora.

— Mas, se você tem uma vida feliz, por que mudar? disse Castle movendo-se incansavelmente na nossa frente.

— A permanência não seria a melhor forma de sucesso? acrescentei, levantando-me também com o pretexto de apanhar uma folha de papel.

Frazier estava impassível.

— Eu estou falando de um outro tipo de permanência. Se essas comunidades sobreviveram é somente porque não foi forte a competição. É óbvio para todo o mundo que a civilização deixou-os para trás. Não se mantiveram em dia com o progresso humano e eventualmente fracassarão de fato, como já falharam em princípio. A sua fraqueza fica provada na incapacidade de expansão, em competição com as outras formas de sociedade. Têm defeitos fatais e eu acredito que, pela sua excessiva propaganda, os defeitos não foram vistos.

— Como não conseguir acompanhar a civilização pode estar relacionado com a propaganda? perguntei. Sentei-me novamente na grama, mas Castle estava descrevendo um círculo de talvez seis metros de diâmetro indo e vindo no gramado.

— Está diretamente relacionado, disse Frazier. Nada pode ser mais direto. — Falava devagar para dar tempo de Castle se aproximar de novo. Está diretamente relacionado desta maneira — para se tornar tal cultura aceitável, é necessário suprimir algumas das emoções e motivos humanos mais potentes. O intelecto é estupidificado ou desviado em meditações hipnóticas, encantamentos ritualísticos etc. As necessidades básicas são sublimadas. Falsas necessidades são criadas para absorver energias. Veja a Índia — você precisa de uma prova mais clara da inter-relação entre propaganda e progresso?

— O que estamos tentando conseguir, através de nossos experimentos culturais em Walden II, é um modo de vida que seja satisfatório sem propaganda e pelo qual, entretanto, não tenhamos que pagar o preço da estupidificação pessoal. A felicidade é o nosso primeiro objetivo, mas um impulso vivo e ativo em direção ao futuro é o segundo. Nós nos satisfaríamos com o grau de felicidade que tem sido conseguido em outras comunidades ou culturas, mas não nos

satisfaremos com menos do que a mais viva e ativa inteligência grupal que já apareceu na face da Terra.

— Um impulso para o futuro, resmungou Castle, claramente desapontado com o rumo dos acontecimentos. O que é isso? De onde é que vem? Como podemos acompanhá-lo quando você cria coisas novas? Como você sabe que *há* algum futuro? Como pode o futuro desempenhar um papel numa cultura aqui e agora?

— Não desempenha, disse Frazier. Eu não vou falar sobre o destino, mais do que falei sobre História. O passado e o futuro são ambos irrelevantes. Nós não agimos por causa de um futuro nem porque sabemos que haverá algum. Mas o homem muda. É característico dele descobrir e controlar, e o mundo não permanece o mesmo, desde que começa a trabalhar. Veja o que ele fez apesar do caos político e econômico em que sempre viveu. E esta característica sobreviverá numa comunidade bem sucedida. Deve sobreviver, ou então culturas menos eficientes de alguma forma irão se sobrepor.

— Você ainda está dizendo que evita propaganda porque você procura permanência, disse eu. Mas você não provou a ligação.

— Arruinaríamos todo o experimento se superdoutinásemos, disse Frazier. Você não pode fazer propaganda e experimentar ao mesmo tempo. Construir uma atitude a favor de Walden II disparçaria sintomas que são absolutamente essenciais para nossos psicólogos. Felicidade é um de nossos indicadores e nós não poderíamos avaliar uma cultura experimental se um dos indicadores estivesse influenciado pela propaganda. Não queremos conseguir gerar satisfação de qualquer jeito; queremos a coisa real. Walden II deve ser *naturalmente* satisfatório.

— Não consigo ver como você pode conseguir ser neutro, disse eu. Você aponta as vantagens da vida em Walden II, eu confio. Como você sabe quando parar? Por que não defender também que você deveria fazer propaganda *contra* a comunidade?

— Poderemos vir a fazer isso! — disse Frazier rapidamente. — Com a intenção de testar a cultura. Deveríamos fazer isso com cuidado, naturalmente, mas se pudéssemos mostrar que nossos membros preferem a vida em Walden II diante de uma considerável doutrinação contra ela, seria o melhor testemunho possível de que alcançamos uma estrutura social segura e produtiva. Pararíamos a contra-propaganda, é claro, depois de completado o teste.

Castle fez ranger o banco quando se sentou. Estava obviamente perturbado e infeliz. Eu também estava um pouco fora de equilíbrio, pois esta era uma linha nova para a qual precisava de tempo para pensar. Nenhum de nós queria continuar a discussão e Frazier levantou-se. Ao mesmo tempo, Steve e Mary apareceram pela ala oeste da construção, andando rapidamente, de braços dados. Ace-naram com as mãos livres e a mensagem que traziam era fácil de perceber. Tinham sido admitidos.

Eu estava constantemente surpreendido pela atmosfera agradável que dominava em Walden II. Superficialmente, parecia um enorme hotel de verão. Um grande número de pessoas, sem casa, no sentido comum, com poucas responsabilidades e uma boa quantidade de lazer, vivendo em contato uns com os outros durante a maior parte do dia. Mas eu me lembrei da rotina enfadonha das férias em hotel, a tensão depois do excitamento, os esforços desesperados das anfitriãs profissionais em quebrar a sempre ameaçadora monotonia. Nada disso aparecia em Walden II, mas por que não?

Decidi fazer uma pequena investigação. Seria possível que estivéssemos sendo iludidos por uma série de roteiros preparados? Tínhamos sido convidados a vagar à vontade pela comunidade, mas a maior parte do nosso tempo tinha sido cuidadosamente programado. Não poderia haver um outro lado de Walden II que não nos tivessem permitido ver? Decidi misturar-me com os membros na hora do chá e fazer uma amostragem imparcial do seu comportamento.

Eu comecei no passeio da Escada, às quatro horas. Só nos deveríamos encontrar todos na hora do jantar e tínhamos presumivelmente ido para os nossos quartos repousar. Meu plano era ficar casualmente parado em cada patamar exatamente cinco minutos e espiar os ocupantes. Olhando meu relógio de tempos em tem-

pos, pretendia dar a impressão de estar esperando alguém. Assim, podia também medir o meu tempo em cada patamar com precisão. Isso pode parecer sem importância ao leitor leigo, mas um procedimento objetivo de amostragem era, para mim, praticamente compulsório.

Eu daria um péssimo detetive. Não poderia ter seguido um homem por dez minutos sem que se juntasse um séquito de curiosos para ver o que eu estava fazendo. Ficar simplesmente parado não parece natural. Não diria, entretanto, que fui inteiramente mal sucedido na minha pequena investigação. Mas os membros de Walden II são extraordinariamente cordiais e parecem encarar sem desconfiança as idiossincrasias dos outros. Estou certo de que eles não alteraram a sua conduta só porque eu estava arrastando os pés sem objetivo, alguns metros adiante. Na primeira alcova, achei um grupo de homens e mulheres de uns quarenta anos, que poderiam ser descritos apenas com uma palavra: joviais. Sua conversa era um tipo de tagarelice não-maliciosa — histórias divertidas de seus amigos, reminiscências agitadas da vida pré-comunitária, planos para a noite, comentários sobre uma jovem que tinha estreado numa peça de um ato e assim por diante.

No segundo patamar, quatro rapazes estavam empenhados em uma ardorosa análise sobre a disciplina no exército e a hierarquia militar. Um deles deteve-se na referência à organização de um exército guerrilheiro chinês no meio do qual ele tinha, literalmente, descido do céu como paraquedista. Meus cinco minutos tinham-se esgotado antes que fosse explicada a eficiência superior de um exército totalmente democrático.

No terceiro patamar, tudo estava quieto, com exceção da história das guerrilhas chinesas que flutuava levemente sobre as flores. Várias pessoas, tomando chá, estavam acompanhando um jogo de xadrez entre um rapaz e uma mulher um pouco mais velha. Antes do momento de eu ir embora, a mulher moveu cuidadosamente uma peça. O rapaz olhou para o tabuleiro e depois para a sua adversária. Disse "Hm" e novamente olhou o tabuleiro, franzindo a testa. Um dos observadores comentou com outro um palpite para as próximas jogadas, usando uma espécie de gesticulação que não pude interpretar.

No quarto patamar, uma mulher estava lendo para três meninhas que bebericavam com canudinho de palha. Um homem, sentado de

costas para a leitora, olhando o gramado, ocasionalmente virava a cabeça como se estivesse acompanhando a história com muito interesse. Eu soube, no fim do capítulo, que ele era o autor e que os capítulos finais ainda estavam por ser escritos. Quando terminou a leitura, as crianças apontaram uma parte do jardim de flores que estava aos cuidados de um grupo ao qual pertenciam. O homem e a mulher comentaram a regularidade das fileiras e o padrão inteligente de cores das flores.

No quinto patamar, pensei ter detectado uma nota de discórdia.

— É pura sorte! — dizia um homem. — Uma chuva forte e tudo teria ido parar no lago.

— Por que é que você não falou com o Administrador? — alguém perguntou.

— Eu falei. E ele me disse que o rapaz que estava encarregado disso ficaria feliz em ter a minha informação. Mas vocês conhecem esses jovens. Não há nada que eles não saibam.

— Deu tudo certo, não foi?

— Sim. Mas, de qualquer maneira, isso não é modo de trabalhar. Uma chuva forte... Foi pura sorte.

— Bem, foi sorte sua também, não foi? Você está comendo os morangos.

Esta observação foi saudada com uma gargalhada geral, e a conversa que seguiu foi, ó decepção, jovial.

O patamar seguinte estava vazio. No próximo, três lindas jovens senhoras estavam bebericando chá. Sem o menor embaraço, convidaram-me a me reunir a elas. Eu expliquei que tinha um encontro dentro de cinco minutos, mas que me sentaria com prazer por um momento. Elas logo descobriram que eu era professor de faculdade e começaram a perguntar sobre o meu trabalho. O maldito sistema educacional de Frazier devia ter incluído um estudo das técnicas de conversação, porque elas conduziram habilmente a conversa e começaram a me bombardear com perguntas embaraçosas. Por que é que os colégios exigiam exames de seus alunos, e por que davam notas? O que é que uma nota realmente significava? Quando um estudante "estudava", fazia algo mais do que ler e pensar — ou havia algo de especial que ninguém em Walden II conheceria? Por que é que os professores davam aulas aos alunos? Nunca se esperava nada dos alunos a não ser que respondessem a perguntas?

Era verdade que se fazia os estudantes lerem livros nos quais não estavam interessados?

Eu escapei antes que os meus cinco minutos se esgotassem e atravessei rapidamente os dois patamares seguintes para tornar minha saída mais convincente. Parei numa alcova em que um grupo razoavelmente grande de gente tomando chá estava discutindo um artigo de uma revista noticiosa, que tinha aparentemente acabado de ser lido e era, ocasionalmente, relido, em parte, por alguém do grupo.

Impaciente com meu reduzido progresso em descobrir sinais de insuficiência psicológica, decidi pular os dois outros patamares e dar uma olhada na sala de estar e nos quartos de leitura que, apesar do lindo tempo, estavam sendo usados. Nas salas de estar, vi grupos iguais aos da Escada. Num dos quartos de leitura, fiquei tão absorvido numa pilha de livros que esqueci minha missão. Era uma biblioteca notável com livros técnicos, formulários etc, aparentemente destinada ao uso dos vários Administradores e cientistas aplicados. Eu desconhecia grande parte desta literatura, supondo que esse tipo de conhecimento existia apenas na cabeça dos especialistas que o comunicavam a seus aprendizes. Lembrei-me de meu propósito e percebi que estava perdendo um tempo valioso. Tentei terminar a coleta de dados tão rapidamente quanto possível, observando o movimento de Walden II por uma das janelas. Em todas as direções, podia-se ver um grupo ou um indivíduo isolado envolvido em alguma atividade, aparentemente proveitosa ou agradável. Pensei ter percebido um movimento de volta para casa.

Não tinha mais planos. Mas estava totalmente insatisfeito e comecei a vagar sem destino. De uma das salas de música, vinha o som de um excelente quarteto de cordas e me virei nessa direção. Aproximando-me, ouvi os fortes acordes de abertura do *Quinteto para Piano* de Schumann. Fiquei por alguns momentos com a cabeça inclinada junto à porta.

Fui surpreendido, de repente, pela abertura da porta, quando vários jovens saíram. Um deles, supondo que eu estava para entrar, deixou-a entreaberta. Dentro, pude ver um certo número de almofadas de couro pelo chão e outras pessoas espalhadas, lendo ou simplesmente ouvindo. Havia um espaço vazio perto da porta e aceitei o convite implícito e deslizei para dentro do quarto sentando numa almofada tão discretamente quanto pude.

O quarteto de cordas era surpreendentemente jovem, mas demonstrava tanto competência quanto postura. De onde sentei, podia ver apenas os pés do pianista, mas era óbvio que era um pouco menos competente do que os seus companheiros. Conhecia o suficiente da partitura para notar alguns truques hábeis. O efeito global era animado e muito agradável. Quando chegou o fim do primeiro movimento, o pé esquerdo do pianista passou a marcar o compasso, aumentou o volume e o andamento, devo reconhecer, foi acelerado. O fim veio num *fortíssimo* grandioso.

Houve uma curta rajada de aplausos, principalmente dos próprios músicos. O pianista levantou os braços, pulou da banqueta e gritou "Bravo!"

Era Frazier.

— Obrigado! Obrigado! — ele gritou aos outros músicos. — Vocês são uns anjos! Anjos! — Parou de falar. Arrebatou o arco do segundo violinista e beijou as crinas com uma vênua. — Vocês foram maravilhosos! — Começou a juntar as partituras. — *Por favor*, deixem-me tocar isso outra vez, disse num tom infantil. — Se vocês soubessem o quanto significa para mim! E eu prometo praticar essa parte *cachorra* do meio!

Houve uma explosão de gargalhadas a esta expressão. Frazier dobrou as partituras e guardou-as no piano. Pulou por sobre o violoncelo, passou entre as estantes e dirigiu-se para a porta. Afundei-me entre as almofadas esperando passar despercebido. ..

— Até logo, até logo, disse ainda, quando os músicos começaram a colocar uma outra partitura em suas estantes. Então, abaixando a voz acrescentou: — Olá, Burris. Eu vi você entrar.

Levantei-me apressadamente e disse, encabulado: — Foi muito bom, Frazier. Eu não sabia que você tocava.

— Mero amador, disse ele, levantando os ombros e caminhando para a porta, à minha frente. — Mero amador! Há cinquenta pianistas em Walden II que podem tocar melhor. E tocam, os danados. E tocam!

De volta para o meu quarto, andando pelo corredor da construção principal sobre os tapetes de flores, passei por uma senhora de cinquenta e cinco ou sessenta anos, sentada numa espreguiçadeira clara. Ela usava um vestido caseiro simples e seus cabelos grisalhos estavam puxados para trás num simples coque. As mãos descansavam confortavelmente sobre o estômago e ela estava contemplando tranqüilamente o vale. Não havia nada de diferente quanto à sua aparência, mas estaquei como se fosse um fantasma. Ela havia saído diretamente de minha imaginação! Eu realmente pensei, por um momento, que estava sofrendo uma alucinação e temo ter também considerado a possibilidade de Frazier ter parte com o demônio e ter materializado meus pensamentos num tipo de piada fantasmagórica.

O que eu estava pensando era o seguinte: minha pesquisa tinha fracassado, mas talvez não tivesse sido conduzida da maneira correta. Afinal, eu tinha feito a minha pequena expedição exatamente na hora do dia em que as pessoas deviam estar felizes. Havia sempre a possibilidade de que, como o quadrante, eu tivesse apenas registrado as horas ensolaradas. O que aconteceria se empreendesse o que era chamado de um estudo "longitudinal" — seguir alguns membros durante o tempo todo?

Agora, já não tinha ilusões quanto à minha objetividade. Não estava atrás de fatos, queria desesperadamente era achar alguma coi-

sa de errado. Caso contrário, ver-me-ia apanhado em uma posição intolerável.

Não estava a ponto de subscrever o programa de Walden II, mas o que havia de errado nele? Tinha que descobrir algo. A economia era bastante sólida, reconhecia isso. Mas havia uma possibilidade de que o ponto fraco na coisa toda fosse o fato de haver demasiado lazer. As artes, ofícios e esportes que Frazier tinha selecionado poderiam constituir passatempo para muitos membros, particularmente para os de talento. Mas, e quanto à dona-de-casa típica de classe média? O que faria ela com oito ou dez horas de lazer por dia? Ela não se aborreceria? Ou ficaria impaciente e desconfortável?

E agora, ali estava ela sentada — o caso exato que eu tinha em mente! E ali parei eu, trespassado. Ela foi a primeira a se mexer. Virou-se e sorriu.

— Este é o meu lugar favorito, disse ela. Eu adoro flores.

— É um bonito lugar, concordei.

— Estou contente de que você goste dele. Vocês estão de visita, não?

— Sim, somos convidados do Sr. Frazier.

— Frazier? Ah, sim. Eu sei quem é. Tem um pequeno cavanhaque. Um homem magro. Ele pensa demais.

Sentei-me na grama, abraçando meus joelhos e olhando as flores.

— O que acha de Walden? — perguntou. Como muitos dos membros, ela omitia o "II".

— Acho ótimo. Um lindo lugar. E todo mundo tão perfeitamente feliz. — Corei por esta manobra óbvia.

— Feliz? — disse ela com surpresa evidente.

Olhei para cima. Eu talvez tivesse conseguido algo.

— Realmente. Vocês todos parecem muito felizes. Não são?

— É gozado, falou. — Há muitos anos não penso nisso. Por que pergunta?

— Por que pergunto? Bem, parece-me muito importante saber isto para se poder avaliar um lugar.

— Por que é que você não me perguntou se somos todos bem alimentados? *Isso* é algo que eu poderia dizer-lhe. Ou se somos sadios? Se bem que tudo dê na mesma coisa!

— Bem, eu posso ver que vocês estão bem alimentados e saudáveis. Não preciso perguntar.

— Não parecemos felizes?

— Mas nem sempre se pode afirmar.

— Você é um tipo de rapaz melancólico, não é? Se me perdoar dizer isso.

— Por que diz isso?

— Ora, perguntando-se se somos felizes — e coisas assim. Você é um pouco como este. . . como se chama... o rapaz que vem ver se a gente está satisfeita com tudo.

— Há alguém que faz isso?

— Oh, sim, cerca de uma vez por ano, talvez. Era um novo rapaz da última vez. Eu me diverti com ele.

— Por que?

— Bem, não deveria contar-lhe isso, mas ele disse "A Sra. tem alguma queixa, Sra. Olson?" Eu respondi: "Se tivesse, saberia onde levá-las". À Administradora de Cozinha, você sabe — a mulher com quem trabalho. "Bem", disse ele, "há alguma coisa que a Sra. quis e não conseguiu?" E eu disse "Para lhe dizer a verdade, há."

Então, ele tirou o seu livrinho preto — a Sra. Olson riu explosivamente — e escreveu o meu nome e então disse: "Agora, Sra. Olson, diga-me o que é". "Bem", falei, "eu sempre quis ser parecida com a Greta Garbo!" — Outra risada explosiva. — "Bem", disse ele, "acho que isso está um pouco fora de minha alçada". Ele aceitou bem a brincadeira, devo reconhecer.

— Que tipo de trabalho a Sra. faz?

— Cozinha. Pastelaria. Não dá para adivinhar?

— Quantos créditos eles lhe dão por esse tipo de trabalho?

— Oh, eu não sei. Só faço as tortas e bolos. Há algumas boas meninas que me ajudam. O Sr. Engelbaum também.

— O que faz o Sr. Engelbaum? — perguntei.

— Faz tortas.

— Quanto tempo vocês trabalham?

— Oh, até tirar do forno as tortas e bolos. Manhãs.

— Isso não lhe dá muito tempo sem nada para fazer?

— Eu quase nunca fico sem fazer nada. Estava fazendo alguma coisa quando você chegou; era uma espécie de descanso.

— O que mais a Sra. faz com o seu tempo?

— Oh, há as crianças de minha filha e seus amiguinhos. Passo muito tempo com elas. Estes dias estou ensinando-as a cozinhar. Tortas e bolos. E também tomo conta delas enquanto nadam. E nesta época do ano também tenho um jardim de flores. Adoro flores. Não se pode ver o meu canteiro daqui. Sempre escolho um mais abaixo. Gosto de sentar aqui na minha cadeira e não gostaria que as pessoas pensassem que estou sentada olhando o meu próprio jardim.

— E o que mais a Sra. faz?

— Bem, há o nosso clube de gamão e, às vezes, quando não podemos sair, fazemos tapeçaria. É uma coisa linda. Somos sete trabalhando nisso. Um dos jovens artistas fez o desenho. Usamos um ponto engraçado. Nunca vi nada parecido. Lindo, entretanto.

— Vocês todas simplesmente sentam e bordam essa tapeçaria?

— Bordar não é *tudo* o que fazemos! Nós conversamos. Não há muita coisa que não conheçamos. Sabemos as notícias mais rapidamente do que esse papelzinho que os jovens publicam.

— Isso é suficiente para mantê-la ocupada?

— Isso não me mantém *ocupada*. Há anos que eu não estou ocupada. Eu posso vir aqui quando quiser. É um lindo lugar, não é?

— É, disse eu. E a senhora, uma das coisas mais lindas nele. Ela sorriu abertamente.

— Por que você não fica conosco permanentemente? — disse ela. Os rapazes lhe fariam uma dessas cadeiras se você lhes pedisse. Você poderia encostá-la na parede ali quando não a estivesse usando, como eu faço. Eu gosto de falar com você. E talvez você deixasse de ser tão soturno depois de algum tempo.

Eu disse que não podia imaginar nada melhor e fui embora. Na verdade, um caso não prova nada, mas, que diabo, era óbvio que essa gente podia ser feliz com "nada para fazer". Antes de alcançar meu quarto, eu estava ficando bastante violento. Que cinismo extraordinário — esta idéia de que nada, exceto trabalho duro, podia evitar o tédio!

O que realmente sabemos sobre felicidade, de qualquer modo? Já terá existido em quantidade suficiente no mundo num só lugar e num só tempo para permitir um experimento decente?

Experimento!

Apreensivo, abri a porta de meu quarto. Frazier não estava lá, mas imaginei estar sentindo cheiro de enxofre.

Quando Frazier, Castle e eu estávamos andando lentamente pelo gramado, no fim da tarde, Frazier parou e apontou em direção à ravina. Uma caravana de quatro ou cinco caminhões subia lentamente a rota principal. Vimo-los atravessar a ponte e entrar na estrada particular. Por alguns minutos, ficaram escondidos pelos pinheiros, mas emergiram e passaram rapidamente pela subida num arco amplo. Na mesma hora, um grupo de talvez cem membros de Walden II, que estava esperando perto da ala oeste da construção reuniu-se na estrada. Os caminhões reduziram a velocidade quando os encontraram e os membros acompanharam-nos correndo, trocando cumprimentos com as dúzias de homens e mulheres, jovens e velhos que estavam a bordo.

Muitos destes últimos pularam para o chão e houve muitos abraços afetuosos.

— A guarda avançada de Walden VI, disse Frazier, com casualidade calculada, — para passar o domingo aqui.

— Você quer dizer que há outro... Há Walden VI, disse eu, com toda a confusão que Frazier teria desejado.

— Não uma comunidade completa, disse Frazier. Mas será em breve. Walden II cresceu demais e estamos a ponto de uma divisão.

— Mas "VI"... Você quer dizer que já se subdividiram várias vezes?

— Infelizmente, não. Nós não crescemos tão rapidamente e eu não estou certo de que pudéssemos aparelhar convenientemente um crescimento tão rápido. Não temos nenhuma ligação com Walden III, IV ou V, exceto que foram construídas segundo o nosso modelo. A IV foi fundada por um de nossos membros, mas não foi um caso de divisão.

— Você tinha outras Walden em mente quando começou? — perguntei.

— Apenas "Walden I". Escolhemos o nome em honra ao experimento de Thoreau, que era, de muitas formas, semelhante ao nosso. Era um experimento sobre a vida e saiu de uma doutrina similar à nossa relação com o Estado. Muitas ambigüidades no nome nos divertiram. Thoreau era não só o primeiro dos Walden, era um experimento com *uma* vida e as questões sociais não foram consideradas. Nosso problema era construir um "Walden para Dois". Há também um trocadilho — "Tudo isto e Walden também" *. Frazier afastou o seu *non-sense* com uma risada e continuou com toda a seriedade.

— Há quatro anos, um homem da Costa Oeste começou uma aventura similar e perguntou se poderia chamá-la Walden III. Difícilmente poderíamos monopolizar um nome emprestado e, naturalmente, concordamos. Walden III está se saindo muito bem, se bem que tenha, penso eu, apenas duzentos ou trezentos membros. Um de nossos primeiros Planejadores começou Walden IV perto da velha cidade de Oneida. As pessoas de Walden V ouviram falar da comunidade no oeste e perguntaram se podiam ser o "IV". Nós lhes designamos "V". De algum modo, tornamo-nos donos do sistema.

— Por que é que vocês não estabelecem uma espécie de organização geral? — disse Castle. Uma espécie de Comunidades Unidas?

— Pode ser possível. Sugeriu-se uma comissão de planejamento para nos orientar na escolha de indústrias de modo que possamos trocar bens.

(*) — Em inglês: "All this, and Walden too", com o mesmo som de "Walden Two".

— Então vocês terão de enfrentar o problema de transporte que você se gabava de ter evitado, disse Castle e o seu sorriso triunfante me fez suspeitar que a sua primeira sugestão tinha sido uma armadilha.

— Certo, concordou Frazier prontamente. Walden VI está só a uns cem quilômetros daqui, mas as demais Walden estão longe demais para permitir a troca com vantagem.

— Quem são essas pessoas que chegaram? perguntei.

— São membros de Walden II que estiveram trabalhando *in loco*, desde o começo da primavera. Eles estão construindo edifícios suficientes para abrigar uma equipe inicial no inverno. Daqui a um ano, Walden VI funcionará por conta própria.

— Você quer dizer que uma nova geração se muda para outra comunidade como aves e abelhas? — disse eu.

— De jeito nenhum. Isso seria desastroso. Precisamos de membros de todas as idades em cada grupo. — Para prover segurança dos membros mais velhos. A divisão será feita verticalmente. Não estudamos, ainda, todos os detalhes, mas o plano geral está claro. Os Administradores assistentes de Walden II serão os Administradores de Walden VI. Mesmo o nosso Corpo de Planejadores se subdividirá e, em função disso, estamos acrescentando quatro membros novos neste outono. — Mas eu queria que vocês encontrassem nossos arquitetos. Devem ter vindo nos caminhões.

Tínhamos andado mais ou menos em direção da ala oeste do edifício e dois ou três dos recém-chegados aproximaram-se para cumprimentar Frazier. Ele perguntou pelos arquitetos e disseram que eles tinham ido para os quartos comuns. Encontramo-los numa das maiores salas de estar onde tinham montado uma maquete portátil de Walden VI. Estavam descrevendo o progresso que tinham feito desde a última visita. Um deles, uma atraente jovem com um leve sotaque que eu pensei ser vienense, falava de um novo método de construção.

— Foi maravilhoso, disse ela. Levantou o polegar: — Tudo funcionou direitinho.

Aqui, pela primeira vez em Walden II, vimos uma multidão. O quarto estava lotado. Frazier tentou forçar o caminho em direção aos arquitetos. Fracassando, ele bateu no ombro de um dos ouvintes e pediu-lhe que passasse uma mensagem. Mas foi perdida no caminho. Alguém virou-se e sacudiu a cabeça num vago embaraço.

Frazier levantou os ombros e saiu em direção a outra sala. Ele estava desconcertado e permaneceu em silêncio. Eu tentei ir em seu socorro.

— Vocês não vão quebrar muitas famílias quando se subdividirem? — disse eu, quando nos sentamos.

— Não marido e esposa, provavelmente, ou pais e crianças pequenas, disse ele sem entusiasmo. Mas fora isso, tentaremos quebrar tanto quanto possível. Já temos de pensar no problema de consanguinidade. Poucas famílias grandes em cada comunidade não seriam recomendáveis de um ponto de vista genético.

— Eu acharia que essa separação seria um ponto forte contra o seu sistema, disse Castle. Não vai significar muita infelicidade?

— Por que deveria? Afinal, os membros de Walden VI estão simplesmente indo para cem quilômetros adiante. As famílias se separam mais do que isso no mundo lá fora. E estamos antevendo o momento em que os membros mudarão um bocado de uma comunidade para outra. Isso poderá ser facilmente arranjado, porque nossa gente tem habilidade em muitos trabalhos e dá-se bem em qualquer lugar.

— Vocês não ficarão seriamente desfalcados depois da subdivisão? — disse eu.

— Poderíamos ficar "folgados" por algum tempo, mas novas pessoas entrarão.

— Em quanto tempo vocês poderão assimilá-los? — disse eu. Dois jovens como Steve e Mary logo estarão observando o Código como todos os outros. Mas suponha que vocês admitam uma multidão de uma só vez. E então? Suponha que vocês se tenham dividido de tal maneira que a sua influência fique atenuada. Vocês podem educar e converter suficientemente rápido? Ou toda a cultura irá desaparecendo?

— Esta é uma questão experimental, disse Frazier. Não arriscaríamos tudo tentando grande número de admissões — ainda não. Provavelmente, superaremos a nossa taxa, à medida que formos avançando. Nossos psicólogos farão um estudo especial de mudanças culturais e não será difícil localizar problemas muito antes que alcancem proporções sérias. Poderíamos ter de suspender a imigração por algum tempo. Podemos ou não aceitar novos membros, como, quisermos.

— Parece-me que uma situação séria pode aparecer sem aviso, insisti. — Suponha que vocês admitam uma família com um menino de catorze anos que tem um problema de agressividade sexual. Enquanto isso, vocês criaram uma porção de jovens equilibrados com uma atitude saudável em relação ao sexo. O menino não irá causar problema?

— Como? Seduzindo nossas meninas?

— Bem, sim. Ou contando histórias sujas e assim por diante. Frazier riu convulsivamente.

— Você me põe numa posição curiosa, disse ele, afinal. Devo agora provar que Virtude é uma defesa e um escudo. Naturalmente, não aceitaríamos nenhum criminoso real. Não pretendemos funcionar como um reformatório. A sociedade fez o criminoso e deve tomar conta dele. Mas a agressividade sexual comum aos rapazes de catorze anos não é problema nenhum. Ele será imediatamente considerado independente e seus laços com a família ficarão rompidos. Isso remove parte da condição excitatória. Encontrar-se-á entre rapazes de sua idade que são dois anos mais maduros. Mais proficientes nas artes e nas ciências tanto quanto no trato social. Eles nunca acharam o sexo divertido ou secretamente excitante. Conhecem as funções corporais de ambos os sexos e visam o casamento dentro de um par de anos. Têm irmãos, irmãs e amigos ligeiramente mais velhos do que eles que são casados e têm filhos. A primeira tentativa de humor erótico por parte do recém-chegado será o grande fracasso que merece ser. Não causará surpresa, porque nossos jovens foram informados das práticas sexuais das crianças na sociedade em geral. Será simplesmente classificado como uma deficiência — como uma gramática pobre; e boa parte da contra-educação virá dos próprios rapazes.

— E quanto às suas meninas? Vocês realmente não temem que elas sejam prejudicadas por obscenidades ou tentativa de sedução? — insisti.

Frazier riu novamente.

— Você está esquecendo a posição dos sexos em Walden II. A menina de catorze anos é um tanto mais madura que os rapazes da mesma idade. O interesse sexual do recém-chegado não vai absolutamente surpreendê-la ou perturbá-la.

Frazier estava desagradavelmente seguro nisso tudo, como que para compensar o seu humor anterior e eu me apressei em mudar de assunto.

— Como é que vocês aceitam os novos membros? Há algum tipo de contrato legal?

— Há um acordo que garante certos direitos aos indivíduos enquanto permanecerem em Walden II, disse Frazier transferindo a sua exibição, sem qualquer dificuldade. — Em troca, o membro concorda em trabalhar segundo os nossos esquemas e não reclamar qualquer partilha do fruto do seu trabalho. Pode sair quando quiser e levar consigo os bens pessoais que trouxe. Não poderá levar nada que tenha produzido na comunidade. Pode compartilhar disso apenas ficando conosco, o que tem direito de fazer mesmo quando não for mais um membro produtivo.

De repente, um grande número de pessoas começou a passar pela porta da sala de estar e vi que o mapa de Walden VI estava sendo carregado. Frazier pulou e correu para a porta. Ele parou uma jovem e perguntou-lhe algo em voz baixa. Ela sacudiu a cabeça, apontou o Passeio e apressou-se.

— Eu só queria que eles conhecessem alguns amigos meus, Frazier lhe disse. Não obtive resposta e voltou para a sua cadeira, corando com embaraço. Dessa vez, Castle veio em seu socorro.

— Eu quero ouvir mais sobre os seus planos para o futuro, disse ele. Afinal, tenho que cuidar do tipo de sociedade que eu prefiro. Vocês são realmente uma ameaça!

— Penso que seremos uma ameaça, se você vê as coisas dessa maneira, antes que se passem muitos anos, disse Frazier novamente sem entusiasmo. — Nós nos expandiremos tão rapidamente quanto pudermos assimilar novos membros e construir novas comunidades. Se pedíssemos quinze mil créditos de trabalho por ano em vez de doze mil, poderíamos construir novas comunidades muito rapidamente. Mas por que sacrificar exatamente a coisa pela qual lutamos?

— Isso é curioso, disse Castle. Eu o tomei por um reformador mais agressivo.

— Eu sou suficientemente agressivo, disse Frazier esquentando. — Suponha que seja possível crescer e subdividir-se uma vez em cada dois anos; então, em dez anos, Walden II e VI produzirão sessenta comunidades singulares.

— Comunidades muito singulares, disse eu, mas ninguém riu e Frazier me fulminou com o olhar.

— Em *trinta* anos, continuou ele com determinação crescente, nós poderemos absorver muitas vezes a região toda. Evidentemente, você não pensou na dinâmica da reforma; é claro, fatores limitadores irão aparecer. Previsões desse tipo são sempre otimistas; mas eu não vejo nada nos detendo a longo prazo. Estamos usando a única técnica de conquista que já deu resultados permanentes: nós constituímos um exemplo. Oferecemos uma vida plena e feliz para todos os que vão fazer a mesma coisa.

— A perspectiva é quase assustadora, continuou ele, porque podemos não estar prontos para o futuro. Devemos controlar a velocidade de divulgação da idéia. Nosso Escritório de Informação foi estabelecido não para criar, mas para controlar a publicidade. Uma história resplandecente de Walden II levaria a uma confusão assustadora. Não poderíamos assimilar os interessados e eles teriam problema se tentassem ir adiante sem os benefícios de nossas práticas científicas. Nosso plano é estimular interesse suficiente para manter um fluxo de novos membros no grau certo. Publicaremos um relatório completo sobre Walden II dentro de seis meses, mas não circulará amplamente antes que outras comunidades tenham sido estabelecidas.

— Você está excessivamente otimista, eu disse. Publicidade é certamente algo, que você não pode controlar. Deixe uma só revista localizar vocês e vejam onde vai a sua publicidade.

— Tememos isso, mas temos dado um jeito de controlar até agora. De qualquer modo, é improvável que a publicidade, fora do nosso controle, seja totalmente favorável e, portanto, não nos embarçará com uma torrente de interessados. Dêem-nos mais cinco ou dez anos e não importará. Estaremos prontos para qualquer coisa.

— Você não está confessando uma fraqueza interna? — disse Castle. Afinal, a Igreja conseguiu estabelecer novos grupos de crenças mandando missionários sozinhos. Deve ter significado uma conversão mais completa do que a que você precisa aqui. Por que é que uma só pessoa não poderia estabelecer "Walden"?

— Uma pôde e o fez, mas não como regra geral. Um homem não pode passar adiante a informação técnica e o conhecimento necessário a todos os nossos departamentos.

— À medida que a ciência da engenharia comportamental avança, deixa-se cada vez menos a cargo do julgamento pessoal. Mais treino e aprendizagem são necessários. Por enquanto, devemos proceder com cuidado e treinar um grupo completo de administradores competentes para cada novo Walden.

— Esse tipo de crescimento com juro compostos sempre dá em problemas de superpopulação, disse eu. Vocês terão que começar novas comunidades cada vez mais longe uma da outra para que possam também se subdividir livremente.

— Mas isso será possível.

— Vocês não podem conseguir terra, pelo menos não tão rapidamente quanto vocês conseguem as pessoas.

— O problema real de expansão em larga escala é interessante, disse Frazier, amigavelmente. — Não usamos uma grande quantidade de terra por pessoa como fazem outras áreas de agricultura, mas você está certo, podemos ter problemas. Terra de fazenda é geralmente passada de geração a geração. Os fazendeiros não gostam de vender a terra e raramente estão numa situação tão desesperada para que sejam obrigados a isso. Poderíamos ter de oferecer preços exorbitantes e isso retardaria a nossa expansão. Até que uma carência de terra nos ameace em qualquer localidade, estaremos em posição de exercer pressão. Se comprarmos metade das fazendas que negociam numa determinada cidade, controlaremos a cidade. Os negociantes de alimentos, as lojas de ferramentas e os vendedores de maquinaria agrícola dependem de nós. Podemos pô-los fora do negócio ou controlá-los através do nosso comércio. Os verdadeiros valores das propriedades na cidade podem ser manipulados à vontade e a cidade em si, gradualmente, apagada. Podemos sempre usar tijolos de segunda mão de madeira. Podemos tornar a área não muito confortável para os donos de terra que não cooperarem por terem perdido seus canais de suprimento e distribuição. A longo prazo, qualquer aumento no valor da terra para nós significará um decréscimo no valor dos outros. É um caso muito diferente da real valorização usual das propriedades. Não devemos nos preocupar com os poucos proprietários obstinados. Nós não precisamos de toda a terra.

— Oh, ho! Oh, ho! — gritou Castle. Então vocês não estão fazendo guerra! Nenhum monopolista jamais teve um programa mais cruel!

Frazier estava embaraçado. Tinha sido levado longe pelos seus sonhos e Castle pegou-o sem defesa.

— Tudo dependerá, titubeou ele, de como o programa for conduzido. Não agiremos mal com ninguém.

— Espere aí. Espere aí! — gritou Castle. Isso foi o que os nazistas disseram! Hitler não ia tratar mal a Polônia. Eliminar vários milhões de indesejáveis era para a sua glória, você lembra. O fanático sempre pensa que sabe o que é bom e justifica a sua agressão de acordo. Mas pergunte ao seu negociante de alimentos se ele aprecia a ajuda que você lhe vai dar.

— Ele poderia juntar-se a nós, disse Frazier.

— Mas talvez não *quisesse* se juntar a vocês. Talvez ele só quisesse ter uma lojinha de alimentos bem sucedida que servisse às fazendas que você tomou e coletivizou.

— Em tal caso, simplesmente teremos que fazer o máximo — para o bem de nossa consciência, tanto como para evitar más relações públicas, disse Frazier. O homem se amarrou com uma sociedade competitiva moribunda. Tudo o que podemos fazer é tornar a sua sorte tão pouco dolorosa quanto possível, a menos que ele seja suficientemente inteligente para se arriscar à nova ordem.

— Nova ordem! — gritou Castle. Este é outro nome familiar para se dizer "melhoria" das pessoas que estorvam o seu caminho.

Castle estava pulando em sua cadeira. Parecia sentir ter finalmente encontrado o ponto fraco de Frazier e mal podia conter-se. Frazier estava recebendo o seu escárnio com ressentimento crescente.

— Aposto que vocês têm intenções quanto ao aparelho político também, continuou Castle. Vocês não estariam sempre satisfeitos em votar na cédula única. Vocês quereriam ter o poder vocês mesmos e seriam suficientemente fortes para isso.

— Sim, devo admitir que você está certo. Mas o que há de errado nisso? Logo que formos maioria numa localidade, poderemos exercer nossos direitos sob uma forma democrática de governo e tomar o controle.

— Mas você, várias vezes sugeriu que tem muito pouca fé na democracia, disse Castle.

— Foi mais do que sugerir, disse Frazier, vivamente. Mas estou falando de negócios práticos, tais como recobrar os impostos em forma de serviços úteis. Temos todas as intenções de meter-nos na política democrática para propósitos desse tipo, logo que possível. Reorganizando o município e o governo da região, poderíamos reduzir os impostos, recobrar nossos próprios impostos em forma de salários, colocando nossa própria gente em operação, e, ao mesmo tempo, elevar a região até os nossos padrões. O sistema escolar naturalmente cairia em nossas mãos e deveríamos ser capazes de adaptar algumas escolas para nosso uso próprio e ainda evitar o imposto duplo de educação particular. Quem poderia se opor a isso?

— Quase ninguém, disse Castle, com excitação inabalável. E o fato de que objetariam em vão prova como o sistema é cruel.

— É o desejo da maioria, entretanto, disse Frazier. E, se bem que reconheça que esta é uma forma de despotismo, devemos usá-la temporariamente para obter o melhor governo para todos.

— Antes que alguém pisque, você terá os etíopes usando sapatos! — gritou Castle. Oh, admirável mundo novo, de fato!

Frazier franziu a testa.

— Eu já fui chamado de fascista antes, disse ele calmamente.

— *Aposto* que sim! — rugiu Castle.

— É um modo conveniente de indispor qualquer tentativa de melhorar dentro de uma democracia *laissez-faire*, continuou Frazier na mesma voz calma.

— E é uma maneira conveniente de descrever uma forma de governo, também, diria eu, disse Castle, com menos excitação. Estava obviamente aborrecido, porque Frazier não gritava. — Qual a sua resposta?

— Eu não vejo qualquer semelhança entre Walden II e o banditismo de um Mussolini ou Hitler, disse Frazier.

— Mas você admitiu que é antidemocrático, disse Castle. As pessoas não têm voz. . .

— As pessoas têm tanta voz quanto elas precisarem. Elas podem aceitar ou protestar e muito mais eficazmente do que numa democracia. E todos nós participamos igualmente da riqueza comum, que é a intenção mas não o resultado do programa democrático. Qualquer pessoa nascida em Walden II tem direito a qual-

quer lugar entre nós, pelo qual puder demonstrar o talento ou habilidades necessárias. Não há privilégios hereditários, de nenhuma forma. Você está se queixando é de nosso procedimento não-democrático fora da comunidade e eu concordo com você em que ele é desprezível. Eu gostaria que fosse possível agir em relação ao mundo da mesma forma que agimos entre nós, mas o mundo insiste em que as coisas devam ser feitas de outra maneira.

— E quanto à sua elite? Esse não é um expediente fascista? — disse Castle. — Não é verdade que os seus Planejadores e Administradores exercem uma espécie de controle que é negado aos membros comuns?

— Mas apenas porque o controle é necessário para o bom funcionamento da comunidade. Certamente a nossa elite não comanda uma parte desproporcional da riqueza da comunidade; pelo contrário, eles trabalham um tanto mais, eu diria, pelo que conseguem. "O quinhão de um Administrador não é um quinhão feliz." E no fim, o Planejador ou o Administrador retorna à simples cidadania. Temporariamente, eles têm poder, no sentido em que eles administram coisas — mas é limitado. Não podem compelir ninguém a obedecer, por exemplo. Um Administrador deve tornar um trabalho desejável. Não tem trabalho escravo a seu comando, porque nossos membros escolhem o seu próprio trabalho. O seu poder mal merece este nome. O que ele tem, ao invés disso, é um trabalho a ser feito. Dificilmente uma classe privilegiada, no meu modo de pensar.

— Há, entretanto, outro ponto de semelhança, disse Castle. As comunidades bem sucedidas no passado — e ainda acho que as comparações são relevantes — geralmente tiveram uma figura forte à sua frente. Frequentemente, a comunidade sobreviveu apenas enquanto o líder existia. Não importa o que possa ser a estrutura constitucional de sua sociedade; é bem possível que você esteja operando eficientemente apenas porque seu governo é de fato ditatorial. Seus membros podem estar se conformando à submissão a uma figura dominante ou lealdade a um herói, ou simples mesmismo, para isso. E isto é característico do fascismo, talvez mais do que qualquer outra coisa.

— Mas quem é o ditador aqui? — disse Frazier, com o que parecia ser a mais incrível ingenuidade.

— Ora, você, é claro, disse Castle.

— Eu?

— Sim, você foi o *primum mobile*, não foi?

Frazier sorriu.

— Fui. Bem, suponho que você poderia dizer que dei o primeiro empurrão, mas eu não estou empurrando agora. Não há quem empurre agora, este é o "x" do problema. Levante-o da maneira certa e ele andarà por si mesmo.

— O Sr. Castle decidiu que você é o Anão na Máquina, disse eu. E que todas as engrenagens e alavancas que estivemos olhando nesses últimos dias são apenas fachada.

— E faço tudo funcionar com meu magnetismo pessoal?

— Eu não estava falando bem a sério, disse Castle. Ele estava aborrecido, mas não pude perceber se estava ressentido pela minha referência ou se sentia que lhe escapava a vantagem.

— Vocês ouviram algum "Heil, Frazier" por aí? — disse Frazier. Vocês viram algum monograma de F em nossas paredes ou móveis ou prata? Vocês viram um novo "Mein Kampf" em nossa livraria? De fato, vocês ouviram alguém até mesmo mencionar-me? Afinal, vocês não acreditam em telepatia, acreditam? Até mesmo Hitler teve que entrar em contato com o seu povo de algum modo direto e através de artifícios simbólicos e costumes. Onde está a maquinaria de minha ditadura?

— De fato, disse eu, conversei com uma mulher esta tarde que teve alguma dificuldade em identificar você quando mencionei o seu nome. Frazier sorriu abertamente e eu me perguntei novamente se a Sra. Olson tinha sido colocada em meu caminho.

— Este é um mundo sem heróis, disse calmamente, mas com grande determinação. Nós ultrapassamos isso tudo.

— Então vocês criaram algo de novo sob o sol, disse eu e Frazier concordou em silêncio. — Você pode pensar num único período da história que não tivesse sido dominado por uma grande figura? — Virei-me para Castle que era provavelmente o historiador mais capacitado entre nós, mas ele simplesmente sacudiu a cabeça de um jeito ausente. — Eu sei que há uma teoria moderna de que a história pode ser escrita sem enfatizar proezas particulares — a história das idéias das filosofias políticas, dos movimentos etc. Mas veja quão fortemente o princípio de liderança pessoal sobreviveu em nosso próprio tempo. Este é o século de Lênin, Hitler, Churchill,

Roosevelt, Stálin. Como você espera dispensar esta característica tão constante dos governos bem sucedidos?

— Uma figura dominante em Walden II é impensável, disse Frazier. A cultura que emergiu de nossos experimentos não requer forte liderança pessoal. Pelo contrário, contém muitos testes e garantias contra isso. Como expliquei antes, ninguém em Walden II age para o benefício de qualquer outra pessoa, exceto para a comunidade como um todo. Favoritismo pessoal, como gratidão pessoal, foi destruído por nossos engenheiros culturais. Ninguém jamais está em débito com nenhuma figura, ou nenhum grupo distinto da comunidade toda. Isso é quase inevitável numa sociedade onde não há privilégios econômicos. É impossível em qualquer outro lugar.

— Deliberadamente dissimulamos a maquinaria de planejamento e administração para conseguir o mesmo fim. Duvido que haja meia dúzia de membros além dos Administradores que possa nomear corretamente todos os seis Planejadores. Os Administradores são conhecidos dos membros, porque eles têm uma responsabilidade mais direta, mas são antes considerados servidores do que chefes, se bem que nós nos empenhemos por uma atitude neutra.

— Pela mesma razão, continuou Frazier, desencorajamos qualquer senso de história. A fundação de Walden II nunca é lembrada em público por ninguém que tenha tomado parte nela. Nem há distinção reconhecida por antiguidade. É de muito mau gosto referir-se a si mesmo como um dos "primeiros membros". Dê a Steve e Mary uma semana para estudar o assunto e vocês não serão capazes de distingui-los dos membros antigos. E todas as contribuições pessoais são ou suprimidas de uma vez ou tornadas anônimas. Um registro histórico simples da comunidade é guardado pelo Administrador Legal, mas não é consultado por ninguém exceto por Planejadores ou Administradores que necessitem de informação.

— Mas por que ter todo esse trabalho? disse Castle. Nem todas as grandes figuras da história foram ditadores malévolos. Para permitir a emergência de uma figura de destaque não é necessário criar um déspota. Há qualquer coisa de errado com uma figura pessoal?

— Você está tergiversando, Sr. Castle, disse Frazier. Há um momento atrás eu era um fascista. Bem, de qualquer modo, há

muita coisa de errado em figuras pessoais de qualquer tipo. Afinal qual é a função do líder? — Ou do herói? Você já pensou nisso alguma vez? Não é o de sustentar uma ciência inadequada de governo? Numa sociedade pré-científica, o melhor que um indivíduo comum pode fazer é pôr toda a sua fé num líder e apoiá-lo, confiando em sua benevolência contra o mau uso do poder delegado e em sua sabedoria para governar justamente e fazer a guerra com sucesso. É o único caminho possível quando governar continua sendo uma arte.

— No mundo lá fora, nós raramente votamos por um princípio ou por um determinado estado de coisas. Votamos num homem que finge acreditar nesse princípio ou que promete alcançar aquele estado. Não queremos um homem, queremos uma condição de paz e plenitude — ou, pode ser, guerra e necessidade — mas devemos votar num homem. O líder ou herói faz as vezes de uma ciência. Essa é sua primeira função — usar a cabeça e o coração onde falta ciência. Não precisamos dele aqui. Nossos Planejadores agem perfeitamente bem, praticamente no anonimato completo.

— Mas o herói tem uma outra função..., continuou Frazier. Reunir apoio, acumular poder. É uma função peculiar e extraordinária dos heróis-déspotas. Os poderes militar, econômico e religioso no Estado lhes são afiançados através da lealdade ou submissão. Um Napoleão poderia reter um poder substancial desse tipo mesmo depois de ter sido derrotado por seus inimigos.

— "O Estado é poder e o herói é o Estado!" Que desígnio político errado! É verdade que muitos Estados não teriam existido sem os esforços de um líder. A organização é nesse sentido natural — mas sempre em formas primitivas de governo. Aqui avançamos além da necessidade de figuras pessoais, quer como especialistas quer como artifício para manter o poder.

— Não, Sr. Castle. Uma sociedade que funcione para o bem de todos não pode tolerar a emergência de figuras individuais. O princípio do líder sempre falhou a longo prazo. Por outro lado, uma sociedade sem heróis tem uma força quase fabulosa. É mais do que tempo que alguém tente, isso.

— O herói não é útil em inspirar emulação? — disse eu. — Posso ver porque vocês não querem que uma criança imite qualquer

adulto, mas vocês realmente podem levar a coisa sem heróis? E quanto a líderes não-políticos? Grandes atletas, por exemplo?

— Valorizamos capacidade e força. Mas não valorizamos e certamente não enfatizamos triunfo pessoal. Isso não só é desnecessário numa cultura cooperativa, como também é perigoso. Nossos líderes não são homens que podem derrotar o resto de nós em batalhas, e nós não encorajamos este padrão em qualquer lugar. Não temos boxe ou lutas e nenhum jogo entre equipes, exceto xadrez! Nossos heróis, se você quiser chamá-los assim, são aqueles que mergulham com graça, ou os que saltam, com vara, uma grande altura. Essas realizações são triunfos sobre a natureza ou sobre si mesmos e elas estão exatamente no mesmo nível que nossos artistas e músicos, nossos costureiros, nossos reprodutores de gado. Não os mantemos anônimos, porque não poderíamos e é claro que os mais jovens os imitam e escolhem seus heróis temporários. Mas temos desencorajado a *adoração* de heróis tanto quanto possível. Não é uma boa idéia, porque geralmente significa uma escolha pouco sábia de objetivos.

Frazier foi até a porta de onde se viam muitas pessoas que passavam. Ele chamou alguém.

— Por favor, diga ao Sr. e Sra. Winton que eu gostaria de vê-los assim que dispuserem de um momento, disse ele. Voltou para onde estávamos com passo incerto.

— Eu poderia pensar que uma falta de heróis em Walden II sofreria com a comparação, quando seus jovens estudassem a respeito dos grandes heróis da História, disse eu.

— Não ensinamos História, disse Frazier. Não mantemos nossos jovens ignorantes dela mais do que os mantemos ignorantes de Micologia ou de qualquer outro assunto. Podem ler quanta História quiserem, mas não consideramos isso essencial para a educação. .. Nós não os orientamos nessa direção, e poucos a tomam!

— Mas História! protestou Castle — A história de nosso país, da civilização da qual fazemos parte. Como podem negligenciar algo tão importante?

— Você está pedindo que eu faça a pergunta, disse Frazier. Importante para quê?

— Ora, para a educação de ... um homem de cultura.

— Você continua pedindo a pergunta.

— Bem, disse Castle, que parecia despreparado para este rumo dos acontecimentos — para dar uma perspectiva, para permitir uma visão impessoal.

— História dá perspectiva? Você pode aconselhar um homem a descer o rio e ver Walden II em perspectiva, mas ele não o veria inteiramente de lá. E quem garante que os eventos distantes sejam os vistos com maior clareza?

— Alto lá, disse eu. Geralmente, admite-se que o tempo traz um julgamento mais equilibrado, um melhor senso de proporção.

— Falsificando os fatos! Qualquer evento histórico mais singular é mais complexo para ser adequadamente *conhecido* por alguém. Transcende todas as capacidades intelectuais do homem. Nossa prática é esperar até que um número suficiente de pormenores tenha sido esquecido. É claro que as coisas ficam então mais simples. Nossas lembranças funcionam assim; retemos os fatos sobre os quais é mais fácil pensar.

— E isto, a propósito, — continuou Frazier — é mais um ponto contra o herói-líder que representa mal a História. O herói, meu caro Castle, é um expediente que o historiador recebeu do leigo e que usa, porque não tem vocabulário técnico ou científico para lidar com os fatos reais da história — as opiniões, emoções, atitudes; os desejos, planos, esquemas, os hábitos dos homens. Como não pode falar sobre *elas*, fala de heróis. Mas como isso engana! Quão inevitável é que características pessoais e negócios privados sejam misturados! Misturados com a figura do herói! — Frazier arrumou-se na cadeira numa gesticulação exagerada de autocontrole, Mas estamos nos afastando do ponto, continuou ele. — Eu não me importo com quanto suficientemente bem os fatos históricos possam ser conhecidos de longe. É tão importante assim conhecê-los? Sustento que a História nem chega perto de se repetir. Mesmo se tivéssemos informações fidedignas sobre o passado, não encontraríamos um caso suficientemente similar para justificar inferências sobre presente e futuro imediato. Não podemos fazer uso *real* da história como padrão corrente. Fazemos dela um uso falso, um uso emotivo — com bastante freqüência. Ninguém nega isso.

— Não posso acreditar que você esteja falando sério, disse Castle. Você está dizendo que não se ganha perspectiva, digo, opinião desprendida de um ... sentido da História?

— E digo mais. Nada se confunde mais com a nossa avaliação do presente do que o senso histórico — a menos que seja um senso de destino. Seus Hitlers são homens que usaram a História para obter uma vantagem real. É exatamente o que precisam. Ofusca toda a tentativa de se ter uma apreciação clara do presente.

— Raça, família, cultos ancestrais — estes são os paus para toda obra da História. E já deveríamos ter aprendido a nos acautelar contra eles. O que damos aos jovens em *Walden II* é a compreensão das forças *vigentes* com as quais a cultura deve lidar. Nenhum de seus mitos, nenhum de seus heróis — nada de História, nada de Destino — simplesmente o *Agora!* O presente é o que importa. É a única coisa que podemos manipular, pelo menos de maneira científica. Mas nos afastamos muito do ditador. Convençamo-nos de que não tenho ambições pessoais, Sr. Castle?

Foi uma virada muito rápida e Castle permaneceu em silêncio.

— Que mais posso fazer para convencê-lo? perguntou Frazier. — O que mais você gostaria de saber? Está livre para nos estudar à vontade. Fique quanto tempo quiser. Você está pagando sua estada e não insistimos em que nossos convidados concordem conosco. Pelo contrário, valorizamos uma oposição à nossa altura. Se você puder detectar qualquer vestígio ou ameaça de fascismo, agiremos imediatamente. E ficaremos eternamente gratos.

— Uma gratidão anônima, eu presumo, disse eu secamente — sem nenhuma referência ao futuro contido na palavra "eternamente".

— Anônimo, sim — disse Frazier, aparentemente não notando o sentido que eu quis dar. — E deixe o Sr. Castle nos dizer se este fato altera essencialmente a sua presente motivação. Estou certo de que ele, tanto quanto eu, está buscando triunfo pessoal.

Isto era meio ambíguo, mas eu lhe dei o benefício da dúvida.

— A coisa toda contraria muita psicologia moderna — disse eu. — Domínio pessoal é um motivo poderoso.

— Num mundo competitivo — disse Frazier.

— Mas de grandes homens, pelo menos em outros assuntos. Os gênios...

— Apenas os gênios que foram grandes no campo da dominação pessoal. O resto de nós ... Frazier se conteve, mas era muito tarde e ele deixou ficar. Castle condescendeu num sorriso prodigioso. — O resto de nós tem outros motivos, igualmente poderosos

e melhor adaptados a uma estrutura social de sucesso. O último degrau na longa evolução do governo é o emprego de motivos não egoístas onde o domínio pessoal sempre pareceu ideal, ainda que sempre fatal.

Frazier franziu a testa de repente. Eu não pude decidir se ele estava se lembrando de sua escorregadela ou se havia percebido que uso extraordinário ele tinha acabado de fazer a respeito da História e também do Destino.

— Quando eu morrer — continuou rapidamente, mas em tom dramático — eu cessarei de existir — em todos os sentidos da palavra. Algumas memórias logo me seguirão ao crematório, mas não restarão lembranças. Como figura pessoal, serei tão inidentificável quanto as minhas cinzas. Isso é absolutamente essencial para o sucesso de todas as Walden. Ninguém havia percebido isso antes.

— Mas a sua contribuição ... o próprio plano de Walden II, disse eu um tanto surpreso.

— Ah! *isso!* explicou Frazier, — e pudemos ver que havia um brilho indisfarçado e diferente em seus olhos. — Posso dizer que isso é outra história.

Ele se levantou e foi bruscamente para a porta. Castle e eu o alcançamos no corredor e combinamos as coisas para o dia seguinte. Chegamos ao passadiço que levava ao quarto de Frazier e estávamos nos despedindo, quando percebemos um rapaz que passou pelo corredor. Ao vê-lo, Frazier parou-o.

— A propósito, — disse ele — o que aconteceu com os Wintons?

— Ouvi que eles iam todos nadar, disse o rapaz.

Frazier nos olhou com um sorriso embaraçado. Sacudiu os ombros e foi embora sem dizer palavra.

— Então ele é um fascista? — perguntei a Castle, quando estávamos nos vestindo no domingo de manhã.

— Não sei. E não me importo de fato. Afinal, sou filósofo. Garanto-lhe que seu amigo é extraordinariamente habilidoso em lidar com assuntos práticos. Não que eu concorde com muito do que ele disse — se bem que esteja surpreso em concordar com tanto. Mas, como filósofo, busco as verdades fundamentais num plano diferente. Há algumas questões gerais importantes a serem respondidas antes que eu, de vez, assine na linha pontilhada. E quanto à dignidade e integridade do indivíduo? Onde aparecem elas? E quanto à democracia? Frazier esquivou-se disso várias vezes. E quanto à liberdade pessoal? E responsabilidade?

No que me dizia respeito, questões desse tipo eram mais valiosas, principalmente porque mantinham os metafísicos longe dos campos mais importantes. Mas eu respeitava a tenacidade de Castle, e pensei ser bem possível que, em suas mãos, levariam a uma discussão proveitosa.

— Por que não lhe pergunta?

— Não tive oportunidade. Nós sempre acabamos discutindo processos específicos. Reflexos condicionados ou algo do gênero. O

homem se desvia de uma colocação geral como um potro de um pedaço de papel ao vento.

— Eu, no seu lugar, guardaria esse símile só para mim — disse eu. — Frazier poderia argumentar que uma colocação geral é, de fato, muito mais substancial do que um pedaço de papel ao vento. Ou tomaria a linha dos positivistas e diria que era simplesmente o vento num pedaço de papel.

Gostei da maneira como eu estava conduzindo a conversa, mas Castle não estava nem ouvindo e nem se divertindo. Acabamos de nos vestir em silêncio e pouco depois dirigimo-nos às salas de jantar.

Frazier estava nos esperando. Rodge e Steve estavam com ele e as garotas logo apareceram. Rodge ajudou-as na sala de servir e foi, talvez, esse toque de cavalheirismo que levou Frazier a sentar Bárbara perto dele, com uma demonstração inusitada de boas maneiras. Bárbara respondeu, entrando em ação.

— Obrigada — cantou, gratificando-o com seu sorriso número um.

Frazier usava um terno de linho e uma gravata de laço colorida. Bárbara tocou a gravata com familiaridade. — Que desenho interessante, — disse ela.

— Você gosta? — disse Frazier. Virou-se para nós. — É feito em nossos próprios teares. Esperamos desenvolver uma indústria nessa linha.

— Você é sempre tão técnico — disse Bárbara, com amuo.

— Eu sinto muito! — disse Frazier, voltando às suas boas maneiras. — Lamento ter aborrecido você.

— Oh, não, eu amei cada minuto, — disse Bárbara. — Só que... você nunca acha tempo para simplesmente viver?

— Simplesmente viver? É claro, eu vivo. O que quer dizer?

— Eu quero dizer... bem, você tem pensamentos tão científicos sobre as pessoas. — Bárbara estava olhando Frazier de frente e, de tempos em tempos, abaixava os olhos.

— Isso faz alguma diferença?

— Mas como lhe parecem as pessoas? Realmente *gente*?

— Ora, nada mais, certamente.

— Mas suas relações pessoais... você é sempre tão... científico?

— Ah, entendo o que você quer dizer. Não, pelo que eu saiba, experimentei todas as doces paixões, pelo menos tão plenamente quanto a maioria das pessoas.

— Mas eu teria tanto medo de que você me estudasse. Ou pusesse suas teorias em prática comigo.

— É uma possibilidade interessante.

Bárbara ficou amuada e então sorriu e Frazier desprendeu os olhos.

— Mas temo ter que desapontá-la — disse ele com uma entonação de discussão de negócios. — Eu não tenho mais interesse em você como material para uma investigação científica do que se fosse, digamos, um médico, um anatomista. — Isso, obviamente, sugeriu mais a Bárbara do que Frazier tinha pretendido dizer e ele se apressou em evitar maiores mal entendidos. — Você acha que o anatomista está sempre imaginando como você pareceria quando congelada e cortada em lindas fatias finas, todas devidamente coloridas?

Mesmo Frazier percebeu que esta não era uma conversa adequada para a mesa, especialmente porque a maioria de nós estava comendo grandes fatias de presunto no momento, mas pareceu incapaz de se sair bem. Eu o deixei sofrer. — Quero dizer — continuou rapidamente — que é claro que um anatomista não pensa em você — assim como eu — a não ser como uma encantadora jovem que foi um prazer ter como nossa convidada.

Esta era uma peça tão ridícula de engenharia comportamental que ri alto. Frazier, com embaraço crescente, continuou.

— Vê o que eu quero dizer? — disse ele. — É sempre possível comportar-se como cientista na ocasião, sem deixar isso destruir o prazer que encontramos na natureza o resto do tempo. O botânico pode apreciar uma flor de jardim... talvez esse seja um melhor exemplo. Pegue um botânico. Seu conhecimento científico necessariamente interfere. . . ?

Interrompeu-se agoniado. Bárbara estava completamente perdida e não podendo ajudá-lo. Rodge voltara taciturno para seu desjejum. Castle mergulhava em sua xícara de café e Steve e Mary esfregavam os tornozelos por sob a mesa. Frazier estava em minhas mãos e me recusei a ajudá-lo.

Reformulou o ponto meia dúzia de vezes de maneiras diferentes, e, no devido tempo, a sua arenga morreu de morte natural. Ele

tinha usado suficientes lisonjas para tranquilizar Barbara e, quando se virou para ela com um final "Entende?", ela exclamou um tanto indefinidamente: "Estou terrivelmente contente!"

Frazier, aparentemente, não tinha planos imediatos, exceto a sugestão de que assistíssemos a um dos serviços dominicais. Este já ia adiantado quando terminamos o café. Descobrimos que um novo serviço teria início dentro de cerca de vinte minutos e começamos a vagar sem destino pelo Passeio e salas de estar. Chamei a atenção de Castle para algumas esculturas que me tinham impressionado particularmente e nosso grupo se desfez.

Poucos minutos depois, procurando uma pintura de uma cabeça que eu queria, especialmente, que Castle visse, entrei numa das salas a tempo de ouvir Bárbara dizendo: "Mas, então, por que é que você é ainda solteiro?"

Ela havia conseguido afastar-se rebocando Frazier e estava ainda questionando-o sobre seus assuntos particulares. Eu admitiria uma considerável curiosidade quanto ao assunto, mas naturalmente tal abordagem não me estava aberta. Retiramo-nos demasiado rápido para ouvir a resposta de Frazier, que eu gostaria de poder registrar aqui.

Reunimo-nos a tempo para o serviço e fomos em direção ao teatro, mas Frazier veio para meu lado e disse em voz baixa: — Você realmente quer ouvir isso? — sacudi a cabeça. — Vamos cair fora, então — disse ele e, pegando meu braço, virou-se.

— Eu tinha quase esquecido como eram as mulheres numa cultura competitiva — disse ele com um aceno da cabeça em direção a Bárbara. — Espantoso! Qual a relação de Bárbara com Rodge? Noivado de anel?

— Temo que sim.

— O que Rodge acha de Walden II?

— Ele tem sonhado com isso há dois anos, e tudo se torna realidade. Mas temo que ele tenha estado sonhando com Bárbara, também.

— Mas não é uma escolha tão difícil, é?

— Para Rodge, é. Tudo começou há muito tempo. Eles estavam comprometidos desde antes que Rodge fizesse o serviço militar.

— Ela é bonita fisicamente, mas o que ele vê nela? Digo, além de sexo?

— Não sei. Ambos são de boas famílias. Deviam ser muito parecidos, eu suponho.

— Deus o livre!

— Mas Rodge foi fazer a guerra e Bárbara, não.

— Ah sim. Isso faz uma diferença. Mas, bom Deus, não podemos deixá-la pegar um homem assim! Ele é um ótimo rapaz.

— Temo que ele já esteja preso e para sempre — disse eu.

— Você falou com ele? Você lhe mostrou o que ele está fazendo? Mostrou-lhe com que se parecerá daqui a dez anos?

— Eu só o deixei falar um pouco, disse eu.

— Bem, então preciso ter uma boa conversa com ele.

— Não lhe fará nenhum bem. Afinal, o tipo de engenharia comportamental de Bárbara tem longa tradição. Ela é muito habilidosa, imagino. E tem algumas forças poderosas sob seu controle que *você* não pode tocar.

— Ainda assim, devo ter uma conversa com ele. Temos lindas garotas aqui também.

Tínhamos andado em direção aos quartos pessoais. Paramos e Frazier abriu uma porta e me guiou para o interior. O quarto estava em desordem. A cama não só estava desfeita, como parecia não ter sido feita há semanas. A escrivaninha afundava sob livros e papéis, cartas abertas e fechadas, lápis, uma chave de fenda, um pedaço de régua e dois vidros vazios com manchas de tinta colorida nas bases. Havia livros irregularmente empilhados no chão, em frente de uma pequena lareira, e uma pilha estava coberta com uma trouxa de roupa suja. Meia dúzia de pinturas estavam empilhadas contra a parede. No chão, perto da janela, havia um grande vaso de flores com uma planta não-identificável que tinha há muito morrido de sede.

Frazier tirou um pijama sujo de cima de uma cadeira reta e convidou-me à sentar.

— Em Walden II, disse ele, afundando numa velha cadeira giratória de sua escrivaninha — o quarto de um homem é seu castelo.

Observei as ruínas em silêncio.

— Eu sou um caso curioso de opostos — continuou Frazier. — A precisão e ordem em meus pensamentos só é igualada pela fantástica desordem em meus hábitos pessoais. E desde que o quarto de cada um é inviolável, em Walden II, eis aqui o resultado! Em qualquer outro lugar, um certo asseio e ordem. Esperamos que nossas crianças vivam naturalmente em boa ordem. Mas é demasiado

para alguns de nós atingir isso nesta idade. Não consigo pôr um livro de volta quando vou ainda usá-lo e parei de tentar — a menos que eu esteja trabalhando numa das bibliotecas, é claro!

Puxei o resto de meu maço de cigarros e ofereci um a Frazier.

— Prossiga! — disse ele, passando-me um dos copos que, aparentemente, deveria servir de cinzeiro. — Eu não fumo.

Puxei um cigarro amassado, firmei-o e acendi.

— Bem, o que você acha de Walden II? — disse Frazier afinal. Eu havia sentido a pergunta vindo, mas fiquei desagradavelmente perturbado, mesmo assim.

— Não sei, disse. — O que deveria pensar?

— Bem, funciona?

— Admiravelmente, eu diria.

— Bom. Imaginei que você não seria tão estúpido para duvidar disso. É claro que funciona. E o que você pensa da vida da média dos membros? É satisfatória?

— Pelo que eu posso ver, vocês são todos perfeitamente felizes. Devo confessar que eu fiz uma pequena pesquisa ontem...

— Ouvi a respeito, disse Frazier impacientemente. — Mas, e quanto a você? Tem algum objetivo pessoal que não seria mais facilmente alcançado aqui do que na universidade?

— Não sei, Frazier. Realmente não sei. Eu não diria que estou muito feliz quanto à minha vida acadêmica, mas não estou seguro de que todos os meus motivos estejam na superfície. Como posso estar certo de que um tipo de vida totalmente diferente me satisfará?

— Não sei, Frazier. Realmente não sei. Eu não diria que estou

— Há algumas coisas que não poderemos lhe oferecer, admito — disse Frazier. Mas elas não são importantes. Há, realmente, uma escolha quanto a isso?

— Só posso dizer — respondi ressentindo o seu proselitismo descarado — que no momento não compreí a idéia. Há uma certa resistência... Só posso ser honesto e lhe dizer isso. Não sei porquê. Não vou inventar razões.

— Castle estará fazendo isso — disse Frazier. — Você pode pedir-lhe emprestado. Ele terá muitas. Será, então, uma atitude meramente emocional?

— Suponho que sim.

Frazier estava brincando com uns ladrilhos amarelos, do tamanho e forma de fatias de pão-de-forma, que estavam em uma cla-

reira no meio de sua escrivaninha. Viu que eu estava curioso e explicou que eram amostras de uma argila local, queimadas de maneiras diferentes, identificadas por números gravados na superfície. Ele jogou um dos ladrilhos no ar.

— Quanto a sua atitude em relação a Walden II — disse ele — seria na realidade sua atitude em relação a mim?

A pergunta me surpreendeu e eu não tinha resposta. Frazier bateu nos ladrilhos com os nós dos dedos e ouviu-se um som insípido.

— É melhor tirar essas coisas a limpo — continuou.

Eu não podia dizer nada.

— Francamente, Burris, porque você não gosta de mim?

— Não é isso — disse eu, sem conseguir pôr muita ênfase em minhas palavras. — Acho que você fez um trabalho notável.

— Trabalho, sim. Mas você não gosta de mim do mesmo jeito. Não é verdade?

Eu não disse nada.

— Você me acha presunçoso, agressivo, sem tato, egoísta. Você está convencido de que eu sou completamente insensível ao efeito que causo sobre os outros, exceto quando o efeito é calculado. Você não consegue ver em mim qualquer calor pessoal ou a força de retidão natural, que são responsáveis pelo sucesso de Walden II. Meus motivos são ocultos e tortuosos, minhas emoções urdidas. Num palavra — dentre todas as pessoas que você viu nos quatro últimos dias, você tem certeza de que eu sou *um*, pelo menos, que não poderia ser membro genuíno de qualquer comunidade.

Eu ainda não achei nada a dizer. Era como se Frazier me arrebatasse as palavras assim que eu as alcançava. Aceitou meu silêncio como assentimento.

— Bem, você está perfeitamente certo — disse ele tranqüilamente. Então levantou-se, puxou o braço para trás e lançou o ladrilho, despedaçando-o na lareira.

— Mas, *diabos*, Burris! — gritou, fazendo coincidir "diabos" com o rachar do ladrilho. — Você não percebe? *Eu-não-sou-um-produto-de-Walden II* ! Ele sentou-se. Olhou para sua mão vazia e pegou um segundo ladrilho rapidamente, como se para disfarçar a sua demonstração de sentimento.

— Quanto se pode pedir de um homem? — continuou ele, olhando-me seriamente. — Dê-me crédito pelo que eu fiz ou não,

como quiser, mas, por favor, não procure a perfeição. Não é suficiente que eu tenha feito outros homens apreciáveis, felizes e produtivos? Por que esperar que eu me assemelhe a eles? Devo possuir as virtudes que provei serem as mais adequadas a uma sociedade bem ordenada? Devo exhibir os interesses e habilidades e espírito aberto que ensinei como engendrar nos outros? Devo ser eu o protótipo de todos eles? Afinal, emulação não é o único princípio em educação — tudo indica que não. Deve o médico compartilhar a saúde com o seu paciente? Deve o ictiólogo nadar como um peixe? Deve o fabricante de fogos de artifício detonar?

— Esperamos que o médico se cure a si mesmo, suponho, disse eu.

— Não sei de nenhum remédio e não estaria em posição de administrar algum, se o conhecesse. Posso manter-me aceitável para a comunidade como todos os que ficam conosco devem fazer. Não peço condescendência em troca do meu trabalho como fundador. Mas não há nunca um completo renascer. Nunca há conversão total. A estrutura social final que estamos produzindo só será dada pelos que tiverem uma herança completa em Walden II. Virão sem medo, e o resto de nós passará para um bem merecido esquecimento. — Nós, os vasos que ficaram defeituosos na feitura.

Levantou um pedaço de ladrilho que havia saltado da lareira e começou a brincar com ele, ociosamente. Subitamente, riu.

— Podemos dizer que como pessoa eu sou um fracasso total e fiz alguma coisa apesar disso? Está certo. E então, e quanto a Walden II? Fica menos real, menos bem sucedido? Os princípios ficam de alguma maneira contrariados?

Tinha começado a esquadrinhar o fragmento na mão mais de perto, deslizando o dedo ao longo de uma borda afiada.

— Não, Burris, disse ele. — Você pode deixar-me fora, seguramente. Esqueça-me e vire o seu rosto para o paraíso.

Encaminhou-se rapidamente para a lareira e escarafunchou entre os fragmentos do ladrilho. Parecia não conseguir localizar alguma coisa e voltou para a sua escrivaninha para olhar os números identificadores do resto dos ladrilhos.

— Deve ter sido o número sete, disse tranqüilamente. Levantou o fragmento à luz. — Uma fratura notavelmente cortante, disse ele. — Devo anotar isso.

Castle teve oportunidade de discutir as suas "questões gerais" naquela tarde. Uma caminhada até o cume da Colina de Pedra tinha sido planejada com um grupo grande que incluía o Sr. e a Sra. Meyerson e três ou quatro crianças. Parecia improvável que uma discussão séria pudesse ser travada. Mas uma tempestade tinha ameaçado cair durante a manhã toda e, no almoço, ouvimo-la rebentar. À tarde, o céu estava novamente aberto. Detetei uma certa atividade na sala de jantar, quando os planos foram mudados. Enquanto estávamos terminando o jantar, dois jovens aproximaram-se de nossa mesa e falaram com Rodge, Steve e as garotas.

— Vocês tocam? Corneta, sax, trombone? Estamos planejando um concerto. Temos até uma tuba disponível.

— Você toca, Steve, disse Mary.

— Steve era o melhor trombone nas Filipinas, disse Rodge.

— Bom, alguém mais? É estritamente amador.

Parecia que Bárbara sabia tocar música popular no piano, principalmente de ouvido e pensou-se que se poderia organizar qualquer coisa. Partiram para o teatro para dar uma olhada nos instrumentos e Frazier, Castle e eu fomos abandonados.

Castle imediatamente começou a esquentar os motores. Pegou um maço de cigarros vazio que Bárbara tinha deixado em cima da

mesa, rasgou-o em dois, juntou as duas metades e rasgou-as novamente. Isso tudo com muitos ruídos ásperos. Era óbvio que algo estava por acontecer e Frazier e eu esperamos em silêncio.

— Sr. Frazier, disse Castle, afinal, num rugido súbito. Eu o acuso de uma das maquinações mais diabólicas da história da humanidade! — Olhou para Frazier tão firmemente quanto possível; estava tremendo e seus olhos faiscavam.

— Podemos ir ao meu quarto? — disse Frazier calmamente.

Era um dos truques de Frazier adotar um tom de voz contrastante e, nesse momento, foi devastador. Castle desceu à terra com um abalo humilhante. Tinha se preparado para uma batalha verbal de dimensões heróicas, mas encontrou-se carregando humildemente a sua bandeja para a janela de serviço e seguindo a pista de Frazier ao longo do Passeio.

Eu não estava certo sobre qual linha de argumentação Castle tomaria. Aparentemente, ele tinha pensado um pouco desde a manhã, provavelmente durante os serviços, mas eu não podia adivinhar os resultados. Os modos de Frazier também eram um enigma. A sugestão de que fôssemos até o seu quarto tinha soado um pouco como se ele tivesse convidado um companheiro truculento com um "espero-te na esquina e repita isso lá fora". Aparentemente, esperava o ataque de Castle e tinha preparado as defesas de maneira satisfatória.

Quando nos instalamos no quarto de Frazier, com Frazier estendido na cama, sobre a qual ele tinha apressadamente puxado um cobertor, Castle começou novamente, numa tentativa mal sucedida de duplicar a surpresa e a força de seu primeiro assalto.

— Um Maquiavel moderno, mecanizado, mandante — é a minha avaliação final de você, Sr. Frazier, disse ele, com o mesmo olhar fixo, desafiador.

— Deve ser gratificador saber que chegamos a uma "avaliação final", disse Frazier.

— Um artista em termos de poder, — continuou Castle, — cuja maior arte é disfarçar a arte. O déspota silencioso.

— Uma vez que estamos usando "M", por que não somá-los todos e dizer "mefistofélico"? — disse Frazier, curiosamente reavivando meus temores da tarde precedente.

— É o que estou querendo fazer! — disse Castle. E, a menos que Deus seja muito seguro de si mesmo, suspeito de que Ele não

está, absolutamente, tranqüilo quanto aos últimos rumos dos acontecimentos na guerra dos anjos. Até onde percebo, você bloqueou todo o caminho através do qual o homem deveria lutar para conseguir a salvação. Inteligência, iniciativa... você as substitui por uma espécie de instinto degradado, compulsão fabricada. Walden II é uma maravilha de coordenação eficiente — tão eficiente quanto um formigueiro!

— Substituindo inteligência por instinto, resmungou Frazier. Eu nunca tinha pensado nisso. É uma possibilidade interessante. Como isso é feito? — Era uma manobra forte. A pergunta era uma digressão que pretendia perturbar o ritmo de Castle e dirigir a nossa atenção para assuntos práticos, nos quais Frazier estava mais à vontade.

— O comportamento de seus membros é cuidadosamente delineado antecipadamente por um Plano, disse Castle, não se deixando pegar, e ele é modelado para perpetuar esse Plano. Intelectualmente, Walden II é tão incapaz de uma mudança espontânea do curso como a vida numa colmeia.

— Entendo o que você quer dizer, disse Frazier, distante. E voltando à sua estratégia: — E você descobriu a maquinaria de meu poder?

— Descobri, de fato. Estávamos procurando no lugar errado. Não há contato *corrente* entre você e os membros de Walden II. Você nos despistou muito habilmente quanto a isso, ontem à noite. Mas você estava se comportando como déspota no momento que apresentou seus planos — quando designou a estrutura social e redigiu o contrato entre a comunidade e os membros, quando imaginou suas práticas educacionais e suas garantias contra o despotismo. — Que piada! Não me diga que você não tinha o controle *então*! Burris viu a coisa. E quanto à sua carreira como organizador? *Ali* estava a liderança! E a liderança mais prejudicial na história, porque você estava estabelecendo os estágios para a sua retirada como força pessoal, sabendo muito bem que, qualquer coisa que acontecesse, seria ainda feito seu. Centenas — você predisse milhões — de almas ingênuas deveriam cair no âmbito de seu esquema ambicioso.

Castle estava levando o argumento para campo familiar com grande excitação, mas Frazier estava deitado, exageradamente despreocupado, fixando o teto, com as mãos debaixo da cabeça.

— Muito bem, Sr. Castle — disse ele mansamente. — Eu lhe dei a pista, naturalmente, quando nos separamos ontem à noite.

— Deu, de fato. E eu me perguntei porquê. Terá sido levado a um erro fatal por sua presunção? Talvez essa fosse a resposta final à sua forma de despotismo. Ninguém poderia gozar o poder que você teve, sem querer exibi-lo de tempos em tempos.

— Eu não admiti nem poder e nem despotismo. Mas você está certo ao dizer que eu exerci uma influência e, num certo sentido, continuarei a exercê-la para sempre. Acho que você me chamou de *primum mobile* — não muito corretamente, conforme descobri, procurando o termo no dicionário, ontem à noite. Mas planejei Walden II — não como um arquiteto planeja uma construção, mas como um cientista planeja um experimento de longa duração, incerto das condições que irá encontrar, mas sabendo como lidar com elas, quando as encontrar. Num certo sentido, Walden II é predeterminada, mas não como é determinado o comportamento de uma colmeia. A inteligência, não importa quanto seja modelada e ampliada por nosso sistema educacional, ainda funcionará como inteligência. Será usada para descobrir soluções para problemas, aos quais uma colmeia rapidamente sucumbiria. O que o plano faz é manter a inteligência no caminho certo, antes para o bem da sociedade do que para o indivíduo inteligente — ou antes para o bem possível do que para o bem imediato do indivíduo. Faz isso assegurando-se de que o indivíduo não esquecerá sua participação no bem-estar da sociedade.

— Mas você está excluindo muitos atos possivelmente úteis da inteligência que não estão incluídos em seu plano. Você estabeleceu pontos de vista que podem ser mais produtivos. Você está subentendendo que T. E. Frazier, olhando o mundo do meio do século XX, entende o melhor curso para a humanidade para sempre.

— Sim, suponho que seja assim.

— Mas isso é absurdo!

— De jeito nenhum. Eu não afirmo estar prevendo o curso que o homem irá tomar daqui a cem anos, deixado a seu destino, mas sei qual caminho deveria tomar agora.

— Como você pode estar certo disso? Certamente, não é uma questão a que você respondeu experimentalmente.

— Penso que estamos a caminho de respondê-la, disse Frazier.
— Mas isso está fora da questão. Não há alternativa. Não temos outra saída.

— Mas isso é fantástico. Vocês, que o estão tomando, estão numa pequena minoria.

Frazier sentou-se.

— E a maioria está numa grande perplexidade, disse ele. Eles absolutamente não estão no caminho ou estão rastejando para trás, em direção ao ponto de partida, ou andando de um lado para o outro do caminho como caranguejos. Por que é que você pensa que duas guerras mundiais aconteceram? Por algo tão simples quanto fronteiras ou comércio? Disparate. O mundo está tentando ajustar-se a uma nova concepção do homem em relação aos outros homens.

— Talvez esteja meramente tentando se ajustar aos déspotas cujas idéias são incompatíveis com a natureza real do homem.

— Sr. Castle, disse Frazier, pausadamente. — Deixe-me fazer-lhe uma pergunta. E o previno, desde já, será a pergunta mais terrível de sua vida. *O que é que você faria se se encontrasse na posse de uma ciência eficaz do comportamento?* Suponha que você de repente descobrisse que é possível controlar o comportamento dos homens como quisesse. O que faria você?

— Essa é uma suposição?

— Considere como quiser. *Eu* considero isso como um fato. E, aparentemente, você também o considera um fato. Dificilmente posso ser tão déspota quando você declara, a menos que eu tenha a chave de um controle prático amplo.

— O que faria eu? — disse Castle, pensativo. — Acho que eu jogaria a sua ciência do comportamento no oceano.

— E negar aos homens toda a ajuda que, de outro modo, poderia lhes dar?

— E dar-lhes toda a liberdade que eles, de outro modo, perderiam para sempre.

— Como você poderia dar-lhes liberdade?

— Recusando-me a controlá-los!

— Mas você estaria apenas deixando o controle em outras mãos.

— De quem?

— Do charlatão, do demagogo, do vendedor, do cabo eleitoral, do capanga, do trapaceiro, do educador, do padre — de todos os que estão agora de posse das técnicas de engenharia comportamental.

— Uma boa parte do controle permaneceria nas mãos do próprio indivíduo.

— Essa é uma suposição, também, e essa é a sua única esperança. É a sua única possibilidade de evitar as implicações de uma ciência do comportamento. Se o homem é livre, então a tecnologia do comportamento é impossível. Mas eu estou querendo que considere a outra possibilidade.

— Então minha resposta é de que a sua suposição contraria os fatos e qualquer outra consideração seria estéril.

— E suas acusações... ?

— ... Foram em termos de intenção, não de realização possível.

Frazier suspirou dramaticamente.

— É um pouco tarde para começar a provar que a tecnologia comportamental está bem desenvolvida. Como você pode negar isso? Muitos dos métodos e técnicas são realmente tão antigos quanto as montanhas. Veja o seu terrível uso nas mãos dos nazistas! E que me diz das técnicas de psicologia clínica? Da educação? Ou da religião? Ou da prática política? Ou da propaganda e venda? Junte tudo e terá uma espécie de tecnologia de regras práticas de um enorme poder. Não, Sr. Castle, a ciência está ali para quem pedir. Mas suas técnicas e métodos estão nas mãos erradas — são usadas para o engrandecimento pessoal num mundo competitivo ou, no caso dos psicólogos e educadores, para propósitos futilmente corretivos. Eu lhe pergunto: você teria a coragem de se dedicar e manejar a ciência do comportamento para o bem da humanidade? E sua resposta é que você a jogaria no oceano!

— Eu quereria tirá-la das mãos dos políticos e propagandistas, também.

— E os psicólogos e educadores? Veja, Sr. Castle, não se pode conseguir isso. O fato é que não só *podemos* controlar o comportamento humano: devemos fazê-lo. Mas quem deve fazê-lo e como deve ser feito?

— Enquanto existir um rasgo de liberdade pessoal, eu manterei a minha posição — disse Castle, muito perturbado.

— Não é hora de falarmos de liberdade? — disse eu. — Concordamos há um ou dois dias em deixar a questão de liberdade soar. É tempo de responder, não acha?

— Minha resposta é muito simples, — disse Frazier. — Eu nego que liberdade sequer exista. Devo negá-lo, ou meu programa seria absurdo. Não se pode ter uma ciência sobre um assunto que salte caprichosamente. Talvez não possamos nunca *provar* que o homem não é livre; é uma suposição. Mas o sucesso crescente de uma ciência do comportamento torna isto cada vez mais plausível.

— E, pelo contrário, a simples experiência pessoal torna isso insustentável, — disse Castle. — A experiência de liberdade. Eu *sei* que sou livre.

— Deve ser muito consolador — disse Frazier.

— E mais. .. você também é — disse Castle calorosamente. — Quando você nega a sua própria liberdade para brincar com uma ciência do comportamento, você age com má fé planejada. É a única maneira de explicá-lo. Tentou se recobrar e levantou os ombros. — Pelo menos, você admitirá que se *sente* livre.

— A "sensação de liberdade" não deveria iludir ninguém — disse Frazier. — Dê-me um caso concreto.

— Ora, agora mesmo — disse Castle. Ele pegou uma caixa de fósforos. — Sou livre de segurar ou soltar esses fósforos.

— Você, é claro, fará uma coisa ou a outra, — disse Frazier. — Lingüisticamente ou logicamente, parece haver duas possibilidades, mas eu afirmo que há apenas uma de fato. As forças determinantes podem ser sutis mas são inexoráveis. Eu sugiro que, como pessoa ordenada, você provavelmente segurarás. . . ah! você os soltou! Bem, você vê, isso faz parte de seu comportamento com respeito a mim. Você não pôde resistir à tentação de provar que estou errado. Era determinado. Você não tinha escolha. Os fatores decisivos entraram tarde, e, naturalmente, você pôde prever o resultado logo que você os segurou. Não havia uma forte prova de que você agiria em qualquer uma das direções e, então, você disse que era livre.

— Isso tudo é muito verboso, disse Castle. — É fácil dizer que foi determinado, "a posteriori". Mas vejamos se você prediz o que eu faço antecipadamente. Então eu concordarei em que há leis que regem o comportamento.

— Eu não disse que o comportamento é sempre predizível, nem diria que o tempo é sempre predizível. Há, com freqüência, fatores demais a serem considerados. Não podemos medir todos acuradamente e não poderíamos realizar as operações matemáticas necessárias para a predição se tivéssemos as medidas. O determinismo científico é, geralmente, uma suposição — mas, não obstante, importante na avaliação do evento em questão.

— Tome um caso onde não há escolha, então, — disse Castle. — Certamente, um homem preso não está livre, no sentido em que estou agora.

— Bom! É um excelente começo. Vamos classificar os tipos de determinantes do comportamento humano. Uma classe, como você sugeriu, é a restrição física — algemas, barras de ferro, coerção forte. Essas são maneiras pelas quais modelamos o comportamento humano segundo nossos desejos. São formas brutas e que sacrificam a afeição do controlado, mas funcionam freqüentemente. Agora, que outras maneiras há de limitar a liberdade?

Frazier tinha adotado um tom profissional e Castle recusou-se a responder.

— A ameaça de uso da força seria uma outra — disse eu.

— Certo. E aqui novamente não poderíamos encorajar qualquer lealdade por parte do controlado. Terá, talvez, uma sombra maior de sensação de liberdade, desde que ele sempre pode "escolher agir e aceitar as conseqüências", mas ele não se sente exatamente livre. Sabe que seu comportamento está sob coerção. E o que mais?

Eu não tinha resposta.

— Força ou ameaça de força — não vejo outra possibilidade — disse Castle, após um momento.

— Precisamente — disse Frazier.

— Mas certamente grande parte de meu comportamento não tem relação nenhuma com força. Aí está a minha liberdade! — disse Castle.

— Eu não estava concordando em que não havia outra possibilidade — meramente que *você* não podia ver outra. Não sendo um bom behaviorista, — ou um bom cristão, quanto a este assunto — você não tem a sensação de um tremendo poder de tipo diferente.

— O que é isso?

— Terei que ser técnico — disse Frazier. — Mas só por um momento. É o que a ciência do comportamento chama de "teoria do reforço". As coisas que nos acontecem caem dentro de três classes. Algumas coisas nos são indiferentes. Gostamos de outras — queremos que elas aconteçam e nos mexemos para fazê-las acontecer novamente. Há ainda outras coisas, das quais não gostamos — não queremos que elas aconteçam e tomamos medidas para nos livrar delas ou evitar que elas aconteçam novamente.

— *Agora* — continuou Frazier seriamente — se estiver em nosso poder criar qualquer das situações de que a pessoa gosta ou remover qualquer situação de que ela não gosta, podemos controlar seu comportamento. Quando ela se comporta como queremos que se comporte, nós simplesmente criamos uma situação da qual ela gosta, ou removemos uma da qual não gosta. Como resultado, a probabilidade de que torne a se comportar desta maneira aumenta, que é o que queremos. Tecnicamente, é chamado "reforço positivo".

— A velha escola cometeu o erro estupendo de supor que o inverso era verdadeiro; que, removendo uma situação da qual a pessoa gostasse ou estabelecendo uma de que ela não gostasse — em outras palavras, punindo-o — seria possível *reduzir* a probabilidade de ela tornar a se comportar de uma determinada maneira. Isso simplesmente não funciona. Já ficou estabelecido acima de qualquer dúvida. O que está emergindo neste estágio crítico da evolução da sociedade é uma tecnologia comportamental e cultural baseada só no reforçamento positivo. Estamos gradativamente descobrindo — a um custo indizível de sofrimento humano — que, a longo prazo, a punição não reduz a probabilidade da ocorrência de um ato. Estivemos tão preocupados com o contrário, que sempre entendemos "força" como significando punição. Não dizemos que estamos usando força quando mandamos um carregamento de comida a um país na miséria, se bem que estejamos exibindo absolutamente tanto *poder* quanto se estivéssemos mandando tropas e armas.

— Certamente não sou um advogado da força, — disse Castle. — Mas não posso concordar com que ela não seja eficaz.

— É *temporariamente* eficaz, isso é o pior. Isto explica as centenas de anos de derramamento de sangue. Mesmo a natureza foi enganada. Nós "instintivamente" punimos uma pessoa que não se comporta como gostamos — batemos nela, se for criança, ou a agre-

dimos se for um adulto. Bela distinção! O efeito imediato do golpe nos ensina a lutar novamente. Retribuição e desforra são as coisas mais naturais sobre a terra. Mas, a longo prazo, o homem que agredimos nem por isso deixa de repetir o seu ato.

— Mas não repetirá se a punição for suficientemente forte, — disse Castle. — Ainda *tenderá* a repeti-lo. Ele vai *querer* repeti-lo. Ainda não teremos realmente alterado de nenhum jeito o seu comportamento potencial. É isso que é lamentável. Se ele não repetir em nossa presença, fa-lo-á na presença de qualquer outra pessoa. Ou será repetido sob o disfarce de um sintoma neurótico. Se a punição for suficientemente forte, abriremos um pequeno lugar para nós na selva da civilização, mas tornaremos o resto da selva mais terrível ainda.

— Agora, as formas primitivas de governo são, naturalmente, baseadas na punição. A técnica é óbvia quando o fisicamente forte controla o fraco. Mas estamos nas dores do parto de uma grande mudança para o reforçamento positivo — de uma sociedade competitiva, na qual a recompensa de um homem é a punição de um outro, para uma sociedade cooperativa, na qual ninguém ganhe às custas de outrem.

— A mudança é lenta e dolorosa, porque o efeito imediato, temporário, da punição encobre as vantagens, a longo prazo, do reforçamento positivo. Todos nós vimos exemplos incontáveis do efeito temporário da força, mas a prova clara do efeito de não-uso da força é raro. Eis porque eu insisto em que Cristo, que foi o primeiro, aparentemente, a descobrir o poder de recusar-se a punir, deve ter descoberto o princípio por acidente. Ele, certamente, não dispunha de nenhuma das provas experimentais que estão disponíveis hoje e não posso conceber que fosse possível, não importa a genialidade do homem, descobrir o princípio a partir de observação casual.

— Um toque de revelação talvez, disse Castle.

— Não, acidente. Jesus descobriu um princípio porque ele tinha consequências imediatas e chegou ao outro levado por cálculo.

Comecei a entender.

— Você quer dizer o princípio de "Ame seus inimigos?" disse eu.

— Exatamente! O "fazer bem aos que nos fazem mal" tem duas consequências não-relacionadas. Você ganha paz de espírito a respeito da qual falamos no outro dia. Deixando o homem mais forte

molestar você — pelo menos você evita a tortura de sua própria raiva. *Essa* é a consequência imediata. Que descoberta espantosa deve ter sido achar que, a longo prazo, você poderia *controlar o homem mais forte* da mesma maneira!

— É generoso de sua parte dar tamanho crédito ao seu antecessor, disse Castle, mas porque estamos ainda nas agonias de tanta miséria? Vinte séculos não teriam sido suficientes para um pouco de engenharia comportamental?

— As condições que tornaram o princípio difícil de ser descoberto, dificultaram o seu ensinamento. A história da igreja cristã não revela muitos casos de fazer o bem a seus inimigos. Para idólatras inofensivos, talvez, mas não para inimigos. Procurando fora do campo da religião organizada acharemos a total ausência do princípio. Os governos da igreja são devotados ao *poder*, tanto temporal quanto espúrio.

— Mas o que é que isso tudo tem a ver com liberdade? disse eu apressadamente.

Frazier levou tempo para reorganizar o seu comportamento. Olhou firmemente através da janela, contra a qual a chuva batia pesadamente.

— Agora que *sabemos* como o reforçamento positivo funciona e porque o negativo não funciona, disse ele afinal, podemos ser mais ponderados e ainda mais bem sucedidos em nosso planejamento cultural. Podemos conseguir uma espécie de controle sob o qual o controlado, apesar de estar seguindo um código muito mais escrupulosamente do que jamais o teria feito no sistema antigo, mesmo assim se *sinta livre*. Estão fazendo o que querem, e não o que são forçados a fazer. Esta é a fonte de um tremendo poder do reforço positivo — não há repressão e não há revolta. Com um planejamento cultural cuidadoso, controlamos não o comportamento final, mas a *inclinação* para o comportamento — os motivos, os desejos, as vontades.

— O curioso é que, neste caso, *nunca se coloca a questão de liberdade*. O Sr. Castle tinha liberdade de soltar a caixa de fósforos, no sentido em que ninguém o estava impedindo. Se estivesse seguramente preso pela mão, ele não estaria livre. Nem teria sido livre se eu lhe tivesse apontado um revólver e ameaçado disparar se ele deixasse cair a caixa. A questão de liberdade se coloca quando há repressão — seja física seja psicológica.

— Mas repressão é somente um tipo de controle e a ausência de repressão não é liberdade. Não é o controle o que está ausente quando nos sentimos "livres", é o condenável controle pela força. O Sr. Castle sentiu-se livre de segurar ou soltar os fósforos no sentido em que ele não sentiu repressão — nem ameaça de punição no caso de tomar qualquer uma das atitudes. Negligenciou um exame de suas razões positivas para segurar ou deixar cair, apesar do fato de que elas o compeliavam mais nessa circunstância do que qualquer ameaça de força.

— Não dispomos de um vocabulário de liberdade quando se trata do que queremos fazer, continuou Frazier. A pergunta nunca se coloca. Quando os homens lutam por liberdade, lutam contra as prisões e a polícia, ou a ameaça delas — contra a opressão. Nunca lutam contra forças que os fazem agir como agem. E, ainda, parece ficar subentendido que os governos operarão apenas através da força e da ameaça de força e que todos os outros princípios serão deixados à educação, religião e comércio. Se este continuar sendo o caso, podemos desistir. Um governo nunca poderá criar gente livre com as técnicas que lhe couberam.

— A pergunta é: podem os homens viver em liberdade e em paz? E a resposta é: sim, se puderem construir uma estrutura social que satisfaça as necessidades de todos e na qual cada um quiserá observar o código de suporte. Mas, até agora, isso só foi alcançado em Walden II. Quanto às suas acusações impiedosas do contrário, Sr. Castle, este é o lugar mais livre da Terra. E é livre precisamente porque não fazemos uso da força ou da ameaça de força. Todo o aspecto de nossa pesquisa, desde a creche até o controle psicológico de nossos membros adultos, está dirigido para esta finalidade — explorar todas as alternativas do controle forçado. Com planejamento hábil, com uma escolha sábia de técnicas, nós *aumentamos* a sensação de liberdade.

— Não é o planejamento que restringe a liberdade, mas o planejamento que usa a força. A sensação de liberdade era praticamente desconhecida na planificada sociedade nazista alemã, porque os planejadores fizeram um uso fantástico da força e da ameaça de força.

— Não, Sr. Castle, uma vez que a ciência do comportamento foi alcançada, não há alternativa alguma, senão uma sociedade planejada. Não podemos deixar a humanidade sob um controle aciden-

tal ou enviesado. Mas, usando os princípios do reforçamento positivo — evitando cuidadosamente a força ou a ameaça de força — podemos preservar uma sensação pessoal de liberdade.

Frazier jogou-se novamente na cama e fixou o teto.

— Mas você não negou que tem o controle completo, disse Castle. Você é ainda, no fim das contas, o ditador.

— Como você quiser, disse Frazier, agitando frouxamente as mãos no ar e colocando-as depois atrás da cabeça. — De fato, estou inclinado a concordar. Uma vez que você tenha se apoderado do princípio de reforçamento positivo, você pode gozar uma sensação de poder ilimitado. É suficiente para satisfazer o tirano mais ambicioso.

— Aí está você, então, disse Castle. Foi o que eu quis dizer.

— Mas é um tipo limitado de despotismo, continuou Frazier. E eu não acho que ninguém deveria se preocupar com isso. O despota deve usar o seu poder para o bem dos outros. Se ele der qualquer passo que reduza a soma total de felicidade humana, seu poder será um pouco reduzido. Que melhor controle você pediria contra um despotismo malévolo?

— O controle que peço, disse Castle, é nada menos que democracia. Deixe o povo fazer as regras e o poder não será mal usado. Não acho que a natureza do poder importe. De fato, não poderia este "reforçamento positivo", como você o chama, ser usado por um governo democrático, simplesmente tão bem quanto por sua ditadura?

— Nenhum princípio é consistentemente usado por um governo democrático. O que você quer dizer com democracia, a propósito?

— Governo pelo povo, de acordo com os desejos do povo, naturalmente, disse Castle.

— Como exemplificado pela prática corrente nos Estados Unidos?

— Suponho que sim. Sim, fico nisto. Não é uma democracia perfeita, mas é a melhor no momento.

— Então digo que democracia é uma fraude piedosa, disse Frazier. Em que sentido ela é "governo pelo povo"?

— Num sentido óbvio, diria eu.

— Não é tão óbvio assim. Como é que o desejo do povo é averiguado? Numa eleição. Mas isso é uma farsa! Numa pequena reu-

nião executiva ou mesmo numa cidadezinha, eu posso ver algumas vantagens no votar, especialmente numa questão de sim-ou-não. Mas cinquenta milhões de eleitores escolhendo um Presidente — isso é outra coisa.

— Eu não vejo em que o número de eleitores modifique o princípio, disse Castle.

— A possibilidade de que o voto de um homem decida um resultado, numa eleição nacional, disse Frazier falando muito deliberadamente, é menor do que a possibilidade dele ser morto a caminho das urnas. Nós não damos atenção a probabilidades dessa magnitude em nossos negócios diários. No entanto, chamaríamos de idiota o homem que comprasse um bilhete de loteria com tamanha desvantagem contra ele.

— Deve significar alguma coisa, ou as pessoas não votariam, disse Castle.

— Quantos deles continuariam votando se fossem livres de uma série de pressões externas? Você acha que um homem vai às urnas por qualquer efeito que o cômputo de um voto tem? De jeito nenhum. Ele vai para evitar de ser comentado pelos seus vizinhos ou para "apunhalar" um candidato de que não gosta, inutilizando a cédula, como se rasgasse um cartaz de propaganda eleitoral — e com o mesmo ressentimento irracional. Quase sempre o homem não tem uma razão lógica para votar. As possibilidades de alterar o resultado final são demasiado pequenas para alterar o seu comportamento de um modo apreciável.

— Acredito que os matemáticos têm um nome para essa falácia, disse Castle. É verdade que suas possibilidades de decidir o resultado diminuem à medida que o número de eleitores aumenta, mas a disputa se amplia no mesmo grau.

— É mesmo? Uma eleição nacional é, realmente, uma disputa importante? Importa, realmente, quem ganha? As plataformas das duas partes são cuidadosamente elaboradas e tão semelhantes quanto possível, e quando a eleição acaba, somos exortados a aceitar o resultado como bons esportistas. Apenas alguns poucos eleitores continuam se incomodando muito depois de uma semana ou duas. O resto sabe que não há perigo real. As coisas continuarão como antes. As eleições são, às vezes, decididas por alguns milhões de eleitores que não conseguem formar uma opinião até o dia das

eleições. Não se pode esperar muito do sistema quando isso acontece.

— Mesmo assim é importante que o povo *sinta* que escolheu o governo que quis, disse Castle.

— Pelo contrário, isso é o pior de tudo. Votar é um meio de pôr a culpa no povo pela situação. O povo não faz as regras, é o bode expiatório. E o povo vai às urnas de tempos em tempos, para renovar o seu direito ao título.

— Suponho que haja defeitos no mecanismo da democracia, — disse Castle. — Ninguém aprova completamente a campanha presidencial média. A vontade do povo pode ser indevidamente influenciada, e talvez incorretamente determinada. Mas é uma questão de técnica. Eu acho que, finalmente, alcançaremos um sistema melhor para assegurar-nos do que as pessoas querem que seja feito. Democracia não é um método de recensear opinião, é a atribuição do poder a esta opinião. Vamos imaginar que o desejo do povo possa ser verificado. E daí?

— Eu é que devo perguntar isso. E daí? O povo é governante capaz? Não. E ele se torna cada vez menos capaz, em termos relativos, à medida que a ciência de governar avança. É o mesmo ponto que levantei em nossa discussão sobre o grupo da creche: uma vez que adquirimos uma tecnologia comportamental, não podemos deixar o controle do comportamento aos leigos. Sua resposta é negar que a tecnologia exista — uma resposta muito fraca, me parece.

— Uma coisa que o povo sabe, continuou Frazier, e uma coisa a respeito da qual deveria ser ouvido, é como está apreciando a situação, e talvez, como gostaria que fosse. O que as pessoas notoriamente não sabem é como conseguir o que querem. É assunto para especialistas.

— Mas o povo resolveu alguns problemas bastante importantes, disse eu.

— Resolveu, de fato? A prática corrente em uma democracia é votar, não por um determinado estado de coisas, mas no homem que declara ser capaz de alcançá-lo. Não sou um historiador — Frazier riu explosivamente — bem pelo contrário — mas suspeito que isso é o que sempre foi entendido por governo do povo — governo de um homem escolhido pelo povo.

— E este não seria, então, um caminho possível? — disse Castle. Suponha que necessitemos de especialistas. Por que não elegê-los?

— Por uma razão muito simples. O povo não está em condição de avaliar especialistas. E os especialistas eleitos nunca podem agir como acham melhor. Não podem experimentar. O leigo não calcula a necessidade de experimentação. Exige que o especialista *saiba*. E é totalmente incapaz de agüentar o período de dúvida durante o qual um experimento se desenvolve. Os especialistas devem ou disfarçar seus experimentos e fingir que sabem o resultado antecipadamente ou parar de experimentar inteiramente e lutar para manter o *status quo*.

— Com todos os seus defeitos, eu ainda a amo, disse Castle. Eu fico com a democracia. Pode ser que ainda estejamos tateando. Poderemos parecer engraçados aos seus Planejadores aerodinâmicos. Mas nós temos uma coisa do nosso lado — liberdade.

— Pensei que já tínhamos acertado isso, disse Frazier.

— Tínhamos. Mas, aparentemente, não como você pensou, disse Castle. Eu não gosto de despotismo.

Frazier levantou-se e foi até a janela. A chuva tinha parado e podia-se ver as colinas distantes além do rio. Ficou de costas durante, talvez, um minuto, que pareceu muito longo em comparação com o ritmo vigoroso da conversa. Finalmente, virou-se.

— Não posso fazê-lo entender? — disse ele, levantando as mãos num gesto de apelo. — *Eu também não gosto de despotismo!* Eu não gosto do despotismo da ignorância. Eu não gosto do despotismo da negligência, da irresponsabilidade, nem mesmo do despotismo dos acidentes. E não gosto do despotismo da democracia!

Virou-se de novo para a janela.

— Acho que eu não o acompanhei, disse Castle, algo amolecido pela evidente emoção de Frazier.

— A democracia é o fruto do despotismo, disse Frazier, continuando a olhar para a janela. E tal pai, tal filho. A democracia é poder e regras. Não é o desejo do povo, lembra? É o desejo da maioria. — Ele se virou e, numa voz rouca que se quebrou em pleno vôo como um pombo acrobata na palavra "está", ele acrescentou: — Meu coração está com as eternas minorias, sempre perdedoras.

— Parecia a ponto de chorar, mas não pude dizer se era em simpatia pelos oprimidos ou de raiva pelo seu fracasso em convencer Castle.

— Numa democracia, continuou, *não* há controle contra o despotismo, porque o próprio princípio da democracia é supostamente um controle. Mas garante apenas que a *maioria* não será despoticamente dirigida.

— Eu não concordo com que a minoria não tenha voz, disse Castle. Mas, de qualquer modo, é melhor que metade do povo, pelo menos, tenha o que quer, ao invés de uma pequena elite.

— Aí está! — disse Frazier, pulando novamente, quando ia começar a se sentar. — A maioria é uma elite. E eles são déspotas. Eu não quero nenhum deles! Que seja um governo para o benefício de todos!

— Mas isso não é sempre possível, disse Castle.

— É possível muito mais freqüentemente do que sob uma democracia. Há raramente casos que têm de ser decididos na base do tudo-ou-nada. Um planejador cuidadoso poderia apresentar uma solução razoavelmente satisfatória para todos. Mas, numa democracia, a maioria resolve o seu problema a seu modo e a minoria que se dane.

— O governo de Walden II, continuou ele, tem as virtudes da democracia, mas nenhum de seus defeitos. Está muito mais próximo da intenção da democracia do que a atual prática na América. O desejo das pessoas é cuidadosamente verificado. Não temos campanhas eleitorais para falsificar as soluções ou obscurê-las com apelos emocionais, mas fazemos um estudo cuidadoso sobre o grau de satisfação dos membros. Todo membro tem um canal direto através do qual pode protestar aos Administradores ou mesmo aos Planejadores. E esses protestos são levados tão a sério, quanto um aviador leva a sério uma irregularidade no ruído do motor. Não necessitamos de leis e de força policial para compelir um piloto a prestar atenção em um motor defeituoso. Nem precisamos de leis para compelir nosso Administrador da Leiteria a prestar atenção no perigo de uma epidemia entre as vacas. Do mesmo modo, nossos Administradores Comportamental e Cultural não necessitam ser compelidos a considerar injustiças. Uma injustiça é uma engrenagem a ser lubrificada ou um conduto de óleo quebrado a ser consertado.

— A maioria das pessoas em Walden II não tem parte ativa no trabalho de governo. E não quer ter parte ativa. A necessidade de ter voz sobre como as coisas num país deveriam correr é recente. Não fazia parte da democracia original. A primeira vitória sobre a tirania foi garantia constitucional dos direitos pessoais incluindo o direito de protestar caso as condições não fossem satisfatórias. Mas o trabalho de regulamentar foi deixado a outros. Hoje em dia, todo mundo se imagina um especialista em governo e quer ter algo a dizer. Esperemos que seja um padrão cultural temporário. Lembro-me de quando todo mundo podia falar sobre os princípios mecânicos segundo os quais o seu automóvel andava ou não conseguia andar. Todo mundo era um especialista em carro e sabia como polir o platinado de um magneto e tirar a trepidação das rodas dianteiras. Sugerir que esses assuntos fossem deixados a especialistas teria sido denunciado como fascismo se o termo já tivesse sido inventado. Mas hoje, ninguém sabe como funciona o carro e não vejo que sejam menos felizes por isso.

— Em Walden II, ninguém se preocupa quanto ao governo, exceto os poucos a quem essa preocupação foi atribuída. Sugerir que todo o mundo tome interesse pareceria tão fantástico quanto sugerir que todos se familiarizassem com as nossas máquinas diesel. Estou mesmo certo de que raramente alguém pensa nos direitos constitucionais dos membros. A única coisa que importa é a felicidade do dia a dia e a segurança futura. Qualquer infração ali, sem dúvida, "faria o eleitorado se levantar".

— Presumo que a constituição, pelo menos, não pode ser mudada sem a votação dos membros, disse eu.

— Novamente errado. Pode ser mudada por um voto unânime dos Planejadores e dois terços dos votos dos Administradores. Você ainda está pensando em governo pelo povo. Tire isso da cabeça. As pessoas não estão em melhor posição para mudar a constituição do que para decidir sobre práticas correntes.

— Então, o que há para impedir os seus Planejadores de se tornarem déspotas? — disse eu. Isso realmente não seria possível?

— Como? — disse Frazier.

— Oh, de muitas maneiras, imagino.

— Tais como?

— Bem, se eu fosse um Planejador com inclinação para o despotismo, começaria a insinuar na cultura a noção de que Planejadores são pessoas excepcionais. Argumentaria que eles deveriam ser conhecidos pessoalmente pelos membros e deveriam, portanto, usar uma insígnia identificadora ou uniforme. Isso poderia ser feito sob o disfarce de facilitar o trabalho aos membros mas, conseqüentemente, os Planejadores constituiriam uma casta separada. Então, passariam a ser dispensados do trabalho subalterno na terra, porque estariam muito ocupados com os negócios da comunidade. E então aposentos especiais, talvez bastante luxuosos, pudessem ser especialmente construídos. Faria os Administradores concordarem com essa mudança na constituição, dando-lhes também melhores acomodações. Tudo seria cuidadosamente divulgado, naturalmente. Finalmente, mais e mais da riqueza da comunidade seria desviada para essa elite, e apareceria um despotismo real. Isso não é possível?

— Se você quer dizer "é o despotismo possível?", a resposta é sim, disse Frazier. Culturas que trabalham para vantagens de poucos, existem há muito. Veja a Índia onde os oprimidos nem ao menos estão conscientes de que estejam doentes e miseráveis. Mas as pessoas são fortes, produtivas, progressistas? Se não, então a cultura será, finalmente, substituída por culturas competidoras que funcionem mais eficientemente. Nossos Planejadores sabem disso. Sabem que qualquer usurpação do poder enfraqueceria a comunidade como um todo e, finalmente, destruiria todo o empreendimento.

— Um grupo de Planejadores despóticos pode estar querendo sacrificar a comunidade, disse eu. Não sofreriam necessariamente se ela fracassasse. Simplesmente esconder-se-iam com os fundos.

— Isso seria uma catástrofe. Como um tremor de terra, ou uma epidemia nova e assustadora, ou um ataque de outro planeta. Tudo o que podemos fazer é tomar precauções razoáveis. Seu caso hipotético soa pouco plausível, é tudo quanto posso dizer.

— Mas esta não é, exatamente, a fraqueza de sua atitude anti-democrática? — disse Castle. Vocês não perderam as suas garantias contra a usurpação do poder?

— Não há poder para ser usurpado, disse Frazier. Não há polícia, não há forças armadas, não há armas ou bombas — de

gás lacrimogênio ou atômicas — para dar força aos poucos. A revolta não é só fácil é inevitável, em caso de real insatisfação.

— E há pouca riqueza real para tentar qualquer um. Não é verdade que os Planejadores possam fugir com os fundos. Nossa riqueza é nossa felicidade. A instalação física da comunidade seria praticamente inútil sem os membros.

— E lembrem-se, então, de que os Planejadores são parte de uma cultura não competitiva na qual a sede do poder é uma curiosidade. Não têm razão para tentar usurpar. A tradição vai contra isso. Qualquer gesto de dominação pessoal parece tão sério quanto o roubo de um boletim de bordo.

— Mas é humano dominar, disse Castle, em qualquer cultura.

— Essa é uma questão experimental, Sr. Castle. Você não pode respondê-la de sua poltrona. Mas vejamos a que chegaria uma usurpação do poder. Até onde os Planejadores governam, o fazem através do reforço positivo. Não usam ou ameaçam usar força. Não têm aparelhagem para isso. Para estender o seu poder, eles teriam que providenciar condições mais e mais satisfatórias. Um curioso tipo de despotismo, Sr. Castle.

— Mas eles poderiam mudar para um tipo diferente de poder.

— Isso requereria um voto unânime. Mas os Planejadores se tornam finalmente simples cidadãos. O término de seus mandatos não coincide e alguns deles estão sempre tão próximos do fim que não poderiam compartilhar das conseqüências egoístas. Por que votariam na mudança?

— A usurpação do poder é uma ameaça apenas numa cultura competitiva, disse Frazier. Em *Walden II*, o poder é ou destruído ou tão difuso que a usurpação é praticamente impossível. A ambição pessoal não é essencial num bom dirigente. À medida que a tecnologia de governo avança, de qualquer modo, cada vez menos é deixado à decisão dos governantes. Finalmente, não teremos mais necessidade nenhuma de Planejadores. Os Administradores serão suficientes.

Frazier voltou-se para mim num gesto aberto de apaziguamento.

— A democracia não é uma garantia contra o despotismo, Burris. Suas virtudes são de outro tipo. Provou ser claramente superior às regras despóticas de uma pequena elite. Vimo-la so-

breviver ao conflito com os padrões despóticos na Segunda Guerra Mundial. Os povos democráticos provaram ser superiores só por causa de sua democracia. Puderam atrair o apoio de outros povos que tinham menos a temer deles do que de uma elite agressiva. Puderam dirigir uma força humana maior a longo prazo, porque todo mundo tinha uma participação na vitória e poucos estavam sofrendo a pressão de uma força coercitiva. Os déspotas não converteriam os povos conquistados enquanto pretendessem ser uma raça superior. Cada princípio que parecia fortalecer a estrutura de governo do fascismo quando começou a guerra provou ser uma fraqueza, no final.

— Mas o triunfo da democracia não significa que seja o melhor governo. Era meramente o melhor num confronto com um notoriamente ruim. Não paremos na democracia. Não é, e não pode ser, a melhor forma de governo porque está baseada numa concepção cientificamente falsa de homem. Falha ao considerar o fato de que, a longo prazo, *o homem é determinado pelo Estado*. Uma filosofia *laissez-faire* que confie na bondade inerente e sabedoria do homem comum é incompatível com o fato observado de que os homens se tornam bons ou maus e sábios ou tolos, segundo o ambiente no qual crescem.

— Mas, o que vem antes? — perguntei. A galinha ou os ovos? Os homens constroem a sociedade e a sociedade faz os homens. Onde começamos?

— Não é questão de começo. O começo já passou. É questão de saber o que deve ser feito a partir de agora.

— Então, deve haver uma revolução, não é? — disse Castle. — Se a democracia não pode mudar a si mesma em algo melhor...

— Revolução? O Sr. não é um aluno muito brilhante, Sr. Castle. A mudança não virá através de poder político nenhum. Acontecerá num outro nível, inteiramente.

— Que nível?

Frazier indicou com as mãos a direção da janela, através da qual podíamos ver a paisagem molhada de Walden II.

— Bem, disse Castle, é melhor nos apressarmos. Não é um trabalho a ser feito em quatro horas ao dia.

— Quatro horas por dia é exatamente do que precisa, disse Frazier, com um sorriso. Deitou-se na cama, parecendo um pouco cansado.

— Posso pensar num caso sério no qual as mudanças que você está defendendo estão acontecendo ao nível do poder político, disse eu.

Frazier sentou-se prontamente, com esforço visível. Ele me olhou, desconfiado.

— Rússia, disse eu.

— Ah, Rússia, disse ele, aliviado. Não demonstrou inclinação a continuar.

— E quanto à Rússia, então?

— O que é que tem a Rússia?

— Não há uma semelhança considerável entre o comunismo russo e a sua própria filosofia?

— Rússia, Rússia, murmurou Frazier, evasivo. Nossos visitantes sempre perguntam isso. A Rússia é nossa rival. É muito lisonjeiro, — se você considerar os recursos e o número de pessoas envolvidas.

— Mas você está se esquivando de minha pergunta. A Rússia não fez o que vocês estão tentando fazer, mas ao nível do poder político? Eu posso imaginar o que um comunista diria de seu programa Walden II. Não lhe diria simplesmente para abandonar o experimento e ir trabalhar para o Partido?

— Diria e disse.

— E qual a sua resposta?

— Eu só posso ver quatro coisas erradas na Rússia, disse Frazier, divertindo-se claramente com a condescendência. Como originariamente concebida, era uma boa tentativa. Brotou de impulsos humanitários que são lugar-comum em Walden II. Mas, rapidamente, desenvolveu certas fraquezas. Há quatro e elas eram inevitáveis. Eram inevitáveis simplesmente, porque a tentativa foi feita ao nível do poder político.

Esperou que eu lhe perguntasse quais eram as fraquezas.

— A primeira, — disse ele, assim que eu lhe perguntei — é uma perda da mentalidade de experimentação. Muitos experimentos promissores foram simplesmente abandonados. O cuidado em grupo das crianças, a alteração da estrutura da família, o abandono da religião, os novos tipos de incentivo pessoal — todos esses problemas foram "resolvidos" voltando a práticas que têm prevalecido durante séculos nas sociedades capitalistas. Era o antigo

problema. Um governo no poder não pode experimentar. Precisa conhecer as respostas ou, pelo menos, fingir que as conhece. Hoje, os russos afirmam que alcançaram um padrão cultural ótimo, ainda que não esteja totalmente difundido. E não ousam admitir qualquer necessidade séria de melhoria. A experimentação revolucionária está morta.

— Em segundo lugar, a Rússia usou propaganda demais. Tanto com o próprio povo, quanto para o mundo exterior. Sua propaganda é muito mais extensa do que qualquer outra que tenha escravizado as classes trabalhadoras. É um defeito sério, porque tornou impossível avaliar o seu êxito. Não sabemos quanto do atual vigor do comunismo russo é devido a uma vida saudável e satisfatória e quanto é devido à doutrinação. Você pode dizer que é um expediente temporário para anular a propaganda da cultura anterior. Mas essa necessidade foi há muito tempo superada e a propaganda ainda continua. Enquanto continuar, não poderemos obter dados válidos sobre a eficácia do comunismo russo. Tanto quanto sabemos, a cultura toda ruiria, se as atitudes que a suportam fossem afastadas. E o pior é que é difícil de imaginar que algum dia elas possam ser afastadas. A propaganda impossibilita o progresso em direção a uma forma de sociedade na qual ela seja desnecessária.

— A terceira fraqueza do governo soviético é o uso de heróis. A primeira função do herói na Rússia, como em qualquer outro lugar, é remendar uma falha estrutural do governo. As decisões importantes não são tomadas na base de um conjunto de princípios; são atos pessoais. O processo de governar é uma arte e não uma ciência. E o governo dura tanto ou é tão bom quanto o artista. Quanto à segunda função do herói, quanto duraria o comunismo, se as fotos de Lênin e Stálin fossem todas rasgadas? É uma pergunta que vale a pena fazer.

— Mas o mais importante de tudo é que o experimento russo baseou-se no poder. Você pode argumentar que a tomada de poder também foi um expediente temporário, uma vez que as pessoas que o detinham eram intolerantes e opressoras. Mas você dificilmente pode defender o uso continuado do poder da mesma maneira. Os russos estão ainda muito longe de uma cultura na qual as pessoas se comportem como *querem* se comportar para o bem comum. Para conseguir que essas pessoas ajam conforme a demanda do

padrão comunista, o governo russo teve de usar as técnicas do capitalismo. Por um lado, emprega recompensas extravagantes e desiguais. Mas uma distribuição desigual de riqueza mais destrói incentivos do que cria. Obviamente, não se pode operar para o bem *comum*. Por outro lado, o governo também usa de punição ou de ameaça. Que espécie de engenharia comportamental você acha que é esta?

Frazier cuspiu no vaso de flores num gesto de aversão. Levantou as mãos com um exagerado encolher de ombros e ergueu-se lentamente. Tinha, evidentemente ficado saturado com as "questões gerais" de Castle.

E eu também. Não via o que a discussão, enérgica como tinha sido, tivesse acrescentado ao nosso entendimento de Walden II, exceto um vislumbre ocasional de algumas novas técnicas comportamentais.

Castle estava certo em dizer que Frazier fugia das generalidades. Walden II não fora fundada nelas, mas em leis e técnicas especificamente comportamentais e culturais. Eu não tinha dificuldade em acreditar que a questão da liberdade nunca tivesse sido colocada, e achava que a "ameaça de despotismo" de Castle poderia ser reduzida a um problema prático de definir as funções dos Administradores. De um modo algo estranho, Frazier tinha minado todas as questões típicas de ciência política, e não parecia útil voltar a debatê-las.

Ele retomou seu ponto de partida com uma demonstração concreta. Sem uma palavra de explicação, abriu a porta e nos guiou pelo corredor. Então, num ritmo terrivelmente lento, levou-nos até os quartos comuns.

A comunidade tinha tomado vida, agora que a chuva havia cessado e pequenos grupos emergiam dos quartos pessoais, à procura do ar livre. Seguimos o movimento geral até um compartimento,

onde estavam guardadas todas as roupas pesadas. Dois ou três membros estavam calçando galochas ou sapatos pesados e um estava experimentando um velho chapéu de pescador. Um bando de jovens em capas amarelas, que voltavam de um longo passeio na chuva, limpavam sapatos ou galochas no capacho da entrada.

Chegamos aos quartos comuns e fomos andando indolentemente ao longo do Passeio. Frazier mantinha um absoluto silêncio, mas olhava seriamente de um lado a outro, como se tudo por que passávamos fosse da maior importância. Castle e eu nos deixamos influenciar e fomos fazendo um exame meticoloso. Os quartos de música deixavam escapar vários sons agradáveis pelas portas fechadas e os estúdios estavam salpicados de gente conversando animadamente. As salas de leitura e de estar estavam todas ocupadas, apesar de o tempo estar clareando. Através das janelas, a paisagem de Walden II parecia até mais fresca e bonita, graças, em parte, à nossa diligente e esmerada lavagem de janelas.

Viramo-nos na direção da Escada. As crianças estavam chegando para o jantar de domingo, e Frazier fez com que passássemos rapidamente por elas no refeitório. As crianças se dividiam em grupos, aproximadamente de acordo com a idade, enchiam as bandejas hábil e graciosamente e escolhiam lugares sem brigar. Os poucos adultos que estavam com eles eram na maioria jovens pais, talvez só uns cinco anos mais velhos que as crianças maiores. Alguns deles aparentemente não estavam a serviço, mas apenas por divertimento, fazendo uma refeição com as crianças.

Sáímos do refeitório e aproximamo-nos do topo da Escada. Frazier nos deixou vê-la de relance e guiou-nos de volta para o Passeio. Entramos numa das salas de estar e fomos à janela olhar a paisagem, pontilhada aqui e ali por grupos de jovens aproveitando um campo verde fresco.

Frazier deixou passar talvez um minuto. Virou-se então para Castle.

— O que estava dizendo sobre despotismo, Sr. Castle?

Castle foi pego de surpresa e olhou fixamente para Frazier enquanto um profundo rubor lhe cobria o rosto. Tentou dizer algo. Seus lábios se moveram, mas as palavras não vinham. Frazier explodiu num riso alto e nervoso que espantou os demais ocupantes da sala e deu a Castle um tapinha hesitante nas costas que não parecia com-

binar com o humor da peça ou com o papel que estava desempenhando.

De repente, olhou para o Passeio, levantou um dedo e acenou, como se estivesse fazendo um sinal a alguém com quem teria um encontro. Viam-se muitas pessoas fora, mas nenhuma delas pareceu responder ao sinal de Frazier. Suspeitei que nos estava enganando. Tinha sentido a necessidade de uma saída rápida e não tinha imaginado solução melhor.

Afastou-se de nós desajeitado, acenando rapidamente, com a boca aberta como se tivesse esquecido das palavras "Até logo".

— Jantar às sete? — disse da porta.

Virou-se sem esperar resposta e desapareceu pelo Passeio.

Saindo do refeitório, depois de um jantar simples de domingo, Frazier virou-se para Rodge.

— Quero mostrar-lhe uma coisa — disse e afastaram-se de nós.

Steve e Mary foram alcançados por vários jovens e Bárbara abriu caminho em direção a um dos machos mais interessantes. Castle havia trazido alguns charutos e sugeriu que fôssemos fumar no jardim. Aceitei com a esperança de não ter que passar a noite toda a sós com ele. Tinha estado num ânimo jubilante durante o jantar e suspeitei que ele já havia resolvido o problema de Walden II para sua auto-afirmação. Frazier, eu tinha certeza, tinha recebido um rótulo difamante qualquer.

Minha suspeita estava correta. Castle se considerou o herói conquistador da tarde e não ficou absolutamente perturbado por minha sugestão de que Frazier provavelmente se via sob a mesma luz. A verdade era que esses guerreiros nunca se haviam encontrado no mesmo campo ou com as mesmas armas. Frazier não fazia questão de princípios gerais e não podia ver como fossem relevantes na avaliação dos fatos consumados de Walden II. Por outro lado, Castle parecia não ter percebido o epílogo prático de Frazier. Frazier tinha confiado demais na arte teatral e falhara em levar

a bom termo a incompatibilidade demonstrável entre o despotismo teórico e a liberdade irretorquível de fato.

O carimbo com que rotulou Frazier foi, naturalmente, o de fascista. Não consegui que Castle definisse o termo muito claramente, mas supunha uma elite — isto era certo. O governo de Walden II era, ele admitia, apenas um fascismo limitado, desde que os rendimentos da comunidade não eram injustamente desviados. Isso viria em tempo, pensava Castle, mas não disse como nem porquê. Frazier e os demais Planejadores e alguns dos Administradores, constituíam, atualmente, uma elite porque governavam. Havia um desvio de poder, se não de bens materiais.

Quando eu lembrei que as técnicas de governo não envolviam poder, Castle respondeu com um riso cético. Não podia admitir que qualquer tipo de governo funcionasse sem força.

Estes argumentos me permitiram, por sua vez, qualificá-lo: era o filósofo — muito pouco familiarizado com os fatos e métodos da ciência, para ter qualquer vislumbre da potência da engenharia comportamental. Frazier poderia dar-se a princípios gerais se assim o quisesse. O plano de governo e a criação de gente feliz, independentemente de questões de liberdade, usava alguns belos princípios gerais. Mas ele não tinha tido interesse em fazê-lo e Castle não podia perceber isso sozinho.

Eu estava já doente com toda essa discussão. Pouco importa como eu defendesse Frazier, Castle seria "ainda da mesma opinião". Mal respondi a suas perguntas ocasionais e, logo que terminamos nossos charutos — lembrei-me de Hans Castorp novamente — sugeri que nos juntássemos a nossos amigos. Mas não os encontramos e parecia que não poderia escapar. Em desespero, consultei o boletim de programação e soube que o concerto da tarde da Filarmonia tinha sido gravado e seria retransmitido pela cadeia radiofônica de Walden. Minha sugestão de que o ouvíssemos agradou a Castle, porque poderíamos ouvi-lo em nosso quarto e ele poderia dar cabo da papelada que havia trazido consigo.

Em cada quarto pessoal, assim como em cada quarto de hóspede, havia um alto-falante através do qual eram transmitidos vários programas de uma sala de controle. Liguei e procurei, até captar a sinfonia, uma peça desconhecida para mim, provavelmente Mozart. Subi direto para o meu beliche e relaxei-me ostensivamente, tornan-

do patente minha falta de interesse em mais discussão. Castle respondeu abrindo sua pasta e tirando um monte de papéis bem arrumados. Caiu numa cadeira e começou a trabalhar com um profundo suspiro, que suspeitei ser inconsciente e habitual.

Se bem que me tivesse livrado de Castle, não pude escapar de mim mesmo. Minha mente era uma confusão caótica. A música zombava de mim com sua ordem angustiante e simplicidade e aumentava a minha confusão. Não conseguia ouvir mais do que alguns compassos de cada vez, nem manter uma mesma linha de pensamento por mais de um momento. Pensei que deveria deixar Walden II dentro de sessenta ou oitenta horas, mas que estava tão longe quanto antes de saber se eu queria ou não ir embora. Então, percebi que nunca tivera a idéia de assinar, e maldisse Frazier por me manobrar para uma posição na qual eu tinha que tomar uma decisão. Pensei em Steve e Mary e em quão simples tinha sido a sua escolha. Eu não tinha a menor dúvida de que eles estivessem certos. Então, pensei em Rodge e no laço externo que o estava impedindo de seguir o seu melhor juízo. Eu sei o que diria Frazier: meu próprio juízo estava similarmente distorcido. Não podia sacudir para longe os meros hábitos de vida acadêmica. Parecia tão inevitável quanto insatisfatório.

Rolei no meu beliche tentando suprimir meus pensamentos, adotando várias posições de relaxamento, mas sem sucesso. Finalmente, desci, peguei minha escova de dentes e fui ao lavatório. Voltei, pus meu pijama e subi de volta à cama. Virei-me para a parede e puxei o cobertor sobre o rosto para me proteger da luz sob a qual Castle trabalhava. Num esforço para esquecer a batalha intelectual que se travava dentro de mim, comecei resolutamente a recordar o maior número possível de poesias. As primeiras linhas que me ocorreram foram:

"Mas às minhas costas eu sempre ouço
A carruagem alada do tempo se aproximando".

Se bem que Castle tivesse terminado o seu monte de papel antes de se deitar, estava de pé e animado bem cedo na manhã seguinte, andando pelo quarto no melhor dos humores. Fez a sua mala com cuidado meticoloso e colocou-a junto com a pasta perto da porta. Então, esfregou as mãos e ficou balançando-se lentamente sobre os calcanhares, enquanto eu terminava de arrumar minha bagagem. Assobiava uma melodia monótona entre os dentes.

Caminhamos para o refeitório, Castle meio passo à minha frente.

— Eram bons trabalhos — disse ele de repente, quase lambendo os lábios. — Algumas idéias muito interessantes. Sinto uma melhora gradual em nossos alunos de ano para ano. Eles se aproximam cada vez mais de minhas expectativas. Você tem notado?

— Tudo o que sei é que chego a esperar cada vez menos.

— Ora, ora, Burris. Não deixe Frazier deprimi-lo. Este seu viés anti-acadêmico. . . isso é pura emoção. Por falar nisso, qual era a história de Frazier? — academicamente, quero dizer.

— Não sei.

— Tenho a impressão de que ele nunca teve uma oportunidade de lecionar. Nunca foi recomendado para um bom emprego, provavelmente. Lobo solitário — instável — algo assim. Esse preconceito dele é a história das uvas verdes.

Minha longa prática em ouvir esse tipo de coisa de Castle me impediu de explodir. Eu identifiquei o estágio a que ele tinha chegado e sabia que nada havia a fazer. Definitivamente, Castle não era de "segundo time". Sua erudição era considerável e era conhecido como um polemista hábil, apesar de Frazier tê-lo achado uma parada fácil. Enquanto mantinha o espírito aberto, eu o valorizava como um companheiro estimulante. O fato de que ele trabalhava melhor no calor da batalha me atraía. Sua conversa era melhor do que seus escritos um tanto fracos, e encarei isso como uma virtude.

Mas Castle, ocasionalmente, abandonava-se a atos de extremo auto-engano que não ficariam deslocados no quarto clínico de um psicótico. Nas primeiras etapas de uma discussão, costumava tratar todos os pontos de vista com tolerância e candura. Estaria disposto a tolerar incertezas e tensão e desordem intelectual. Por um longo tempo, sua mente permaneceria aberta. Então, ela se fecharia como uma ostra.

Tinha feito um esforço honesto para entender Frazier durante os três primeiros dias de nossa visita e para conciliar o que ele via e ouvia com as suas próprias opiniões enraizadas. A maior parte do tempo, ele era, obviamente, uma alma torturada. E então, a tensão foi grande demais e ele se agarrou à hipótese do fascismo como saída. Tinha visto a solução chegando. Ele tinha tentado uma ou duas escaramuças preliminares — mas a força plena que se apossou dele era, mesmo assim, surpreendente. Houve um eclipse completo de toda a dúvida possível e a energia que tinha sido previamente dedicada a reconciliar ou a distinguir as várias idéias, agora ia insuflar a sua hipótese. Era como uma criança que pensa ver o desenho de um animal num seixo de praia. Imediatamente, retoca aqui e ali até que não possa haver a menor dúvida.

Encontramo-nos com Steve e Mary já tomando café e meu primeiro impulso foi protegê-los do ceticismo de Castle, o que se mostrou desnecessário. Castle tratou a evidente felicidade deles com tolerância e bom gênio — eles eram tolos de ser tão felizes,

mas, pelo menos não estavam prejudicando ninguém. Walden II podia continuar para sempre e Mary e Steve viver a sua vida como num romance literário; Castle continuaria indiferente. Bastante consistente, não demonstrou alegria especial quanto ao fato, que ficou logo aparente quando Rodge e Bárbara se juntaram a nós, de que Rodge não ia ficar.

Quando terminamos o vagaroso desjejum, fomos até a Mesa de Trabalho, mas não havia trabalhos que pudessem ser feitos no tempo que nos restava e pediram-nos que considerássemos nosso compromisso saldado. Steve e Mary, que já estavam na base de quatro créditos, escolheram trabalhos durante o período do jantar, naquela noite, a fim de ficarem conosco o maior tempo possível.

Fomos até o relvado e descobrimos Frazier andando rapidamente em nossa direção, vindo do lago. Eu não queria vê-lo. Ele tinha fracassado em convencer Rodge e eu temia que ele estivesse mal-humorado. Eu tinha desperdiçado o tempo dele com um visitante irrevogavelmente comprometido com o mundo exterior. Walden II tinha excedido todos os seus melhores sonhos; o que mais devia Rodge pedir? Mas já deveria ter aprendido a esperar o inesperado de Frazier. Ele estava transbordando bom humor e nos cumprimentamos de maneira muito amigável. Quando viu que Rodge estava embaraçado e evitava o cumprimento direto, foi em sua direção para colocar a mão sobre o seu ombro e dirigir algumas poucas observações divertidas a ele e a Bárbara.

Eu estava enganado também em meu temor de que ele reabrisse o seu ataque sobre mim. Seu gambito na manhã de sábado tinha levado a um tipo de jogo muito diferente enquanto ele fazia digressões para se justificar. A manhã que se estendia à nossa frente era a sua única oportunidade e eu estava certo de que ele não a perderia. Mas eu não tinha chegado a uma decisão e queria desesperadamente evitar uma discussão. Meus joelhos realmente falharam quando Frazier pegou meu braço e disse: — Burris, você não gostaria de vir comigo enquanto eu cumpro a minha cota do dia?

Era obviamente uma manobra para me pegar a sós. Ele poderia, facilmente, ter adiado a sua única hora de trabalho físico para outro momento. Mas eu não podia declinar o convite e andamos silenciosamente pela estrada em direção aos armazéns. Eu esperei,

pouco à vontade, que ele abordasse o assunto, mas ele quebrou o silêncio apenas uma ou duas vezes e só para fazer alguns comentários triviais sobre a mudança da estação, naquela época do ano.

Entramos na sala de máquinas, que estava novamente deserta. Frazier puxou um tamborete perto de uma das bancadas de trabalho e indicou que era para mim. Começou, então, a limpar a bancada de detritos. Demorei uns dois minutos para perceber que esse era o seu trabalho para o dia, pois que me lembrava da confusão extrema de seu quarto pessoal.

— Sou, provavelmente, o sujeito mais desarrumado da história, — disse, como se soubesse que esse aspecto me ocorreria, — mas sinto um prazer estranho em pôr ordem no caos e recuperar fios elétricos emaranhados e barbantes ou juntar fragmentos e montes de pregos e parafusos. Os freudianos têm um nome para isso. — Ele me olhou com um sorriso reprimido e colocou uma pequena chave inglesa no seu lugar na prateleira: — Faço sempre requisição para trabalhos desse tipo, acrescentou ele. Juntou um pequeno monte de pó e pedaços de madeira e metal, dos quais começou a recuperar todas as peças usáveis. — Não é uma hora bem gasta, porque poderíamos comprar a maior parte do que eu salvo com uns poucos centavos, mas, de vez em quando, acho alguma coisa de valor — uma broca ou uma pequena ferramenta — que de outro modo seria jogada fora. Mesmo assim, temo que a Mesa de Trabalho esteja sendo indulgente. Entretanto, isso favorece nossa balança comercial, e o lugar, de qualquer maneira, precisa ser varrido.

Esse tipo de conversa continuou por algum tempo e eu comeci a me sentir mais à vontade. Evidentemente, ele não tinha intenção de me pressionar e finalmente eu mesmo me aventurei a levar a conversa para Walden II.

— Há apenas uma coisa que gostaria de dizer, Frazier, disse eu após uma longa pausa. — Não importa a minha opinião sobre você como pessoa. Não negarei que seu pequeno ensaio de telepatia na manhã de ontem foi muito bem sucedido. Mas quero que você saiba que admiro o trabalho que você fez. É um trabalho magnífico. O fato é que eu o invejo.

— Você não precisa, sabe, disse ele, um pouco rápido demais.

— Não quero dizer que invejo a sua vida em Walden II — se bem que me parece ideal. — Eu me afastei dessa linha o mais rá-

pido possível. — Quero dizer que invejo este experimento ambicioso, conduzido com sucesso. Deve ser uma fonte de tremenda satisfação.

— E é.

— E se devo dizê-lo, Frazier — eu concedo um ponto: você é um gênio.

— Bobagem, Burris! Não seja bobo! — Eu esperava um protesto moderado, mas seus modos eram quase violentos. — Não me distingo mais como intelecto do que como pessoa. Pode ver isso por si mesmo. Não tenho habilidade excepcional para o que quer que seja. Não sou um matemático hábil, ou um pensador particularmente brilhante.

— Não sou muito lido. Quando abro um livro, centenas de argumentos me perturbam e tenho de afastá-los. Não sou certamente um erudito. De vez em quando, tenho um momento de luz. Mas só depois de uma coleta cuidadosa de material que não é mais inspirada do que o que estou fazendo com esta pilha de pó agora. Você pode ouvir a minha mente ranger na cadência pomposa de minha prosa. Não pense que não sei disso.

— Mas, e quanto a Walden II.

— Esta é uma realização, Burris, diga o que quiser. É a realização máxima na história do intelecto humano até hoje e faça disso o que quiser! A fissão atômica empalidece de insignificância ao lado disso.

— Mas, e quanto a você? Acho que estamos falando de questões paralelas.

— Mas Walden II não requeria gênios! Tenho uma só característica importante, Burris: sou teimoso. Tive uma só idéia em minha vida — uma verdadeira *idée fixe*.

— Que idéia foi essa?

— Colocando de maneira grosseira — a idéia de seguir o meu próprio caminho. Acho que "controle" expressa bem. O controle do comportamento humano, Burris. Em meus primeiros dias de experimentalista, era um desejo frenético e egoísta de dominar. Lembro a raiva que eu costumava sentir quando uma predição falhava. Poderia ter gritado aos sujeitos de meus experimentos: "Comportem-se, danados! Comportem-se como devem!" Afinal, percebi que os sujeitos tiveram sempre razão. Eles sempre se comportaram co-

mo deveriam tê-lo feito. Eu é que estava errado. Eu havia feito uma predição má.

Frazier riu de repente e gostosamente.

— E que estranha descoberta para um ex-futuro tirano, disse por fim, a de que a única técnica eficaz de controle é altruísta!

Continuou a rir mansamente.

— Mas você não se pode queixar, disse eu. Você ganhou o seu controle, estou começando a ver isso. Ele me olhou com suspeita por um momento, mas, então, pareceu concordar. Assentiu lentamente.

— E você teve a alegria de ser um pioneiro, continuei. Você desnatou o creme. Vai ser muito fácil e muito monótono para os que se seguirem.

— Isso também é bobagem, Burris, disse Frazier, recuperando alguma da violência anterior. — Você pode citar um único exemplo na história da ciência para confirmar o que você disse? Quando foi que uma descoberta científica tornou as coisas fáceis? Pode esclarecer alguns pontos obscuros *de antes* ou simplificar uma dificuldade *anterior*, mas sempre revela problemas que são mais obscuros e mais difíceis — e mais interessantes! Use a sua imaginação, homem! Olhe para o que falta fazer!

Frazier terminou de limpar a superfície do banco com uma pequena escova de mão e passou a fazer um outro trabalho à minha direita.

— Sinto ser bitolado, disse eu, virando o meu tamborete. — Mas o que sobra para ser feito? Parece-me que a empresa toda está correndo bem. Suponho que você esteja se referindo ao desenvolvimento de outras Walden — seu programa de expansão.

— Não quero dizer nada disso. Isso será interessante observar, mas não tomarei parte ativa. Espero continuar em Walden II.

— Mas o que sobra para ser feito em Walden Dois? Pelo que eu vejo, seu trabalho está praticamente terminado. A comunidade é auto-suficiente em prover uma vida interessante e satisfatória para todos.

Frazier explodiu de raiva.

— Você pensa que eu me satisfaria com *isto*? — gritou ele. — Você acha que eu me contentaria com um conjunto de condições culturais dentro das quais a humanidade estivesse em *equilíbrio*? Uma

cultura bem sucedida nesse sentido é apenas o começo — o fruto mínimo de uma tecnologia comportamental.

— Mas, certamente, significa uma boa realização quando você considera a situação do mundo hoje.

— O mundo é um padrão pobre. Qualquer sociedade sem fome e sem violência parecerá esplêndida contra este fundo. Mas viva em Walden II cerca de um mês e você terá novos pontos de vista. Você afastará o pessimismo que preenche as profundidades do abismo em que nós estamos afundados e começará a ver as potencialidades do homem. Começará a esperar grandes coisas dos homens e ver a possibilidade de consegui-las também.

— Você realmente seria feliz num mundo estático, não importa quão satisfatório fosse noutros aspectos? — continuou Frazier. — De jeito nenhum! E nem você quereria construir a felicidade geral para todos sob condições estáticas. Nunca nos devemos livrar dessa urgência febril de levar adiante, que é o dom salvador da humanidade.

— Essa urgência febril nos colocou em uma boa confusão, disse eu.

— De fato. E esta é uma outra razão pela qual não podemos estar satisfeitos numa cultura estática. Há trabalho a ser feito, se pretendemos sobreviver. Ficar parado significaria perecer. A discrepância entre o poder técnico do homem e a sabedoria com que ele o usa vem crescendo notavelmente de ano para ano. Tornamo-nos conscientes disso quando uma explosão atômica aumenta a brecha, mas a separação vem aumentando progressivamente há muito tempo. Não é solução colocar freios na ciência até que a sabedoria e a responsabilidade do homem se nivelem. Tão assustador quanto isso pode parecer — tão louco quanto possa parecer a uma alma contemplativa — a ciência precisa continuar. Não podemos colocar os nossos foguetes e pilhas atômicas em museus — como as locomotivas em "Erehwon". Mas devemos elevar os homens ao mesmo nível. Não podemos recuar, mas devemos endireitar as linhas. Devemos reforçar os setores fracos — as ciências comportamental e cultural. Precisamos de uma poderosa ciência do comportamento.

— Qualquer homem sensível deve saber por que a ciência é mal usada, Burris. Veja a educação moderna e o apoio financeiro e moral ridículo que recebe! Veja a cultura média da comunidade

americana! Veja a maquinaria do governo! Onde, entre eles, você pode esperar encontrar os transmissores da sabedoria? Mas espere até que desenvolvamos uma ciência do comportamento tão poderosa quanto a ciência do átomo e você verá a diferença.

— Sim, mas você não vai conseguir uma ciência do comportamento simplesmente desejando-a. Necessitará mais do que feitos de gênio. Você precisa ter um suporte financeiro. Precisa ser capaz de atrair e manter o entusiasmo e energia de homens talentosos. Precisa ter material para muita pesquisa. Pense no que é necessário para o desenvolvimento realmente em grande escala da ciência do comportamento!

Frazier riu francamente.

— Meu caro colega, disse afinal, você não pode ver que as suas especificações são precisamente as de Walden II?

Prendi meu fôlego e fixei-o.

— Vou confiar-lhe um segredo, continuou, abaixando a voz, dramaticamente. Você acabou de descrever o *único* lado de Walden II que realmente me interessa. Tornar os homens felizes, sim. Fazê-los produtivos para assegurar a continuação dessa felicidade, sim. Mas o que mais? Ora, *tornar possível uma ciência genuína do comportamento humano!* Essas coisas não são para o laboratório, Burris. Não são "questões acadêmicas." Que expressão apropriada! São questões que dizem respeito às nossas próprias vidas! Nós só podemos estudá-las numa cultura viva e, ainda, numa cultura sob controle experimental. Nada menos do que Walden II será suficiente. Deve ser um mundo real, este nosso laboratório, e nenhuma fundação pode comprar uma fatia disso.

Frazier soltou a escova que estava usando e enfiou a mão no bolso com força. Manteve-se rígido como se concentrasse toda a sua energia no discurso.

— O que sobra para ser feito? — disse ele com os olhos faiscantes. — Bem, o que me diz de projetar personalidades? Isso interessaria você? O controle do temperamento? Dê-me as especificações, e lhe darei o homem! O que me diz do controle da motivação, construindo os interesses que tornarão os homens mais produtivos e melhor sucedidos? Isso lhe parece fantástico? No entanto, algumas das técnicas já estão disponíveis e pode conseguir-se mais experimentalmente. Pense nas possibilidades! Uma sociedade na

qual não haja fracasso, não haja aborrecimento, não haja duplicação de esforço!

— E quanto ao cultivo de capacidades especiais? Sabemos alguma coisa sobre as circunstâncias da vida de uma criança que lhe fornecem uma mente matemática? Ou que faz com que seja musical? Quase absolutamente nada! Essas coisas são atribuídas a acidentes ou à hereditariedade. Eu tenho uma visão mais otimista: podemos analisar o comportamento real e projetar experimentos para descobrir como gerá-lo em nossos jovens. Oh, nossos esforços parecerão muito primários daqui a cem anos. Podem parecer primários já agora, para as almas expansivas. Mas temos que começar. Não há virtude no acidente. Vamos controlar as vidas de nossas crianças e ver o que podemos fazer delas.

Frazier começou a andar para a frente e para trás com as mãos ainda enfiadas nos bolsos. Meu palpite é — e quando eu o sinto dessa maneira, ele nunca é errado — que nós finalmente descobriremos não o que faz duma criança um matemático, mas como fazer melhores matemáticos! Se não pudermos resolver o problema, podemos criar homens que o possam! E melhores artistas! E melhores artesãos! — Riu e acrescentou calmamente: — E melhores behavioristas, espero!

— E o tempo todo, estaremos melhorando nosso plano social e cultural. Sabemos quase nada sobre as capacidades especiais do *grupo*. Todos nós sabemos que há problemas que não podem ser resolvidos individualmente — não só por causa das limitações de tempo e energia, mas também porque o indivíduo, não importa quão extraordinário seja, não pode dominar todos os aspectos, não pode ter pensamentos suficientemente grandes. A ciência comunal já é uma realidade, mas quem sabe até onde pode ir? Autoria comunal, arte comunal, música comunal — essas já são exploradas para fins comerciais, mas quem sabe o que pode acontecer sob condições mais livres?

— O problema de uma estrutura eficiente de grupo é suficiente para absorver o interesse de qualquer um. A organização de uma comissão de cientistas ou um grupo de escritores está ainda longe do que poderia ser. Mas nos falta controle no mundo lá fora para investigar estruturas mais eficientes. Aqui, ao contrário — aqui podemos começar a entender e construir o Superorganismo. Podemos construir grupos de artistas e cientistas que agirão tão harmoniosa e

eficientemente quanto um time campeão de futebol.

— E o tempo todo, Burris, estaremos aumentando o poder da comunidade, mais e mais. Parece-lhe pouco razoável estimar que a eficiência atual da sociedade está na ordem de uma fração de um por cento? Uma *fração de um por cento!* E você pergunta o que sobra para ser feito! Ele parou, por um momento, lançou um olhar para o relógio e foi em direção à porta.

— Vamos sair daqui! — disse ele, abrindo completamente a porta com o pé.

Eu tinha alguma dificuldade em acompanhar Frazier enquanto ele andava entre os pinheiros em direção aos edifícios principais. Ficou claro que ele não ia se juntar ao nosso grupo porque virou à esquerda, na direção da Colina de Pedra. Eu o segui pelo atalho batido, que levava aos bosques, e depois de uma subida, afastamos os galhos mais baixos. Em poucos minutos, chegamos a uma forte cerca de reseda amarelo, com um arame farpado por cima. Frazier agarrou a cerca do lado de um pilar e deu um puxão para cima. A cerca cedeu e afastou-se do pilar. Passamos por entre o arame farpado, reolocamos a cerca no lugar e continuamos andando tão rapidamente quanto os arbustos permitiam.

O topo da pedreira apareceu de repente a nossos pés e eu recuei alarmado com o precipício à nossa frente. Frazier andou tranquilamente pela borda até um banco de musgo, onde se deitou de comprido. Segui mais cuidadosamente e sentei-me a uma boa distância da margem, respirando ofegante da escalada rápida. Logo Frazier sentou-se. Tirou um pequeno telescópio de seu bolso e ajustou-o cuidadosamente.

— Chamamos este lugar de "Trono", disse ele, ajustando a lente ao olho. Praticamente, toda Walden II pode ser vista daqui.

Eu subo aqui ocasionalmente para me manter em contato com as coisas. Exatamente agora estou vendo a fundação de um novo armazém logo ao norte da garagem. Eles parecem estar armando o fim do concreto esta manhã. E ali está Morrison novamente no chiqueiro. Mais inseminações, acho. E logo ali... um carregamento de couve crespa para o aviário... O gado está longe no pasto hoje. Por que será?... E ali está o carteiro lutando com seu velho Ford pela colina. Nosso rapaz deveria... sim, ali está ele... esvaziando a caixa na cesta de sua bicicleta... O milho parece bom. Acho que nós poderemos irrigar sempre dessa maneira. Isso economizaria muito. . . Algo parece errado com o cultivador. Parando e recomeçando. Não, lá vai ele. Não, está parando de novo. Alguém tendo uma aula, imagino... Ali está a velha senhora Ackerman passeando novamente. E deve ser Esther com ela.

Isso tinha começado como um relato para mim, mas terminou num murmúrio. Aparentemente, Frazier tinha se esquecido de mim. Finalmente, tirou a lente do olho, desmontou-a e colocou-a no bolso. Troquei de posição para chamar sua atenção e pensei vê-lo estremecer.

Ele riu nervosamente.

— Nenhum pardal cai, disse, acariciando o vidro em seu bolso. Ele riu novamente.

Estávamos em silêncio quando ele se deitou novamente no chão.

— Deve ser uma grande satisfação, eu disse finalmente. Um mundo de sua própria autoria.

— Sim, disse ele, olho o meu trabalho e, veja, ele é bom.

Ele estava deitado de costas com os braços abertos. Suas pernas estavam retas, mas os joelhos estavam ligeiramente cruzados. Deixou a cabeça pender molemente para um lado, e eu pensei que a barba tornava-o um pouco parecido com Cristo. E então, com um choque, vi que ele tinha assumido a posição de crucificação. Eu estava extraordinariamente pouco à vontade, meu coração estava ainda palpitando de minha escalada rápida e do meu susto quando alcançamos o precipício. E, por tudo que sabia, o homem a meu lado devia estar ficando louco.

— Assim você não pensa que é Deus, disse hesitantemente, esperando esclarecer a questão.

Ele falou da posição incômoda em que sua cabeça se encontrava naquele momento.

— Há uma curiosa semelhança, disse ele.

Sofri um momento de pânico.

— Consideravelmente menos controle no seu caso, imagino, disse eu, tentando adotar um tom casual.

— De jeito nenhum, respondeu, olhando para cima. Pelo menos, se acreditarmos nos teólogos. Pelo contrário, é o oposto. Você deve se lembrar de que os filhos de Deus sempre o estão desapontando.

— Ao passo que você está no comando completo. Bem, felicito-o.

— Eu não digo que nunca fique desapontado, mas imagino que o fico com frequência muito menor do que Deus. Afinal, olhe o mundo que *Ele* fez.

— Uma piada é uma piada, disse eu.

— Mas eu não estou fazendo piada.

— Você quer dizer que pensa que é Deus? disse eu francamente, decidindo abrir o jogo.

Frazier fungou de desgosto.

— Eu apenas disse que era uma similaridade curiosa, ele disse.

— Não seja absurdo.

— Não, realmente. O paralelo é muito fascinante. Nosso amigo Castle está preocupado com o conflito entre a ditadura a longo prazo e a liberdade. Não sabe que está simplesmente levantando a velha questão de determinismo e livre arbítrio? Tudo o que acontece está contido num plano original, ainda que, a cada estágio, o indivíduo pareça estar fazendo escolhas e determinando a saída. O mesmo se aplica em Walden II. Nossos membros estão praticamente sempre fazendo o que *querem* fazer — o que eles *escolhem* fazer — mas nós cuidamos para que eles queiram fazer precisamente as coisas que são melhores para eles e para a comunidade. Seu comportamento é determinado, ainda que eles sejam livres.

— Ditadura e liberdade — determinismo e livre arbítrio, continuou Frazier. O que é isso senão pseudo-questões de origem lingüística? Quando perguntamos o que o Homem pode fazer do Homem, nós não queremos dizer a mesma coisa por "homem" em ambos os casos. Queremos perguntar o que alguns poucos homens podem

fazer da humanidade. E esta é a questão central do século XX. Que tipo de mundo podemos construir — nós que entendemos a ciência do comportamento?

— Então Castle estava certo. Você é um ditador, afinal.

— Não mais do que Deus. Ou menos. De um modo geral, deixei as coisas correrem. Nunca dei um passo para apagar os maus trabalhos dos homens com um grande dilúvio. E nem mandei um emissário pessoal para revelar o meu plano e pôr o meu povo de volta no caminho certo. A intenção original considerou os desvios e providenciou correções automáticas. É uma melhora sobre o Gênese.

— A blasfêmia não lhe fica bem, Frazier. Não é seu estilo.

— Então, deixemos a teologia para lá. Eu não quero blasfemar. Mas também não estou dizendo besteira. Os talentos competitivos que tornaram o homem proeminente — até chegar à invenção da bomba atômica — não são suficientes para o passo que ele deve dar a seguir. Sendo competitivos, são incompatíveis com o bem de toda a humanidade. O maior dom do homem emergiu de uma luta pela sobrevivência e este fato deixou a sua marca brutal. Os que sobrevivem destruíram e eles não sobreviveram incólumes. Justificamos nossa inclinação para a guerra argumentando que, de outro modo, teríamos sido destruídos, mas isso não passa de outra maneira de dizer que queremos as coisas à nossa maneira. E nosso sucesso nos encoraja a ser mais e mais agressivos. Mas a própria natureza da luta pela sobrevivência não pode dar origem a uma inteligência não-competitiva.

— Mas você adquiriu e desenvolveu a tecnologia comportamental responsável por Walden II numa cultura competitiva. Você estava operando sob o princípio da sobrevivência do mais apto.

— Claro! Ninguém é mais competitivo — mais agressivo — do que eu. Ele conteve-se e acrescentou: — Exceto quando estou seguindo o código de Walden II, naturalmente.

— Então, a velha vida deve ter contido a semente da nova, disse eu. Havia um só plano, e não era o seu. Ao invés disso, você era meramente parte dele. Um instrumento, se você quiser. Eu senti a mesma inconsistência em nossa discussão sobre natureza humana. Você disse que não tinha fé na bondade inata do homem e não precisava de nada disso em Walden II. Você é, afinal, um homem

ainda. Argumentou que um governo que deixa os homens sozinhos, confiando em sua bondade, não poderia chegar a uma cultura satisfatória. Você mesmo chegou a isso. Você é fruto do sistema que você condena como infrutífero.

— A ciência do comportamento está cheia de tramas assim, disse Frazier. — É a ciência da ciência — uma disciplina especial relacionada com falar sobre o falar e saber sobre o saber. Bem, há uma trama motivacional também. A ciência em geral emerge de uma cultura competitiva. A maioria dos cientistas ainda é inspirada pela competição ou, pelo menos, sustentada pelos que o são. Mas quando você chega a aplicar os métodos da ciência ao estudo especial do comportamento humano, o espírito competitivo comete suicídio. Descobre o fato extraordinário de que para sobreviver devemos, em última análise, *não* competir...

— Isto é um pouco escorregadio, Frazier. É ainda verdade que o velho mundo produziu alguma coisa. Você não pode contornar isso saindo da corrente principal e declarando estar na posição de co-criador.

— Talvez eu devesse conceder a Deus o primeiro ponto por antiguidade, disse Frazier com um sorriso. Parou inesperadamente, como se as conseqüências não lhe agradassem. — Se bem que possa declarar, continuou ele com algum entusiasmo — que eu fiz um enunciado mais explícito de meu plano. Eu poderia declarar um controle mais *deliberado*. A evolução da inteligência humana pode não ter sido planejada deliberadamente. O estado final de coisas pode não ter sido previsto. Talvez estejamos meramente lendo um plano no mundo depois do fato consumado. Mas não há dúvida nenhuma de que Walden II tenha sido planejada antecipadamente como ela viria a ser. De muitas maneiras, a criação real de Walden II estava mais próxima do espírito de cosmogonia cristã do que a evolução do mundo segundo a ciência moderna.

— Estamos de volta aos teólogos, novamente, disse eu rindo, e por bons motivos. Como eles, você não é indiferente ao poder. Usando um termo do qual não gosto profissionalmente, você tem um considerável complexo de Deus.

— É claro que não sou indiferente ao poder! — disse Frazier com calor. E gosto de brincar de Deus! Quem não o faria sob essas circunstâncias? Afinal, homem, até Jesus Cristo pensou que

era Deus! Ele me fixou em silêncio, como para ver se eu tinha entendido todo o significado de sua observação. Ele não estava me desafiando e não havia insinuação de blasfêmia. Seu tom tinha sido quase devoto. Falava como se Jesus fosse um honorável colega cujas descobertas técnicas ele tinha na mais alta estima. Havia uma implicação também que eu não quis questionar, de que a sua própria realização lhe tinha dado o entendimento dos problemas pessoais de um grande reformador, uma simpatia para a fraqueza que estava além do meu alcance. Eu só pude julgá-lo com muitas dúvidas.

Puxou novamente o telescópio e começou a examinar vários detalhes de seu trabalho. Ouvimos um leve barulho na direção do gramado e ele focalizou a lente, mas a vista ficava oculta pela construção principal. Continuou a espreitar pela lente por vários minutos.

— Há outro ponto de similaridade, disse ele afinal, quando viu que eu não ia falar. Não sei se você entenderá isto, Burris. Eu acho que você vai rir. Mas tente esquecer o seu cinismo profissional. Ele soltou o telescópio e hesitou por um momento. Com um gesto largo, englobou Walden II toda.

— Estes são meus filhos, Burris, disse ele quase num sussuro. Eu os amo.

Ele se levantou e começou a voltar pela margem. Segui cuidadosamente. Ele virou em direção aos arbustos e esperou que eu o alcançasse. Estava embarçado e um tanto confuso.

— O que é amor? — disse ele com um encolher de ombros. — A não ser um outro nome para o uso do reforçamento positivo?

— Ou vice-versa, disse eu.

O barulho no campo crescia, à medida que descíamos a colina do trono. Os carneiros estavam balindo, Bispo latia furiosamente e, de tempos em tempos, alguém gritava. Quando terminamos de contornar a construção principal, vimos que um dos carneiros tinha escapado do aprisco portátil. Bispo estava usando táticas de envolvimento para levá-lo de volta, mas o fio de demarcação parecia igualmente formidável de ambos os lados e sempre que o carneiro se aproximava da cerca, se desviava numa nova fuga. Na excitação, o resto do rebanho tinha-se comprimido no canto mais afastado e outros carneiros estavam sendo forçados contra o fio. Vários homens e mulheres tinham formado um círculo para mantê-los juntos. Todo mundo parecia estar esperando uma figura que se aproximava do aprisco vindo do regato. Quase me meti na emergência, mas Frazier segurou meu braço e paramos a alguma distância.

— Não funciona, mesmo com carneiros, você vê? — disse ele.

— O que?

— Punição. Reforçamento negativo. A ameaça da dor. É um princípio primitivo de controle. Enquanto mantivemos a cerca eletrificada, não tivemos problema — uma vez que as necessidades

dos carneiros foram satisfeitas. Mas, se afrouxamos, mais cedo ou mais tarde, haverá problemas.

Eu estava tocado pelo seu desprendimento. Frazier estava obviamente muito mais preocupado com o princípio aplicado do que com o carneiro que escapara.

— A sociedade não se pode converter ao reforçamento positivo no controle de seus carneiros, disse eu, impaciente.

— Não poderia, replicou ele seriamente. Não poderia se converter, porque não está criando carneiros para o bem dos carneiros. E não tem reforçamento positivo líquido a oferecer. Nada menos do que uma cerca intransponível ou punição freqüente controlará os explorados.

— O fio funciona muito bem. Algo deve ser dito quanto à punição.

— Absolutamente não funcionaria, exceto pelo Bispo. E o Bispo *não* é controlado por punição. Um cão pastor tem forte inclinação para reunir o rebanho — por definição. O Bispo *quer* manter nossos carneiros no aprisco — é sua vida. E nós o alimentamos e o abrigamos e cuidamos da reprodução de sua espécie, porque ele quer fazer o que nós queremos que seja feito. É como o gato numa mercearia — tanto o gato quanto o dono da loja querem o fim dos ratos. É uma espécie muito satisfatória de simbiose.

O homem chegou do pasto e estava restabelecendo a ordem. Bispo foi chamado, um pedaço do fio foi afastado e o carneiro fujão foi novamente colocado no aprisco.

— A cooperação do homem e do cão é muito diferente da escravidão do homem e das bestas, disse Frazier. Quando é que a sociedade entre o homem e o homem será classificada da primeira forma em vez da segunda?

Ouvimos alguém rindo e voltamo-nos para descobrir que Castle tinha observado o incidente de um dos bancos contra a parede do edifício. Riu novamente com um jeito forçado, quando viu que nós o tínhamos localizado.

— A revolta dos anjos! — gritou, quando se levantou e veio em nossa direção, mantendo seu pálido divertimento. Olhei Frazier e vi que estava aborrecido. Castle conseguiu forçar uma outra gargalhada quando se juntou a nós.

— Sua engenharia comportamental, Sr. Frazier, disse ele, engolindo dificilmente como se tivesse sido chocado, pode funcionar muito bem até um ponto. Mas não posso dizer que seja perfeita — não ainda, de qualquer modo. Riu novamente, com algum esforço.

Frazier me olhou como que para se assegurar que eu tivesse entendido e então levantou os ombros e foi embora sem uma palavra.

Castle ficou espantado. Ficou surpreendentemente corado quando viu a retirada de Frazier.

— Eu pensei que ele fosse mais resistente do que isso, disse ele. Não é capaz de aceitar uma piada? Eu não entendo. Eu, absolutamente, não entendo.

— Fico surpreso em ouvir você admitir que não entende, disse eu calmamente e com muita satisfação.

Soubemos, de Steve, quando nos reunimos para o almoço, que um caminhão da comunidade nos levaria em nossa primeira etapa de nosso caminho para casa. A hora de partir não estava longe e começamos a almoçar sem Frazier, que não tinha aparecido. Castle parecia pensar que Frazier estava aborrecido com ele. Contou novamente o episódio do carneiro com grande alegria e traçou um paralelo com Walden II como um todo. Era bastante hábil, mas fundamentalmente desonesto. Segui o exemplo de Frazier e não disse nada.

Voltamos a nossos quartos para pegar a bagagem e então esperamos no gramado. Um caminhão subiu a estrada vindo do celeiro e Steve correu a seu encontro e subiu. Quando o veículo parou, ele abaixou a traseira com um ar divertido de propriedade e começou a carregar as malas. O caminhão continha meia dúzia de fardos de palha que deviam ser entregues no caminho. Tinha sido colocada uma grande lona sobre os fardos, para proteger nossas roupas.

Ficamos parados, pouco à vontade, esperando Frazier. Steve correu para procurá-lo nos fundos do prédio e precipitou-se então pelos jardins de flores para olhar pelas janelas dos quartos comuns. Então decidiu procurar na sala de jantar, mas encontrou-se com Fra-

zier na porta. Frazier pôs uma mão sobre seu ombro e eles vieram a nós juntos. Comecei a expressar nossos agradecimentos, mas Frazier me lembrou dos créditos de trabalho e do Código de Walden II. Apertou a mão de Rodge e Bárbara e ajudou-nos a subir. Virou-se então para Castle e deu-lhe a mão amigavelmente.

— Sr. Castle, disse ele, você nos deu furiosamente o que pensar.

Castle parecia quase envergonhado. Respondeu do mesmo modo, à maneira amigável de Frazier e eles apertaram as mãos por um tempo desnecessariamente longo. Castle subiu desajeitadamente no caminhão com um grunhido pesado.

Frazier virou-se para mim. Estava tranqüilo e casual, e estendeu a mão com um sorriso. Indicou levemente com a cabeça em direção a Castle, como se houvesse um entendimento secreto entre nós.

— Volte, disse calmamente, quando apertávamos as mãos. Eu fiz um gesto vago com a cabeça e subi no caminhão.

Steve e Mary entraram. Steve levantou a traseira e fez um sinal ao motorista e o caminhão começou a se mover lentamente em direção à estrada.

Frazier ficou por longo tempo agitando os dois braços perdidamente no ar.

Acomodamo-nos num conforto primitivo entre os montes de palha. Era um caminhão aberto, mas tinha um toldo fazendo as vezes de teto.

Quando o caminhão se arrastava lentamente pelo declive em direção aos pinheiros, balançando suavemente de um lado para outro, eu me vi por um momento num vagão coberto atravessando uma planície sem rumo. Estávamos todos tocados pela despedida e ficamos em silêncio até que alcançamos a estrada principal. Então, com o caminhão a ganhar velocidade e com o barulho do toldo se agitando ao vento, reanimamo-nos e sentimo-nos em férias.

Meia hora depois, entramos numa cidadezinha e paramos num restaurante sujo que servia de estação de ônibus. Mal tínhamos decidido, chegou o ônibus. Steve lhe fez um sinal para parar e, enquanto nossas malas eram guardadas, despedimo-nos dele e de Mary. Foi tudo rápido e talvez fosse melhor assim. Rodge prometeu voltar para ser padrinho de casamento e Bárbara expressou a sua desolação em não poder vir também. Steve apertou minha mão, agrade-

cido, e com força incrível. Castle entrou no ônibus e então, com cavalheirismo, voltou para permitir a Bárbara entrar à sua frente. Na confusão, o motorista achou difícil vender os bilhetes e dar o troco às pessoas certas e não escondeu a sua impaciência.

O ônibus estava quase cheio. Eu me comprimi pelo corredor e achei um lugar sozinho no fundo, de onde podia acenar para Steve e Mary pela janelinha. Aproximei meu rosto do vidro para me assegurar de que eles identificariam a minha mão.

Gostei de estar sozinho. Bem na frente do ônibus, Castle ocasionalmente se voltava para falar com Rodge e eu estava contente em não poder ouvi-lo. Queria solidão e tempo. Desde a manhã, tinha evitado com sucesso pensar em minha relação com Walden II, mas isso não podia continuar para sempre. E, por algum motivo, eu me sentia angustiado. Minha ansiedade aumentava firmemente. O ônibus que subia, descia e virava tão graciosamente ao longo da estrada podia ter sido a própria carruagem alada do Tempo. Não mais às minhas costas, mas me levando cada vez mais dentro do futuro, à medida em que Walden II ficava para trás. Chegamos à cidade surpreendentemente rápido e Castle e eu carregamos nossas malas uns dois quarteirões até a estação ferroviária. Eu estava novamente a sós com ele, porque Bárbara tinha telefonado a uns amigos e ela e Rodge ficariam para pegar o trem da noite.

Na sala de espera, Castle resumiu uma arenga intermitente. De certo modo, ele estava mais absorvido em Walden II do que eu, porque os detalhes mais triviais sugeriam comparações. Suas observações audíveis eram freqüentemente incoerentes e eu só lhes captava o sentido adivinhando o enérgico discurso silencioso por trás delas. Ainda não estava livre da mágica de Frazier, mas tinha chegado a uma decisão, e a defendia. De todos os pontos de vista — lógico, psicológico, fatural — Walden II lhe parecia obviamente impossível. As discrepâncias se desvaneceriam no tempo.

— Por uma coisa, disse ele, você pode estar certo de que alguém "pegará" Frazier antes que as coisas possam ir muito mais longe. Pode ser o governo, pode ser a religião rival ou forças econômicas, ou talvez apenas alguns indivíduos invejosos dentro ou fora da comunidade. Mas alguém o pegará, você pode estar certo disso. Joseph Smith foi assassinado por uma multidão furiosa; Eric Janson

foi baleado por um rival ciumento; John Humphrey Noyes fugiu para o Canadá. Veja a História, homem!

Eu sabia o que Frazier diria a isso. Essas comunidades primitivas não tinham quase nada em comum com Walden II nem nos fatos nem nas teorias. Como se poderia tirar inferências? Frazier tinha visto o perigo de agressão contra Walden II e tinha tomado medidas que deveriam bastar.

A possibilidade de se preparar uma vida satisfatória, estabelecendo o menor contato possível com o governo era o ponto mais brilhante na argumentação de Frazier. Pensei nos milhões de jovens que estavam nesse momento escolhendo lugares numa estrutura social e econômica na qual não tinham fé. Que discrepância entre o ideal e realidade — entre a sua boa-vontade em relação aos homens e a luta competitiva na qual eles deveriam conseguir um lugar! Por que não fariam um mundo próprio?

Este era o lado thoreauano de Frazier e eu o apreciava. Por que combater o governo? Por que tentar modificá-lo? Por que não deixá-lo em paz? Diferentemente de Thoreau, Frazier pagaria seus impostos e compromissos quando necessário. Mas tinha descoberto um caminho para construir um mundo a seu gosto sem tentar mudar o mundo dos outros e eu estava certo de que ele poderia continuá-lo em paz, a menos que o governo desse uma virada monstruosamente despótica.

Nem eu estava pronto a rir dos planos de expansão de Frazier. Sob muitos pontos, ele estava absolutamente certo. As conquistas importantes que faltavam na história da humanidade — o próprio Frazier tinha feito esse apelo à história — tinham sido alcançadas, não através de força, mas através de educação, persuasão, exemplo. O programa de Frazier era essencialmente um movimento religioso libertado de qualquer ligação com o sobrenatural e inspirado pela determinação de construir o céu na Terra. O que poderia pará-lo?

A voz de Castle interrompeu minhas meditações.

— ...engenharia comportamental, estava ele dizendo. Se realmente houvesse uma tecnologia que pudesse manipular o comportamento humano, poder-se-iam levantar algumas questões complicadas. Mas não seria isto crer naquilo que a gente quer que seja verdade?

A evidência, pensei, parecia bastante clara. Frazier tinha relatado algumas inovações nas técnicas comportamentais sobre as quais

eu queria saber mais, mas eu podia imaginar uma tecnologia potente composta dos princípios já usados por políticos, educadores, padres, propagandistas e psicólogos. As técnicas de controle do comportamento humano eram bastante óbvias. O problema era se elas estavam nas mãos das pessoas erradas ou de reformadores fracos. Frazier tinha não só avaliado corretamente esta situação, mas tinha feito algo a respeito. Eu não estava pronto a aceitar as suas práticas educacionais como inquestionavelmente as melhores. O próprio Frazier ainda as considerava experimentais. Mas elas estavam pelo menos bem, num teste crucial, o que era mais do que eu poderia dizer de sua contrapartida no mundo de fora. Sua potência já tinha sido muito claramente demonstrada alhures, em seu mau uso. Frazier tinha toda a tecnologia de que poderia possivelmente precisar.

— ... arregimentação, estava Castle dizendo. Muito inteligentemente disfarçada, mas arregimentação do mesmo jeito. Um tipo curioso de voluntários bobos. Por que é que toda essa gente subcreveria um código ou se submeteria a coerções sutis do Administrador Comportamental? "Não mexerique!" "Leve seus pratos à cozinha!" Isso me lembra um acampamento para meninas bem organizado. Eu lhe garanto que é eficiente. Mas quero ser livre. Nada de códigos, nada de persuasão psicológica. Eu não aceito nenhum dos dois obrigado.

Que enormidade de pecado intelectual de Castle! Poderia ele, realmente, crer que era livre de códigos e de persuasões psicológicas? Poderia considerar a sua vida como uma sucessão de atos deliberados? Ora, ele repartia o próprio cabelo segundo uma convenção.

— O homem é pouco lido, estava Castle dizendo. Pensar-se-ia que ele era o primeiro pensador social da História. Essas coisas são tomadas sob uma luz diferente quando se leu Platão, Rousseau, John Stuart Mills. Frazier precisa de um bom curso de humanidades.

Castle estaria zombando de mim? Um bom curso de humanidades! Ele devia saber de minha reação a isso! Nada me irritava mais rapidamente do que a sugestão de que abandonássemos a ciência ao lidar com os problemas da sociedade. Eu não poderia defender a contento nem nove décimos do que passava por ciência social — mas era melhor ver que alguma coisa era obviamente absurda do que se perder no nevoeiro da filosofia social, que tudo compreende. Eu podia entender a satisfação que homens como Castle podiam

achar em passar de problemas atuais para tratados antigos. Um livro antigo é um alívio bem-vindo para a incerteza e desapontamento que são inevitáveis no estudo científico de um campo novo. A pesquisa histórica pode substituir a investigação científica e nos dar tempo para um cochilo honorável, enquanto fingimos continuar. Felizmente, minha sensação de fracasso pessoal não me havia forçado a tais extremos.

— ... em confronto com a natureza, dizia Castle, o sangue é mais denso do que a água. E o sangue dirá. Você pode negar isso? Onde entra a sua engenharia comportamental nisso? A família tem base *biológica*. — Eu suponho que tenha. E do mesmo modo a "raça". — Pensei em todas as violências que foram cometidas em nome dos "laços de sangue". — Entretanto, à parte do seu papel nas semelhanças físicas, não podia ver como as conexões hereditárias teriam alguma relevância real nas relações entre os homens. Um "sentido de família" dependia claramente da cultura, porque variava em todos os graus entre as culturas. O importante não é que duas pessoas sejam parentes, mas que se lhes tenha dito que eram parentes. É melhor não trazer o assunto à tona. A família era só uma pequena raça e era melhor que desaparecesse. Não era mais uma unidade econômica ou social eficiente ou transmissora da cultura — suas falhas constantes eram cada vez mais evidentes. Uma unidade de outra magnitude deveria dispensar "os laços sanguíneos" como Frazier havia claramente percebido.

— ... não um homem que desperte sentimentos calorosos, estava dizendo Castle. Falta-lhe o toque humano. Eu nunca vi uma vaidade tão colossal. O homem se colocou lá em cima como um pequeno deus de barro. Barro, ou qualquer outra coisa, eu tinha superado isso tudo e estava certo de que Castle não tinha nada a oferecer. Frazier tinha, pensava eu, avaliado a si próprio corretamente. Sua avaliação era acurada, embora nem sempre de bom tom. Eu tinha aprendido a tolerar seus maneirismos e eles não me aborreciam mais. De fato, de certa forma, tinha começado a gostar dele. Ele não era má companhia. É verdade, meu ego ficava ferido aqui e ali, mas eu tinha mantido o meu auto-respeito e a maioria de minhas opiniões. Podia até mesmo estar ansioso por vê-lo novamente.

Castle se desculpou e foi até o meio da sala de espera. Olhou as portas e os letreiros e, localizando o que estava procurando, enca-

minhou-se naquela direção. O ritmo e o teor dos meus pensamentos mudaram. Imediatamente, uma espécie de ordem desceu sobre meus pensamentos. Castle tinha-me induzido a defender Frazier em Walden II e agora que ele se tinha levantado, eu percebi que meu pensamento tinha tomado uma direção. Eu tinha evitado o empate. Com um pouco mais de tempo poderia chegar a alguma decisão positiva.

De repente, eu me vi do outro lado da sala de espera, arremessando minha mala sobre um guichê onde se lia "Depósito de bagagem". Chamei a atenção de um menino que estava perto das prateleiras, coloquei uma moeda ao lado da mala e pedi-lhe que guardasse o bilhete. Na rua, fui até a esquina mais próxima e depois me afastei da estação.

Fui num passo lento e passei por vários blocos de armazéns sombrios. Emergi numa área iluminada na qual filas de lojas decadentes tinham sido convertidas em esqualidos quarteirões residenciais. Crianças sujas brincavam em ruas sujas, mulheres rudes inclinavam-se sobre o peitoril das janelas, homens abatidos formavam grupos taciturnos. Mas não fiz comparação com Walden II. O contraste era demasiado para caber no delicado jogo de forças em minha mente. Walden II nada tinha em comum com a devassidão humana à minha frente agora. Era absurdo perguntar que vida se escolheria se estas fossem as alternativas.

Cheguei a uma avenida e segui para uma parte mais agradável da cidade. Levou-me a um pequeno parque e me sentei num banco para descansar.

Logo me achei lendo, absorto, uma página do jornal que estava no banco a meu lado. O cabeçalho me trouxe de volta à realidade:

DIGNIDADE DO HOMEM BACHARELADO ENVIE ENSAIO

Peguei o jornal. O presidente de minha universidade tinha estado na cidade fazendo a sua mais recente versão de um discurso-padrão. O artigo era reescrito em moldes jornalísticos e mal apresentado, mas seria difícil estragar seriamente uma montagem tão

notável de clichês. O tema era "A Tarefa da Educação no Mundo do Pós-Guerra" e frases como "encorajar iniciativas individuais", "contribuição para o homem total", "estimular um espírito de investigação", "fomentar uma mente aberta" e "restaurar a dignidade da alma humana", estavam amontoadas. Como sempre, eu não sabia o que essas alocações queriam dizer, se bem que experimentasse uma nebulosa sensação de concordância. Até o ponto em que elas tinham algum significado, pareciam se referir a objetivos válidos. Mas, num ponto, minha reação era definida: era óbvio que ninguém, e o orador menos que todos, tinha a noção de como trabalhar para consegui-los.

Como professor, eu tinha dedicado pouca reflexão à filosofia da educação. Lecionar era um trabalho a ser feito sem benefício de perspectiva ou programa. Eu sei, como todos os professores sabem, que a educação era inadequadamente fundada. Talvez não fosse culpa dela, mas certamente das técnicas superadas. Ademais, a educação estava completamente confusa quanto ao seu lugar no mundo do futuro. Não poderia inspirar a sensação de pertencer a um movimento, não havia nenhum '*esprit de corps*'. Eu não obtinha satisfação com as tentativas atavísticas ou nostálgicas de reconstruir a era anterior, talvez mais feliz e, assim, me contentava em fazer o trabalho do dia a dia.

Agora, recém-saído de minha experiência em Walden II, via que isso não podia continuar. Mas também via que os próprios educadores não podiam salvar a situação. As causas eram demasiado profundas, demasiado remotas. Envolviam toda a estrutura da sociedade. O que era necessário era uma nova concepção de homem, compatível com nosso conhecimento científico, que levasse a uma filosofia da educação relacionada de alguma forma com as práticas educacionais. Mas para conseguir isso, a educação teria que abandonar as limitações técnicas que se tinha imposto e elevar-se à esfera mais ampla da engenharia humana. Nada menos do que a revisão completa da cultura seria suficiente.

Deixando cair o jornal no chão, renunciei aos vínculos com um passado insatisfatório. Era bastante claro que não poderia fazer nada com ele. Eu voltaria a Walden II. Não lembro realmente de ter chegado a uma decisão. Eu, simplesmente, sabia, afinal, que havia apenas um curso de ação à minha frente. O assunto tinha

provavelmente sido determinado há dias — desde o começo, diria Frazier — mas, de repente, eu estava ciente disso. Eu sabia o que ia fazer.

Fiquei imóvel por muito tempo, estranhamente exausto. Acabei me interessando por uma figura esfarrapada, esparramada no banco à minha frente e contemplei, fascinado, os sapatos através de cujos furos na sola se via um forro de jornal. Gradualmente, a necessidade prática de voltar a Walden II foi se manifestando e eu concebi a noção fantástica de estar voltando. Não estou certo de não ter considerado a possibilidade de voltar a pé. Com certeza, eu tinha em mente alguma espécie de peregrinação religiosa — algum ato de expiação. Mas o ponto principal era que eu queria fazer a minha volta tão fisicamente evidente quanto possível, além de qualquer possibilidade de dúvida. Uma longa, exaustiva marcha forçada parecia ser o único caminho.

Eu me lembrei da mala do "Depósito de Bagagem", e comecei a caminhar de volta à estação. Eu me perguntava como Castle teria reagido a meu desaparecimento. Provavelmente, não tinha ficado alarmado e nem mesmo intrigado. Eu estava certo de que ele não estaria me esperando, porque estava ansioso para voltar à universidade. Entrei na estação cautelosamente e fiz uma observação rápida da sala de espera. Ele se tinha ido. Com segurança maior, recuperei a minha mala e levei-a para o "Departamento de Entregas". Tirei a minha única camisa limpa, o par de meias, meu barbeador, minha escova de dentes e algumas outras coisinhas. Enrolei tudo numa trouxa e improvisei uma espécie de mochila com uma corda fornecida pelo despachante. Despachei a mala para Kenton para que ali fosse guardada até que eu a pedisse de Walden II.

Havia algo quanto à trouxinha às minhas costas comparada com a mala pesada da qual eu tinha acabado de me livrar, que me enchia de uma sensação hilariante de liberdade. Eu estava "viajando leve" e isso parecia significar uma certa euforia. Tive responsabilidade suficiente para voltar à estação e devolver o meu bilhete não usado, mas esse seria o meu último ato responsável por muito tempo.

Quando saí do guichê, ocupado em ajustar a minha mochila, tropecei em uma prateleira de livros. Levantei a prateleira e co-

mecei a ir embora, mas alguma coisa chamou minha atenção; detive-me e apanhei uma cópia de *Walden* da prateleira. Era uma edição em papel barato que eu enfiei facilmente no bolso. Paguei ao vendedor um quarto de dólar, refletindo que Thoreau teria se deliciado com o preço e fui-me, sentindo uma franca satisfação pelo bom agouro.

Saindo da estação, passei pelo guichê de telegramas. Por um momento fugaz, lembrei-me da universidade. Deveria pelo menos dar a notícia de minha deserção? Encostei-me no guichê sentindo-me como às vezes me sinto depois de ter visto um herói particularmente alegre num filme. Peguei um lápis e comeci a balançá-lo pela corrente que o prendia enquanto considerava os termos da minha mensagem. Uma funcionária jovem e bonita empurrou um bloco de papel branco pelo guichê em minha direção e ficou me olhando. Parecia sentir a minha extraordinária autoconfiança.

Lancei-me ao trabalho e escrevi o nome e o endereço do reitor em letras de forma. E, então, negligenciando o estilo telegráfico padrão e lutando para controlar o meu abandono eufórico, escrevi, lenta e muito cuidadosamente:

MEU CARO REITOR MITTELBACH PT VOCÊ PODE
PEGAR A SUA ESTÚPIDA UNIVERSIDADE. . .

A linda funcionária, atrás do guichê, lia a mensagem de cabeça para baixo com uma habilidade profissional. Adivinhou também as palavras que se seguiram, pois num tom agradável mas profissionalmente padronizado, cantou "Eu sinto muito, mas não podemos aceitar esse tipo de mensagem".

O tempo não estava particularmente apropriado para a minha peregrinação de volta a *Walden II*. Teria estado de acordo com meu estado de espírito se estivesse começando a chover ou pelo menos se a noite estivesse caindo. Eu queria dar combate a um elemento. Mas era uma tarde normal, não heróica, um tanto quente. Além disso, tomou-me mais de uma hora sair da cidade e é difícil captar a atmosfera de uma missão importante quando se vai andando pela calçada.

Afinal, saí da cidade e comecei a me sentir devidamente conspícuo, como figura solitária. Fui pelo acostamento do lado esquerdo da estrada e mantive grandes passadas rítmicas que tentei evitar quebrar a todo custo. Poucos carros diminuíam a marcha para me oferecer carona, mas eu acenava a todos e sacudia a cabeça de modo exagerado, numa recusa que podia ser claramente entendida à distância.

Sentia o sangue quente correr em minhas veias. Isso era o que eu realmente queria. Eu "estava na minha" afinal e, à frente, um futuro à minha feição.

Num impulso súbito, puxei a cópia de *Walden* e virei na última página. Sempre tinha pensado no último parágrafo como um defeito do livro. Seu misticismo aparente e sua obscuridade eram diferentes do resto e bastante não-Thoreau. Mas agora eu sabia que entenderia cada palavra e continuei andando, lendo com excitação febril:

"Eu não digo que John ou Johnathan vão realizar isso tudo; mas tal é o caráter deste amanhã que a simples passagem do tempo nunca poderá fazê-lo surgir. A luz que cega os nossos olhos é como a escuridão. Só nasce o dia para o qual estamos acordados. Há mais dias para nascer. O sol não é, senão, uma estrela matutina".

Queria ter terminado a minha história ali.

— Talvez seja um tanto indefinido, disse eu a Frazier, mas gosto da idéia de apagar a pista assim dessa maneira. O leitor estará mais inclinado a continuar pensando nisto. Deixe-o levar-me de volta a Walden II em sua imaginação.

Estávamos sobre o manuscrito no quarto de Frazier antes de entregá-lo ao Escritório de Informações a cujo pedido eu o havia escrito.

— Acho melhor você dar uma história completa ao leitor, disse Frazier. Afinal, você tem de considerar a possibilidade de que algum professor maluco vá indicar o seu livro como leitura auxiliar num curso de Ciência Política. "A Crítica da Democracia" — ou algo assim. Será melhor você explicar.

— Mas não é óbvio como termina a história?

— Absolutamente. Eu posso imaginar meia dúzia de fins igualmente plausíveis.

Eu suspeitei de que ele estivesse blefando.

— Diga-me um.

— Bem, vejamos. Você a caminho de sua longa viagem para casa, de volta a Walden II. Mas começa a chover, chuva fria

de junho e, pela manhã, você está ensopado e exausto. Você vai tropeçando a passo de tartaruga. Você está espirrando e tem febre. Passando por uma pequena cidade, você atrai a atenção da lei. Constata-se, porém, que você não está bêbado e levam-no ao médico. Tarde demais. Você tem pneumonia — está frito. Você "nunca chega a Carcassone". Pena. A perda espiritual.

— Outro, insisti.

— Bem, digamos que você comece a sua longa andança de penitência, humilhando-se completamente ante uma mente superior. Frazier disse isso sem sorriso; ele nunca aprende. — Mas seus pés começam a doer; então eles sangram e você começa a se preocupar com a infecção. Penitência é uma coisa, mas um calcanhar machucado é outra. Um caminhão sai da estrada e pára para lhe dar carona. Dessa vez você *não* recusa. Não, não há vantagem em ser louco. De qualquer modo, você não é religioso, e esse tipo de coisa não vem naturalmente. Você vai *sentado* a Walden II — quem saberá a diferença?

— O motorista é um rapaz falador, que lhe deu carona porque estava aborrecido. Você o acha interessante. Ele é pitoresco. Você começa a pensar que jamais haverá pessoas realmente pitorescas em Walden II. Você sempre gostou de cidades grandes pela oportunidade de encontrar tantos tipos diferentes. Talvez seja isso mesmo que você quer, afinal, os mendigos doentes, os bêbados, os que vão e vêm em missão, os músicos de rua, as prostitutas pintadas — tudo o que faz essa vida fascinante. O Povo Real na Hospedaria e Bar Laroyan. — O motorista começa a falar de política — a política mundial destes dias, naturalmente — e o que ele diz parece muito sensato. Apenas por um momento, você tem uma visão dessa velha crença querida no bom senso inato do homem comum. Sendo você um acadêmico, tem que acreditar em bom senso inato, porque ele não pode ser deixado aos professores.

— Bem, a conclusão é que você ultrapassa a ravina, olhando rapidamente no espelho sem deixar o motorista ver o que você está fazendo e vocês param para pôr gasolina na cidade próxima e você lhe paga uma bebida e ele lhe paga outra, e ele lhe paga outra, e ele lhe parece cada vez mais *camarada*! — Frazier fez uma imitação pobre de um bêbado. — Afinal, isto é vida.

— Isto completa dois, disse eu, e suponho que você poderia dar-me seis se eu insistisse. Mas isso prova alguma coisa? E quanto a uma pequena ambigüidade? Questão de técnica.

— O fato é, disse Frazier, que o fim de sua história pessoal não significa nada de um jeito ou de outro. O que o leitor quer saber é: como era realmente Walden II? Ele o vê através de seus olhos, verdade — eu não quero tirá-lo completamente da história. Mas logo que o retrato de Walden II estiver completo, o livro está acabado. Você poderia também acabar a história na estação ferroviária e no parque. Mas, se você vai trabalhar o ângulo pessoal, vá até o fim. Termine.

De fato, há muito pouco a acrescentar. Eu voltei a Walden II e eu voltei andando o caminho todo. Mas eu o tomei de uma forma sensata. Como Frazier havia desconfiado, não sou dado a penitência da carne ou do espírito. Isto ficou claro durante as cinco ou seis primeiras milhas. Andei porque queria tempo para pensar. Não para reconsiderar a minha decisão, mas para desembaraçar meus motivos, para avaliar meia dúzia de objetivos pessoais.

Havia assuntos práticos a considerar também. Eu tinha abandonado meu plano de telegrafar minha demissão, mas a ligação certamente seria rompida quando eu não aparecesse para dar o exame final. Teria que pedir ao clube da faculdade para empacotar e mandar minhas coisas e também algumas contas, mas estava resolvido a não voltar para cuidar dessas coisas pessoalmente. Já tinha perdido bastante tempo de minha vida, tomando conta de coisas. Preferia, ao invés disso, gastar o tempo numa pequena viagem a pé, da qual cada passo me aproximaria mais de Walden II.

O que sobraria das esperanças e dos sonhos da última década? Meus planos profissionais, por exemplo? Eu nunca tinha gostado realmente de lecionar como tinha que ser feito na universidade. Agora, eu poderia atrair algumas pessoas que se preocupassem com o meu campo de interesses e a quem eu poderia dar-me. Seria um prazer não se preocupar com o ser demasiado obscuro para os tolos ou demasiado óbvio para os inteligentes ou injusto para os que faziam o curso com fins práticos. Poderia continuar algumas de minhas pesquisas também. Talvez eu pudesse conseguir um pequeno espaço numa das oficinas. Ou eu poderia construir meu

próprio laboratório! De terra batida! E eu teria tempo para alguma diversão. Talvez eu tentasse novamente o Cravo Bem Temperado. Poderia dispensar a música sentimentalmente dosada à qual me havia voltado como alívio dos longos dias na sala de aula. E poderia desistir das histórias de detetive! Havia ainda algumas novelas de Trollope que eu não tinha lido e uma de Jane Austen também. E me espantava da clarividência com a qual os livreiros de Walden II tinham juntado a maioria dos livros que eu sempre quisera ler.

E teria tempo para escrever! Tempo para pensar, seria mais certo. Tempo para avaliar. Tempo para planejar.

Mas, primeiro — e quem sabe por quanto tempo — eu teria tempo para descansar.

Era meio-dia quando eu apontei na ravina e, subindo no barranco, vi Walden II de novo. Já se tinham passado três dias e eu tinha andado cerca de noventa quilômetros. Eu me sentia ótimo. A rigidez e a ferida que me tinham acometido no segundo dia tinham desaparecido e minhas pernas estavam fortes. Meu passo era leve e eu podia sentir cada passada pisando bem a terra.

Atravessei a pequena ponte, virei depois de passar as oficinas e fui em direção ao bosque de pinheiros. De repente, ouvi passos. Alguém estava correndo para me alcançar.

— Professor Burris!

Era Steve. Ele agitava as mãos, calorosamente e, devo confessar, estava com lágrimas nos olhos.

— Voltei, Steve, disse eu. Voltei para ficar.

— Eu o estava esperando, disse Steve. O Sr. Frazier me disse que o Sr. voltaria.

Sr. Frazier!

Olhei, temerosamente, em direção ao Trono. Não havia ninguém lá. Mas vi as feições familiares de Walden II à minha frente, exatamente como eu me lembrara delas sempre e sempre na minha jornada de volta e respirei profundamente de satisfação.

Frazier não estava em seu céu. Tudo estava bem no mundo.